



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de São José do Rio Preto

Edilene da Silva Ferreira

**A literatura como base para uma abordagem lexicultural e  
discursiva do vocabulário acreano dos/nos textos de José  
Inácio Filho e de Florentina Esteves**

São José do Rio Preto  
2019

Edilene da Silva Ferreira

**A literatura como base para uma abordagem lexicultural e discursiva do vocabulário acreano dos/nos textos de José Inácio Filho e de Florentina Esteves**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Parreira da Silva

São José do Rio Preto  
2019

F383I	<p>Ferreira, Edilene da Silva</p> <p>A literatura como base para uma abordagem lexicocultural e discursiva do vocabulário acreano dos/nos textos de José Inácio Filho e de Florentina Esteves / Edilene da Silva Ferreira. -- São José do Rio Preto, 2019</p> <p>258 f. : il.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto</p> <p>Orientadora: Maria Crisitina Parreira da Silva</p> <p>1. Linguística. 2. Lexicologia. 3. Literatura brasileira. 4. Análise do discurso. 5. Cultura. I. Título.</p>
-------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Edilene da Silva Ferreira

**A literatura como base para uma abordagem lexicultural e discursiva  
do vocabulário acreano dos/nos textos de José Inácio Filho e de  
Florentina Esteves**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Parreira da Silva  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientadora

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo  
UFMS – Campo Grande - MS

Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva  
UNESP – Araraquara – SP

Profa. Dra. Cláudia Zavaglia  
UNESP – São José do Rio Preto

Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli  
UNESP - São José do Rio Preto

São José do Rio Preto  
28 de fevereiro de 2019

*À minha família.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a fonte da minha existência.

Aos meus pais, por todo amor e esforços para me manter sempre no caminho do conhecimento.

Ao meu esposo, Ivo Santos, por estar sempre ao meu lado, dando-me o incentivo e o apoio necessários.

Aos meus filhos, Ígor e Eduarda, por encherem meus dias de alegria e os tornarem mais leves.

Aos meus irmãos, Christian, Tayane e Tamires, pelas risadas de sempre e por estarem sempre ao meu lado.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva, pelo exemplo que é e por ter me conduzido nos caminhos da pesquisa na área do léxico com carinho, companheirismo e atenção constantes.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto pelo conhecimento compartilhado.

Aos membros da banca examinadora do Exame Geral de Qualificação, Profa. Dra. Cláudia Zavaglia e Profa. Dra. Fernanda Galli pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições que possibilitaram melhorias neste trabalho.

Aos professores doutores, Aparecida Negri Isquerdo, Odair Luiz Nadin da Silva, Claudia Zavaglia, Fernanda Correa Silveira Galli, Elizabete Aparecida Marques, Regiani Aparecida Santos Zacarias, Vivian Regina Orsi Galdino De Souza, que aceitaram o convite para a banca de defesa.

Aos meus colegas do Dinter, Aline Suelen Santos, Ceildes da Silva Pereira, Cleide Vilanova Hanish, Océlio Lima de Oliveira, Raimundo Ibernnon Chaves da Silva, , Rodrigo Nascimento Queirós, Sérgio da Silva Santos, Simone Cordeiro, Valéria Barbosa Ferreira Silveira, e, em especial, a Cristiane da Neves das Neves, Marinete Rodrigues da Silva e Célia Pires (*in memoriam*) pelo companheirismo de sempre.

À Profa. Dra. Graça Silva e ao Prof. R. Roberto Camacho, coordenadores do Dinter, no Acre e em São José do Rio Preto, respectivamente, por sua atenção e dedicação ao programa.

Ao Instituto Federal do Acre, pelo afastamento concedido, o que possibilitou maior dedicação à pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço.

## RESUMO

O discurso literário é um universo permeado por diversos outros discursos que o tornam um espaço produtivo para os estudos do léxico nas suas mais variadas faces e na compreensão de diferentes fenômenos linguísticos. Considerando esses aspectos, o objetivo desta pesquisa é registrar e analisar o vocabulário de quatro obras literárias: *Fatos, cultos e lendas do Acre* (1964) e *Capiongo* (1968), de José Inácio Filho, *O empate* (1993) e *Direito e avesso* (1998), de Florentina Esteves, com o fim de selecionar e registrar lexias representativas da fala do homem acreano. O referencial teórico fundamenta-se nos conceitos da Lexicologia (BIDERMAN, 1998, 2001; TURAZZA, 2005), da Lexicultura (GALISSON, 1987, 1988, 1989; BARBOSA, 2005, 2009) e da Análise de Discurso (PÉCHEUX, 1969, 1975, 1990). Para a seleção das lexias foram importantes os conceitos da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004) e o programa de computador *AntConc* (ANTHONY, 2014) deu o suporte necessário para o processamento do *corpus*. Como *corpus* de exclusão foram utilizados o *Corpus Brasileiro*, disponibilizado por Berber Sardinha, e três obras lexicográficas: *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2009), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS e VILLAR, 2009) nas versões eletrônicas e *Dicionário Aulete*, disponível *on-line*. A obra *Termos e tradições populares do Acre* (INÁCIO FILHO, 1969) também contribuiu com dados lexicográficos que permitiram a análise de 75 lexias selecionadas, não registradas nos dicionários gerais, as quais, mesmo com frequência única, destacam-se pela expressividade e representatividade. Três vertentes foram observadas: a análise dos aspectos lexicais, da carga cultural partilhada (CCP) e dos efeitos de sentido, apresentados em formações discursivas específicas. A partir das regularidades identificadas, foi possível demonstrar que as lexias podem ser organizadas em três categorias: as que representam o falar do homem acreano, marcado pelo processo de povoamento da região e da economia da borracha; as que são idiosincrasias dos autores; e as que apresentam diferenças apenas na grafia com relação à ortografia padrão.

**Palavras-chave:** Literatura regional. Léxico acreano. Lexicultura. Análise do discurso. Cultura acreana.



## ABSTRACT

The literary discourse is a universe permeated by several other discourses that make it a productive space for the study of the lexicon in its varied characteristics and in the understanding of different linguistic phenomena. Considering these aspects, the aim of this research is to register and analyze the vocabulary of four literary works: *Fatos, cultos e lendas do Acre* (1964) and *Capiango* (1968), by José Inácio Filho, *O empate* (1993) e *Direito e avesso* (1998), by Florentina Esteves, in order to select and record representative *lexias* of the speech of the man of the state of Acre. The theoretical framework is based on the concepts of Lexicology (BIDERMAN, 1998, 2001; TURAZZA, 2005), Lexiculture (GALISSON, 1987, 1988, 1989; BARBOSA, 2005, 2008/2009) and Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1969, 1975, 1990). For the selection of *lexias*, the concepts of Corpus Linguistics (BERBER SARDINHA, 2004) and the *AntConc* software (ANTHONY, 2014) provided the necessary support for corpus processing. As *corpus* of exclusion, we used the *Corpus Brasileiro* made available by Berber Sardinha, and three lexicographic works: *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2009), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS and VILLAR, 2009) in their electronic versions, and *Dicionário Aulete*, available online. The work *Termos e tradições populares do Acre* (INÁCIO FILHO, 1969) also contributed with lexicographical data that allowed the analysis of 75 *lexias* that are not registered in general dictionaries, which, even with a single frequency, stand out for the expressiveness and representativeness. Three aspects were observed: the analysis of the lexical aspects, the shared cultural load (CCP, in Portuguese) and the effects of sense, presented in specific discursive formations. From the regularities identified, it was possible to demonstrate that the *lexias* can be organized in three categories: those that represent the speech of the man of the state of Acre, marked by the process of the settlement of the region and the economy of rubber; the ones that are idiosyncrasies of the authors; and those that differ only in spelling with respect to standard spelling.

**Keywords:** Regional literature. Acre's Lexicon. Lexiculture. Discourse analysis. Acre's culture.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras

Figura 1 - Obras de José Inácio Filho.....	67
Figura 2- Obras de Florentina Esteves.....	67
Figura 3- Interface do software AntConc.....	70
Figura 4 - Ficha de análise.....	72

### Gráficos

Gráfico 1 - A inter-relação das teorias .....	34
Gráfico 2 - Lexias marcadas como brasileirismos (FERREIRA, 2009) .....	191
Gráfico 3 - Lexias marcadas como regionalismos (HOUAISS E VILLAR, 2009).....	192
Gráfico 4 - Lexias marcadas como brasileirismos (Dicionário Aulete) .....	192
Gráfico 5 - Lexias por obra.....	194
Gráfico 6 - Lexias de acordo com os campos lexicais .....	195
Gráfico 7 - Lexias por frequência .....	196
Gráfico 8 - Lexias quanto à estrutura .....	197
Gráfico 9 - Resultados em percentuais .....	198

### Quadros

Quadro 1 - Conceitos fundamentais.....	62
Quadro 2 - Descrição das obras.....	63
Quadro 3 - Quantidade de lexias selecionadas por obra.....	71
Quadro 4 - Lexias efetivamente selecionadas para análise.....	74
Quadro 5 - Lexias classificadas em campos lexicais.....	76
Quadro 6 - Lexias por obra de ocorrência.....	78
Quadro 7 - Classificação do corpus quanto à extensão.....	79
Quadro 8 – Ocorrências das lexias por campos lexicais e por obra.....	194
Quadro 9 – Lexias: primeira seleção .....	220

## LISTA DE ABREVIações

**ALD** aspectos lexiculturais e discursivos

**CCP** carga cultural partilhada

**CPG** *Capiongo*

**DEA** *Direito e avesso*

**EPT** *O empate*

**FCLA** *Fatos, cultos e lendas do Acre*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS DO ESTADO DO ACRE</b>	<b>19</b>
1.1 Acre: aspectos físicos e históricos .....	19
1.2 Acre: aspectos míticos.....	25
1.3 Os autores no contexto da literatura acreana e amazônica.....	27
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO: RELACIONANDO AS TEORIAS .....</b>	<b>30</b>
2.1 Lexicologia: algumas considerações sobre o estudo do léxico.....	36
2.1.1 A lexia .....	40
2.1.2 Os campos lexicais .....	41
2.1.3 <i>Hapax legomena</i> .....	42
2.2 Lexicultura: o léxico na cultura ou a cultura no léxico .....	43
2.3 Cultura: algumas questões importantes .....	47
2.4 A Análise do Discurso: o discurso materializado no léxico .....	54
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DE ANÁLISE .....</b>	<b>63</b>
3.1 Constituição do <i>corpus</i> .....	63
3.2 Descrição do <i>corpus</i> .....	64
3.3 Percurso metodológico .....	68
3.4 Procedimentos de análise .....	79
<b>4 ASPECTOS LEXICAIS, LEXICULTURAIS E DISCURSIVOS .....</b>	<b>81</b>
4.1 Análise das lexias .....	81
4.2 Resultados obtidos .....	191
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>211</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>220</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, levamos em consideração que, no léxico de uma língua, é possível verificar as mais diversas manifestações da sociedade, sejam elas linguísticas, culturais ou discursivas, refletindo ideologias, práticas sociais, históricas e diversas visões de mundo. O léxico é o meio pelo qual isso se torna possível, pois possibilita a observação e análise da linguagem sob diversas perspectivas.

Ante o exposto, ressaltamos que escritores de determinadas épocas apresentam em suas obras marcas linguísticas que demonstram como se dão as relações entre o léxico e a cultura nos discursos veiculados. Alguns desses princípios se manifestam na fala das personagens e narradores, o que faz com que, muitas vezes, os modos de falar apareçam no texto escrito. Há casos em que isso é um traço estilístico dos autores, mas não deixa de ser uma representação de algumas construções que são comuns na fala do cotidiano.

Com base no exposto, analisamos, nesta pesquisa, as obras intituladas *Fatos, cultos e lendas do Acre* (1964) e *Capiango* (1968), de José Inácio Filho, *O Empate* (1993) e *Direito e avesso* (1998), de Florentina Esteves. Esses autores têm grande relevância para a literatura acreana e deram sua contribuição para o reconhecimento da literatura amazônica enquanto integrantes da literatura brasileira. As obras são narrativas - romances e contos -, e foram selecionadas tendo como critério o tempo histórico relatado e as possíveis marcas linguísticas representativas de um falar local, uma vez que as personagens representam o modo de ser do homem da região, suas vivências, sua linguagem, contribuindo, portanto, para a compreensão do contexto sociocultural da época e a linguagem em uso. Elas foram publicadas entre 1964 e 1998 e são exemplares significativos não somente da prosa literária, mas da cultura e da história do povo acreano<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Optamos pelo uso de “acreano/acreana” em vez de “acriano/acriana”, pois é a forma que ocorre em nosso *corpus* de análise, e também por questões identitárias. Destacamos, ainda, que diante da polêmica em torno do gentílico grafado com “i”, em 2016, o Governo do Estado realizou uma consulta pública, seguida de análise na Assembleia Legislativa do Acre o que levou à sanção da Lei N° 3.148, de 27 de julho de 2016, que institui o termo “acreano” como o gentílico oficial e o adiciona ao conjunto de símbolos do estado, conforme artigo 8° da Constituição Estadual. A lei determina, em seu artigo 2°, que “é facultado, no âmbito da administração pública estadual, em respeito aos usos, costumes, memória social, aspectos históricos e culturais, o uso do termo ‘acreano’, em preferência à construção ortográfica ‘acriano’”. Disponível em: <http://www.al.ac.leg.br/leis/wp-content/uploads/2016/08/Lei3148.pdf> . Acesso em: 04 jun. 2018.

Essas obras são uma amostra da literatura acreana e figuram como uma literatura regional. Nesta pesquisa, consideramos como regional, não somente a obra cujo cenário é ambientado em um espaço determinado, mas aquela na qual se apresenta o homem, a paisagem e a cultura, representando muitos dos aspectos da região, especialmente o tom e a cor local, como é o caso das obras analisadas nesta pesquisa.

Embora utilizemos como *corpus* o léxico da literatura e não o léxico de informantes, este estudo é válido pelo caráter verossímil da obra literária, que retrata uma época, um povo, sua história, por meio da linguagem e das ações das personagens que podem ser justificadas pela semelhança com a realidade, o que significa que seu conteúdo apresenta um sentido permeado de informações culturais, sociais, históricas e ideológicas.

Com base nesses princípios e levando em consideração o caráter polissêmico do léxico, realizamos esta pesquisa partindo das seguintes hipóteses:

- a) Os textos produzidos por alguns autores da literatura acreana são permeados de lexias que são mais típicas no contexto da região?
- b) Essas lexias podem ser representativas de um vocabulário típico do homem acreano?
- c) Do ponto de vista do léxico, os conteúdos culturais e discursivos podem incidir mais no significado do que em seu significante?

A partir dessas hipóteses, respondemos quais, dentre as lexias selecionadas, são marcadas culturalmente, portadoras de carga cultural partilhada (CCP) e representativas da fala do homem acreano, visto que no campo da Lexicultura, importa o conteúdo cultural que algumas lexias revelam, sobressaindo-se em relação a outras; quais são somente efeito estilístico ou idiosincrasia dos autores; além de observarmos os efeitos de sentido produzidos nos excertos enunciativos em que as lexias aparecem, salientando que, no campo da Análise do Discurso, interessam os efeitos de sentido que são produzidos, não especificamente pelas unidades léxicas isoladas, mas pelas marcas deixadas pelo léxico selecionado na produção do discurso.

Respalhada no pressuposto de que a linguagem é heterogênea por excelência e a unidade léxica é polissêmica, esta pesquisa tem como principal objetivo registrar e analisar o vocabulário da prosa literária acreana dos autores José Inácio Filho e Florentina Esteves, por uma perspectiva lexicocultural e discursiva, com o propósito de

selecionar o léxico típico da região que delimita e incorpora suas características socioculturais. Mencionamos o registro pelo fato de selecionarmos lexias não catalogadas nos dicionários que nos serviram de suporte. Com isso, contribuímos para que essas lexias, ora silenciadas, sejam ativadas, tendo em vista que fazem parte de um léxico específico, mas que também compõem um léxico maior que é a língua portuguesa falada no Brasil.

Especificamente, objetivamos com esta pesquisa: a) selecionar, nas obras analisadas, as lexias não dicionarizadas; b) organizar as lexias em categorias/campos lexicais, conforme as especificidades evidenciadas; c) analisar a carga cultural partilhada (CCP) nas lexias culturalmente marcadas; d) observar os efeitos de sentidos produzidos nos enunciados em que as lexias ocorrem; e) identificar aspectos que se constituem enquanto marcas do falar acreano, levantando fatos sociais, históricos e ideológicos que contribuem para a produção de sentidos.

A análise se realiza à luz de proposições teóricas organizadas em três eixos: a) Eixo 1: constituído pelos conceitos da Lexicologia, de acordo com as concepções teóricas apontadas por Biderman (1998, 2001), para quem o “léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos, abrangendo todo o universo conceptual dessa língua” (BIDERMAN, 2001a, p. 179).

b) Eixo 2: composto pela Lexicultura, termo cunhado por Galisson (1987, 1988, 1989), que explica que há, na língua, determinadas unidades lexicais que são marcadas culturalmente e seu conhecimento é compartilhado pelos membros da comunidade linguística. Sobre essas unidades lexicais, o autor explica que possuem uma carga cultural partilhada (CCP), cujo conteúdo se mostra sob o significante, tornando-o autônomo.

c) Eixo 3: concentra-se na Análise do Discurso de linha francesa (AD), que tem ganhado notoriedade nos estudos da linguagem e de outras áreas das ciências humanas nas últimas décadas. Baseamo-nos em Pêcheux (1969, 1975, 1990), para quem o discurso é conceituado como “efeito de sentido entre interlocutores”.

Esta análise se torna possível pelo fato de o texto literário representar a língua, ao mesmo tempo que dá conta de um complexo composto por tempos, espaços e personagens específicos que possibilitam a verificação não só da lexia isolada, mas também dos sentidos no contexto em que foram produzidos. Diante disso, afirmamos que as teorias selecionadas podem, apesar de distintas, ser mobilizadas de acordo

com os objetivos da pesquisa, proporcionando maior visibilidade dos aspectos que concernem ao léxico da região em tela.

Além desse arcabouço teórico, foi necessário, também, partir das ferramentas e conceitos da Linguística de *Corpus*, em conformidade com Berber Sardinha (2009), para processamento do *corpus* literário e levantamento dos dados. Para tanto, utilizamos o *software* livre *AntConc*, desenvolvido e distribuído por Anthony (2014). O *software* é composto por uma série de ferramentas que contribuem para a tarefa de seleção e para o processo de análise das lexias.

Vale ressaltar que buscamos observar a presença de lexias que são utilizadas pelo homem acreano, mesmo que sejam as que apresentam variação apenas na grafia. Selecionamos 75 lexias, notadamente, aquelas cujo registro não foi localizado nos dicionários selecionados ou no *Corpus Brasileiro*, pois julgamos que não é possível verificar a totalidade da língua de um grupo, além de o fato de trabalharmos com um *corpus* limitado, que, embora representativo, constitui-se em uma pequena amostragem dos textos literários produzidos na região.

A relevância desta pesquisa se justifica porque o léxico da região amazônica representa um campo que tem diversos aspectos a serem explorados, descobertas a serem feitas, muito a ser elaborado e reelaborado, para que novos conhecimentos sejam construídos. Com a abordagem do tema em questão, pretendemos contribuir para os estudos acerca do léxico e abrir caminhos para outros trabalhos que versem sobre o mesmo assunto.

Outro aspecto relevante desta pesquisa reside na necessidade de se ampliarem os estudos sobre o léxico na região amazônica. Diante disso, com os aspectos apresentados nesta pesquisa, contribuímos para os estudos do léxico, em textos literários, como os narrativos. Muitas dessas produções estão relegadas ao esquecimento, apesar de sua importância cultural e histórica e de representarem uma riqueza no que corresponde ao material linguístico e cultural que demonstram. Assim, as narrativas serão estudadas concebendo-se que o texto narrativo dialoga com sua exterioridade, a qual é perpassada por determinados contextos sócio-histórico-culturais, que se constituem como memória de um povo.

Atentamos para o fato de o homem amazônico e sua linguagem serem frutos da mistura de diversos povos que chegaram à região com o intuito de alcançar melhores condições de vida, advindos de diversos lugares, mas especialmente do Nordeste brasileiro e de países vizinhos, como Bolívia e Peru. Foi essa variedade de



povos que deu origem a peculiaridades culturais e linguísticas que concedem ao léxico dessa região características e expressões próprias. A esse respeito, Schinelo e Silva (2014, p. 178) afirmam que

Algumas localidades são caracterizadas por um falar peculiar, com traços léxico-discursivos que permitem ao falante revelar seu mundo a partir de sua comunidade linguística. Permite, do mesmo modo, ao linguista, entender a história e os sentidos que vão se formando no mover dessa língua no tempo e no espaço.

Diante disso, selecionamos um *corpus* literário, pois estudar a linguagem por meio dele possibilita a materialização do discurso, visto que a narrativa vai além do uso das unidades léxicas, por caracterizar a língua em uso, o que permite observar a interação e a representação do homem enquanto um ser social. Conforme Schinelo e Silva (2014, p, 181), “estudar uma determinada língua é dialogar sobre o homem social, sua linguagem, sua memória e sua história”. Além dessa percepção, essa forma de discurso, constituída por textos autênticos, possibilita verificar, por exemplo, como as personagens se relacionam em seus espaços e isso oferece pistas de como a língua é representada em determinados contextos sócio-históricos.

Com base nisso, é possível afirmar que os traços linguísticos presentes no modo de falar das pessoas de cada região são um rico campo de análise. É preciso destacar, todavia, que, na fala, muitas lexias se perdem ou mudam de sentido. Dessa maneira, um registro dessas lexias permite a percepção de como a língua pode variar de acordo com o período histórico, o conteúdo cultural manifesto e o grupo de falantes.

É válido mencionar que, no contexto da literatura acreana, é uma constante a representação dos modos de falar dos grupos que povoavam os diversos períodos históricos que são expostos. Diante disso, o texto literário, enquanto expressão estética, torna-se objeto de pesquisa ao passo que viabiliza analisar os usos e significados das unidades léxicas típicas da fala de determinada comunidade, permitindo a identificação do sentido de cada um deles, pois há nos textos narrativos uma representação do contexto sócio-histórico-cultural em que os discursos são produzidos, possibilitando a investigação de todas as nuances representadas por eles.

Salientamos, também, que a relação léxico e literatura tem se mostrado muito produtiva para os estudos linguísticos, uma vez que o caráter estético do texto literário se aproxima, mas, ao mesmo tempo, distancia-se da linguagem comum. No entanto,

é válido mencionar que analisar o léxico no texto literário torna-se um grande desafio, tendo em vista que o universo discursivo em que este se insere engloba muitos outros discursos que vão desde os mais convencionais até os mais transgressores.

Para se compreender o lugar do léxico nesses discursos, é necessário também verificar como o contexto histórico aparece, pois analisá-lo possibilita a observação dos discursos nos quais determinadas lexias são utilizadas com maior frequência e quais efeitos de sentido são produzidos. Foi a partir desse fato que percebemos a importância de realizar uma pesquisa na qual se destacam as lexias que podem ser utilizadas pelo homem acreano, em um *corpus* que possibilite a divulgação do conhecimento construído acerca do estudo de uma amostra da linguagem da região, pela delimitação das suas características socioculturais.

Nossa análise centra-se em questões da Lexicologia, enfatizando também como as lexias se configuram para formar o discurso nas obras, como elas representam o vocabulário de uma determinada região e como se organizam em torno da cultura de uma comunidade. Ante o exposto, é importante notar que não descrevemos o vocabulário de um escritor ou de um período literário, mas, sobretudo, apresentamos uma face do estudo do léxico em um universo discursivo que envolve aspectos históricos, ideológicos e culturais de uma comunidade, destacando os efeitos de sentido produzidos.

Isto posto, é possível afirmar que esse tipo de texto, como outras formas textuais, implica uma série de efeitos de sentido, fruto da inserção dos sujeitos em contextos diversos. É nesse aspecto que se sobressai o estudo do léxico, visto que neste estão presentes as particularidades de muitas manifestações culturais e linguísticas, o que possibilita que os textos literários, por seu gênero, podem constituir um *corpus* que seja um recorte representativo da linguagem do homem local com as suas especificidades.

Nesse sentido, é interessante mostrar que os textos literários surgem a partir dos contextos histórico, social, cultural e ideológico, o que pode ser realizado por meio das cenas representadas, que se traduzem naquilo que se materializa linguisticamente como a identidade enunciativa das obras produzidas em determinadas épocas. Isso acontece porque muitos autores utilizam diversos artifícios linguísticos, como a neologia, por exemplo, reconhecida como inovação lexical, incluindo a mudança de sentido, ou que emanam no nível da sintaxe, como as inversões sintáticas.

Posto isso, salientamos que o texto literário, enquanto manifestação cultural de uma sociedade e de uma época, pode revelar importantes aspectos linguísticos de ordens diversas. À vista disso, pode representar um rico campo de análise das mais variadas áreas das ciências da linguagem, de maneira que podemos afirmar que, por meio dele, é possível investigar a língua em seu contexto social, posto que, como afirma Labov (2008), a língua é uma forma de comportamento social.

Assim, embora as obras sejam de autores distintos e haja entre elas um período de trinta anos de intervalo, a análise torna-se viável pelo fato de estarem inscritas em formações discursivas que se aproximam e são marcadas pela decadência do período áureo da borracha e a expansão das áreas urbanas no Acre, permeada pelo sentimento de tristeza que isso acarreta aos seringueiros, o que se reflete no léxico utilizado.

No que concerne à organização deste trabalho, ele está dividido em quatro capítulos. No capítulo 1, *Características históricas e geográficas do estado do Acre*, expusemos os aspectos físicos e históricos do estado do Acre (1.1), levantamos algumas concepções sobre o misticismo da região (1.2), e, nesse contexto, salientamos a posição que os autores que produziram as obras que compõem o *corpus* de análise ocupam (1.3).

No capítulo 2, *Referencial teórico: relacionando as teorias*, apresentamos reflexões gerais acerca dos principais conceitos utilizados para o desenvolvimento da análise. Levantamos algumas questões sobre a Lexicologia, em 2.1, e também sobre lexia (2.1.1), campos lexicais (2.1.2) e *hapax legomena* (2.1.3). Além disso, traçamos as linhas gerais da Lexicultura, em 2.2, abordando noções, como: unidade léxica marcada culturalmente, carga cultural partilhada, e, em 2.3, alguns tópicos importantes sobre cultura. Em 2.4, discorremos sobre a Análise do Discurso, trazendo à tona princípios que se mostraram relevantes, tais como: discurso, interdiscurso, efeitos de sentidos, condições de produção, formação discursiva.

No capítulo 3, *Procedimentos metodológicos e de análise*, traçamos o percurso realizado, expondo o método que foi estabelecido para o desenvolvimento da pesquisa, tais como: constituição do corpus, em 3.1; o percurso metodológico, em 3.2; os procedimentos de análise, em 3.3, e a descrição do corpus, em 3.4.

O capítulo 4, *Análise das lexias: aspectos lexicoculturais e léxico-discursivos*, foi dividido em duas partes. Na primeira, 4.1, mostramos alguns princípios sobre as lexias selecionadas, apresentando os principais parâmetros que identificamos na análise

(4.1). Na segunda parte, 4.2, discorremos sobre os resultados obtidos, expondo os principais pontos que se fizeram na análise, o que nos possibilitou uma visão mais acurada de nosso objeto de pesquisa.

Por fim, nas *Considerações finais*, explanamos as conclusões acerca da discussão realizada neste trabalho, as contribuições e os encaminhamentos futuros. Ao final constam as referências bibliográficas utilizadas para a elaboração desta tese e os anexos.

Nesta tese, dadas as imprecisões que giram em torno dos termos palavra e vocábulo, utilizamos, preferencialmente, *lexia*, unidade léxica, ou ainda, unidade lexical, excetuando-se quando se tratar de proposição postulada por algum teórico ou afirmação baseada nesta.

## **1 CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS DO ESTADO DO ACRE**

Apresentamos, neste capítulo, que está subdividido em três partes, alguns tópicos sobre o Acre que são relevantes para esta pesquisa. Discorreremos, inicialmente, acerca de questões relacionadas à região física, mostrando informações, como a extensão territorial, a população de acordo com dados do IBGE e fatos históricos que se destacaram na constituição do estado. Na segunda parte, relatamos aspectos que dizem respeito ao misticismo que, mesmo em tempos atuais, ainda se mostra muito evidente na região. Por fim, mas não menos importante, explicitamos a posição dos autores no contexto histórico e na produção literária acreana.

### **1.1 Acre: aspectos físicos e históricos**

Nesta seção, mostramos acontecimentos relacionados à história do estado do Acre, fazendo uma exposição do homem que habita a região, bem como sua formação e relação com o espaço em questão.

A Amazônia povoa o imaginário do brasileiro da forma como cronistas e viajantes descreveram há muito tempo ou como ensinam os livros didáticos. Todavia, muito além disso, a região representa uma terra que foi descoberta e desejada por suas riquezas que atraíram muitos conquistadores. Ainda hoje, os discursos que imperam sobre a Amazônia ressaltam a riqueza da fauna e da flora, o que, por vezes, desperta interesse estrangeiro.

Situando-se a sudoeste da floresta amazônica e constituindo-se no mais novo integrante do território brasileiro, o Acre compõe os estados da Região Norte, fazendo fronteira com dois estados brasileiros, Rondônia e Amazonas, e dois países, Bolívia e Peru. É, por essa localização, uma das principais formas de acesso ao Pacífico por via terrestre. Por sua geografia, o acesso à parte de seus municípios ainda se dá exclusivamente por via aérea ou fluvial, como é o caso de Porto Walter, Marechal Thaumaturgo, Santa Rosa do Purus e Jordão, o que dificulta o desenvolvimento dessas localidades e o deslocamento da população.

A população estimada em 2018 é de 869.265 pessoas, de acordo com dados do IBGE. Possui uma área total de 164.123.737 km.<sup>2</sup> Dentre os principais grupos formadores da população acreana sobressaem-se os nordestinos, os indígenas e os negros. Todavia, vieram para o estado imigrantes sírio-libaneses, holandeses, portugueses e espanhóis, atraídos pelas riquezas proporcionadas pela borracha.

A origem do nome do estado gira em torno de controvérsias. Em uma versão antiga de seu livro *Formação histórica do Acre*, Tocantins (2009) afirma que o nome “Acre” teria surgido quase que por adivinhação de quem procurava ler “Aquiry, na Carta escrita pelo cearense Uruberetama João Gabriel Carvalho de Mello, o primeiro a estabelecer-se na região do rio Acre. No documento, ele solicitava mantimentos para assegurar a posse da terra e uma grande produção de borracha. Por ser um homem de poucas letras, acreditava-se que ele houvesse se equivocado na pronúncia do nome “Aquiry”, que é proparoxítono na língua dos índios Apurinas, e o tivesse traduzido para Acre, popularizando-o.

Essa possível origem do nome do estado foi refutada, visto que o autor foi advertido acerca do equívoco que gira em torno dessa história, em cartas de Campinas, em 11 de setembro de 1975, tendo em vista que, segundo o Professor Luiz Antônio Pompeu de Camargo, Coordenador Associado do *Campus Avançado* de Cruzeiro do Sul - Acre, e o jurista de Rio Branco, Dr. Lourival Marques de Oliveira (Correspondência de 1977), antes dessa data já se havia utilizado o nome Acre em referência à região. Sendo assim, o fato relatado era improcedente (TOCANTINS, 2009).

A formação do território que hoje se constitui como o estado do Acre teve início no século XIX e coincide com o crescimento da importância da borracha no mercado internacional, a qual passou a ser um produto de grande relevância na indústria automobilística. A ocupação da terra é resultado da exploração dos diversos rios amazônicos na busca por novas áreas produtoras da borracha, que representava, entre os anos de 1880 a 1920, o grande interesse industrial.

De acordo com Pontes (2014), em 1873, chegava o colonizador João Gabriel Carvalho e Mello, o qual se fixou em terras que, à época, já eram chamadas de Boca do Acre e iniciou o processo de produção da borracha, sendo seguido por outros

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/panorama>>. Acesso em: 13 out. 2018.

seringueiros. Antes disso, o território era ocupado por diversas tribos indígenas, muitas das quais foram dizimadas no processo de conquista da terra.

Os primeiros seringais foram instalados próximos aos rios Purus e Juruá, na região acreana, ainda pertencente à Bolívia, e, neles, milhares de trabalhadores eram explorados para produzirem borracha. No ano de 1882, segundo Souza (1992), Neutel Maia funda o Seringal “Empreza”, na volta do rio Acre, onde está situada a Gameleira<sup>3</sup>. Em pouco tempo o local tornou-se um importante núcleo comercial entre os seringais Xapuri e Porto Acre, que hoje também são municípios acreanos. Esse seringal deu origem à cidade de Rio Branco, atual capital do estado.

Em 1877, com a grande seca no Ceará, iniciou-se efetivamente o povoamento da região com a imigração de nordestinos, a maioria cearenses, para a Amazônia, em busca do sonho de um futuro de enriquecimento fácil, criado sob a ilusão das propagandas que os comerciantes da borracha faziam. Esse era o imaginário desses nordestinos sobre a Amazônia, a qual era vista como um lugar de abundância, cujas árvores davam “leite” que se convertia em riqueza, ouro.

Foi essa visão de eldorado que fez com que milhares de nordestinos, vindos de diversas cidades, deixassem suas famílias, mães, esposas e filhos, e saíssem em busca de sua libertação do inferno que era a seca. Todavia, ao chegarem ao Acre, o que encontraram foi uma região inóspita e hostil, cheia de perigos: o verdadeiro “inferno verde”.

Conforme afirma Souza (1992), muitos aspectos motivaram essa primeira migração de nordestinos para o Acre. O primeiro deles estava relacionado aos interesses capitalistas estrangeiros que requeriam a mão-de-obra na extração da borracha. O segundo, se deu pelo fato de os nordestinos não terem sido empregados nas grandes fazendas de café, existentes no Sudeste, o que os obrigava a buscar outra fonte. O terceiro era pessoal e tinha como motivação a ilusão de enriquecimento fácil prometido na região. O quarto motivo foi a seca de 1877, que deixou os trabalhadores que moravam no Nordeste brasileiro em total miséria.

Diante desses fatos, os trabalhadores nordestinos não tinham outra alternativa a não ser as propostas de extrair borracha no Acre. Esse primeiro momento do auge

---

<sup>3</sup> Arvore centenária, localizada à margem direita do rio Acre. O local deu origem à primeira rua de Rio Branco e integra o conhecido “Calçadão da Gameleira”, um dos pontos turísticos mais visitados da cidade, principalmente, no período de cheia do rio.

da borracha na região amazônica foi controlado pelos comerciantes da borracha, que muito enriqueceram às custas do trabalho dos seringueiros.

Todas essas questões fizeram com que muitos olhares se voltassem para a região, o que deu origem a diversos conflitos pela posse da terra. Um dos grandes marcos da história do Acre é a Revolução Acreana, que teve início em 6 de agosto de 1902 e terminou em janeiro do ano seguinte. Esse grande conflito foi considerado como o acontecimento que deu início à sociedade local e ao espaço enquanto território brasileiro. A Revolução Acreana foi liderada pelo gaúcho Plácido de Castro e foi custeada pelo governo do Amazonas, que tinha interesses econômicos na terra e, por isso, oferecia insumos para a manutenção do conflito.

Em 17 de novembro de 1903, o Acre foi anexado ao território brasileiro. A anexação foi oficializada por meio do Tratado de Petrópolis, assinado pelo Barão de Rio Branco, que dá nome à capital. Em 15 de junho de 1962, foi elevado à categoria de estado, por meio da Lei nº 4.070, assinada por João Goulart, deixando de ser um território federal.

O sucesso da extração da borracha na região durou até a primeira metade da década de 1910 e entrou em crise quando os empresários ingleses começaram a plantar seringueiras na Malásia, utilizando as sementes colhidas na Amazônia. Eles produziam borracha com preços bastante atrativos em relação à borracha amazônica, que chegava às indústrias com um preço bastante elevado devido às dificuldades de transporte.

O interesse pela posse da terra se dava por questões econômicas, uma vez que o estado do Acre exerceu importante papel na produção da borracha, fornecendo matéria-prima para sua industrialização. Contudo, devido à crise da borracha na Amazônia, o Acre teve seu rendimento diminuído e muitos seringais foram abandonados.

Um novo período de alta da borracha estava por vir. Dessa vez, motivado pela Segunda Guerra Mundial. Contudo, esse segundo movimento não teve as mesmas proporções do primeiro, mas também fez com que houvesse mais uma corrida pela extração da borracha e, mais uma vez, ocasionou a migração de milhares de nordestinos, que deixaram suas famílias e seguiram para o Acre na tentativa de enriquecimento, o que não acontecia, uma vez que, chegando à Amazônia, já haviam contraído dívidas da viagem e nada encontravam, além de condições de trabalho que beiravam a escravidão.



A princípio, esse período, de acordo com Secreto (2007), estava mascarado sob a concepção de povoamento dos chamados “espaços vazios do Brasil”, conforme incentivava o governo Vargas. Todavia, sabemos que a ideia inicial de povoamento e migração das famílias transformou-se apenas na busca desenfreada por riquezas. Sendo assim, em vez de enriquecer, os nordestinos contraíam dívidas infundáveis com os donos dos seringais e quase nunca conseguiam voltar para suas terras. Esses seringueiros ficaram conhecidos como os “soldados-da-borracha”, em alusão à Segunda Guerra Mundial, porém a guerra deles era pela extração da borracha e pela manutenção da própria vida.

Nesse período, a extração do látex foi financiada por capital estrangeiro, especialmente dos Estados Unidos, que assinou acordo com o Brasil, em 1942, conhecido como “Acordo de Washington”, no qual o Brasil se comprometia a produzir mais borracha em menos tempo, ao passo que os Estados Unidos financiariam a reativação dos seringais e se comprometiam a comprar a borracha brasileira por cinco anos, de 1942 a 1947 (SECRETO, 2005).

Todas as mobilizações para atrair trabalhadores para o Acre foram feitas. Segundo Secreto (2005), milhares de nordestinos, no ano de 1943, assinaram um contrato de “encaminhamento”, no qual podiam optar pela assistência que o S.E.M.T.A (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia), oferecia às famílias que ficavam no Nordeste. Embora a demanda por borracha tenha aumentado sobremaneira, em nada esse período se comparou ao primeiro, que foi financiado pelo capital amazonense.

Nessa época, o que mais marcava a região eram a distância e o isolamento. Segundo Tocantins (2000), na Amazônia, “o rio comanda a vida”, e muitas das dificuldades enfrentadas pelas populações dessas localidades, estavam relacionadas aos rios de difícil navegação. Da mesma forma, afirma ele, somente os ganhos oferecidos pela borracha permitiram que as terras do Acre fossem desbravadas e, diante disso, destaca o heroísmo daqueles que se deslocaram para a região:

Primeiro, é uma decorrência da psicologia social de um povo que se viu insulado do país e da própria comunidade de seu Território, durante meio século. Somente o alto ganho oferecido pela borracha permitiu o povoamento contínuo, o desbravamento heróico operado pelos nordestinos em rincões tão longínquos, onde as comunicações tardias transformavam o sentido do tempo e das coisas. Trinta a quarenta dias de Belém para alcançar um seringal no alto Purus ou no alto Juruá, ou

qualquer de seus tributários, indicam, desde logo, o aspecto marcante do Acre no cenário geográfico do país: a sua posição no espaço, submetida à tirania das distâncias. (TOCANTINS, p. 2000, 145.)

Assim, mesmo com todas as distâncias e obstáculos, essa fascinação pela borracha levou a uma busca desenfreada pelo produto e pelas riquezas que ela podia oferecer. Segundo Tocantins (2009, p. 36), “Acre e borracha confundem-se no mesmo processo histórico. Sem borracha o Acre não seria brasileiro, a menos que surgisse outro produto-rei capaz de emprestar à terra a mesma fascinação econômica.”

Na década de 1960, período da ditadura militar no Brasil, houve, por parte do governo do Estado, Wanderley Dantas, muito incentivo a investimentos dos pecuaristas do Sul e Sudeste na terra, pois os seringais haviam entrado em franca decadência, o que fez com que muitos fossem vendidos a preços muito atrativos. Essa mudança econômica gerou também mudanças no contexto social, pois a figura do seringueiro deixa de ter destaque e surgem os peões, com a função de derrubar a floresta e transformá-la em pastos; os jagunços para defender as fazendas; e os posseiros, que eram os próprios seringueiros que detinham a posse da terra, sem qualquer documentação.

Todas essas mudanças deram origem, na década de 1970, a movimentos de defesa, nos quais muitos grupos se reuniam em prol de um objetivo comum: a luta pela terra e pela utilização de seus recursos. Surgiram daí os “empates”, que, sob a liderança de sindicalistas, eram realizados na tentativa de salvar os seringais. Muito mais que uma luta, esses eram fenômenos sociais que ganharam destaque com o assassinato de Chico Mendes. A lexia “empate”, que se refere a esse importante movimento de luta, é analisada na seção 4.1, na ficha 29.

É importante perceber que a conquista, bem como a formação histórica e territorial do Acre, foi realizada por meio de expedições, conflitos armados em plena selva amazônica e de tratados internacionais por meio de acordos diplomáticos tanto com a Bolívia quanto com o Peru, países vizinhos que reclamavam a posse da região que hoje constitui o estado.

Desse modo, a história do Acre deve ser pensada não somente pelos fatos históricos, mas sobretudo pelos percursos do homem que marcou a região com seu nomadismo, aprendizagem por meio das relações humanas, pois foi no convívio do autóctone com o homem vindo de outras paragens que se formou o elemento humano que tinha necessidade de se fixar em um único local. Todo percurso histórico

demonstra que a vida no Acre, por muito tempo, girou em torno de um único produto: a borracha.

## 1.2 Acre: aspectos míticos

O Acre é um local cheio de crendices, costumes que sobrevivem ao tempo. Jogar farinha no quintal para parar a chuva, ou sal para fazer chover, ter medo do gogó-de-sola, ou rezar para nada de ruim acontecer depois que a rasga-mortalha sobrevoa alguma residência são algumas das crenças que ao longo dos anos permanecem e ainda povoam o imaginário dos acreanos de todas as épocas. Prova disso são as próprias produções literárias que são marcadas por essas concepções voltadas para o mistério, para o mítico, para as crenças, para o folclore. As obras que compõem nosso *corpus* de análise são exemplo disso, pois expõem histórias, mitos e lendas que são representativos da memória coletiva do povo.

A região amazônica é vista como um espaço grandioso onde tudo pode acontecer. É um local de oposições, o qual foi visto, muitas vezes, como paradisíaco, mas, ao mesmo tempo, como um “inferno verde” onde muitos perderam a vida. Essa visão foi apresentada há muito tempo nos textos de viagens de cronistas, como Francisco de Orellana que, no século XVI, descrevia a região como maravilhosa, mas cheia de perigos. Os discursos de viajantes como ele revelam um misto de admiração e medo que contribuem para a formação das visões acerca da região que se formaram ao longo dos anos e que fazem parte das diversas visões que se tem sobre a Amazônia.

De acordo com Mendes (2016), a Amazônia, de uma forma geral, é descrita pelos estudiosos como um ambiente nebuloso e mítico, no qual os acontecimentos fascinam ao ponto de desafiar aqueles que tentam, de alguma forma, interpretá-lo. A autora notabiliza, ainda, que a região é constantemente qualificada como “bela, rica, misteriosa, infernal, paradisíaca, como um gigante palco verde de história plural e literatura enriquecedora. (MENDES, 2016, p. 126). Como é possível observar, é nos paradoxos que a região Amazônica se mostra.

Além disso, é também com base nesses discursos que se descreve a região como um lugar de muitos mistérios, onde muitas histórias e lendas são contadas, não como tal, mas como experiência de vida de muitas pessoas. Por exemplo, o Boto que seduz mulheres, encanta homens e crianças ainda é temido por muitos pescadores e

ribeirinhos. Uma prova disso aconteceu em 2013, quando um pescador ficou transtornado após atirar em um boto. Essa história é relatada em uma matéria feita por um jornal local, “A Voz do Norte”, e foi reproduzida por diversos outros jornais acreanos. Conforme consta, o jovem Valdecir, de 20 anos, ficou “perturbado” depois de atirar em um boto que atrapalhava sua pescaria. Ele sentiu-se mal e afirma que os animais estavam atraindo-o, pois além de ouvir vozes, dizia ver um homem sentado na pedra tentando levá-lo para o rio. Vejamos a reportagem, cujo título é “Encantado! Pescador atira em boto e fica perturbado”:

Tudo começou quando Valdecir participava de uma pescaria junto com o primo Natanael dos Santos, em uma comunidade do interior do Amazonas e alguns botos rasgavam as redes e comiam o peixe, momento que o pescador resolveu dar um tiro num dos animais. Segundo conta o primo, imediatamente após o tiro, surgiram vários botos ao redor do barco que tentaram alagar a embarcação e eles não conseguiram continuar a pescaria. Mesmo depois do barco ter sido ancorado nas margens do rio os animais não foram embora, momento em que Valdecir começou a passar mal. (NATAL, 2013)

Na mesma matéria, há o relato do pai do rapaz, que diz também ter sido vítima do boto:

O pai pescador, José Alberto de Souza, 62, conta que também já foi vítima de um boto, quando estava com amigos madeireiros nas margens de um igarapé na fronteira com o Peru. Eles jogavam baralho quando sentiu algo estranho no corpo e via um homem sobre uma pedra no igarapé que tentava levá-lo para a água. José Alberto afirma que tudo começou depois que seu pai desapareceu nas águas do Rio Juruá, encantado por um boto. “Meu pai estava numa canoa que naufragou e vários botos começaram a boiar no local, ele nunca foi encontrado. Depois ele apareceu para minha esposa dizendo que estava em um boto e que eu precisava desencantá-lo. Ela me disse antes mesmo dele aparecer três vezes, depois disso nunca mais voltou”, ressaltou. (NATAL, 2013)

Outras histórias também povoam o imaginário da população acreana. Histórias do Curupira, Mapinguari e Lobisomem, por exemplo, sempre aparecem nas narrativas sobre caçadas, coleta de seringa, que muitos avós contam para seus netos, como parte de suas vivências.

No Acre, as lendas e os mitos são uma forma de legitimar o exotismo que é direcionado à Amazônia de uma maneira geral. Essa marca ou valorização dos mitos na Amazônia são resultado da relação do homem com o seu ambiente que é visto

pelo outro, a partir de uma concepção marcada pelo desconhecimento, ou mesmo admiração, e isso reflete na realidade e são incorporadas às diversas produções, como os textos literários, por exemplo, conforme afirma Silva (1998),

Através da literatura, a Amazônia apresenta-se como uma realidade cujos limites mais amplos são fixados pelas falas que foram construindo durante séculos a ideia de que, nela, toda experiência humana está de algum modo envolta no mistério da floresta e das águas. A linguagem denuncia que qualquer olhar sobre essa terra está contaminado pelos mitos e lendas que se incorporam à invenção do *paraíso* e do *inferno verde* (SILVA, 1998, p. 23).

Esse imaginário faz parte de muitas produções literárias produzidas no Acre, ou sobre ele, como é possível verificar nas obras analisadas nesta pesquisa, especialmente em *Fatos, cultos e lendas do Acre*, de José Inácio Filho, que se dedica exclusivamente ao relato desses aspectos que tanto marcam a região.

### **1.3 Os autores no contexto da literatura acreana e amazônica**

A exposição de fatos históricos e míticos é recorrente na literatura acreana e o que percorre muitas produções é o interesse em demonstrar uma identidade por meio da exposição desses elementos. De acordo com Silva (1998), grande parte das produções literárias escritas na Amazônia, desenvolve-se diante de uma tentativa de revelar determinada projeção identitária, associada à temática do isolamento e da relação do homem com seu espaço.

Observando as características das produções literárias produzidas no Acre, apresentamos os autores José Inácio Filho e Florentina Esteves, bem como sua posição no contexto citado.

#### **1.3.1 José Inácio Filho**

José Inácio Filho é natural de Brasiléia – AC, pequena cidade na fronteira com a Bolívia. Ele escreveu três obras que abordam as peculiaridades da cultura e da identidade acreanas. O autor não é tão conhecido no cenário literário, mas a sua obra oferece muitas contribuições para a literatura local, bem como para o reconhecimento

de uma identidade acreana, uma vez que mostra elementos que compõem não somente a cultura, mas destaca a linguagem local como fator fundamental.

A sua primeira obra é *Fatos, cultos e lendas do Acre*, publicada em 1964, na qual o autor apresenta várias histórias que compõem o folclore e o imaginário acreano. *Capiongo*, publicado em 1968, é seu único romance. Já o seu terceiro livro, *Termos e Tradições populares do Acre*, publicado no ano de 1969, é uma espécie de dicionário que contém muitos elementos da cultura acreana, tais como linguagem, crenças e animais típicos da região.

A maioria das obras do autor foi publicada no Rio de Janeiro, pois, no Acre não havia facilidade para publicações de quaisquer tipos. O autor, que hoje reside no Ceará, é membro da Associação Cearense de Escritores. Lançou, em 2009, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura de Fortaleza, o livro de poesia *Canta Musa meus Versus e Rimas*. Além desses livros, José Inácio publicou mais dois: *O bb e eu*, publicado em 1975 e *Vocabulário de termos populares do Ceará*, publicado em 2001, também no Rio de Janeiro.

### 1.3.2 Florentina Esteves

Florentina Esteves (1932-2018) é um dos grandes nomes da literatura acreana, embora não seja conhecida no cenário nacional. Neta de uma paulista com um italiano, a autora vivenciou parte do processo de formação do município de Rio Branco, capital do estado do Acre, por ter vivido às margens do rio Acre, onde a cidade começou.

Até os dez anos de idade, ela foi testemunha da agitação da época, ao ver o entra e sai de hóspedes do Hotel Madri, de propriedade de seus pais. Aos vinte anos, foi para o Rio de Janeiro, onde se formou em Letras Neolatinas, em 1953. Voltando para o Acre, foi a primeira professora graduada do estado. Em 1960, foi secretária de educação. Nesse período, ela já se tornou conhecida, mas foi na década de 1990 que começou a ser reconhecida como escritora, com a publicação do livro de contos *Enredos da Memória*, sua primeira obra literária. O seu segundo livro, o romance *O empate*, publicado em 1993, é uma verdadeira amostra da literatura da autora que tanto se preocupa em mostrar aspectos da realidade de sua terra em suas obras. Em 1998, publicou mais um livro de contos, *Direto e avesso*. A obra é permeada de

histórias que vão desde o período da borracha nos seringais até a constituição de Rio Branco enquanto área urbana.

Isso posto, é importante salientar que seus livros têm histórias ambientadas no período posterior à batalha da borracha, mostrando vivências da cidade e da selva, que estão lado a lado em um Acre que se mostra multifacetado. Assim sendo, suas obras são conhecidas também por retratarem diversos episódios da vida do povo acreano, por mostrar o seu passado de uma forma realista, o que torna seus escritos verdadeiros relatos da vida cotidiana em determinados períodos de tempo, mais marcadamente a época dos seringais.

Na seção seguinte, são discutidas as teorias que embasam esta pesquisa, suas principais características, autores e aspectos que se fizeram relevantes para a análise.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO: RELACIONANDO AS TEORIAS

Sublinhando o objetivo desta pesquisa, que consiste em registrar e analisar os aspectos lexicoculturais e discursivos das lexias selecionadas nas obras de José Inácio Filho e de Florentina Esteves, para identificar aquelas que podem ser representativas do falar acreano, apresentamos, nesta seção, as teorias que dão suporte à análise, a saber: a Lexicologia, a Lexicultura e a Análise do Discurso.

Por essa ótica, esta pesquisa firma suas bases na Lexicologia, em concordância com Biderman, mas por ter um caráter interdisciplinar, apoia-se também nas proposições de Lexicultura, de acordo com o que estabelece Galisson (1987, 1991), criador do termo, que dá destaque à unidade léxica com carga cultural partilhada<sup>4</sup> (CCP); e também no campo teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, conforme Pêcheux.

Diante dessas afirmações, a análise se realiza à luz de perspectivas teóricas organizadas em três eixos, os quais passamos a apresentar.

O eixo 1 está organizado em torno dos conceitos da Lexicologia, a ciência do léxico, tendo em vista que consideramos que o léxico de uma língua se concentra numa posição linguística em que caminhos diversos se cruzam, o que lhe possibilita a assimilação de conhecimentos diversos de áreas distintas. Posto isso, retomamos a afirmação de Biderman (2001a, p. 179), para quem o léxico de uma língua abrange todo o universo conceptual.

O eixo 2 contempla aspectos relativos à Lexicultura, termo criado por Robert Galisson, em fins da década de 1980. O linguista considera que determinados conteúdos culturais se manifestam no nível do léxico e são compartilhados pelo grupo de falantes de uma língua. Esses elementos culturais marcam fortemente o léxico e, por esse motivo, Galisson afirma que há nas lexias uma carga cultural partilhada se manifesta no significado como um conteúdo extra.

Por fim, no eixo 3, consideramos a Análise do Discurso de linha francesa, especialmente as perspectivas teóricas de Pêcheux, que têm ganhado notoriedade nos estudos da linguagem e de outras áreas das ciências humanas nas últimas

---

<sup>4</sup> Alguns autores traduzem como "carga cultural compartilhada", mas optamos por traduzir como "carga cultural partilhada", em conformidade com o termo "charge culturelle partagée", para manter a mesma sigla do francês.



décadas. A AD possibilita a leitura do texto a partir de suas construções ideológicas, tornando-se muito produtiva na interpretação dos discursos contidos nesses textos.

Diante disso, postulamos que nossa abordagem é lexicocultural e discursiva, ótica sob a qual é possível refletir acerca do texto literário regional, apesar de seu caráter ficcional, vendo-o como materialidade discursiva, que se constrói e se sustenta em condições de produção e numa imagem de sujeito que representam a própria realidade vivenciada há tempos por pessoas que estiveram inseridas no contexto em que os romances analisados se ambientam. Por essa formulação, é possível notar, nos textos literários em tela, marcas que representem o falar do homem acreano, de modo que seja possível verificar, ainda, as especificidades desse falar e do discurso veiculado nesse universo.

Enfocamos as obras analisadas nesta pesquisa não como textos, mas como discursos, ou materialidades discursivas, posto que, para Pêcheux, “é impossível analisar um discurso como um texto, ou seja, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma”, isto porque um discurso se faz não em contextos isolados, mas se constrói em condições de produção específicas, em que as formações discursivas nas quais estão inseridos os sujeitos é que determinam o que pode ou não ser dito (PÊCHEUX, 1993).

Analisamos, desta feita, o léxico, por meio do discurso, pois sabemos que ele se revela pela representação de realidades diversas e pela materialização da língua, firmando-se como inventário aberto às relações linguísticas. Uma vez que o léxico se encontra no processo de significação, vinculado ao universo criado pelo homem, sua competência ocupa espaço no discurso de uma forma geral, mobilizando relações de uma linguagem cada vez mais inovadora, que se destaca diante de modelos dos sistemas ideológicos que ditam as ações do homem (LAFACE, 1998).

Essa perspectiva de análise que privilegia o estudo do léxico voltado para as questões lexicoculturais e discursivas mostrou-se bastante produtiva em nossa pesquisa e também para os estudos da investigação científica na área linguística, uma vez que, no léxico de uma língua, os aspectos sócio-históricos e a cultura são indissociáveis e constituem-se como instrumentos de produção do conhecimento, pois não é por lexias isoladas que o homem se comunica, e sim na discursividade, organizando-as num universo em que se sobressaem as relações sociais, históricas, culturais, nas quais os discursos e os saberes se relacionam.

A esse respeito, Laface (1998, p. 255) afirma que

Constituindo-se do conjunto das unidades integrantes da língua de uma comunidade, pertinentes às atividades desenvolvidas pelo grupo social, o léxico mobiliza conceitos e definições designativas de certo objeto do saber. Como tal, abre espaço para relações significativas da linguagem e torna-se operacional no processo enunciativo.

Considerando o texto literário como processo enunciativo que engloba uma série de outros discursos e, por seu caráter, verossímil, é possível evidenciar que ele se torna um valioso instrumento que possibilita uma análise mais acurada dos elementos linguísticos, o que o torna cada vez mais produtivo para as análises linguísticas, especialmente no domínio lexical. Isso acontece tendo em vista que o léxico de uma língua é representativo de um sistema de possibilidades e as unidades léxicas se posicionam de acordo com as necessidades do próprio discurso. É dessa maneira que elementos linguisticamente constituídos possibilitam a organização de universos discursivos diversos.

A análise que propomos nesta pesquisa inova na medida em que relaciona teorias que convergem pela forma como tratam seu objeto. Por isso, julgamos importante citar alguns trabalhos separados em duas linhas: uma que analisa o léxico no texto literário e outra que analisa o léxico por um viés discursivo. No primeiro grupo, sobressaem-se as pesquisas de Isquerdo (1996), cuja tese versa sobre o léxico do seringueiro acreano e foi realizada a partir da análise de diversos textos literários, mas também utilizou *Cartilhas populares: do seringueiro para o seringueiro*, v. 1 a 5, *História da Amazônia* e *O caucho, a seringueira e seus mistérios*, de Hélio Melo e o *Corpus oral do CEDAC* (Universidade Federal do Acre). Gama e Queiroz (2012), por sua vez, discutem o léxico regional na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego. No segundo grupo, estão a tese de Jerônimo (2007), que analisa discursivamente o léxico em jornais, e a de Barbosa (2009), que faz uma análise lexicocultural de pioneiros do samba carioca.

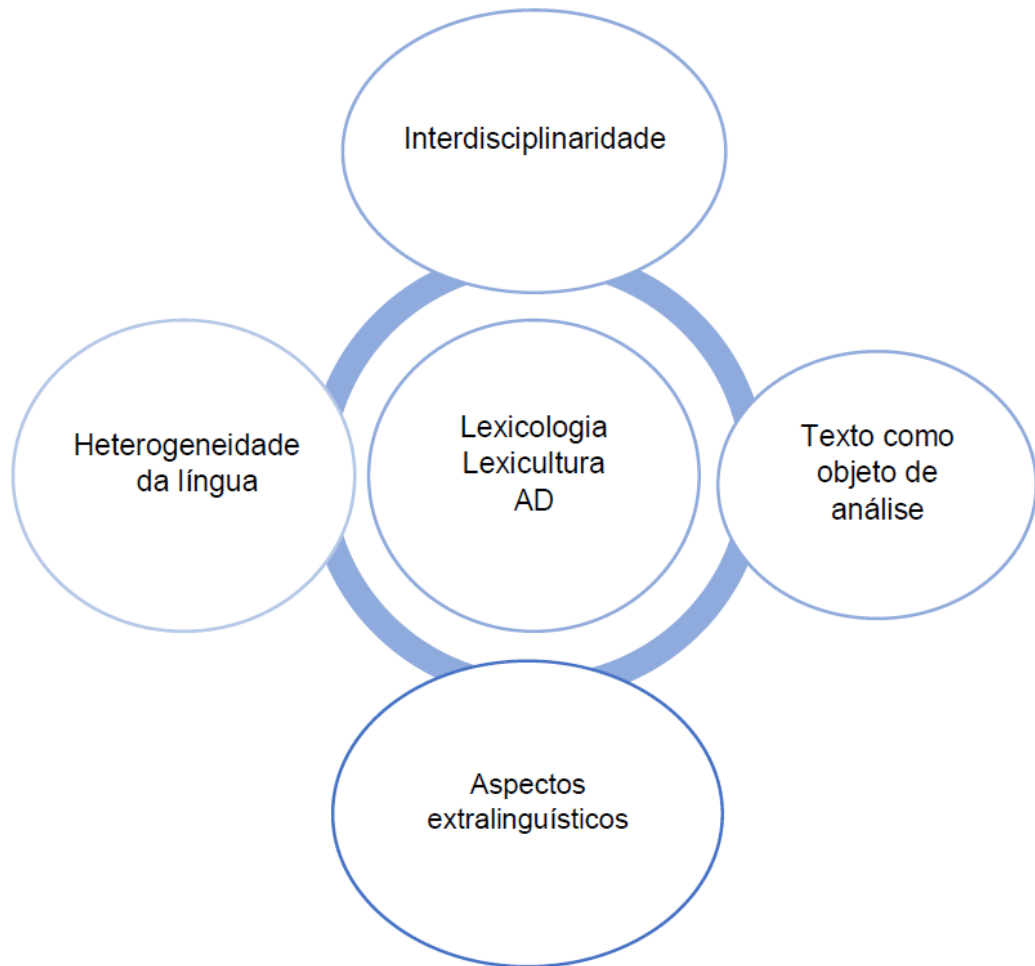
Como é possível confirmar, os trabalhos mencionados abordam outras questões sobre o léxico e sob perspectivas teóricas distintas, o que nos leva a afirmar que essa reunião teórica se constitui enquanto uma das inovações desta pesquisa. Com isso, entendemos que a confluência das teorias da Lexicologia, da Lexicocultura e da Análise do Discurso (AD) pode oferecer um novo interesse para os estudos linguísticos, por possibilitar a construção de um conhecimento positivo, capaz de permear diferentes campos do saber.

Diante desse fato, apesar das diferenças metodológicas e mesmo epistemológicas desses campos do conhecimento, o diálogo entre eles está marcado pela interação. Por isso, justificamos essa escolha apresentando pelo menos quatro razões, pois tanto a Lexicologia quanto a Lexicultura e a Análise do Discurso:

1. são constituídas, desde o seu surgimento, com base em diálogos marcados pela interdisciplinaridade;
2. elegem o texto como objeto de análise, o texto entendido aqui como a formalização do discurso (TURAZZA, 2005), forma de conhecimento capaz de revelar as condições ideológicas, históricas, culturais e sociais de sua produção. Além disso, enquanto unidade de análise do discurso, “o texto é que significa”, conforme afirma Orlandi (1996, p. 54);
3. compreendem a importância da análise baseada em elementos que ultrapassam os limites do texto, pois percebem que os aspectos extralinguísticos favorecem a interação entre saberes distintos;
4. veem na heterogeneidade da língua um fator relevante para a análise de seu objeto.

Essa relação é ilustrada no gráfico, a seguir:

Gráfico 1 - A inter-relação das teorias



Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível notar, é por meio de suas características e da definição do objeto de análise que as teorias ora utilizadas podem se relacionar. Além disso, elas possibilitam a investigação do objeto de pesquisa sob diferentes pontos de vista, especialmente pelo fato de analisarmos o léxico no texto literário, o qual pode atuar como um espaço de deslocamento de sentidos. Pautar-se num conjunto teórico constituído por três teorias significa, portanto, utilizar não só o que elas têm em comum, mas o que elas têm de específico. A partir disso, apresentamos as questões próprias de cada teoria, enfatizando as características fundamentais que permeiam seus estudos.

Quanto às obras que compõem o *corpus*, podemos afirmar que dialogam, pois são ambientadas em um período histórico semelhante marcado pelos ciclos descontínuos da borracha, entre 1885 e 1980, no estado do Acre. Essa época é

marcada pela extração do látex que revela a condição de exploração em que viviam os sujeitos na Amazônia, o que dá destaque a uma série de mudanças no contexto social e econômico.

Vale salientar que, mesmo havendo uma lacuna de tempo na publicação das obras (de 34 anos, ou seja, a mais antiga é de 1964 e a mais recente é de 1998), isso não se torna um empecilho à análise, visto que estão interligadas pelo tempo histórico, pelos aspectos linguísticos e culturais apresentados, pelo léxico selecionado e pelos discursos veiculados que estão inscritas em formações discursivas que se aproximam pela exposição de acontecimentos históricos, sociais, culturais e ideológicos.

A esses, somamos o fato de os autores de textos literários utilizarem recursos estilísticos que, muitas vezes, revelam-se no nível do léxico, como observamos nas obras aqui analisadas, nas quais podemos verificar o uso constante de lexias que podem representar a fala do homem acreano. Além disso, o texto literário pode abrir espaço para que os sentidos sejam deslocados, visto que, de acordo com Culler (1999), é um instrumento ideológico.

O autor enfatiza, ademais, que “a literatura é uma instituição paradoxal, tendo em vista que criar literatura é escrever de acordo com fórmulas existentes ao mesmo tempo que também é zombar dessas convenções, perpassá-las”. É nessas condições que ela se manifesta como uma instituição, cuja existência pauta-se em expor e criticar seus próprios limites, pois é, ao mesmo tempo, “o nome do absolutamente convencional e do absolutamente demolidor, em que os leitores têm de lutar para captar os sentidos”. (CULLER, 1999, p. 47).

Não podemos perder de vista, também, que essas obras literárias retratam a memória de uma época, de um passado que sugere condições sócio-históricas e culturais específicas, em que residem os discursos veiculados. É nessa memória que o discurso se constitui, pois não existe sem ela.

Ao tratar acerca do discurso literário, não podemos perder de vista que estamos diante de uma linguagem que está a serviço da utilização artística. De acordo com Proença Filho (2007, p. 7), “o texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético.” Sendo assim, ele acompanha a dinâmica da cultura na qual está inserido, configurando posicionamentos marcados pelo ideológico, pelo histórico e pelo cultural.

Optamos pelo uso do léxico do texto literário e não o de informantes, principalmente pelo caráter verossímil dessa representação artística, na qual é possível notabilizar a presença de elementos que possibilitam a identificação com a realidade, conforme afirma Proença Filho (2007, p. 46) para quem “o texto literário pode abrigar a presença de elementos identificadores de um real concreto, quase sempre garantidor de verossimilhança”.

Relembramos, também, a máxima de Saussure (1916/2006, p. 15), para quem “é o ponto de vista que cria o objeto”, ou seja, é o olhar que o linguista imprime sobre a língua que produz o objeto de investigação e não o contrário (FRANK e KANITZ, 2013, p. 2). Sendo assim, uma vez que o léxico é multifacetado, salientamos que ele pode ser mostrado sob naturezas diversas, pois compreendemos que todo conhecimento é sempre incompleto.

Buscamos, desse modo, oferecer uma perspectiva que mantém a estabilidade da análise, por meio da confluência das teorias que são marcadas pela heterogeneidade da linguagem e pela polissemia das unidades lexicais, o que é determinado por questões linguísticas e extralinguísticas que se justificam pela relação que há entre a língua, a cultura e a história de um povo. Nessa relação, percebemos o modo como a linguagem, enquanto produção da sociedade, manifesta-se no léxico analisado.

Dessa forma, nas seções a seguir, discutimos as teorias selecionadas com suas especificidades e aspectos teórico-metodológicos que mais se destacam e reforçam os elementos analisados no *corpus*, permitindo-nos estabelecer uma metodologia de trabalho adequada aos objetivos da pesquisa.

## **2.1 Lexicologia: algumas considerações sobre o estudo do léxico**

O conceito de palavra, embora rodeado de muitas controvérsias, encontra-se no cerne do estudo da linguagem desde muito tempo. O léxico de uma língua se encontra no processo de significação e é uma forma de representação de realidades extralinguísticas diversas, configurando-se como inventário linguístico de um povo. Com isso, enquanto um universo de possibilidades, ele está estreitamente ligado às competências comunicativas e discursivas, tornando-se representativo no universo criado pelos falantes.

Biderman (2001a) afirma que a linguagem é a nossa única fonte de acesso à realidade imaterial que é a língua, pois esta é inacessível diretamente já que constitui um universo de abstrações. Dessa maneira, com o tempo, a língua se altera e sofre influência de diversos fatores extralinguísticos, que marcam essas alterações, como a herança social, na qual estão a cultura, a história e as relações sociais.

A autora, cujo trabalho tem oferecido diversas contribuições na área da Lexicologia, apresenta a língua sob uma perspectiva linguística na qual o léxico ocupa um lugar privilegiado. Suas principais proposições relacionam-se ao estudo das unidades léxicas, sem deixar de lado todos os traços linguísticos que uma exposição acurada da língua precisa ter, enfatizando a heterogeneidade do fenômeno linguístico, ao mesmo tempo que o situa num contexto sociolinguístico.

Considerando os objetivos propostos para esta pesquisa, importam-nos as concepções próprias da Lexicologia e de seu objeto de estudo, o léxico, o qual é apresentado por Biderman (1981, p. 138) como “o tesouro vocabular de uma determinada língua”, o qual se posiciona entre o universo linguístico e o não-linguístico, sendo capaz de preservar as culturas humanas que são criadas ao longo dos tempos. A autora ressalta ainda a sua natureza e sua importante relação com a cultura, como é possível comprovar na citação a seguir:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do Léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 2001a, p. 178).

Nesse trecho e em grande parte de sua obra, a autora salienta a importância do léxico e a relevância do papel dos falantes no processo de mobilidade dele, pois são os usuários da língua que possibilitam o surgimento de novos vocábulos ou mesmo o retorno daqueles ora esquecidos. É evidente, também, a relação do léxico com a cultura, cuja evidência na linguagem é marcante, pois é por meio da linguagem

que a cultura de um povo é veiculada. Assim, uma vez que a língua está organizada em unidades léxicas que, por sua vez, formam discursos inteiros, é no processo de comunicação que elas são capazes de refletir acontecimentos culturais, sociais, econômicos, históricos e ideológicos, possibilitando, por conseguinte, conhecer a história de seus usuários.

Como esclarece Biderman (2001a), o léxico abrange todo o universo conceptual dessa língua, constituindo-se como o resultado de toda experiência acumulada de uma sociedade e do “acervo da sua cultura através das idades”. Caracterizado como tal, os membros interagem e contribuem para a perpetuação e constante reelaboração lexical. Esse fato leva à constatação de que as mudanças sociais, culturais acarretam alterações nos usos do léxico. Além disso, a autora acrescenta que ao atribuírem conotações particulares aos lexemas nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das unidades léxicas.

Sobre o funcionamento do léxico, Biderman (2001b, p. 13) esclarece que “a geração do léxico se processa [...] através de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”, as quais, embora relegadas a segundo plano nos estudos linguísticos durante um longo período, têm grande importância na língua. Com base nessa afirmação, é possível verificar que estudar o léxico ultrapassa o estudo puro e simples das lexias ou lexemas, mas implica a compreensão de seu uso e como elas podem expressar a realidade de uma forma geral. É esse conhecimento dos falantes que faz com que o léxico seja um dos campos com maior mobilidade na língua, caracterizado enquanto um sistema aberto, no qual são inseridos novos vocábulos constantemente.

Quanto ao estudo do léxico, a Lexicologia, Biderman (2001b, p. 16) ressalta que se trata de “ciência antiga, que tem como objetos básicos de estudo e análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.” Nascida no âmbito da Linguística, a Lexicologia é uma área de conhecimento que relaciona diversas áreas do saber como, por exemplo, a semântica, a sintaxe e a pragmática. Estudar o léxico perpassa o simples conhecimento da unidade léxica, mas implica compreender a língua em uso. Portanto, é possível, por intermédio dele, perceber como se dão as relações sociais e como se dá a interação dos sujeitos nas relações discursivas, por exemplo.



Destacamos o que afirmam Isquierdo e Krieger (2004, p. 11-12), para quem estudar o léxico é “resgatar a cultura” de um povo, de uma língua, uma vez que ele traduz o pensamento de uma sociedade em um determinado percurso da história, tendo em vista que uma unidade lexical favorece a transfiguração da experiência num universo de discurso, o qual, dependendo de sua natureza, atribui à palavra diferentes dimensões. As autoras asseguram que “o léxico de uma língua natural representa uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Desse modo, ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Isso se soma ao fato de cada unidade lexical remeter a uma realidade específica marcada por questões internas à língua, como as fonéticas, as morfológicas e as sintáticas; e extralinguísticas, a cultura e a história, por exemplo.

Sendo assim, por meio das concepções teóricas expostas, podemos afirmar que o léxico de uma língua é capaz de refletir diversos momentos da história de um povo na medida em que reflete sua visão de mundo. Por isso, é por meio dele que os falantes de uma determinada língua suprem suas necessidades comunicacionais, dispondo do acervo lexical oferecido por sua língua sempre que acham necessário.

Numa abordagem discursiva, Turazza (2005, p. 77) afirma que “o léxico não é composto por lista de palavras, mas por uma organização”, que depende de duas operações essenciais: a diferenciação, que decorre da atividade de se compreender aquilo que se opõe para as categorias; e a estruturação do léxico, que é elaborado ao mesmo tempo em que o reconhecimento da diferenciação e da estruturação dos objetos no mundo são constituídos. Para a autora, estes são processos que acontecem simultaneamente, uma vez que, na medida em que se apresentam as semelhanças e diferenças dos objetos, há também o processo de síntese, no qual eles são agrupados em categorias. Com isso, é possível assinalar, ainda, que o léxico de uma língua não funciona isoladamente como uma parte da linguagem, mas seu processamento se dá nas relações de grupo, por meio das quais os conhecimentos são transmitidos, as culturas são compartilhadas e os discursos são produzidos.

Partindo dessas perspectivas, torna-se necessário expor alguns conceitos importantes, os quais têm um caráter mais operacional nesta pesquisa, mas que são necessários, pois durante o trabalho de análise são evidenciados. São eles: *lexia* e suas classificações (simples, composta e complexa), campos lexicais e *hapax legomena*, que serão discutidos de forma sucinta.

### 2.1.1 A lexia

Pottier (1972) define lexia como “unidade lexical memorizada, unidade de discurso”. Ele assim a classifica: a) lexia simples, formada por um só vocábulo, por exemplo: “amigo”; b) lexia composta, entendida como um conjunto lexicalizado de duas ou mais unidades léxicas, de caráter monossêmico, como em “beija-flor”; c) lexia complexa, como “cesta básica”; d) lexia textual, por exemplo: “quem tudo quer tudo perde”. Sobre as lexias simples, é possível encontrar uma grande quantidade de estudos, contudo, o mesmo não é visto em relação às outras duas, as quais ainda carecem de aprofundamento.

O teórico prestou um importante serviço aos estudos lexicológicos ao cunhar esse termo, visto que “palavra” e “vocábulo” apresentam muita imprecisão. Dessa maneira, lexia cumpre muito bem o seu papel enquanto a representação discursiva de lexema, que também é utilizado no ramo dos estudos lexicológicos e lexicográficos.

Biderman (2001a), por sua vez, opõe o conceito de lexia simples ao de lexia complexa, distinguindo-as e, assim como Pottier, ressaltando sua classificação pela quantidade de elementos que as compõem. A autora enfatiza, no entanto, que há uma série de graus no que diz respeito à “aglutinação” entre os elementos de uma lexia complexa, o que contribui para a dificuldade de classificação.

Diante dessas definições, é possível apontar quão confuso é delimitar os limites de uma lexia, especialmente, quando se trata das lexias compostas e complexas. Pela definição do teórico francês, vemos que esses limites são estabelecidos pela presença do hífen, no caso das lexias compostas, ou por espaços em branco, quando se tratarem de lexias complexas. Contudo, como afirma Biderman (2001), o uso do hífen em língua portuguesa não é um ponto pacífico, pois ele não é utilizado com coerência, tendo em vista que unidades léxicas com as mesmas características são grafadas indistintamente com ou sem hífen. Por esse motivo, a autora afirma que delimitar as lexias compostas e complexas é uma tarefa difícil para quem decidir realizá-la.

Apesar das dificuldades que podem surgir, utilizamos, neste trabalho, para fins de classificação das lexias quanto à sua estrutura, as posições apontadas, de acordo com Pottier, de modo a demonstrar a diversidade das lexias encontradas no *corpus* de análise, que é formado, especificamente, por 53 lexias simples, 8 lexias compostas e 14 complexas.

### 2.1.2 Os campos lexicais

Embora a concepção de campos lexicais seja controversa, visto que há mais de uma terminologia, algumas vezes, com conceitos distintos, optamos por sua utilização, pois o termo dá conta do que é observado nesta pesquisa. A princípio, esse conceito não seria utilizado, no entanto, ao longo de nossa trajetória, verificamos cada vez mais a sua necessidade, uma vez que trabalhamos com lexias que podem ser organizadas segundo determinada ordem.

Diante disso, vemos a importância de expor essa noção, tendo em vista que um estudo organizado requer a utilização de preceitos estruturados em certa sistematicidade, pois o estudo de lexias não pode ser feito de maneira isolada, mas requer um conjunto, um todo coeso. Isso nos levou a estabelecer os campos enquanto uma categoria de análise desta pesquisa.

De acordo com Lyons (1980), a teoria dos campos, tal como é conhecida na atualidade, foi proposta nas décadas de 1920 e 1930 por linguistas alemães, como Ipsen (1924), Jolles (1934), Porzig (1934) e Trier (1934). Contudo, o autor sugere que foi antes, no século XIX, nas pesquisas de Humboldt que se deu a sua origem.

Não apresentamos um estudo pormenorizado dessa teoria, mas citamos os conceitos de Trier (1934, *apud* VILELA, 1994), um conhecido lexicógrafo alemão, e Coseriu, um estruturalista, os quais desenvolveram importantes estudos sobre a linguagem, que, a nosso ver, têm percepções que se aproximam das discussões realizadas nesta pesquisa.

Trier (1934, *apud* VILELA, 1994) foi pioneiro nos estudos sobre os *campos*. Em sua primeira teoria sobre esse assunto, o teórico assinala que as palavras se articulam em uma estrutura léxica superior de maneira semelhante às peças de um mosaico, no qual o sentido de cada uma das peças determina a colocação das demais. Sua teoria foi elaborada com base nas proposições de Saussure e de Humboldt, em 1931. Ele aponta que nenhuma unidade léxica emitida existe de maneira isolada na consciência dos falantes e ouvintes, mas na união com outras, pois quando se evoca uma unidade léxica, evoca-se também o seu contrário.

O teórico enfatiza que o léxico de uma língua corresponde a um todo em mútua relação, no qual as unidades lexicais constituem uma totalidade articulada composta por domínios parciais, chamado *campos*, subordinados a esse todo. Os *campos* articulam o léxico total e são o intermediário entre o individual e o todo do léxico.

Assim, em suas pesquisas, Trier salienta que o estudo do léxico não deve ficar circunscrito à investigação histórica de um lexema, mas de um léxico no qual seus elementos estão organizados conceptualmente. Para ele, o vocabulário léxico de uma língua é uma totalidade semanticamente articulada, estruturada em campos que podem estar em uma relação de subordinação.

Em linha semelhante, Coseriu (1977, p. 135) define *campo lexical* como um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum, e esses lexemas subdividem-se em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico, que ele chama de traços distintivos lexemáticos, isto é, os semas. Esse campo funcionaria, dessa maneira, como um padrão oriundo de um conteúdo lexical entre diferentes unidades de uma dada língua.

Coseriu (1977) aponta as seguintes características gerais dos campos lexicais:

i) não estão organizados necessariamente por suas subdivisões: uma parte mais ou menos ampla dos mesmos pode estar representada apenas pelos arquilexemas;

ii) não representam uma só classificação homogênea, de classes discretas, mas várias classificações simultâneas, fundamentadas em critérios diferentes;

iii) não são campos de objetos;

iv) não coincidem com os campos conceituais.

Dessa maneira, podemos confirmar que os campos lexicais não são configurados simplesmente como um conjunto de unidades léxicas semelhantes por algum aspecto linguístico, mas representam um todo organizado, porém heterogêneo, que pode ou não ser organizado, partindo do arquilexema, sem serem constituídos, todavia, por objetos reunidos por seu conteúdo.

### 2.1.3 *Hapax legomena*

A necessidade de explicar esse conceito surgiu no momento em que constatamos que nosso *corpus* de análise é, em sua maioria, constituído por lexias cuja frequência no *corpus* é equivalente a 1 (um). Derivado do grego *hapax legomenon*, esse termo é um fenômeno linguístico interessante que representa essas lexias que têm aparição única.

Segundo Biderman (1998), os *hapax legomena* são, na maioria, substantivos, eventualmente adjetivos e, muito raramente, verbos. Para a autora, a frequência única

é representada por unidades léxicas muito especializadas, que geralmente só são usadas em gêneros que utilizam a linguagem técnico-científica e a linguagem literária que também se caracteriza por registrar um alto índice de unidades léxicas raras. Segundo ela, algumas vezes, essas lexias representam idiossincrasias de um autor resultantes da busca da inovação que se constitui enquanto característica típica da arte.

Biderman (1998, p. 176) afirma, dessa forma, que “o artista viola a norma por razões estéticas, aproveitando as virtualidades de criação que o sistema lexical lhe permite e propicia. O criador literário deseja exatamente não escrever como o vulgo e evita o vocábulo banal, usual”.

Gonçalves (2012, p. 172) corrobora essa afirmação, visto que, para ele, “excelente fonte para o estudo dos *hapax legomena* é a linguagem literária, na qual se utilizam, por questões estilísticas, inúmeras construções morfológicamente complexas empregadas uma única vez”.

Sendo assim, é afirmamos que esse interessante fenômeno é bastante recorrente em nosso *corpus* de análise, conforme é possível verificar na seção em que analisamos as lexias selecionadas.

## **2.2 Lexicultura: o léxico na cultura ou a cultura no léxico**

O léxico é dependente e decorre da cultura. Esta representa um conteúdo que é aprendido por meio da relação com o outro, na interação social. A partir desse princípio e relacionando suas pesquisas ao campo dos estudos de segunda língua, Galisson (1988) estabeleceu relações entre o léxico e a cultura. Para ele, a cultura não é um conteúdo ensinado na escola, mas é parte integrante da identidade coletiva, que deve ser concebida e partilhada pelos membros de uma comunidade.

A noção de léxico pode ser associada à noção de cultura. Dessa maneira, um conceito que tem ganhado notoriedade é o de *lexiculture*, termo cunhado por Galisson na década de 1980. O termo ainda é pouco usado no Brasil, por isso decidimos tomar como tradução “lexicultura”, embora alguns autores também utilizem, em menor escala, léxico-cultura. Para o autor, as unidades léxicas têm como principal qualidade serem imbuídas de sentidos culturais, o que torna seu sentido permeado de valores inerentes aos hábitos, crenças, religião etc.

Galisson (1987) empregou o termo no contexto do ensino de segunda língua. Desde então, essa noção vem se mostrando muito produtiva e sendo empregada também em outros contextos, como o proposto nesta pesquisa.

O termo lexicultura é formado a partir do *blending*<sup>5</sup> dos elementos “léxico” e “cultura”. De acordo com Barbosa (2009), o léxico de uma língua não é transparente, mas opaco e polissêmico e, diante da possibilidade de se utilizar unidades lexicais tanto em sentido denotativo quanto conotativo, é possível afirmar que algumas delas são mais carregadas de referências culturais que outras. É a respeito desse conjunto que Galisson (1987) propôs o conceito de lexicultura, entendido como um modo de acesso ao estudo do léxico culturalmente marcado. Sobre isso, Barbosa (2009) afirma que:

Entre outros aspectos, a lexicultura mostra-nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, pois, sabemos que o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligado à realidade extralingüística. (BARBOSA, 2009, p.33)

Dessa maneira, é importante compreender que a lexicultura não se constitui enquanto o estudo da cultura isoladamente, mas a sua preservação no interior da sua própria dinâmica, a cultura pelo viés do léxico, designando o valor que as lexias adquirem por seu uso. Assim, é possível afirmar que a noção de lexicultura provém da subjetividade dos falantes, uma vez que eles interpretam os elementos da língua por meio de sua própria visão de mundo.

Galisson (1988) afirma que toda unidade léxica é cultural, em maior ou menor grau, o que o leva a chamá-las de “culturalmente marcadas”. Ele afirma, ainda, que essa cultura que se manifesta no léxico não atua como um conceito nem como um sentido conotativo, mas é um conteúdo extra que incide sobre o significado dessas unidades e que é aprendido e compartilhado pelos falantes nas vivências do cotidiano.

É necessário assinalar, contudo, que a língua não é penetrada pela cultura uniformemente, motivo pelo qual algumas unidades léxicas apresentam mais conteúdos culturais do que outras. A CCP, conforme explicita o autor, é “ativada” por um sinal acústico, o significante. Todavia, aquela que é portadora de CCP é permeada de implícitos culturais que funcionam como sinais de reconhecimento e cumplicidade

---

<sup>5</sup> *Blending*: sobreposição ou concatenação de dois elementos formando um novo. (ARAÚJO, 2002, p. 64)

entre os membros do grupo. Constituem-se, pois, enquanto uma marca de identificação cultural entre eles.

Compreendemos, com isso, que o valor da cultura é acrescentado ao sentido expresso por essas unidades léxicas e, dessa maneira, é compartilhado entre os membros de uma comunidade de falantes. É importante ressaltar que essa cultura que é compartilhada não é a cultura erudita, aquela registrada em livros, mas aquela voltada para a experiência, para o cotidiano, que se constitui enquanto um elemento de aproximação. Embora essa cultura cotidiana seja quase imperceptível para os falantes nativos de um idioma, ela ocasiona muitas diferenças no sentido de uma lexia.

Galisson (1987) resalta que a cultura partilhada pode apresentar-se por meio de certas locuções cristalizadas, objetos fabricados pelo homem, aos quais são creditadas cargas que qualquer falante nativo mobiliza ao entrar em contato com elas - de forma auditiva ou visual. Para o autor, com a unidade léxica que se refere a um objeto, a um lugar, a um produto comercial ou vice-versa, costumes, crenças, superstições e comportamentos podem ser evocados.

Ao falar sobre cultura, Galisson (1988) resalta, e prefere, a noção de “identidade coletiva” na medida em que, para dar conta da especificidade de um grupo humano, invoca tanto a cultura quanto a linguagem, pois não se pode imaginá-la dissociada da linguagem que o acompanha. Todavia, ele afirma que, para que essa identidade seja possível, é necessário postular a existência também de uma cultura partilhada por indivíduos que vivem sob as mesmas leis, no mesmo grupo social e que já partilham uma língua: a língua materna que é, por excelência, uma língua partilhada, uma vez que permite a troca mínima de mensagens entre os falantes. Essa dualidade língua e cultura serve como identificador entre os sujeitos, pois sem esse denominador seria difícil reivindicar a mesma relação de pertencimento e reconhecimento um do outro (GALISSON, 1988).

Para o autor, uma cultura partilhada desempenha um papel fundamental pelo fato de ser intercultural, em oposição à cultura chamada culta, que, embora legitimada pela escola, é uma subcultura (denominada como “cultivada”), exclusiva de uma classe que representa uma minoria do grupo. A cultura partilhada, todavia, não decorre da consciência dos sujeitos, ela não se mostra, mas pertence a todos e permite aos falantes de uma mesma língua conviverem em grupo. É uma cultura de todos e de cada um, que possibilita compreender e ser compreendido no cotidiano, pois não é descrita, mas vivida, uma vez que a melhor forma de acesso à cultura se

dá pela linguagem, representada, de acordo com essa teoria, como um veículo de todas as culturas.

Ao falar sobre esse aspecto, Galisson salienta que a linguagem é o veículo de cultura, pois, por meio dos signos que são as unidades léxicas, é possível dar conta, tanto quanto possível, de tudo o que diz respeito à cultura; é também resultado dela porque pode adaptar-se, evoluir, ser constantemente um portador adequado dos significados, dos valores que as novas cargas culturais geram. Além disso, a linguagem é produtora de culturas, pois é por meio da interação entre os indivíduos do grupo que as representações, as atitudes coletivas se estabelecem (GALISSON, 1988).

Segundo Barbosa (2009, p. 35-36), a carga cultural partilhada de uma palavra pode ser reconhecida pelas seguintes características:

- ela é um conteúdo que tem por forma o significante do signo;
- é obrigatoriamente partilhada (pelo conjunto do grupo social);
- é produto da relação entre o signo e os seus utilizadores;
- procede da subjetividade dos locutores coletivos, os quais interpretam um elemento a partir da sua visão de mundo;
- pertence ao domínio da pragmática, pois está vinculada ao uso que se faz dela;
- fornece um complemento, um conteúdo, um significado ao signo com o qual mantém uma relação estrutural de solidariedade;
- resulta de uma associação automática entre o signo e sua C.C.P., bastando uma simples evocação desse signo.

Desse modo, o foco da Lexicultura não é a apreensão do significado, mas, sobretudo, o aspecto cultural que esse signo evoca, tendo em vista que isso pode representar a escolha que a coletividade realizou. É importante enfatizar também que a CCP não diz respeito ao significado nem à conotação. Galisson (1988) a coloca como um conteúdo novo agregado ao sentido, que só significa para o grupo que partilha da mesma cultura.

Dessa forma, é possível afirmar que o léxico medeia a relação que se estabelece entre a linguagem, a cultura e o discurso, visto que engloba um conjunto formado por saberes diversos, marcados por concepções sócio-linguístico-culturais, que revelam o que uma dada sociedade percebe como representação de sua visão de mundo.



Além dos tópicos já mencionados, uma vez que apresentamos tópicos diversos sobre léxico, julgamos necessário explicitar um posicionamento em torno da noção de cultura, o que fazemos na seção seguinte.

### **2.3 Cultura: algumas questões importantes**

Discutir cultura em um estudo do léxico de um povo se torna importante, na medida em que a língua faz parte da cultura e esta, por sua vez, é representada por meio daquela. Embora não haja uma definição única e tácita sobre cultura, por perpassar várias áreas do conhecimento, muitos pesquisadores têm buscado precisar alguns limites, os quais podemos ajustar ao nosso propósito.

Cultura é um daqueles termos de difícil conceituação, portanto, não é nossa intenção defini-la, mas delinear-la, pois nos interessa expor um panorama do termo que represente as relações do homem com o outro, com a sua realidade, com a sua história. De acordo com Lévi-Strauss (2008), toda cultura pode ser representada como um conjunto de sistemas simbólicos, dentre os quais estão situadas a linguagem, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião.

Quando falamos da cultura de um povo, compreendemos todo o conjunto de saberes que definem esse povo e que revelam como ele concebe a realidade. É a cultura que diferencia o homem dos outros animais porque ele é o único que a possui. Entendemos, dessa feita, que toda a atividade humana pode ser, de um modo geral, compreendida como cultura. Nesse sentido, ela marca a visão de mundo do homem, podendo ser representada por costumes, crenças, leis, tudo que é apreendido pelo homem em seu cotidiano por meio da linguagem e que pode ser transmitido de geração a geração, sendo construída ao longo da história.

Como a tomada de posição implica em algumas escolhas, baseamo-nos nos preceitos teóricos de autores que discutem o termo sob duas óticas: uma antropológica na qual figuram Laraia (2009), Thompson (1995) e Eagleton (2003); e uma mais estrita, que destaca a cultura como uma forma de representação, uma forma de discurso, voltando seu olhar para as culturas nacionais, como o fazem Bosi (1992), Hall (1992) e Bhabha (1998). Não posicionamos os três últimos pela cronologia de suas publicações, pois Bosi será deixado por último por tratar sobre a cultura brasileira, especificamente. A seguir, tecemos breves comentários sobre as perspectivas teóricas supramencionadas.

Laraia (2009) afirma que a primeira formulação antropológica do conceito de cultura, tal como conhecemos hoje, foi levantada por Tylor, que em 1771, definiu cultura como “todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética” (LARAIA, 2009, p. 25). Assim, ele demonstrou que cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois se trata de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural.

A sistematicidade do termo corresponde, de acordo com Laraia (2009), a uma inovação, tendo em vista que marca o caráter de aprendizado da cultura em oposição à noção de aquisição inata, que pode ser transmitida por mecanismos biológicos. (LARAIA, 2009, p. 25 e 34).

Para Laraia (2009 p. 45), “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecedem”. Tudo isso é resultado do esforço de toda uma comunidade, o que possibilita afirmar que a cultura depende de um aprendizado e não de atitudes geneticamente determinadas, pois o homem é um resultado de seu meio cultural. É um herdeiro de um processo longo que reflete o conhecimento e a experiência adquirida por seus antepassados. Laraia (2009) salienta, ainda, que é a adequada manipulação desse patrimônio que permite as inovações e as invenções.

Outro teórico que se sobressai nos estudos sobre cultura é Thompson (1995), que também apresenta uma visão antropológica. Sua obra está interessada em problemas de natureza teórica geral, dentre os quais encontram-se o conceito de cultura e as características de tratamento cultural.

Para Thompson (1995, p. 165)

O estudo dos fenômenos culturais pode ser pensado como o estudo do mundo sócio-histórico constituído como um campo de significados. Pode ser pensado como o estudo das maneiras como expressões significativas de vários tipos são produzidas, construídas e recebidas por indivíduos situados em um mundo sócio histórico. Pensando dessa maneira, o conceito de cultura refere-se a uma variedade de fenômenos e a um conjunto de interesses que são, hoje, compartilhados por estudiosos de diversas disciplinas, desde a sociologia e antropologia, até a história e a crítica literária.

Sob essa ótica, salientamos que, conforme explicita o autor, o termo cultura, ao longo de sua história, vem adquirindo novas nuances, sofrendo evoluções, agregando diversos sentidos, que é o que possibilita o seu uso em diversas disciplinas. Por conseguinte, é uma concepção que possui uma longa história própria, cujo sentido é resultado dessa história.

O autor enfatiza em sua obra o percurso histórico do conceito de cultura, partindo desde sua primeira associação com o cultivo de grãos, no início do período moderno, século XVI, quando se relacionava ao cultivo da mente, perpassando por sua associação com o conceito de civilização, no final do século XVIII e início do século XIX, e seu uso independente.

Essa evolução foi promovida na Europa, principalmente na França, na Inglaterra e na Alemanha, por meio das proposições teóricas de filósofos e historiadores que começaram a discutir o conceito, o que deu origem à concepção *clássica de cultura*, na qual o termo era tido como um processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos e ligado ao caráter progressista da era moderna. (THOMPSON, 1995).

É relevante mencionar que o autor aponta, ainda, duas concepções de cultura: a *descritiva* e a *simbólica*. A primeira, segundo ele, refere-se a um conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico. Já a segunda trata os fenômenos culturais como “simbólicos”, visto que “o estudo da cultura está essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica”. (THOMPSON, 1995, p. 166). Devido às debilidades da segunda concepção, Thompson formulou uma outra, a que ele chama de *concepção estrutural de cultura*, à qual ele atribui duas características: a constituição significativa das formas simbólicas e a sua contextualização social.

Dentre as diversas mudanças no que concerne à cultura, a que mais se destaca é a que aconteceu no final século XIX, que foi a incorporação do conceito de cultura à antropologia, ainda emergente. Elas estão, na atualidade, tão interligadas que um dos ramos de estudo da antropologia é, pois, o estudo comparativo da cultura.

Quanto aos principais ganhos, podemos enfatizar que a cultura passou a ser vista por meio dos fenômenos sócio-históricos, dos quais o indivíduo passa a ser sujeito. E nisso, todos os fenômenos da sociedade como suas crenças e costumes, que formam um todo complexo, podem ser estudados cientificamente.

A inovação nas teorias de Thompson, especialmente quando formulou uma concepção estruturalista, reside no fato de ter relacionado os fenômenos culturais às relações de poder e à ideologia, uma vez que compreende que tais fenômenos somente podem ser analisados em contextos sócio-históricos. Diante disso, os aspectos levantados pelo autor tornam-se relevantes para esta pesquisa, visto que relacionam estudos discursivos e culturais, colocando em pauta pontos de vista que se estabelecem nas relações de poder e estão fincadas sob princípios ideológicos que se sobressaem nas formações discursivas em que o objeto de estudo é produzido e recebido.

Na mesma linha, Eagleton (2003) também vê a cultura por um viés antropológico e traça contornos por meio de acontecimentos históricos, que vão desde o período moderno até a atualidade. Para o autor, o conceito de cultura inicialmente estava próximo ao de civilização, mas, com o tempo, eles foram se afastando e adquiriram nuances próprias. Ele afirma que “civilização” era uma noção francesa que incluía normalmente a vida política, técnica e social. Já a “cultura”, termo alemão, tinha uma conotação mais estritamente religiosa, artística e intelectual, podendo, em alguns casos, designar o refinamento intelectual de um grupo ou de um indivíduo, e não tanto da sociedade como um todo.

De acordo com a perspectiva do autor, “civilização” minimizava as diferenças nacionais, ao passo que “cultura” as realçava. Assim, para Eagleton (2003), a tensão entre “cultura” e “civilização” devia-se, em grande parte, à rivalidade entre a Alemanha e à França. Com o tempo, os termos se afastaram, pois o vocábulo “civilização” adquiriu ares mais imperialistas, o que fez com que os alemães buscassem outra forma para designar a vida social, optando pelo termo francês *culture*, mais tarde *kultur*.

Além desse panorama histórico, o estudioso enfatiza pelo menos três sentidos que se inter-relacionam ao mesmo tempo em que vivem em conflito. São eles: cultura enquanto crítica, cultura como produção artística e cultura no sentido antropológico. Essas concepções e conflitos Eagleton chama de guerra das culturas, que, para ele, partem de três frentes: a cultura como civilidade, chamada de excelência; a cultura como identidade, denominada de *ethos*; e a cultura como comércio ou pós-moderna, a que ele chama de economia.

Como vemos, Eagleton leva suas discussões para aspectos que relacionam a cultura a tudo que diz respeito ao homem, ao sujeito como atuante em diversas áreas.

De igual modo, vemos que ela perpassa todas as instâncias do homem enquanto sujeito. Para o autor, existem diferentes culturas, as quais desenham formas específicas de identidade, e o problema reside em saber como elas podem comunicar-se entre si, pois pertencer a uma cultura não significa somente fazer parte de um contexto que, por definição, está em aberto. Para o autor,

Tal como as instáveis bases da própria linguagem, as culturas “funcionam” precisamente porque são porosas, de contornos difusos, indeterminadas, intrinsecamente inconsistentes, nunca exatamente idênticas a si próprias, as suas fronteiras sempre a confundir-se com o horizonte. É certo que por vezes também são mutuamente opacas; mas, quando conseguem ser mutuamente inteligíveis, isso não se deve à existência de uma qualquer metalinguagem para a qual ambas podem ser traduzidas. (EAGLETON, 2003, p. 125)

Como podemos sublinhar, Eagleton posiciona-se diante da existência de diversas culturas e sua opacidade, o que faz com que seus limites sejam imprecisos, mas, ao mesmo tempo, possibilita a confluência de culturas diferentes.

As mudanças no âmbito desse conceito também marcam mudanças radicais e, por vezes, dolorosas na sociedade. Diante desse fato, Eagleton aponta que se a cultura quiser constituir uma crítica efetiva, terá de manter a sua dimensão social, não podendo simplesmente regredir para o seu significado primitivo, como cultivo individual.

Afirmamos, desse modo, que tudo que o homem faz aprendeu com o seu semelhante, toda experiência adquirida é transmitida aos demais, o que torna a comunicação um processo cultural, pois a linguagem humana, ao mesmo tempo em que é uma realização da cultura, também possibilita sua expansão. Dessa maneira, com base nessas concepções antropológicas, é possível afirmar que de determinadas estruturas culturais emergem efeitos de sentido específicos.

O estudo da cultura bem como a preocupação em apresentar definições que deem conta de sua essência têm levado ao surgimento de diversas perspectivas, diante das quais ressaltamos a importância das proposições teóricas de autores que abordam a cultura como representação, diferença, não homogênea. É o caso de autores que tratam das culturas nacionais, tais como Bosi (1992), Hall (1992) e Bhabha (1998).

Hall (1992) trata as culturas nacionais como imaginadas e afirma que, no mundo moderno, estas funcionam como um sistema de representação, constituindo-

se em uma das principais fontes de identidade cultural (HALL, 1992). O autor salienta que a cultura nacional é uma característica-chave da industrialização, na medida em que: a) contribuiu para criar padrões de alfabetização universais; b) generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação; c) criou uma cultura homogênea; e d) manteve instituições culturais nacionais.

Não obstante, o autor afirma que as culturas nacionais não são compostas somente por instituições culturais, mas também por símbolos e representações. Hall considera que “uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a percepção que temos de nós mesmos”, sendo “imaginada por meio de estratégias discursivas”. (HALL, 1992, p. 50-51). Ainda sobre isso, o autor afirma que

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno quanto aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Esse constitui o elemento regressivo, anacrônico da história da cultura nacional. (HALL, 1992, p. 56)

Fica evidente que uma cultura nacional não é apenas uma organização na qual se inserem as instituições, ela permeia o passado e o presente, a construção das identidades e, atuando como uma fonte de significações, é uma estrutura portadora de poder, o que Hall (1992) chama de poder cultural.

Num viés semelhante e apoiando-se na tese de que as identidades nacionais não são homogêneas, mas constituem-se a partir de outras culturas, sendo, portanto, híbridas, Bhabha (1998), pautado em um discurso que se baseia em discussões pós-coloniais, fala da constituição de sujeitos culturais híbridos, bem como demonstra que pensar a cultura significa pensar além da oposição sujeito/cultura.

Os textos de Bhabha são bastante discutidos quando o assunto é cultura, principalmente porque sua abordagem é repleta de neologismos, como “entre-lugares”, “entre-tempos” etc. Ademais, ele se baseia na articulação social da diferença, do ponto de vista das minorias, o que, segundo ele, é “uma negociação, em

andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (BHABHA, 1998, p. 21).

Bhabha não se preocupa em definir cultura, mas em abordá-la por meio de um sujeito que é descentrado, híbrido, numa época marcada pelo pós-colonialismo que cria um sujeito marcado pela cultura, a qual, como afirma Hall (1992), é permeada de estratégias discursivas nas quais surgem relações de poder, de dominação.

Nessas reflexões, o autor discute as relações de classe e gênero e coloca a cultura numa posição crucial, explicitando a noção de que a diferença não deve ser discutida como reflexo de traços étnicos e culturais pré-estabelecidos na busca pelo reconhecimento. Do mesmo modo, é possível afirmar que é a diferença cultural o ponto crucial da discussão de Bhabha e isso leva a uma ruptura que possibilita a compreensão da contemporaneidade ao mesmo tempo que leva à criação do que ele chama de espaço híbrido. Com isso, é possível afirmar que falar de cultura na obra de Bhabha é ultrapassar os limites da constituição sujeito/cultura, uma vez que o que ele aponta como diferença é reflexo de traços culturais.

Ainda nessa perspectiva de culturas nacionais, Bosi (1992), importante teórico da literatura brasileira, na mesma linha de Bhabha, afirma que “não há uma cultura homogênea matriz de nossos comportamentos e discursos”. O autor discute a concepção de cultura nacional, referindo-se à cultura brasileira, e afirma que a nossa cultura já teve uma aparente coerência, uma unidade, o que leva alguns a crerem em uma identidade nacional. Admitir essa pluralidade é, para Bosi, um aspecto decisivo para compreender a cultura nacional como um “efeito de sentido”, o qual é resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço (BOSI, 1992).

Ao apresentar as oposições existentes entre a cultura de massa e a cultura erudita, o autor explicita essa pluralidade da qual fala, pois elas são formadas pela união de culturas diversas em estágios e formas distintas. Uma vez que foram formadas há tempos, elas trazem, em sua origem, culturas que se juntam com aquelas mais recentes, de forma contínua.

Bosi critica o caráter industrial da cultura, que cede aos modelos impostos pelo ritmo do consumo, pois, segundo ele, a montagem dos bens simbólicos em ritmo industrial nos fornece um modelo de *tempo cultural acelerado* (BOSI, 1992, p. 9, grifo do autor). Para o estudioso, é nisso que reside o “caráter descartável que o signo adquire dentro do regime industrial avançado” (BOSI, 1992, p. 10).

Frente a essas discussões, o autor ressalta a bifurcação da cultura em iletrada e erudita, esta última conquistada pela escolaridade. Essas duas formas são, para ele, rodeadas e permeadas pelos meios de comunicação de massa, guardando certa capacidade de resistência intencional ou não, o que pressupõe diferença. Não obstante, ressalta que nem uma nem outra constrói-se a partir de um regime de produção em série. Nisso, é possível apontar que a cultura popular é marcada por um caráter cíclico e por um enraizamento. No primeiro, há a fundamentação no retorno de situações e atos da memória de grupo, atribuindo-lhe valor. No segundo, ressalta que sempre que uma inovação penetra a cultura popular, ela se transforma em uma segunda natureza.

É importante enfatizar, todavia, que o autor esclarece que o que as pessoas chamam de cultura, por excelência, é aquela marcada pela erudição, que é tida como “cultura superior”, portadora de uma liberdade que as linguagens regionais não alcançam, exceto quando é interpretada pelas ciências humanas. Ao concluir, ele afirma que o que singulariza a cultura “superior” é a possibilidade que ela tem de avaliar a si mesma, que é sua autoconsciência. Tudo isso marca a pluralidade da cultura brasileira, que, ainda segundo ele, é plural, mas não caótica.

As abordagens de cultura aqui expostas são importantes para a perspectiva adotada nesta pesquisa, que direciona cultura e discurso num mesmo horizonte de expectativa. O que pudemos perceber até aqui é que a cultura é uma forma de discurso, portadora de efeitos de sentido que são representados por meio da linguagem.

Com base nessas reflexões, vemos que a cultura, de um modo geral, é representada por meio da língua no tempo que também pode influenciá-la. Sendo assim, ao compartilhar experiências, formas diversas de conhecimento, o sujeito estabelece conexão entre a linguagem e a cultura, que são, pois, indissociáveis.

No tópico a seguir, explanamos algumas concepções da Análise do Discurso (AD), especialmente aqueles que serão base para a análise das lexias selecionadas.

## **2.4 A Análise do Discurso: o discurso materializado no léxico**

Por analisarmos os efeitos de sentido que emergem dos discursos em que as lexias selecionadas estão inseridas, julgamos importante refletir acerca dos postulados de Pêcheux e de outros teóricos no que diz respeito às condições de



produção, às formações discursivas, às formações ideológicas, ao interdiscurso e aos efeitos de sentido.

Salientamos que a lexis assume grande relevância na relação entre as situações concretas e as representações discursivas, visto que o discurso é o lugar onde se produzem ideologias e sentidos. Essa produção de sentidos é sempre atravessada por outros sentidos que se manifestam na interação do nível lexical, cultural e discursivo, o que se torna uma conexão possível.

Entendida como uma disciplina de interpretação e de entremeio, uma vez que focaliza a relação entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva, a Análise do Discurso de linha francesa <sup>6</sup>, doravante AD, tem como fundador o filósofo Michel Pêcheux, que, em 1969, discutia a possibilidade de uma Análise Automática do Discurso (AAD).

A AD surgiu num momento em que a linguística se estabelecia enquanto ciência e as proposições teóricas de Ferdinand Saussure começavam a se fixar e influenciar outras áreas das ciências humanas. Fixando suas bases no Estruturalismo, no Marxismo e na Psicanálise, a AD, ainda nessa mesma década, quando se sobressaíam o estruturalismo e a linguística, é promovida à ciência triunfante, com os escritos de Pêcheux (MALDIDIER, 1997, p. 17).

Esse progresso da Linguística, ao lado da mudança de perspectiva de “leitura” por parte dos intelectuais, constitui duas rupturas que estão no cerne do surgimento dessa teoria. Dessa maneira, ressaltamos que, partilhando evidências da luta de classes, as teorias de Pêcheux têm como fundo o crescimento da linguística enquanto ciência, o que desempenha um papel decisivo nesse momento.

Maldidier (1997) aponta o surgimento da AD sob uma dupla questão, simbolizada, no campo francês de pesquisa, pelos nomes de Jean Dubois, um linguística e lexicólogo envolvido com as pesquisas linguísticas de sua época, e Michel

---

<sup>6</sup> Pelo menos mais duas abordagens da Análise do Discurso merecem destaque: a de linha inglesa, ou Anglo-saxônica, e a Americana, chamada de Análise Crítica do Discurso. A Análise do Discurso Anglo-Saxônica é baseada na AD de linha francesa e privilegia sobretudo a oralidade, a sociologia de matriz interacionista e os estudos etnometológicos. A análise Crítica do Discurso é baseada nos estudos anglo-saxões sobre discurso na década de 70 – Linguística Crítica – principalmente a Linguística Sistêmico-funcional de Halliday. Essa vertente tem em Fairclough seu principal representante. Conceitos-chave como os de discurso, texto, prática discursiva, ordens do discurso, prática social, ideologia e hegemonia são reafirmados como essenciais aos estudos críticos da linguagem. O discurso é visto como o uso da linguagem, como forma de prática social, implicando em modo de ação e modo de representação. (MAGALHÃES, 2001, p.16)

Pêcheux, um filósofo cujas discussões giravam em torno do marxismo, da psicanálise e da epistemologia. Independentemente um do outro, entre os anos de 1968 e 1970, eles elaboram o que vai se chamar de Análise do Discurso. Vista dessa forma, a AD constitui-se em um processo de desconstrução, construção e compreensão do discurso, cujo objeto, o discurso, é entendido por Pêcheux (1969, p. 82) como “efeito de sentido entre interlocutores”.

Posto isso, embora o estudo do léxico por um viés discursivo não se constitua em uma inovação, torna-se relevante pelo fato de permitir a verificação das lexias em diversas formações discursivas, uma vez que, conforme assegura Pêcheux (2011, p. 150), “a análise lexical, a sintática e a enunciativa estão em interação com o nível de análise discursiva”, o que viabiliza uma melhor compreensão dos efeitos de sentido produzidos. Sobressaem-se, nesse caso, o uso da linguagem em contextos específicos, os quais possibilitam a percepção de como as questões culturais podem aparecer no texto escrito, percebendo o discurso como palavra em movimento, prática de linguagem, por meio da qual é possível observar o homem falando (ORLANDI, 2001).

Constituem-se aspectos importantes a serem investigados as condições de produção, as formações discursivas e o interdiscurso pelo fato de que não é possível compreender os efeitos de sentido produzidos unicamente pela superfície textual, pois, para traçar um caminho de análise, é primordial, primeiramente, estabelecer um percurso teórico que auxilie na definição das escolhas que o analista pode fazer na interpretação de seu objeto. Tais fatos devem levar em conta que o discurso é sempre construído a partir de hipóteses histórico-sociais, visto que é no entrelaçar da língua e da história que o discurso se estabelece, interessando o modo como o texto organiza a sua discursividade muito mais do que a organização textual.

Pêcheux dedica especial atenção à posição da palavra, que é compreendida como materialidade, portadora de sentidos delimitados pela posição dos sujeitos. Sobre isso, aponta ele:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas [...]. Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as

posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem” (PECHEUX, 1995, p. 160).

Ao referir-se ao sentido dessas unidades, Pêcheux põe em pauta as formações discursivas, uma vez que é no interior destas, também, inscritas em uma formação ideológica dada, que elas adquirem sentido, o qual é voltado para a exterioridade e ligado à posição que os sujeitos ocupam em determinada formação discursiva. É a partir dessa noção que Pêcheux afirma que uma mesma palavra muda de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra, da mesma forma que, dentro de uma mesma formação discursiva, aquelas diferentes podem ter o mesmo sentido (PÊCHEUX, 1975). Essa variação de sentido ocorre pela heterogeneidade da linguagem e pelo caráter polissêmico que é próprio da natureza da unidade léxica. Tudo isso é determinado pela posição que os sujeitos ocupam.

Como podemos notar, o conceito de formação discursiva é importante para a AD e é apresentado pelo teórico da seguinte forma:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PECHEUX, 1995, p. 160, grifo do autor).

As formações discursivas determinam o dizer, o que pode ou não ser dito, por isso, os efeitos de sentido dependem dessas formações que influenciam o sujeito em seu discurso. Pêcheux entende que as formações discursivas se desenvolvem em espaços ideológico-discursivos, em função das relações de dominação, subordinação e contradição em que se encontram. Dessa maneira é que, na materialidade do discurso e do sentido, o teórico diz que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos de seu discurso pelas formações discursivas, as quais representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhe correspondem (PÊCHEUX, 1995).

Outra questão importante reside no fato de que, para o teórico, o sentido existe em relação metafórica, de transferência, por não estar ligado à literalidade da palavra, mas se estabelece nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório e, assim, o interdiscurso, outra noção importante para a AD, é também subordinado à

lei de desigualdade-contradição-subordinação. (PÊCHEUX, 1995). O autor salienta, ainda, que:

[...] o propósito de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva, como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (ça parole) sempre antes em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1975, p. 162)

Com base na proposição de Pêcheux, é possível evidenciar que um discurso não tem origem no próprio sujeito, no momento do discurso, mas sempre já foi dito em outro lugar, de um outro modo. Além disso, na AD, a questão repousa na compreensão de como os discursos produzem sentido, mas não há a preocupação de se criar uma fórmula única de interpretação, uma vez que por seu trabalho com a ideologia, a linguagem é vista como produção social, na qual o sujeito é constituído historicamente. Pêcheux afirma, ainda, que o sentido de uma sequência somente pode ser concebido materialmente na medida em que ela for inscrita em determinada formação discursiva (PÊCHEUX, 1990).

Não devemos deixar de lado a intrínseca relação da formação discursiva com o interdiscurso, pois é ele que dá possibilidade de existência ao dizer dentro dessas formações discursivas. Esse termo é o que Pêcheux (1975, p. 162) chama de: “todo complexo com dominante”.

Para o teórico, o discurso é constituído a partir do interdiscurso, “como corpo de traços que formam a memória”, na qual todo discurso produz sentidos (PÊCHEUX, 2015, p. 147). Com tal acepção, é possível afirmar que é a memória do dizer que atravessa a relação que há entre a língua e o objeto, visto que é essa memória que determina o discurso do sujeito que é interpelado pela ideologia e não tem, portanto, liberdade sobre seu próprio discurso.

É importante assinalar, ainda, que a linguagem é considerada opaca na medida em que se trabalham os processos de produção dos sentidos. Com base em determinações histórico-sociais, as condições de produção são uma noção importante para a AD, como fator primordial do processo de interpretação, cuja preocupação se baseia na desconstrução e compreensão do discurso que constitui seu objeto.

Não podemos afirmar que o sujeito é a fonte do dizer, pois todo discurso é produzido em condições de produção dadas (PÊCHEUX, 1990, p. 77). Estas são entendidas por Pêcheux como “as determinações que caracterizam um processo discursivo” (PÊCHEUX, 1990, p. 182). Das condições de produção fazem parte as condições sócio-históricas e a ideologia e estão relacionadas às formações discursivas, no que diz respeito ao campo teórico.

As condições de produção têm ligação com o que Pêcheux denomina de esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2, no centro dos quais estão as duas ilusões do sujeito. Pêcheux denomina o esquecimento nº 1, como aquele no qual o sujeito tem a ilusão de ser a fonte do dizer. Nas palavras do teórico: “[...] é esse esquecimento que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, encontrar-se no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995, p. 173). Já o esquecimento nº 2 ocorre no nível do enunciado, pelo fato de o sujeito selecionar uma forma de dizer e não outra. Como afirma o próprio Pêcheux,

concordamos em chamar *o esquecimento nº 2* ao esquecimento pelo qual todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase *um enunciado, forma ou sequência, e não outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.* (PÊCHEUX, 1993, p. 173, grifo do autor)

Como vemos, os dois esquecimentos estão no processo realizado nas condições de produção do discurso, visto que é a partir destas e no interior da formação discursiva, à qual está filiado o sujeito, que os discursos são produzidos.

Complementando as posições de Pêcheux, Orlandi (2001) apresenta algumas questões que devemos salientar. A autora fala a respeito do léxico que, para ela, não é uma simples lista de morfemas, mas “um conjunto estruturado de elementos sobre a sintaxe” (ORLANDI, 2001, p. 30). Na AD, é possível observar unidades léxicas, frases e períodos, sem que essas unidades percam sua especificidade de nível lexical, morfológico, sintático e semântico, mas a interpretação incidirá sobre aspectos discursivos dessas unidades. Ela afirma ainda que a AD introduz, nas reflexões sobre a linguagem, o sujeito e a história, tomados pela ideologia. A história se insere, portanto, na língua para produzir sentido. (ORLANDI 1997, p. 89).

Segundo Orlandi (2001, p. 15-16), a “Análise do Discurso não trabalha a língua como um sistema abstrato, mas com a língua no mundo”, concebida como a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, situando a produção de sentidos entre os interlocutores e o meio histórico e social em que vivem. Nessas circunstâncias, preocupa-se com o sujeito na sua historicidade, importando as condições de produção da linguagem, a relação que se estabelece entre a língua e os sujeitos que a falam, bem como as situações em que se produz o dizer (ORLANDI, 2001). Dessa forma, para encontrar as regularidades da língua em sua produção, devemos relacioná-la a sua exterioridade.

A autora afirma, ainda, assim como Pêcheux (1997), que, na AD, procura-se compreender a língua não só como estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento. Reunindo esses dois tópicos, a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Em face disso, torna-se relevante o fato de que a linguagem só é linguagem porque faz sentido, e só faz sentido porque se inscreve na história. Logo, em seus dispositivos de análise, os teóricos da AD não buscam somente o que está presente na superfície textual, mas se interessam por elementos externos ao texto, dentre os quais têm destaque a ideologia, as condições de produção e as formações discursivas.

Verificamos, com isso, que nos enunciados, sejam eles quais forem, é possível observar que

suas diferentes filiações de sentidos, remetendo-as a memórias e a circunstâncias que mostram que os sentidos não estão nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só da intenção do sujeito. (ORLANDI, 1997, p.30).

Assim, a depender de como os sujeitos são afetados pela língua e pela história, os gestos de interpretação produzem determinados efeitos de sentido. Isso leva à afirmação de que o discurso opera a ligação entre o nível linguístico e o extralinguístico. Por esse motivo, compreendemos que a linguagem como discurso não é somente uma reunião de signos que servem como suporte ao pensamento. A linguagem como discurso é um modo de produção social.

A linguagem não é neutra, inocente e nem natural, mas constitui-se enquanto o lugar privilegiado de manifestação da ideologia, é, portanto, o lugar do conflito, do

confronto, não podendo ser estudada fora da sociedade (BRANDÃO, 2004). Isso nos leva a ressaltar o fato de, no estudo da linguagem, as condições de produção se constituírem enquanto instâncias verbais da produção do discurso, determinadas pelo contexto sócio-histórico-ideológico, pelos interlocutores, pelo lugar de onde falam e pela imagem que fazem de si, do outro e do referente. Em outras palavras, podemos afirmar que essas condições incluem os sujeitos, a situação e também o interdiscurso, muitas vezes, sendo confundidas com o contexto imediato. Todavia, é mais adequado considerá-las como o contexto sócio-histórico e ideológico.

É possível destacar, dessa forma, que é na distinção entre língua e processos discursivos que se chega ao entendimento de que os efeitos de sentido são produzidos com base na materialidade da língua, que é relativamente autônoma. Esse aspecto leva a uma instabilidade, tendo em vista que todo discurso concreto é determinado, primeiramente, pelas formações ideológicas, que remetem os discursos a formações discursivas definidas e, depois, pela relativa autonomia da língua.

Destarte, o léxico numa perspectiva discursiva e lexicocultural envolve uma dimensão mais abrangente, tendo em vista que é possível verificarmos como se dão as relações de poder por meio da escolha lexical e como essas escolhas influenciam o discurso, o que leva à compreensão de como significam e como produzem sentidos.

Com base nisso, compreendemos que é o conhecimento do léxico no texto que tem a possibilidade de oferecer bases sólidas e contribuir para a construção de seu sentido, pois este é desconstruído lexicalmente, sendo reconstruído enquanto elemento fundamental de sua organização, a partir das inter-relações e das funções desse elemento nas formações discursivas.

Além disso, como a estrutura lexical se articula com a cultural e discursiva, o estudo das lexias pensado dessa maneira aponta para uma visão em que se dá atenção aos aspectos linguísticos, numa perspectiva léxico-discursivo-cultural, uma vez que a escolha das lexias não se faz aleatoriamente, da mesma forma que o seu arcabouço teórico aponta para o extralinguístico.

De modo a sintetizar os conceitos aqui apresentados, elaboramos um quadro, em que apontamos aqueles que se mostraram mais relevantes sobre os quais se ancora nossa pesquisa, a saber: a concepção de língua, léxico, cultura e discurso de acordo com as teorias utilizadas. Vejamos:

Quadro 1 - Conceitos fundamentais

Teoria	Conceitos			
	Língua	Léxico	Cultura	Discurso
Lexicologia	Patrimônio social, preexistente aos indivíduos; sujeita a fatores extralinguísticos, como a herança social, a cultura e a estrutura da sociedade. (BIDERMAN, 2001)	Tesouro vocabular de uma língua; resultado da experiência da sociedade e acervo de sua cultura. (BIDERMAN, 2001)	Aspecto extralinguístico capaz de influenciar a língua. (BARBOSA, 2009)	Concebido como o que é do domínio social, uma unidade de sentido do continuum comunicativo. (TURAZZA, 2005)
Lexicultura	Não transparente; heterogênea; reflexo de identidade cultural, pois confunde-se com a cultura de seus usuários; portadora de implícitos culturais; depósito de cultura. (BARBOSA, 2009)	É um depósito do pluralismo linguístico e cultural de um povo e constitui-se como o elo que facilita as inter-relações entre língua e cultura. (BARBOSA, 2009)	Valor acrescentado ao sentido da unidade léxica e compartilhado entre os membros de uma comunidade de falantes (GALISSON, 1987).	Espaço comunicativo, no qual se integram as relações entre o léxico e a cultura. (BARBOSA, 2009)
Análise do Discurso (AD)	Entendida como a materialidade do discurso; marcada pela incompletude; constituída pela fala e pelo sujeito e entrelaçada pela exterioridade. (PÊCHEUX, 1969)	Um conjunto estruturado de elementos articulados sobre a sintaxe. (PÊCHEUX, 1969)	Funciona como identificação do sujeito.	Efeito de sentido entre interlocutores. (PÊCHEUX, 1969); Acontecimento. (PÊCHEUX, 1990)

Fonte: elaborado pela autora

Esses conceitos são pontos relevantes desta pesquisa, pois, mesmo distintas e com objetos de estudo diferenciados, as teorias se relacionam por contemplarem aspectos linguísticos que se complementam, o que pode ser comprovado por meio das propostas apresentadas, que envolvem os três eixos teóricos supramencionados, nos quais se relacionam questões lexicais, lexiculturais e discursivas.



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DE ANÁLISE

Uma vez delimitado o arcabouço teórico que embasa a pesquisa, nesta seção, pormenorizamos a metodologia utilizada nas tarefas de preparação do *corpus*, seleção, organização e os critérios que foram utilizados na análise das lexias. O capítulo está dividido em quatro seções: 3.1 Constituição do corpus, 3.2 Percurso metodológico, 3.3 Procedimentos de análise e 3.4 Descrição do corpus, as quais são dispostas a seguir.

#### 3.1 Constituição do *corpus*

Nosso *corpus* é composto por narrativas escritas no período de 1964 a 1998, conforme quadro a seguir:

Quadro 2 - Descrição das obras

Obra	Autor	Editora	Ano de publicação	Formato	Número páginas
<i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i>	José Inácio Filho	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	1964	14x18,5	130
<i>Capiango</i>	José Inácio Filho	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	1968	14x18,5	102
<i>O empate</i>	Florentina Esteves	Oficina do Livro	1993	14x20,5	84
<i>Direito e avesso</i>	Florentina Esteves	Oficina do Livro	1998	14x20,5	93

Fonte: elaborado pela autora

O *corpus*, a princípio, não estava no formato adequado para ser processado pelo *software AntConc*, o qual utilizamos, pois os livros são publicados em papel e não havia arquivo digitalizado. Isso requereu que todos os textos recebessem tratamento para tal, o que foi realizado de acordo com as seguintes etapas:

- a) digitalização dos arquivos;
- b) conversão para o formato *Word* por meio do OCR, que é a sigla referente a *Optical Character Recognition*, que pode ser traduzido para o português como Reconhecimento Ótico de Caracteres;
- c) revisão do material;
- d) conversão ao formato *txt*. que permite trabalhar com o material nas ferramentas de processamento de textos.

Para seleção do *corpus*, foi necessário estipular etapas para a extração dos dados nas obras literárias analisadas. Trabalhamos com a primeira edição de cada obra, visto que a maioria delas apresenta uma única edição, com exceção de *O empate*, de Florentina Esteves, que teve uma segunda.

### 3.2 Descrição do *corpus*

Com base nos critérios supramencionados, selecionamos quatro obras literárias e delas coletamos as lexias para análise. Escolhemos essas obras por retratarem um período marcante da história da região amazônica, especificamente, do Acre, pois revelam, em sua totalidade, o período de extração da borracha, que foi relevante para a economia local e teve papel fundamental no processo de povoamento da região. Apresentamos, a seguir, cada uma das obras e seus autores:

*Fatos, cultos e lendas do Acre* foi publicado em 1964. É um livro de contos de autoria de José Inácio Filho, um escritor acreano, cuja produção literária é voltada para o contexto do período da borracha, especialmente o período em que ela entrou em declínio.

O autor é reconhecido por representar, em seus escritos, a fala do homem acreano, com a utilização de lexias e expressões típicas. Seu primeiro livro foi *Fatos, cultos e lendas do Acre*, publicado em 1964. O livro segue a tendência de outras obras e foi publicado fora do estado, no Rio de Janeiro. A obra contém 130 páginas e é composta por 27 contos que retratam o folclore local, tais como lendas e animais reconhecidos por seu caráter supersticioso. Os personagens representam elementos da fauna e da flora acreana.

Os contos dessa obra são os seguintes: *O Cipó Oasque*, *A Cobra Encantada*, *O Caipora*, *O Quandu*, *O Anum*, *O Caboré*, *Espécie de ave noturna de canto triste*, *O Papagaio de Sinhá Pupunha*, *O Gogó-de-sola*, *A Alma do Bom Sucesso*, *O Mapinguari*, *Gatos e urubus não devem matar-se, seu moço!*, *Seu Murucucu e a Porca-assassina*, *O Papagaio de Felismino*, *A Peneira de Dona Embaúba*, *A cumbuca de seu Jataí*, *A Rasga-mortalha*, *Dia de São Bartolomeu*, *A Jibóia*, *O Sapo Encantado*, *Serrar-a-porta*, *Acoã*, *A Noba e Catitoba*, *Oferta de caça a mulheres grávidas*, *A Cruz Milagrosa*, *O Boto* e *O canto dos Urús*.

Todos esses contos relacionam-se à vida nos seringais no período de consolidação das primeiras cidades acreanas. As narrativas são curtas e escritas com

uma linguagem simples repleta de um vocabulário peculiar, que é esclarecido em notas explicativas que contêm o significado das unidades lexicais que o autor rotula como locais e que, para ele, podem ser desconhecidas dos leitores. Os enredos dos contos compõem o “Anexo 2” deste trabalho.

O Romance *Capiongo*, também de autoria de Inácio Filho, foi publicado em 1968. É uma narrativa curta, de 102 páginas. Nele são narradas as aventuras, ou desventuras, de Capiongo. O romance é de caráter mais intimista e retrata a história do personagem que dá nome à obra.

A narrativa tem o seguinte enredo: Capiongo é o único filho de Guarabira, que morreu de parto, e Timbaúba, um experiente seringueiro respeitado por todos. Após a morte da esposa, Timba, como era chamado, casa-se com dona Bebé das Brecas, que morava com ele desde a morte de Guarabira. Capiongo, do mesmo modo que o pai, tem uma vida sem muitas expectativas e está fadado a uma existência na selva. Após a morte do pai e da mãe adotiva, sua vida se torna mais difícil. Ele se casa, mas as tragédias não deixam de rondá-lo, pois a esposa e o filho são devorados por uma onça, o que era muito comum nos tempos dos seringais. Ao final da narrativa, ele se atira nas águas do rio e morre afogado.

Florentina Esteves se destacou como escritora após a publicação de seu livro de contos *Enredos da Memória*, no ano de 1990, sua primeira obra literária. Suas obras chamam a atenção por retratarem diversos episódios da vida do povo acreano, em especial os que mostram o seu passado de uma forma bem realista, o que torna seus escritos verdadeiros relatos da vida cotidiana desse homem em determinados períodos de tempo.

O seu pequeno romance, *O Empate*, foi publicado em 1993, pela editora carioca Oficina do Livro. O enredo é contextualizado entre o período decadente da borracha e a ascensão da pecuária, que foi marcada pela chegada dos “paulistas”, cujo objetivo, conforme retratado na obra, era desmatar a floresta para fazer pastos. Refere-se ao tempo em que os últimos seringueiros e líderes sindicais reconhecidos, como Chico Mendes, realizavam os movimentos em defesa da terra, denominados “Empates”.

A história narrada se passa na década de 1970 e retrata a vida de Severino Sobral, seringueiro viúvo, e de Firmino, seu filho mais novo. Na infância, este era um menino frágil e doente, porém, ao crescer, deixa o seringal e vai estudar em Xapuri, interior do Acre, na companhia de Seu Osmarino, presidente do sindicato, que é

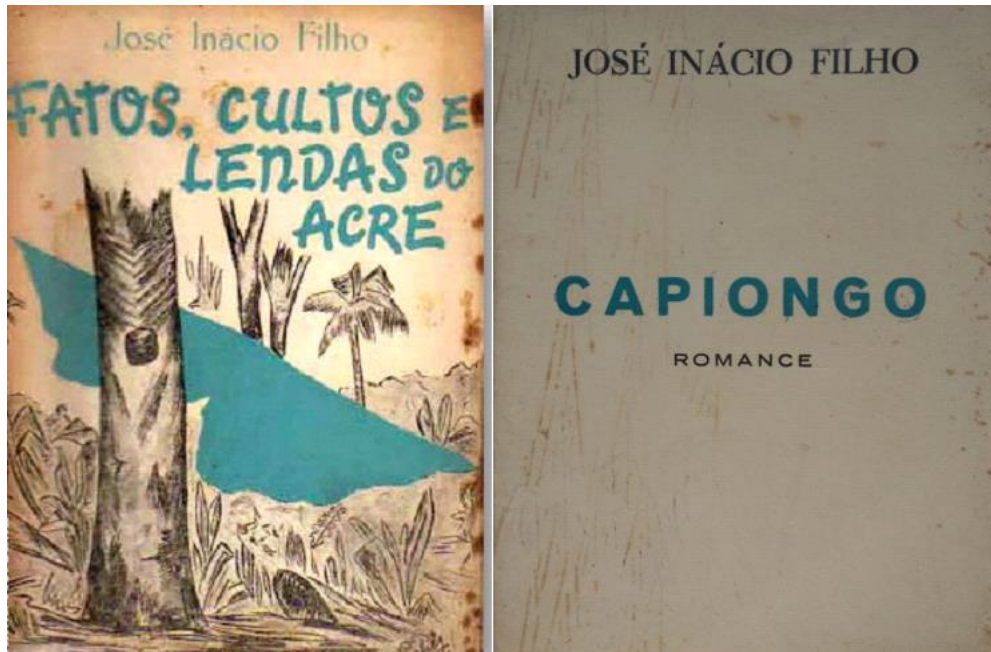
assassinado por pistoleiros. Concluindo seus estudos e após a morte de Seu Osmarino, Firmino filia-se ao sindicato e passa a lutar pelas terras dos seringueiros, organizando os “Empates”. O desfecho é marcado pelo relato de um grande “Empate”, liderado por Firmino, em defesa do seringal onde vivia o pai.

Outro livro de Florentina Esteves é *Direito e avesso*, que foi publicado em 1998 também pela editora Oficina do Livro. É um livro de contos composto por 32 narrativas curtas, narradas em terceira pessoa e com uma linguagem simples como é característica da autora. As narrativas giram em torno do relato da vida de pessoas simples que habitavam o Acre no período da extração da borracha e da consolidação das regiões urbanas do estado. Elas retratam as vidas de personagens que, embora fictícios, são reflexos dos tipos que habitavam o Acre desde os tempos dos seringais até o início das cidades, ainda pouco povoadas.

Os contos dessa obra são os seguintes: *Espelho meu, A coragem de Pedro, De meia, O pensamento, O aviso, Mapinguari, A festa de domingo, A volta da chatinha, Alagação, Balseiro, O cedro, A onça, Cheiro de mata, Uma história, Caçada, Sebastiana, de toda confiança, Na rede, Camaleão ovado, Querosene, No tempo da Tentamen, O sorvete, História à antiga, O batizado, A professora de piano, Poema de amor, Salomão, Cícero, Lindolpho, Romário, Simplício, Naquela noite e Com o suor do meu rosto*. Do mesmo modo que os contos da obra *Fatos, cultos e lendas do Acre*, os contos de *Direito e avesso* também são apresentados nos anexos.

Como se tratam de obras raras ou que foram publicadas há muito tempo, consideramos conveniente apresentar as capas correspondentes a cada uma delas. Dispomos primeiramente as obras de José Inácio Filho: *Fatos, cultos e lendas do Acre* (1964) e *Capiongo* (1968):

Figura 1 - Obras de José Inácio Filho



Fonte: acervo da autora

A seguir, são apresentadas as capas das duas obras de Florentina Esteves, *O empate* (1993) e *Direito e Avesso* (1998):

Figura 2- Obras de Florentina Esteves



Fonte: Acervo da autora

Na seção seguinte, analisamos as lexias inseridas nos excertos enunciativos em que ocorrem, com base nas informações dispostas nas fichas de análise. Realizamos a análise lexicultural e discursiva dos excertos enunciativos destacados e explicitamos os resultados a que chegamos com essa tarefa, expondo os dados quantitativos, tais como as lexias que ocorrem uma única vez no *corpus*, a representatividade nos campos lexicais definidos, as que representam o falar acreano, as que representam idiossincrasias dos autores e as lexias que são culturalmente marcadas.

### 3.3 Percorso metodológico

Para melhor compreensão do percurso metodológico desta pesquisa, descrevemos o *software* utilizado e apontamos alguns passos que foram necessários para a análise. O uso do computador na investigação da linguagem foi um importante recurso para a compilação das lexias típicas da fala do homem acreano presentes nas obras, possibilitando, ainda, a comparação com um *corpus* de referência, por meio do qual foi possível verificar as lexias que se constituem enquanto objeto de análise.

O processamento dos textos foi realizado com o suporte do programa *AntConc*, criado por Anthony<sup>7</sup> (2014), de distribuição gratuita. O *software* é uma importante ferramenta na Linguística de *Corpus*, cujos conceitos auxiliaram na elaboração da metodologia, o que permitiu visualizar novos fenômenos da linguagem, pois traz uma modificação na maneira de se ver a língua e seus estudos, bem como seus componentes lexicais e a temática desenvolvida em cada um dos romances analisados.

O *AntConc* é composto por várias ferramentas cada uma com sua funcionalidade, as quais dispomos a seguir:

- a) *Concordance*: expõe o termo pesquisado e as linhas de concordância.
- b) *Concordance plot*: mostra os resultados em código de barras, permitindo identificar sua localização no texto, direcionando à ferramenta *File View* ao se clicar sobre ele.
- c) *File View*: mostra o texto que forma o *corpus* individualmente.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software.html>. Acesso em: 10 nov. 2015.

- d) *Cluster N-Grams*: faz buscas de *clusters*, isto é, o termo pesquisado em combinação com duas ou mais unidades léxicas que ocorrem em determinada frequência, elaborando um *N-Grama* (combinações de duas dessas unidades, em determinada frequência, com todas as que ocorrem no *corpus*).
- e) *Collocates*: mostra os colocados de um termo pesquisado e permite investigar padrões não sequenciais.
- f) *Word list*: gera uma lista com todas as unidades léxicas do *corpus* dispostas por ordem de frequência, informando também o número de *tokens* (total de itens lexicais) e *type* (número dos diferentes itens lexicais gerados).<sup>8</sup>
- g) *Key Words*: compara o *corpus* de estudo com um *corpus* de referência e gera uma lista de palavras-chave.

Dada a natureza da pesquisa e os objetivos propostos, utilizamos as ferramentas *Collocates*, *File View* e *Word List*, a fim de gerar a lista para seleção das lexias a serem analisadas e verificar os contextos em que ocorrem no *corpus*.

Selecionadas as obras, iniciamos o trabalho de digitalização, o que foi realizado no formato PDF, devido ao padrão dos equipamentos que utilizamos. Após isso, convertemos esses documentos ao formato *word* e os revisamos para garantir a ortografia e concordância adequadas para que não houvesse prejuízos ao padrão do original. Ao final, salvamos o arquivo em formato *txt*.

Todo esse processo foi necessário pelo fato de utilizarmos um programa de computador para a extração das unidades lexicais para análise que realiza leitura unicamente de documentos no formato *txt*. Optamos pelo *software* para evitar equívocos e facilitar a leitura das lexias, tendo em vista que, por meio dele, foi possível gerar uma lista com todas as unidades lexicais das obras, além de ele oferecer outros recursos que permitiram a verificação dos contextos de ocorrência.

Após o processamento do *corpus* de análise, obtivemos 103.099 *tokens* e 12.745 *types* com a *wordlist* das quatro obras. Da lista obtida, verificamos que as primeiras, como era de se esperar, eram palavras gramaticais. Todavia, não procuramos as mais frequentes, tendo em vista que, muitas vezes, podemos nos deparar com *hapax legomena*, conforme descrevemos em 2.1.3, que certamente

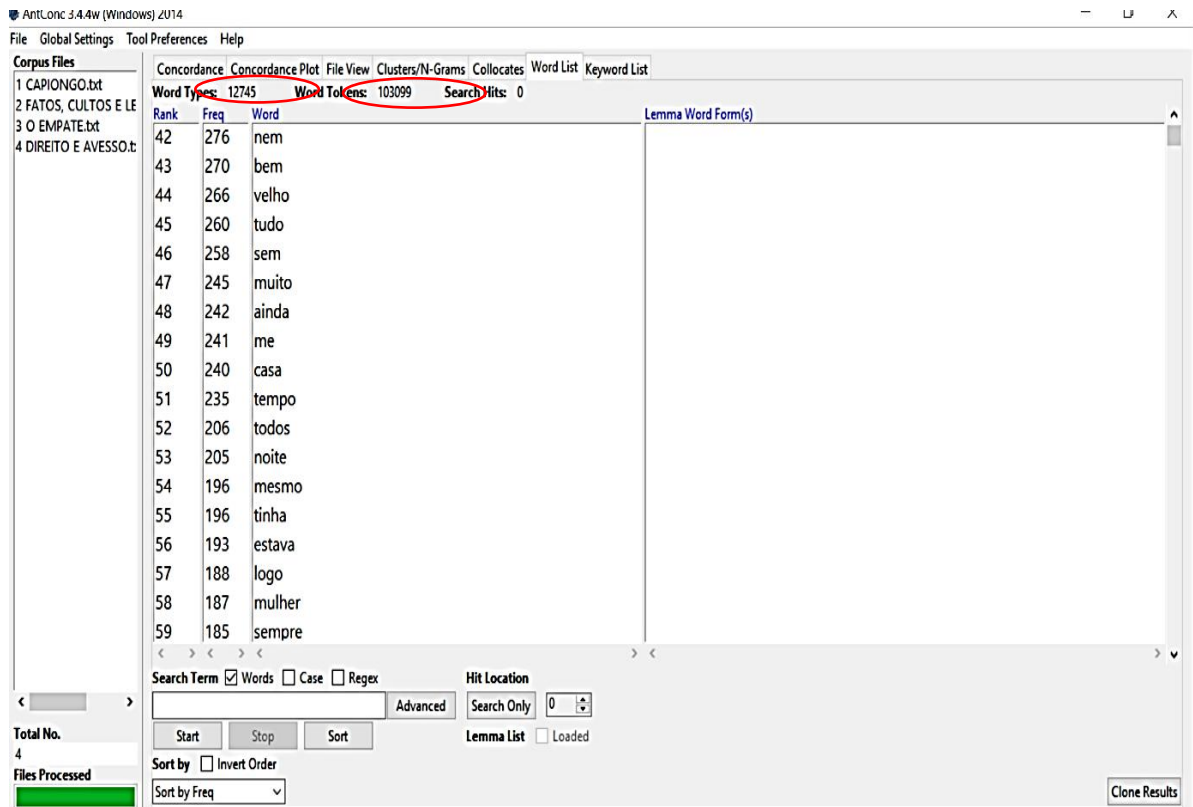
---

<sup>8</sup> De acordo com Biderman (2001a, p.167), “na língua inglesa os estatísticos do léxico costumam opor o *token* (ocorrência no texto) ao *type* (lexema referido pela ocorrência formal).”

podem trazer informações culturais muito relevantes para uma análise lexicultural e discursiva.

Na imagem a seguir, apresentamos a interface do programa utilizado, com os resultados que obtivemos do processamento do *corpus*:

Figura 3- Interface do *software AntConc*



Fonte: *Print Screen* da tela do *AntConc*

A partir da lista que foi gerada pelo programa, iniciamos o trabalho de seleção das lexias que poderiam compor o *corpus* de análise. Na primeira seleção, demarcamos aquelas que poderiam figurar como regionais, o que resultou em uma lista de 322 lexias das quatro obras. Esse procedimento foi realizado de modo semiautomático, uma vez que o *software* gerou a lista, mas a seleção foi feita manualmente pela leitura das lexias da lista. Com isso, selecionamos aquelas possíveis candidatas à análise.

Após essa primeira seleção, consultamos as obras lexicográficas que serviram de *corpus* de exclusão, a saber:

*Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2009, versão eletrônica),



*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS E VILLAR, 2009, versão eletrônica) e

*Dicionário Aulete*, que está disponível *on-line*<sup>9</sup>.

Os resultados dessa seleção são mostrados no quadro a seguir:

Quadro 3 - Quantidade de lexias selecionadas por obra

Obras	Total de lexias
<i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i>	39
<i>Capiongo</i>	24
<i>O empate</i>	19
<i>Direito e avesso</i>	10
<b>Total</b>	92

Fonte: elaborado pela autora

Ao todo, observamos no quadro 92 lexias, mas devemos esclarecer que isso se deve ao fato de que treze delas (“bacurim”, “chuva macho”, “breu-da-noite”, “casa de farinha”, “oco-do-mundo”, “cocal”, “peia”, “péla de borracha”, “gogó-de-sola”, “oasque”, “pernas de estradas”, “pupuaçuzeiro” e “ramachim”) se repetem em duas obras. Já “cortar seringa” e “soldado da borracha” ocorrem em três obras, o que resulta, ao final, em 75 lexias exclusivas. Esses acontecimentos devem-se ao fato de utilizarmos recursos que não nos permitem contar a quantidade de lexias sem as repetições. Como é possível verificar, foi selecionada uma maior quantidade de lexias da obra *Fatos, cultos e lendas do Acre*, depois *Capiongo*, seguidas das obras de Florentina Esteves, das quais selecionamos menos lexias.

Utilizamos, ainda, como *corpus* de referência o *Corpus Brasileiro* que é fruto das pesquisas do grupo de Linguística de *Corpus* da PUC, liderado pelo professor Berber Sardinha, que gentilmente nos autorizou a sua utilização. Esse *corpus* de referência permitiu-nos identificar as lexias que só ocorrem no *corpus* de análise, o que resultou em 61 lexias exclusivas. Contudo, as lexias que se repetiram no *Corpus Brasileiro* não tinham a mesma acepção, como pudemos observar pelas abonações apresentadas, como “empate” e “cocal”, por exemplo.

<sup>9</sup> Disponível em: [www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br).

Foi importante, também, o livro *Termos e tradições populares do Acre*, de José Inácio Filho, que foi publicado em 1969. Essa obra é um pequeno dicionário em que o autor define diversos vocábulos que ele afirma serem típicos do falar acreano. Alguns deles ocorrem no nosso *corpus* de análise, o que transformou a obra num reforço para a definição das lexias. Além disso, enfatizamos que o fato de o autor ter uma obra dessa natureza demonstra o seu engajamento no que diz respeito à divulgação da linguagem e da identidade do povo acreano.

Concluído o processo de seleção das lexias, seguimos para os procedimentos de análise. Para a realização dessa tarefa, o percurso metodológico foi o seguinte:

- a) Seleção e triagem das unidades lexicais selecionadas nas três obras lexicográficas;
- b) Agrupamento de acordo com o processo de formação das lexias;
- c) Identificação da categoria gramatical;
- d) Organização em campos lexicais;
- e) Análise dos aspectos lexiculturais, de acordo com a teoria de Galisson (1987);
- f) Análise discursiva das lexias selecionadas, identificando como são processadas as questões relacionadas à história e à identidade da comunidade discursiva em tela, de acordo com os dispositivos teóricos: condições de produção, formações ideológicas, formações discursivas, interdiscurso, identificando os efeitos de sentido produzidos;
- g) Exposição dos resultados a que chegamos com análise dos dados obtidos.

Para melhor visualização dos princípios lexicais, lexiculturais e discursivos de cada lexia, elaboramos uma ficha na qual dispusemos alguns de seus tópicos mais relevantes. Vejamos o modelo da ficha, a seguir:

Figura 4 - Ficha de análise

Ficha 13		
Lexia:	Var.:	Lema:
Campo lexical:		Estrutura:
Categoria:		Processo de formação:
Ocorrências: 1		
Obra:		
Excerto enunciativo:		
Definição:		
Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):		
Outras observações:		

Fonte: elaborado pela autora

Os aspectos contemplados na ficha são os seguintes: *Lexia* da forma como está no *corpus*, por isso consta na ficha o *Lema*, no qual apresentamos a forma canônica; o *Campo lexical*, com a classificação da *lexia* de acordo com o sentido observado nos excertos enunciativos; a *Estrutura*, simples ou composta, que diz respeito à exposição da quantidade de elementos que formam a *lexia*; *Ocorrências*, em que constam a quantidade de vezes que a *lexia* foi verificada no *corpus* de análise); a *Categoria*, que corresponde à classe gramatical, ao gênero e ao número que a *lexia* apresenta; o *Processo de formação*, em que são expostas questões sobre a morfologia da *lexia*; a *Obra* na qual ocorre e da qual foi retirada a abonação, chamada nesta pesquisa de excerto enunciativo; a *Definição* elaborada de acordo com informações coletadas nas obras; os *Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD)*, em que discorreremos sobre a CCP e os efeitos de sentido que emergem das *lexias* no conjunto do excerto enunciativo. Por fim, *Outras observações*, que possibilita a exposição de informações que não tenham sido contempladas nos tópicos anteriores, caso necessário.

Seguimos esses passos tendo em vista que não nos interessa realizar um estudo que descreva as unidades lexicais isoladas, mas que verifique como elas se manifestam e como representam a linguagem e a cultura de um povo por meio do discurso. Por isso, não realizamos uma análise do conteúdo do texto, uma abordagem linguística, mas investigamos a organização lexical de forma abrangente, compreendendo a *lexia* como o material que se apresenta em situação de comunicação.

É importante destacar que cada ficha contém uma abonação a qual denominamos de “excertos enunciativos”. Estes são recortes das obras, especialmente do fragmento em que as *lexias* ocorrem. Muitas vezes, quando conveniente, apresentamos mais de um excerto. Assim, para evitar confusões, utilizamos uma numeração progressiva, a qual inicia nos excertos que constam nas fichas e continua naqueles utilizados ao longo do texto.

Segue o quadro no qual sistematizamos as informações supracitadas. As obras, no quadro, são expostas por meio da etiquetagem que criamos, na qual, FCLA corresponde a *Fatos, cultos e lendas do Acre*, CPG, a *Capitongo*, EPT, a *O empate* e DEA, a *Direito e avesso*. Vejamos:

Quadro 4 - Lexias efetivamente selecionadas para análise

Nº	LEXIA	FCLA	CPG	EPT	DEA	FREQUÊNCIA TOTAL
1	acoã	11	0	0	0	11
2	asunham	1	0	0	0	1
3	atocalhado	1	0	0	0	1
4	bacurim	1	0	1	0	2
5	baforações	0	1	0	0	1
6	bananas baés	1	0	0	0	1
7	bananas piruás	1	0	0	0	1
8	baracafusada	0	1	0	0	1
9	berimbá	2	0	0	0	2
10	bosoroca	0	0	2	0	2
11	breu-da-noite	1	1	0	0	2
12	briôco	0	1	0	0	1
13	burro topão	0	1	0	0	1
14	caldeio	1	0	0	0	1
15	cantarolejar	1	1	0	0	2
16	casa-de-caba	0	0	1	0	1
17	casa-de-farinha	1	1	0	0	2
18	chicória	0	0	0	1	1
19	chuva macho	0	0	1	1	2
20	cocal	1	1	0	0	2
21	colonheiro	2	0	0	0	2
22	cortar	0	0	2	2	4
23	cumieira	1	0	0	0	1
24	curri	1	0	0	0	1
25	defuma do leite	0	3	0	0	3
26	de pegar de galho	0	0	1	0	1
27	desjurar	1	0	0	0	1
28	duru	0	1	0	0	1
29	empate	0	0	31	0	31
30	ensuarados	0	1	0	0	1
31	espatificou-se	1	0	0	0	1
32	esturgia	0	0	1	0	1
33	falaria	1	0	0	0	1
34	gogó-de-sola	7	2	0	0	9
35	grunia	0	0	0	1	1
36	incomodação	0	0	1	0	1
37	irrequieta	0	1	0	0	1
38	jamachi	0	0	1	0	1
39	japó	1	0	0	0	1
40	macaco janaum	1	0	0	0	1
41	massaco	1	0	0	0	1
42	mulambava	0	0	1	0	1
43	oasque	7	1	0	0	8

Nº	LEXIA	FCLA	CPG	EPT	DEA	FREQUÊNCIA TOTAL
44	oco-do-mundo	0	0	1	1	2
45	olhar de porco barrão	0	0	1	0	1
46	onças-pé-de-boi	2	0	0	0	2
47	palreios	1	0	0	0	1
48	paperi	1	0	0	0	1
49	pé de poré	1	0	0	0	1
50	peia	0	0	1	1	2
51	péla de borracha	0	2	2	0	4
52	pernas das estradas	0	1	0	0	1
53	pilora	0	0	3	0	3
54	pixilingueiro	0	1	0	0	1
55	pupuaçu	2	1	0	0	3
56	pupuaçuzeiro	1	1	0	0	2
57	quando	5	0	0	0	5
58	ramachim	3	19	0	0	22
59	recoçou	0	1	0	0	1
60	roimento	1	0	0	0	1
61	sapo canuaru	2	0	0	0	2
62	sapupema	0	0	8	0	8
63	sertão seringaleiro	1	0	0	0	1
64	serrar-a-porta	4	0	0	0	4
65	soldado-da-borracha	0	1	1	3	5
66	sonado	0	0	0	1	1
67	sote	2	0	0	0	2
68	sumbilos	1	0	0	0	1
69	tempo coagulado	0	0	0	1	1
70	tibungadas	1	0	0	0	1
71	torceiras	1	0	0	0	1
72	urana	1	0	0	0	1
73	veacos	0	1	0	0	1
74	vida encauchada	0	0	0	1	1
75	zorrado	0	0	1	0	1

Fonte: elaborado pela autora

Após a seleção, as lexias foram classificadas conforme os campos lexicais que estabelecemos, de acordo com as regularidades observadas. As lexias foram agrupadas em 14 campos lexicais: ações do cotidiano, alimentos e bebidas, animais/fauna, comportamento, condições físicas, condições de vida, enfermidades, faixa etária, funções sociais, habitação/espacos, intensidade, perigo, utensílios, vegetais/flora. No quadro, a seguir, sistematizamos essas informações:

Quadro 5 - Lexias classificadas em campos lexicais

Campo lexical	Lexia	Obra
Ações do cotidiano	baforações	CPG
	caldeio	FCLA
	cortar	CPG / EPT / DEA
	defuma do leite	CPG
	desjurar	FCLA
	duru	CPG
	empate	EPT
	peia	EPT / DEA
	recoçou	CPG
	serrar-a-porta	FCLA
	tibungadas	CPG
Alimentos e bebidas	cocal	FCLA / CPG
	massaco	FCLA
	oasque	FCLA / CPG
Animais/fauna	acoã	FCLA
	burro topão	CPG
	sapo canuaru	FLCA
	gogó-de-sola	FCLA / CPG
	quando	FLCA
	macaco janaum	FLCA
	japó	FCLA
	onças-pé-de-boi	FLCA
Comportamento	asunham	FCLA
	atocalhado	FCLA
	baracafusada	CPG
	cantarolejar	FLCA / CPG
	espatificou-se	FCLA
	falaria	FCLA
	esturgia	EPT
	grunia	CPG
	incomodação	EPT
	irrequieta	CPG
	mulambava	EPT
	olhar de porco barrão	EPT
	palreios	FCLA
	sumbilos	FCLA
veacos	CPG	
Condições físicas	sonado	DEA
	ensuarado	CPG
Condições de vida	tempo coagulado	DEA
	vida encauchada	DEA

Campo lexical	Lexia	Obra
Enfermidades	roimento	FCLA
	pilora	EPT
Faixa etária	bacurim	FCLA / EPT
Funções sociais	briôco	CPG
	colonheiro	FCLA
	soldado-da-borracha	CPG / EPT / DEA
Habitação/Espaços	cumieira	FCLA
	paperi	FCLA
	sote	FCLA
	curri	FCLA
	casa-de-farinha	FCLA / CPG
	oco do mundo	EPT / DEA
	pernas das estradas	FCLA / CPG
Intensidade	breu-da-noite	FCLA / CPG
	chuva macho	EPT / DEA
	de pegar de galho	EPT
	sertão seringaleiro	FCLA
	zorrado	EPT
Perigo	casa-de-caba	EPT
Utensílios	bosoroca	EPT
	jamachi	EPT
	ramachim	FCLA / CPG
Vegetais/flora	bananas baés	FCLA
	bananas piruás	FCLA
	berimbá	FCLA
	chicória	DEA
	pixilingueiro	CPG
	pupuaçuzeiro	DEA
	torceiras	FCLA
	urana	FCLA
	péla de borracha	CPG / EPT
	sapupema	EPT
	pupuaçu	FCLA / CPG
	pé de poré	FCLA

Fonte: elaborado pela autora

Como vemos, constam no quadro, além das lexias de acordo com a classificação estabelecida, as obras em que foram encontradas. A classificação de cada lexia quanto aos campos lexicais foi inserida nas fichas de análise

Para melhor visualização das lexias selecionadas e das obras em que ocorrem, apresentamos a seguir um quadro com essa informação:

Quadro 6 - Lexias por obra de ocorrência

Lexias	Obra
caldeio, desjurar falaria, serrar-a-porta, cocal, massaco, oasque, acoã, sapo canuaru, gogó-de-sola, quando, macaco janaum, japó, onças-pé-de-boi, roimento, cumieira, paperi, sote, curri, casa-de-farinha, pernas das estradas, atocalhado, bacurim, breu-da-noite, colonheiro, sertão seringaleiro, ramachim, bananas baés, bananas piruás, berimbá, torceiras, urana, pupuaçu, pé de poré, asunham, cantarolejar, espatificou-se, palreios, sumbilos	<i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)
baforações, cortar, defuma do leite, duru, recoçou, tibungadas, cocal, oasque, burro topão, gogó-de-sola, casa-de-farinha, pernas das estradas, breu-da-noite, briôco, ensuarado, irriquieta, soldado-da-borracha, ramachim, veacos, pixilingueiro, péla de borracha, pupuaçu, baracafusada, cantarolejar, grunia	<i>Capiango</i> (José Inácio Filho)
cortar, peia, empate, pilora casa-de-caba, oco-do-mundo, bacurim, chuva macho, pegar de galho, soldado-da-borracha, zorrado, bosoroca, jamachi, péla de borracha, esturgia, incomodação, mulambava, olhar de porco barrão, sapupema	<i>O empate</i> (Florentina Esteves)
cortar, peia, oco-do-mundo, chuva macho, sonado, soldado-da-borracha, tempo coagulado, vida encauchada, chicória, pupuaçuzeiro	<i>Direito e Avesso</i> (Florentina Esteves)

Fonte: elaborado pela autora

A partir da definição das lexias a serem analisadas, definimos os procedimentos de análise, que serão apresentados a seguir.



### 3.4 Procedimentos de análise

Para delimitação e construção do *corpus* de análise, valemo-nos das teorias da Linguística de *Corpus* (LC), de acordo com Berber Sardinha (2004), que afirma que a LC se ocupa da coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram selecionados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística, obtidos por meio do uso do computador. Ainda segundo ele, o *corpus*, quando composto, deve ser representativo da totalidade de determinada língua para que possa apresentar resultados válidos. Berber Sardinha (2004) assinala que a característica mais associada à representatividade é justamente a extensão do *corpus*, uma vez que quanto maior a quantidade, maior a probabilidade de ocorrerem palavras de baixa frequência. O pesquisador sugere uma classificação baseada na observação dos *corpora* utilizados, conforme o quadro a seguir:

Quadro 7 - Classificação do *corpus* quanto à extensão

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
80 mil a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Fonte: (BERBER SARDINHA, 2004, p. 26)

Além da quantidade de palavras, Berber Sardinha (2004) aponta que a quantidade de textos também tem relação com a representatividade. Todavia, segundo ele, uma amostra de 10 textos, tem a possibilidade de manter as características necessárias a um *corpus* representativo, pois mantém os traços mais frequentes de um *corpus* maior. Embora essa classificação tenha sido apresentada há mais de dez anos, as informações que dela depreendemos são suficientes para o que é explicitado nesta pesquisa.

Com base nisso, afirmamos que, embora o princípio da representatividade seja subjetivo, no que diz respeito à extensão, nosso *corpus*, que é classificado como “pequeno-médio” e é composto por 61 textos, incluindo contos e romances, é uma

amostra representativa para a análise que propomos. De fato, nos estudos recentes, toda essa classificação baseada em um quantitativo definido passa a ser questionável.

O autor assinala que *corpus* é um “corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 17). A noção de natural implica somente aqueles textos produzidos por humanos, excluindo-se os produzidos por programas de geração de textos. Nesse quesito, nosso *corpus* de estudo enquadra-se muito bem, tendo em vista que é constituído por textos autênticos, de caráter literário, produzidos por escritores inscritos em um período histórico específico, o que os torna aptos a comporem uma pesquisa desse porte.

Posto isso, nossos procedimentos de análise podem ser resumidos da seguinte forma:

- a) Análise dos aspectos lexicais: estrutura das lexias, como, categoria, processo de formação e sentido da lexia, de acordo com o que conseguimos coletar nas obras;
- b) Análise dos aspectos lexiculturais: investigação das lexias culturalmente marcadas e com carga cultural partilhada (CCP), de acordo com as definições de Galisson (1987, 1988);
- c) Análise dos aspectos discursivos: observação dos efeitos de sentidos produzidos nos excertos enunciativos em que as lexias estão inseridas, considerando-se as condições de produção, as formações e o interdiscurso.

Assim, conforme especificamos, a análise seguirá esses critérios, que foram definidos de acordo com as teorias apresentadas no Capítulo 2, que trata sobre o referencial teórico.

## 4 ASPECTOS LEXICAIS, LEXICULTURAIS E DISCURSIVOS

Nesta seção, analisamos as lexias e levantamos os aspectos lexicais, lexiculturais e discursivos. O capítulo está organizado em duas seções: 4.1, na qual dispomos as fichas de análise, assim como fatos lexicais, lexiculturais, tais como a CCP e as lexias culturalmente marcadas, bem como as questões discursivas identificadas; e 4.2., em que são expostos os resultados aos quais chegamos por meio da análise.

### 4.1 Análise das lexias

Após a apresentação da teoria e da metodologia e diante do objetivo proposto para a pesquisa, realizamos, nesta seção, a análise das lexias selecionadas de acordo com os aspectos lexiculturais e discursivos. As lexias foram dispostas primeiramente nas fichas, às quais seguem as análises.

A análise aqui realizada baseia-se nas proposições da Lexicologia, principalmente no que concerne à estrutura das lexias, suas definições, as questões referentes ao conteúdo cultural expresso pela carga cultural partilhada (CCP) e, por fim, os efeitos de sentido veiculados nos excertos enunciativos, a partir das condições de produção, das formações discursivas e do interdiscurso.

Para elaboração da definição de cada lexia, orientamo-nos pelos contextos em que elas ocorrem, bem como seguimos algumas definições do dicionário *Termos e tradições populares do Acre*, de José Inácio Filho. Neste dicionário, é possível observarmos alguns verbetes que, segundo o autor, compõem o léxico específico da região. Muito mais que apresentar uma definição, o autor preocupa-se em oferecer ao leitor pequenas narrativas ou exemplos que tornam mais claros os conceitos expostos.

Dessa maneira, relembramos nosso objetivo geral: analisar os aspectos lexiculturais e discursivos das lexias selecionadas nas obras de José Inácio Filho e de Florentina Esteves para identificar as possíveis lexias típicas do falar acreano. Realizamos a análise conforme explicitamos na metodologia, expondo as informações lexiculturais identificadas, a CCP, nas lexias culturalmente marcadas, para, em seguida, apresentar os efeitos de sentido verificados nos excertos enunciativos, nos quais as lexias selecionadas estão inseridas.

Além disso, partimos das informações contidas nas fichas elaboradas para melhor organização e visualização das lexias, as quais foram organizadas em ordem alfabética e identificadas com a numeração de 1 a 75, por julgarmos que essa é uma forma que facilita ao leitor a identificação e a localização das lexias.

1) “acoã”

Ficha 1		
<b>Lexia:</b> acoã	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> acoã
<b>Campo lexical:</b> animais/fauna		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 11		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (1) - Mas que tem a <b>Acoã</b> com a sua vida? - Tem muita ligação com ela. Depois que morreram Piquiarana e Urumutum, meus mais aconchegados amigos, com exceção de você, é claro, compadre, não tenho mais dúvidas do canto agoureiro da <b>Acoã</b> . (p. 109)		
<b>Definição:</b> A acoã é uma ave de pequeno porte típica da bacia amazônica que vive em baixas ramadas. Seu triste canto significa aos olhos dos soldados-da-borracha morte e agouro de muita chuva. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 107, com adaptações)		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> A acoã povoa o imaginário do seringueiro como sinônimo do que é considerado como negativo. É o que ele chama de mau agouro, uma vez que sempre que o seu triste canto é ouvido, espera-se que algo de ruim aconteça. Embora marcada por representações folclóricas, podemos observar que a lexia “acoã” representa um discurso marcado ideologicamente, tendo em vista que, para compreensão de seu sentido, é necessário que se tenha conhecimento acerca do grupo que a enuncia, isto é, o sentido representado na obra somente é reconhecido pelo grupo em questão, somente a partir do lugar onde é produzido, nas condições de produção relacionadas ao universo do seringueiro, e nesta formação discursiva, na qual o folclore e as crenças são consideradas como fatos verdadeiros, um “vir a ser” que por conta da crença, muitas vezes, por coincidência ou não, acaba ocorrendo o pior.		
<b>Outras observações:</b> “Acauã” é uma variante dicionarizada de “acoã”. A “acoã” também é chamada, em algumas localidades de “macauã”, “gavião-cova-caiau” e “deus-quer-um”. <sup>10</sup>		

A lexia “acoã” foi inserida no campo lexical *animais/ fauna*. É uma lexia simples e ocorre 11 vezes no *corpus*. Refere-se a uma ave cujo canto traz temor às pessoas pelo fato de representar morte e chuva. Na Floresta Amazônica, a referência à chuva relaciona-se ao período de inverno, que, de acordo com o conhecimento popular, equivale a seis meses. Esse período representa grandes dificuldades mesmo para aquelas pessoas que residem em regiões urbanas, pois as chuvas torrenciais quase sempre têm como resultado as “alagações”, que fazem com que muitas pessoas

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.avesderapinabrasil.com/termos\\_de\\_uso.htm](http://www.avesderapinabrasil.com/termos_de_uso.htm). Acesso em: 03 jan. 2019.

precisem deixar suas casas. Além do temor da chuva, entende-se o canto da ave como representação de mau agouro e que pode trazer morte e desgraças para a vida daqueles que estão próximos aos locais onde a ave costuma cantar.

“Acoã” pode ser compreendida como uma lexia culturalmente marcada, pois sua carga cultural partilhada (CCP), enquanto conteúdo que incide sobre o sentido, pode ser identificada na referência a mau agouro, morte e chuva, representada na crença que as pessoas têm no poder negativo e agourento que carrega o canto da ave. Vejamos mais um excerto enunciativo:

*(2) Terminado o mata-bicho, dirigiram-se para o terreiro e sentaram-se num caído jutaí. Mal começaram a conversar sobre os acontecimentos dos últimos dias, a **acoã**, novamente, cantou bem dentro da mata. (p.109)*

Com base nesse enunciado, é possível afirmar que o sentido que emerge do canto da “acoã” é compreensível de forma mais explícita por aqueles que detêm o conhecimento acerca dessa crença, pois, ao se falar que a “acoã” cantou novamente, a compreensão do sentido que isso adquire só tem relevância para aqueles que sabem o que isso representa.

Quanto aos aspectos discursivos, enfatizamos que o enunciado é produzido numa formação discursiva em que a crença no sobrenatural existe ao mesmo tempo que há uma tentativa de fazer acreditar nessa existência. No excerto enunciativo 1, por exemplo, há um diálogo sobre os “poderes” do canto da “acoã”, o que reflete uma oposição marcada pelo par opositivo crença/descrença, visto que cada um dos interlocutores apresenta opiniões marcadas por suas visões de mundo, o que produz sentidos que se desencontram, pois as formações discursivas se atravessam ou se cruzam, porém, nem sempre seguem a mesma direção. Retomemos o excerto enunciativo 1:

*(1) - Mas que tem a Acoã com a sua vida? - Tem muita ligação com ela. Depois que morreram Piquiarana e Urumutum, meus mais aconchegados amigos, com exceção de você, é claro, compadre, não tenho mais dúvidas do canto agoureiro da **Acoã**. (p. 109)*

Como verificamos, um dos interlocutores insinua descrença nos acontecimentos ocasionados pelo canto da “acoã”. Isso pode ser confirmado pela pergunta: “- Mas o que tem a Acoã com a sua vida?”, ao passo que o outro acredita

completamente na relação dos últimos acontecimentos com o canto da ave e em resposta afirma: “- Tem muita ligação”.

Embora ambos estejam inseridos num mesmo espaço, talvez vivenciem as mesmas experiências, as condições em que cada um produz seu discurso ultrapassa os limites do espaço físico, pois os acontecimentos da vida de um dos interlocutores levam-no a acreditar que um elemento externo tenha condições de modificar a sua vida. Isso se explica pelo fato de serem sujeitos heterogêneos, constituídos e afetados ideologicamente, de formas diversas.

Além disso, é esse o sentido que gira em torno da lexia “acoã”, as demais lexias nesses enunciados atuam com o fim de compor certo valor ideológico, o qual é marcado por uma relação de crença/descrença. Todavia, um aspecto que chama a atenção é que essa crença é diferente daquela veiculada nos discursos religiosos, uma vez que, nestes, a crença é sinônimo de fé, que representa a crença em algo que se espera. No discurso apresentado no excerto enunciativo 1, é possível verificar a crença pela vivência, ou seja, acredita-se por já ter presenciado acontecimentos que sugerem comprovação do que se está afirmando. É um conhecimento em que a observação dos acontecimentos é que leva à comprovação e à crença na sua existência.

## 2) “asunham”

Ficha 2		
<b>Lexia:</b> asunham	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> asunhar
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo		<b>Processo de formação:</b> composição parassintética
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (3) Quem apenas conhece meios vulgares de defesa dos animais, que as arraias esporam, as onças <b>asunham</b> , as cabas e as abelhas ferram, os jacarés soltam rabanadas, os poraquês dão choques elétricos, as minúsculas piranhas devoram grandes bois - e para que falar em outros bichos! - tem de ficar surpreendido por existir um animal que jogue espinhos como os índios jogam flechas. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 25)		
<b>Definição:</b> Friccionar com as unhas. Comportamento geralmente atribuído aos felinos.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> refere-se a uma característica comum atribuída aos felinos, comumente às onças. Faz referência a comportamento típico desses animais. As onças se constituem elemento relevante na vida do homem da Amazônia, visto que representam um de seus maiores medos, pelo fato de já terem feito muitas vítimas. Segundo histórias contadas por muitos seringueiros, era comum as pessoas saírem para os igarapés ou para as matas e não mais retornarem. Muitos atribuíam esses sumiços a ataques de onças que em décadas passadas eram mais numerosas. A materialidade		

discursiva remete à relação dos sujeitos com os seres que habitam a floresta, no caso em questão, os animais.

**Outras observações:** há registro nos três dicionários usados como *corpus* de exclusão o registro do lexema “unhar”. Assim, é possível que **asunhar** seja uma variação regional dessa, herdada dos povos que migraram para a região do Acre por ocasião do período áureo da borracha. Aguiar, ao abordar sobre as questões fonéticas do português, explica que unha quase sempre é utilizada no plural. O singular se apresenta quando há necessidade imperiosa. Daí que o verbo *asunhar* ou *zunhar* tem seu uso utilizado em todas as camadas sociais, de modo que quase não se conhece “unhar”. (AGUIAR, s/d, p. 306)

“Asunham” é uma lexia simples. É um dos poucos verbos encontrados no *corpus*. É formada por parassíntese e ocorre uma única vez, em *Fatos, cultos e lendas do Acre*. É, desse modo, de acordo com as proposições de Biderman (1998), um *hapax legomena*, cuja principal característica é ter frequência única no *corpus*. A presença de lexias com essa frequência corrobora a afirmação da autora supracitada para quem essas lexias são comuns em textos literários.

Quanto à estrutura, a lexia é formada pela junção do prefixo latino a-, cujo sentido é de aproximação, direção, mais a consoante de ligação “s” e o radical -unhar. Assim, “asunhar” remete à ação de aproximar as unhas, no caso das onças em uma atitude de ataque. É possível que “asunhar” seja uma variação de “unhar”, cujo registro foi encontrado nos dicionários consultados. Todavia, é importante notar que a utilização de “asunhar” é uma das escolhas do autor, com base nos modos como são constituídas algumas lexias típicas da fala.

A CCP na lexia “asunhar” está relacionada a sua associação a um comportamento específico das onças: “as onças *asunham*”. Essa característica não é atribuída a nenhum outro ser no excerto enunciativo em tela.

Assinalamos que, no conjunto que compõe o excerto enunciativo, a materialidade discursiva remete a uma situação em que são descritas as ações de vários animais, com o fim de dar destaque a um deles especificamente, o “quandu”, lexia que será analisada adiante.

No excerto enunciativo selecionado, em relação às outras lexias presentes, vemos a referência a comportamentos típicos dos animais e as suas características. No contexto da região, muitas vezes, “asunhar” é um comportamento que também se relaciona às pessoas, em sentido figurado, referindo-se a pessoas dissimuladas. Devido a isso, podemos inferir que “asunhar” também pode se referir a uma questão comportamental dos sujeitos.

É possível salientar que o discurso veiculado no enunciado refere-se à admiração que o comportamento dos animais causa no interlocutor, o que podemos ver pelo destaque que se dá às características atribuídas a eles.

Conforme vemos nas marcas evidenciadas pelo léxico utilizado, é possível identificar a supremacia dos mecanismos de defesa dos animais em relação ao homem. Aqui vemos uma inversão da ordem, na qual o homem deixa de ser o dominador diante da força defensiva demonstrada pelos animais e surpreende-se com as habilidades deles.

### 3) “atocalhado”

Ficha 3		
<b>Lexia:</b> atocalhado	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> atocalhado
<b>Campo lexical:</b> comportamentos		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> adjetivo		<b>Processo de formação:</b> composição parassintética
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (4) - Deixem lá essas presepadas da Noba comigo, disse a um grupo de compadres. Vocês são mesmo uns patetas e molengas. Eu vou dar cabo da Noba. Esperou a noite, vestiu-se de preto, e foi atocalhar-se atrás de uma castanholeira. A certa altura, notou que vinha ao longe, um vulto escuro, confundindo-se com o carvão da noite, farejando, como uma anta, parecendo sentir a presença de alguém <b>atocalhado</b> atrás do tronco da árvore. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 112)		
<b>Definição:</b> Escondido geralmente atrás de arvores e arbustos, com a intenção de surpreender um oponente, pessoa ou animal, ficando à espreita.		
<b>Aspectos lexicoculturais e discursivos (ALD):</b> refere-se a um comportamento comum na região, geralmente realizado para fins de caça. Todavia, na maioria das vezes, atocalhava-se com a intenção de surpreender um oponente. No caso em questão, era essa a intenção da personagem, Catitoba, entidade criada pela personagem Zé da Força, do conto “Noba e Catitoba”, para enfrentar a entidade mitológica Noba (mais conhecido como o Lobsomem). É comum no contexto da região a crença em seres mitológicos, o Lobisomem é uma delas.		
<b>Outras observações:</b> <b>atocalhado</b> pode representar um caso de hipercorreção, em que se considera correta a forma que se assemelha àquela tida como canônica.		

“Atocalhado”, que ocorre uma única vez no *corpus*, é uma lexia simples formada por parassíntese, a partir do acréscimo do prefixo latino *a-*, cujo sentido é de aproximação, mais o radical acrescido do sufixo *-ado*. No caso dessa lexia, é possível inferir que houve um processo fonológico de inserção de um elemento no meio da lexia. Vemos isso pela semelhança com a lexia “atocaiar”. Com base nisso, é possível levantar a hipótese de que a lexia utilizada pelo autor tenha passado por um processo



de evolução, o que levou a inserção de um elemento no meio dela, *-lh-*, o que deu origem a “atocalhado”. Outra hipótese possível é a de que essa lexia seja um exemplo de hipercorreção. Inicialmente, esse poderia ser um equívoco na grafia, mas a presença do verbo “atocalhar-se” no mesmo excerto enunciativo, leva-nos a considerá-la como a forma escolhida pelo autor, sendo, portanto, uma idiossincrasia.

No que diz respeito aos aspectos discursivos, podemos destacar que estes se apresentam por meio das lexias no conjunto representado no excerto enunciativo, que remete a uma condição em que se vivia com medo das coisas sobrenaturais, o que é desfeito quando um dos sujeitos decide ter um comportamento diferente da maioria. Todavia, essa atitude não se relaciona necessariamente com um ato de heroísmo ou de coragem de enfrentar um ser sobrenatural, mas relaciona-se a uma tentativa de demonstrar que tem um pouco mais de coragem que os amigos. É a ideia de sobressair-se, mostrar-se superior de alguma forma. Vejamos o excerto enunciativo a seguir:

(4) - *Deixem lá essas presepadas da Noba comigo, disse a um grupo de compadres. Vocês são mesmo uns patetas e molengas. Eu vou dar cabo da Noba. Esperou a noite, vestiu-se de preto, e foi atocalhar-se atrás de uma castanholeira. A certa altura, notou que vinha ao longe, um vulto escuro, confundindo-se com o carvão da noite, farejando, como uma anta, parecendo sentir a presença de alguém **atocalhado** atrás do tronco da árvore. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 112)*

Como é possível observar, nesse discurso, em que a lexia analisada está inserida, o sentido produzido remete a um comportamento comum em reuniões de amigos que é o fato de se “contar vantagem” diante de uma possível situação de perigo.

Além dos fatos mencionados, ressaltamos a oposição crença/descrença, que mais uma vez vem à tona, na medida em que alguém, dizendo-se corajoso, decide enfrentar aquilo que causa medo nos demais. É o sentido do heroísmo que se avulta e é representado pela figura criada pela personagem para, num ato de aparente bravura, expulsar do meio social aquele que causava medo. É isso que podemos ver no excerto enunciativo seguinte, o qual expande o conteúdo expresso:

(5) *Aproximando-se não deu tempo a que Zé da Força reagisse e, logo gritou bem alto, num tom de alma penada:*

- *Eu... sou... a No... ba...! Eu... sou... a No... ba...!*

*Mas o Zé da Força não se deixou impressionar com a feia voz do lobisomem.*

*Arrastou da bainha o seu terçado amoladíssimo, mais afiado que navalha de barbeiro, apertou-o à mão e respondeu ainda mais alto e mais forte:*

- *Eu... sou... o Ca... tí... to... ba... ! A... que... le... que... ma... ta... qualquer... No... ba...! Des... de... que... não... se... ja... al... ma... do... ou... tro... mun... do...!*

*E, após uma luta violenta entre os dois fantasmas, a Noba não resistiu e rendeu-se à Catitoba. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 113)*

Como se vê, a lexia “atocalhado” está inserida num enunciado em que os sentidos produzidos se relacionam à demonstração de força: aquele que tem a prerrogativa da fama de corajoso e aquele que a constrói a partir de seu próprio discurso e de suas atitudes.

#### 4) “bacurim”

Ficha 4		
<b>Lexia:</b> bacurim	Var.: Ø	<b>Lema:</b> bacurim
<b>Campo lexical:</b> faixa etária		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra(s):</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (6) E tudo mais se complicou, quando amanheceu, um dia, com um enorme panariço no dedo grande da mão esquerda. Pronto! - exclamou! E, agora, que será feito de mim? Quem irá lavar as fraldas de meu neném? Quem lhe dará o banho e o mingau? Haverá, na terra, mãe que sofra tanto, assim? Barbaridade! Que desgraça a minha! Antes me houvesse amarrado ao Seu Cabeça-de-Galo. Dona Aracoã é que teve esta boa sorte! Meu marido é um inconsciente. Não teve educação esmerada em <b>bacurim</b> . (INÁCIO FILHO, 1964, p. 72)		
(7) Domingo, com escuro, saíram. Resolveram nem levar rede, que era certo logo encontrarem a vara de queixadas: Seu Osmarino sabia onde eles iam procurar comida. Lazarino lhe contara que eles andavam pro lado do Curió, e que só não comeram o filho do Mané Galo, enquanto a mulher batia roupa no igarapé, porque o cachorro deu alarme. Ela pegou o menino, trepou na goiabeira. Mané, que já voltava do "corte", ouviu a zoadada, botou sebo nas canelas, espantou eles com muitos tiros de espingarda. Ficou só unzinho pequeno, <b>bacurim</b> , ainda, que foi pra panela. (ESTEVES, 1993, p. 31)		
<b>Definição:</b> pequeno; relacionado à criança ou filhote de suíno.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a lexia é utilizada comumente com duplo significado. Como notamos, José Inácio Filho utiliza a primeira acepção, “criança pequena”, e Esteves a segunda, “filhote de suíno selvagem”. Quando se refere a crianças, tem valor afetivo, mas esse valor também pode ser relacionado com o filhote de suíno, visto nas localidades rurais acreanas é comum que os suínos, enquanto pequenos, sejam criados em casa junto com as crianças, como se fossem animais de estimação, até atingirem a idade para serem levados para a engorda e depois consumidos.		
<b>Outras observações:</b> localizamos nos dicionários a entrada “bacuri”, com definição semelhante à apresentada na primeira acepção.		

A lexia simples “bacurim”, que ocorre duas vezes no *corpus*, apresenta também com duas acepções. É formada por sufixação, pelo acréscimo do sufixo -im, cujo sentido é de diminutivo, algumas vezes, de sentido pejorativo. Refere-se a criança pequena ou filhote de suíno. Identificamos um registro semelhante ao observado nos excertos enunciativos em dois dos dicionários consultados, *Houaiss* e *Aulete*, o lexema “bacuri”, definido com uma acepção semelhante, relacionando-se a “menino pequeno”, mas em nenhuma delas observamos a referência ao filhote de suíno. Destacamos, também, que considerando o sentido observado no excerto enunciativo, a lexia foi classificada no campo lexical “faixa etária”, pois corresponde à infância, uma das etapas da vida dos humanos e também dos suínos.

Outro aspecto que merece ser mencionado, diz respeito ao fato de observarmos no excerto enunciativo 8, especialmente, um sentido que se relaciona ao comportamento atribuído a um homem, o que nos leva a considerar que nesse aspecto a lexia é culturalmente marcada e tem uma CCP, que também está relacionada a uma fase da vida do filhote de suíno, que apresenta a mesma denominação que a criança. Essa forma de se referir a esses animais pode estar relacionada ao fato de ser bastante comum, na região, criarem-se os animais dentro das casas, especialmente os filhotes de suíno, que vivem na companhia das crianças até chegarem à idade em que são castrados e levados para a engorda até estarem prontos para o abate e consumo.

Os aspectos discursivos podem ser identificados nos dois excertos enunciativos. Retomemos o primeiro excerto em que a lexia ocorre:

(6) *E tudo mais se complicou, quando amanheceu, um dia, com um enorme panariço no dedo grande da mão esquerda. Pronto! - exclamou! E, agora, que será feito de mim? Quem irá lavar as fraldas de meu neném? Quem lhe dará o banho e o mingau? Haverá, na terra, mãe que sofra tanto, assim? Barbaridade! Que desgraça a minha! Antes me houvesse amarrado ao Seu Cabeça-de-Galo. Dona Aracoã é que teve esta boa sorte! Meu marido é um inconsciente. Não teve educação esmerada em **bacurim**. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 72)*

Vemos que os sentidos que emergem dessa materialidade discursiva representam as relações e tarefas destinadas a homens e mulheres. O excerto enunciativo tem como mote o caso de uma mulher que, após mais um parto, vê-se sozinha na companhia dos muitos filhos, pois o marido, que não foi educado

adequadamente quando criança, não a ajudava com os trabalhos domésticos nem ao menos estava presente.

É possível relacionar esse aspecto à condição da mulher na modernidade, a qual precisa tomar para si todas as responsabilidades. É um reflexo comum da desigualdade entre homens e mulheres que inda hoje é vista na sociedade. Além disso, observamos, no excerto enunciativo uma crítica ao comportamento do homem, pois de um lado oposto, descreve-se um homem que, diante de uma situação semelhante, tem atitudes diferentes, o que leva o interlocutor a ressaltar a sorte da mulher que está em outra condição: “Dona Aracoã é que teve esta boa sorte”. Esses fatos representam a situação de muitas mulheres no meio social, que sozinhas precisam prover o sustento e o cuidado dos filhos.

#### 5) “baforações”

<b>Ficha 5</b>		
<b>Lexia:</b> baforações	Var.: Ø	<b>Lema:</b> baforação
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> Capiongo (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (8) Seu Timba, em casa, já o esperava todo contente. Dona Bebê foi cientificada do ato. Morrendo de alegria, correu sacudindo as ancas e foi trocar a roupa suja, rasgada e velha! Capiongo ficou radiante com a notícia. E não se cansava de coçar a ponta do nariz e de esfregar, nervosamente, as mãos uma na outra. Aluá, caxixi e jinjibirra foram prontos! O velho fumava e soltava demoradas <b>baforações</b> que enchiam o ar. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 71)		
<b>Definição:</b> Soprar, soltar a fumaça do fumo ao ar.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> Na Amazônia, nos locais mais isolados, muitas vezes, fumar era o único conforto do homem da Amazônia. O tabaco figurava como um item de primeira necessidade, visto que a solidão, muitas vezes, era amenizada pelo ato de fumar. Era muito mais que o próprio ato em si, o momento de relembrar dos momentos passados, da família distante etc.		
<b>Outras observações:</b> encontramos o registro do lexema “baforada” e “baforar”, que não ocorreu no <i>corpus</i> de análise.		

“Baforações” é uma lexia simples formada por sufixação, pelo acréscimo do sufixo *-ção*, que geralmente ocorre na formação de substantivos e adjetivos derivados de verbos, demonstrando a ação realizada.

Como as duas lexias anteriores, há nos dicionários consultados os lexemas “baforar”, verbo, e “baforada”, substantivo feminino, mas não localizamos “baforação”. Podemos considerá-las, todavia, em um mesmo campo lexical, pois são formadas de

um mesmo radical a que o sentido se relaciona. As definições disponibilizadas nos dicionários aproximam-se do sentido verificado no excerto enunciativo, pois relacionam-se à exalação de ar, gás ou fumaça de cigarro através das narinas. Todavia, o fato de a lexia “baforações” ser formada com o sufixo -ção enfatiza a ação em si, o que faz perceber que a diferença não está somente na grafia, mas também no significado que a lexia expressa. É possível afirmar, diante desse fato, que se trata de uma escolha do autor, isto é, uma idiosincrasia.

No campo da Lexicultura, compreendemos que a lexia também tem uma carga cultural partilhada que reside na associação a fumo/fumaça, embora ela não seja tão opaca em relação ao conteúdo expresso, visto que é possível notar que se trata de uma lexia cuja CCP está presente na forma de apresentação da lexia, mas também na relação com a própria ação de “baforar”.

No que concerne aos aspectos discursivos, estes demonstram maior relevância no nível do enunciado, no conjunto das lexias, uma vez que o sentido remete a uma condição comum na vida do seringueiro da Amazônia que é o isolamento e a solidão. Havia, contudo, breves momentos de alegria, algumas vezes acompanhados de bebida e fumo.

É na formação discursiva voltada para a condição do seringueiro, reconhecida como uma representação social, que os sentidos emergem. Nesse caso, em particular, é retratado um momento singular, no qual o tom é de alegria e de tranquilidade diferente daquele que se costuma verificar, pois que o personagem se sente à vontade para soltar suas “demoradas baforações”.

## 6) “bananas baés”

Ficha 6		
<b>Lexia:</b> bananas baés	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> banana baé
<b>Campo lexical:</b> comidas e bebidas		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> Fatos, cultos e lendas do Acre (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (9) - [...] Passa, depois, a porteira e quebra para a esquerda, e verás, logo adiante, uma bananeira de <b>bananas baés</b> e najás. Atravessa-o, que, do outro lado, começa a estrada dos Mutuns. Cavalgando sempre, atingirás o igarapé dos Sete Escorregões. Os barrancos são lisos. Não há pontes sobre êles. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 99)		
<b>Definição:</b> fruto típico da região amazônica, de sabor característico e de grande porte, apesar de sua árvore ser de pequena estatura.		

**Aspectos lexicoculturais e discursivos (ALD):** é uma espécie de banana muito apreciada na região amazônica e é muito cultivada pelos moradores das localidades rurais.

**Outras observações:**

Lexia complexa, formada por justaposição, “bananas baés” foi classificada no campo lexical *Comidas e bebidas*. Significa um importante alimento na região, pois se trata de uma espécie de banana bastante apreciada. Seu nome científico é *Musa spp.*, família: *Musaceae*, sua origem é provavelmente asiática.<sup>11</sup>

O elemento “baé” é dicionarizado e seu significado remete a indivíduo ou variedade de suínos de baixa estatura. Com isso, afirmamos que é essa referência que se faz à “banana baé”, não a fruta propriamente dita, que é relativamente grande, mas à bananeira de sua espécie que é baixa e com caule mais espesso.

A partir dessas informações, retomamos as reflexões de Galisson (1987), que afirma que a CCP é vivida pela experiência coletiva de um grupo e que a realidade extralinguística é o produto de uma visão de mundo desse grupo. Dessa forma, é possível afirmar que “banana baé” é uma representação da realidade compartilhada por um grupo específico, para o qual ela se mostra como um novo conteúdo, pois, embora a banana seja um produto conhecido dos brasileiros, características como cor, tamanho, sabor de algumas espécies são identificados por aqueles que convencionaram o uso de determinados nomes. Isso se baseia também na afirmação de Galisson (1987) que diz que a CCP precisa de um signo já constituído para se estabelecer, que é o que verificamos nesse caso.

No que concerne aos aspectos discursivos, é possível afirmar que, na cena enunciativa marcada pela materialização do discurso em tela, há a exposição de uma questão que deve ser analisada no espaço geográfico da Amazônia acreana que é a relação estabelecida entre plantas, animais e o elemento humano. Retomemos o excerto enunciativo em questão:

(9) - [...] Passa, depois, a porteira e quebra para a esquerda, e verás, logo adiante, uma bananeira de **bananas baés** e najás. Atravessa-o, que, do outro lado, começa a estrada dos Mutuns. Cavalgando sempre, atingirás o igarapé dos Sete Escorregões. Os barrancos são lisos. Não há pontes sobre êles. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 99)

Como é possível verificar, plantas, animais e humanos desenvolvem uma relação de interdependência, que se apoiou firmemente na necessidade de

<sup>11</sup> Fonte: <https://www.embrapa.br/mandioca-e-fruticultura/cultivos/banana>

sobrevivência e isso é descrito ou sempre mencionado. Vejamos que na situação relatada os dois elementos indicados como ponto de localização podem mostrar essa relação, como se vê em: “logo adiante, uma bananeira de bananas baés” e em “começa a estrada dos mutuns”. Isso indica um vínculo vital e mesmo espacial entre seres de diferentes espécies por conviverem num mesmo ambiente, o que contribui para a passagem a um próximo estágio, visto que no enunciado é possível inferir que há a saída de um lugar para se chegar a outro, por meio de uma instrução que é dada.

Desse modo, o efeito de sentido produzido revela uma condição em que os elementos, que aqui funcionam como sistemas vegetal, animal e humano, operam harmoniosamente, de modo que o conflito da vida, da sobrevivência quase não é demonstrado.

#### 7) “bananas piruás”

Ficha 7		
<b>Lexia:</b> bananas piruás	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> banana piruá
<b>Campo lexical:</b> comidas e bebidas		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> Fatos, cultos e lendas do Acre (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (10) Preparado para a viagem, Seu Chico Batuta larga-se na mata e, homem experiente, sabe muito bem que o oásis nem sempre é fácil de achar-se, à primeira vista, conforme os seus vizinhos pensam. E, como terá de pernoitar, no fundo da selva, mune-se de um ramachim, de uma mutã, de um rifle e de um terçado cento-e-vinte-oito, não se esquecendo, também, de um bom pedaço de carne-de-sol, duas dúzias de <b>bananas piruás</b> , e meia cabaça de cocal para matar o bicho. (INÁCIO FILHO, 1964, p.11)		
<b>Definição:</b> fruto da bananeira, o qual continua com a casca em tonalidade verde após seu amadurecimento.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> é uma espécie de banana muito apreciada na região amazônica e é muito cultivada pelos moradores das localidades rurais.		
<b>Outras observações:</b> Hoje a produção de bananas piruás é designada para exportação <sup>12</sup> , por isso é pouco conhecida no mercado interno.		

“Bananas piruás” consiste em uma lexia complexa, formada por justaposição e classificada no campo semântico *comidas e bebidas*. Assim como a lexia “banana baé”, também representa uma espécie de banana bastante apreciada, a diferença é a tonalidade da casca que, mesmo após o amadurecimento, continua com a coloração verde.

<sup>12</sup> Fonte:

[http://www.iac.sp.gov.br/areasdepesquisa/frutas/frutiferas\\_cont.php?nome=Banana](http://www.iac.sp.gov.br/areasdepesquisa/frutas/frutiferas_cont.php?nome=Banana).

A CCP, embora não haja uma descrição que possibilite identificar a espécie de banana por suas características, reside no trato que é dado à lexia, a qual é apresentada como se fosse conhecida por todos ou, pelo menos, por um determinado grupo. Da mesma forma que a lexia “banana baé”, “banana piruá” representa um conteúdo que se estabeleceu sobre um signo já existente e já conhecido pela maioria dos falantes, no entanto, a inserção de um novo elemento traz ao sentido um conhecimento cultural que é compartilhado por um grupo específico.

No tocante aos aspectos discursivos, interessa-nos observar no discurso a representação do cotidiano do sujeito em contato com a natureza da qual retira os elementos de que necessita. Remete também à experiência do homem em contato com a natureza, pois sabe que é necessário estar preparado para qualquer atividade que se realize, como a relatada no excerto enunciativo.

Assinalamos, ainda, que esse discurso revela que pelo menos o sistema formado pelos vegetais e pelo homem convivem harmoniosamente. Isso constitui-se em uma inversão dos discursos veiculados anteriormente sobre a Amazônia, nos quais a floresta é, geralmente, descrita pela hostilidade em relação ao homem, o que levou muitos a chamá-la de “inferno verde”.

#### 8) “baracafusada”

Ficha 8		
Lexia: baracafusada	Var.: Ø	Lema: baracafusada
Campo lexical: comportamento		Estrutura: lexia simples
Categoria: substantivo feminino		Processo de formação: sufixação
Ocorrências: 1		
Obra: <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)		
<p><b>Excerto enunciativo:</b> (11) Coidado, sua bôba! Não vá se meter em grande <b>baracafusada</b>. Não vê que, falando assim, nossos maridos, que não estão longe, podem escutar? E que irão pensar a nosso respeito, se somos mulheres decentes e dedicadas? Aliás, se dizem que as acreanas não têm bom freio, é, porque desejam sempre ter algo que falar delas (de si). Em todos os lugares do mundo, as mulheres são como rosas! As caras são pacatas e ingênuas, mas têm venenos e são traiçoeiras como cobras! (INÁCIO FILHO, 1968, p. 9)</p>		
<p><b>Definição:</b> Confusão causada por algum mal-entendido, complicação.</p>		
<p><b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a lexia é utilizada num contexto marcado pela conversa de mulheres e refere-se à confusão causada por algum mal-entendido causado pelo assunto tratado. É interessante observar que na formação discursiva apresentada, há uma concepção marcante a respeito da mulher acreana que vive sob o estigma de “mulher sem freio”, que é marcada pela cultura do preconceito.</p>		



**Outras observações:** No blog Linguajar Cearense, que é denominado como Dicionário de Cearês, localizamos uma ocorrência dessa lexia a qual é definida da seguinte forma: BARACAFUSADA: fuá, bafafá<sup>13</sup>.

“Baracafusada” é uma lexia simples, que remete à confusão. É formada por sufixação, pelo acréscimo do sufixo -ada, cujo valor está relacionado à ideia de conjunto, medida ou ação. É este último que observamos na lexia em questão.

José Inácio Filho, em seu livro *Termos tradições populares do Acre* assim define “baracafusada”:

**baracafusada:** s.f. Confusão, complicação, desordem: Na taberna de Guló, está uma *baracafusada* dos demônios! Ninguém consegue falar; por causa de ter roubado aquela galinha, meti-me numa *baracafusada* ou *baracafusa* terrível. (INÁCIO FILHO, 1969, p. 27. Grifos do autor)

Como é possível verificar, a CCP reside na associação que se faz da lexia com a noção de confusão ou complicação, uma vez que o falante a utiliza sem a necessidade de explicação sobre o seu significado, o que sugere haver um entendimento por parte dos interlocutores. Assim, afirmamos que a lexia é marcada culturalmente, pois o sentido, necessariamente, deve ser depreendido no excerto enunciativo em que ocorre.

Sobre os aspectos discursivos, o efeito de sentido produzido demonstra algumas questões que se relacionam com a condição da mulher na sociedade. Observemos o excerto enunciativo a seguir:

(11) *Cuidado, sua bôba! Não vá se meter em grande baracafusada. Não vê que, falando assim, nossos maridos, que não estão longe, podem escutar? E que irão pensar a nosso respeito, se somos mulheres decentes e dedicadas? Aliás, se dizem que as acreanas não têm bom freio, é, porque desejam sempre ter algo que falar delas (de si). Em todos os lugares do mundo, as mulheres são como rosas! As caras são pacatas e ingênuas, mas têm venenos e são traiçoeiras como cobras!* (INÁCIO FILHO, 1968, p. 9)

Primeiramente, evidenciamos que somente mulheres atuam como interlocutores. Isso demonstra que algumas das concepções apresentadas são de mulheres em relação a elas próprias, principalmente no que diz respeito à preocupação de manter as aparências diante das outras pessoas. Além disso,

<sup>13</sup> Disponível em: <https://linguajarcearense.blogspot.com/2014/05/dicionario-de-ceares-letra-b.html?view=classic>. Acesso em: 20 set. 2018.

destaca-se o cuidado em mudar uma visão que se tem das acreanas, que são vistas como pessoas que “não têm bom freio”.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito à comparação das mulheres com as rosas e também a afirmação de que “têm veneno e são traiçoeiras como as cobras”. Isso remete a um discurso comumente veiculado que se refere ao fato de as mulheres conseguirem tudo o que querem e não medirem esforços para isso, ou são delicadas, mas ao mesmo tempo têm a capacidade de se defender.

### 9) “berimbá”

Ficha 9	
<b>Lexia:</b> berimbá   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> berimbá
<b>Campo lexical:</b> comidas e bebidas	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino	<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 2	
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (12) Ela dá-nos frutos gostosíssimos: o açáí, bacuri, <b>berimbá</b> , cajá, jambo, patauá, pequi, pitanga, pitomba e outros de que ainda trago o sabor eterno nos lábios, nêste Rio; de frutas ácidas e aguadas; cria madeiras preciosas: o cedro, o amarelão, o murucuru, a paxiúba e as palhas de ubim e jarina das habitações, desde as casas de taipa aos barracos, papiris ou tapiris; a castanheira das pranchas dos batelões! (INÁCIO FILHO, 1964, p. 89)	
(13) Um grande pomar, um dos mais lindos de todos que, até aí, havia visto, perdia-se num estirão danado! As mais variadas frutas: ata, <b>berimbá</b> , taperibá, pitanga, e outras; pássaros de lindas plumagens e de cantos alegres ou tristes: o japó, o japim, o sanhaçu, o anambé, o irapuru, e muitos mais. Era, verdadeiramente, maravilhoso todo esse cenário que se apresentava aos seus olhos. Achava-se, ali, mais espantado de que macaco diante de caretas! (INÁCIO FILHO, 1964, p. 98)	
<b>Definição:</b> Fruto muito apreciado na região, semelhante à atemoia ou fruta do conde.	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> característico da região norte, o berimbá é bastante apreciado e faz parte da vida principalmente das crianças, constituindo-se em uma memória de infância.	
<b>Outras observações:</b> encontramos nos dicionários consultados o registro de “biribá”, o que não ocorreu no <i>corpus</i> de análise.	

Com duas ocorrências no *corpus*, “berimbá” é uma lexia simples. Classificamos no campo lexical relacionado a “comidas e bebidas”, pois o seu significado remete a um fruto bastante conhecido na região amazônica e que é bastante apreciado.

É importante mencionar que localizamos nos dicionários consultados o registro de “biribá”, fruto do biribazeiro. A origem do nome remete à ideia de “pequeno”, “pouco”, como apresenta Ferreira (2009). José Inácio Filho, nas notas de rodapé de *Fatos, cultos e lendas do Acre*, define “berimbá” como “o fruto do berimbazeiro”, sem

fornecer quaisquer informações acerca da aparência do fruto. No entanto, consideramos que “berimbá” seja uma variação na grafia de “biribá”, o que consiste em uma escolha do autor.

Diante desse fato, é possível afirmar que a diferença na grafia confere opacidade ao significado da palavra, o que é confirmado pelo fato de que, muitas vezes, pequenas alterações na forma gráfica da unidade léxica, que frequentemente se manifestam por fenômenos fonéticos, conferem mudanças no significado, ainda que sutis. É nesse aspecto que afirmamos residir a CCP nesse caso, posto que, para identificar a que se refere determinada lexia, é necessário ter conhecimentos que muitas vezes são guardados pelo grupo de falantes.

Quanto aos aspectos discursivos, evidenciamos que o efeito de sentido produzido é marcado por um discurso que já foi veiculado sobre a Amazônia, que a definia enquanto eldorado, paraíso. O tom que se mostra nesse discurso, revela uma semelhança com a forma como os cronistas descreviam as terras recém-descobertas, como o fez Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, que descrevia o Brasil como um paraíso de farturas. O tom do excerto enunciativo retomado a seguir demonstra essa semelhança:

*(13) Um grande pomar, um dos mais lindos de todos que, até aí, havia visto, perdia-se num estirão danado! As mais variadas frutas: ata, **berimbá**, taperibá, pitanga, e outras; pássaros de lindas plumagens e de cantos alegres ou tristes: o japó, o japim, o sanhaçu, o anambé, o irapuru, e muitos mais. Era, verdadeiramente, maravilhoso todo esse cenário que se apresentava aos seus olhos. Achava-se, ali, mais espantado de que macaco diante de caretas! (INÁCIO FILHO, 1964, p. 98)*

Essa noção de paraíso pode ser percebida em “Era, verdadeiramente, maravilhoso todo esse cenário que se apresentava aos seus olhos.” Com isso, vemos que há semelhança com discursos do colonizador diante da terra recém-descoberta, que, geralmente, tinham como marca tom de deslumbramento diante das belezas da terra, descrita como paradisíaca. É a presença constante do ambiente natural, principalmente no que diz respeito às plantas. Sobre isso, afirma Tocantins (1960, p. 83):

A expansão humana no espaço geográfico a que se convencionou chamar de Amazônia, está muito ligada à crônica das plantas e animais em que ela se apoiou no esforço de sobrevivência, criando, nesse convívio uma série de relações.

A citação do autor, um conhecedor e estudioso da Amazônia, reforça a concepção que está relacionada ao convívio do homem com a natureza, principalmente a relação de harmonia que se apresenta.

10) “bosoroca”

Ficha 10	
<b>Lexia:</b> bosoroca   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> bosoroca
<b>Campo lexical:</b> utensílios	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino	<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 2	
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)	
<b>Excerto enunciativo:</b> (14) Agaildo deu de ficar acordado até tarde. Rondava o varadouro, descia ao igarapé, vigiava o roçado. Tinha vez de até dormir no casco, que amarrava perto do sumidouro do açude. Quando saía pra cortar, levava a <b>bosoroca</b> cheinha. E, cada vez mais mofino, cercava Firmino feito jacamim. Às vezes ficava olhando o irmão, uma pontinha de inveja: devia de ser bom saber ler, clareava as idéias. (ESTEVEVES, 1993, p. 42)	
(15) Resolveu não voltar pra rede. Morno, o corpo pedia o corpo morno de Ritinha. Vestiu o encauchado sapatos de seringa, pegou a espingarda, <b>bosoroca</b> , farinha e jabá, e mais muda de roseira (que prometera à Ritinha). Mata agressiva em seus segredos, a enfrentaria, por que não? Também queria dominar a mata, à noite, onde o impreciso povoava de mistérios, sons, ruídos, sombras, cada passo. Vontade de ser como a mata ao alvoroço do vento, e não assim, chorosa no borbulhar das águas que brotavam da terra, ou no chiado da chuva entre as folhas. (ESTEVEVES, 1993, p. 49)	
<b>Definição:</b> Bolsa utilizada para o transporte de produtos diversos, em especial, munição para espingarda utilizada na caça e na defesa do seringueiro.	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a bosoroca tem uma grande representatividade na vida do homem da Amazônia, visto que é nela que se faz o transporte de diversos produtos. Bosoroca cheia é sinônimo de prosperidade.	
<b>Outras observações:</b>	

“Bosoroca” é uma lexia simples, que ocorre duas vezes no *corpus* e que remete a uma espécie de bolsa para o transporte de munição, especialmente, dentre outros objetos. É formada por sufixação, uma vez que foi anexado o sufixo *-oca*, utilizado na formação de diminutivos, muitas vezes, de sentido depreciativo, como “engenhoca”, por exemplo.

É uma lexia culturalmente marcada e a CCP, embora não haja uma descrição do objeto, reside na associação à noção de defesa, pois a bosoroca, da mesma forma que outros utensílios que o seringueiro conduzia, faz parte de seu sistema de trabalho, pois era nela que eram guardados os utensílios para defesa e caça, uma vez que era da floresta que se retirava o necessário para a alimentação, pois nos barracões os preços sempre eram superfaturados.

As evidências lexicais que observamos nos excertos enunciativos revelam os modos de vida das pessoas na floresta onde a luta pela sobrevivência é constante. Vemos a luta do homem consigo e com a natureza. Vejamos novamente, por exemplo, o excerto enunciativo a seguir:

(15) *Resolveu não voltar pra rede. Morno, o corpo pedia o corpo morno de Ritinha. Vestiu o encauchado sapatos de seringa, pegou a espingarda, **bosoroca**, farinha e jabá, e mais muda de roseira (que prometera à Ritinha). Mata agressiva em seus segredos, a enfrentaria, por que não? Também queria dominar a mata, à noite, onde o impreciso povoava de mistérios, sons, ruídos, sombras, cada passo. Vontade de ser como a mata ao alvoreço do vento, e não assim, chorosa no borbulhar das águas que brotavam da terra, ou no chiado da chuva entre as folhas. (ESTEVEES, 1993, p. 49)*

Verificamos, nesse trecho, que um dos sentidos emerge do desejo do homem de dominar a natureza, ter poder sobre ela, o que pode ser demonstrado em “Vontade de ser como a mata ao alvoreço do vento”, além de seu desapontamento ante sua pequenez que contrasta com a imponência e agressividade da floresta. Esse discurso é marcado pela visão que se tinha da Amazônia desde os cronistas, que a descreviam como “inferno verde”, opondo-o à noção de eldorado, pois muitos homens morriam diante da “agressividade” da floresta. É nesse discurso que emerge o imaginário que foi construído sobre a Amazônia ao longo de seu desbravamento, o que revelou diversos perigos e mistérios.

#### 11) “breu-da-noite”

Ficha 11		
<b>Lexia:</b> breu-da-noite	<b>Var.:</b> breu da noite	<b>Lema:</b> breu-da-noite
<b>Campo lexical:</b> intensidade/força		<b>Estrutura:</b> lexia composta
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (16) Certa vez, meus amigos, no roçado de Seu Jacu dos Jatobás, não longe de seu velho tapiri de paxiúba, no seringal Capuava, uma jibóia vermelha saiu dum toco de cumaru e foi enroscar-se no sereno pé de uma jaqueira. A bicha veio, veio mesmo, contorcendo-se toda, atraída pela zoadas das galinhas à boca da noite, a caminho dos poleiros. Os seus olhos eram como duas tochas bem acesas sobressaindo no escuro do <b>breu da noite</b> , que aterrorizariam até o acreano mais destemido. Ao vê-la, Seu Surubim quis ter medo, mas reagira. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 88)		
(17) - Êh, cemiteriozinho mais triste e mais feio! Há paz! Mas paz que é estranha e que sobressalta! E há quem diga que no <b>breu-da-noite</b> , há sombras de invisíveis, de capetas em forma de bode, de cachorros de cabelo de fogo, de árvores gigantes que se		

movimentam que seguem as pisadas dos seringueiros, passo por passo, botando muitos em fuga, desabaladamente! E que cadáveres de pessoas desencarnadas, por conseguinte, sem luz, se arrancam das entranhas da terra, para virem beijar-se e acariciar-se em cima das frias sepulturas! (INÁCIO FILHO, 1968, p. 63)

**Definição:** Escuridão; noite muito escura, por metonímia (breu).

**Aspectos lexicoculturais e discursivos (ALD):** Representa a própria escuridão vivida nas noites da Amazônia acreana, na qual pouco se enxerga. A lexia é utilizada por analogia metaforicamente, uma vez que é formada por dois elementos, sendo que o primeiro representa uma característica do segundo.

**Outras observações:** O breu refere-se também à resina, geralmente inflamável, obtida de algumas plantas.

Formada por justaposição, a lexia composta “breu-da-noite”, foi inserida no campo lexical “intensidade/força”. Ela ocorre no *corpus* de duas formas: com e sem hífen, o que reforça a ideia apontada por Biderman (2001), sobre a inconsistência que gira em torno da utilização do sinal gráfico em algumas unidades lexicais. O significado da lexia refere-se à escuridão da noite, que é comparada com a cor escura do breu, resina retirada de algumas árvores conhecida por sua coloração escura.

Sustentamos, assim, que a união dos dois elementos se deu por analogia da cor de um em relação ao outro, pois tanto no sentido literal quanto no figurado as lexias, juntas, têm uma característica comum: o significado de escuridão. A CCP, nesse caso, reside na comparação do escuro do breu com a escuridão da noite. A estrutura “breu-da-noite” é utilizada como uma convenção, substituindo, no contexto em tela, a forma “escuro como breu”, que é mais usual.

Além desses, frisamos os aspectos discursivos que surgem das marcas linguísticas deixadas nos enunciados. A lexia, que tem duas ocorrências no texto, mostra efeitos de sentido distintos em cada uma delas. No excerto enunciativo 16: “Os seus olhos eram como duas tochas bem acesas sobressaindo no escuro do breu da noite, que aterrorizariam até o acreano mais destemido”, vemos que o sentido reside, especificamente, no temor causado pelo contraste que se forma entre o vermelho dos olhos da jibóia com a escuridão da noite, o que contribui para o medo maior do personagem. Já no segundo, excerto enunciativo 17, o sentido emerge dos temores que podem habitar a escuridão da noite.

Salientamos que embora, os sentidos sejam apresentados de formas distintas, há entre eles um entrecruzamento que se mostra na concepção de medo que comumente é atribuída à escuridão. Seria, nesse caso, uma manifestação do imaginário coletivo, no qual há referência aos temores que a noite pode trazer.

Nesses excertos enunciativos, aparecem tópicos que são próprios da cultura de alguns povos, pois a crença em coisas sobrenaturais é um fato evidente entre as histórias de seringueiros que sempre relatam terem visto “alma do outro mundo” nas passagens por roçados e estradas de seringa.<sup>14</sup> Com isso, vemos que as ocorrências, nesse trecho, têm características lexicais, discursivas e culturais que se inter-relacionam.

## 12) “briôco”

Ficha 12		
<b>Lexia:</b> briôco	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> briôco
<b>Campo</b> lexical:	funções	<b>Estrutura:</b> lexia simples
sociais/profissões		
<b>Categoria:</b> adjetivo	<b>Processo de formação:</b> primitiva	
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (18) - O senhor, produzindo sempre assim, com tanto capricho, tanto empenho, vai acabar dando um grande seringueiro. Deixará de ser um soldado-da-borracha <b>briôco!</b> Brabo bom e despachado está, aí mesmo, no chão do Acre. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 7)		
<b>Definição:</b> sem dinheiro ou de pouco valor. <sup>15</sup>		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> representa o pouco valor dado ao soldado-da-borracha.		
<b>Outras observações:</b>		

Classificamos a lexia simples “briôco” no campo lexical “funções sociais/profissões”. Enquanto adjetivo, ela ocorre no *corpus* somente uma vez, constituindo-se, portanto, em um *hapax legomena*. O sentido a que temos acesso é o que se pode depreender do contexto. Refere-se a algo ou alguém de pouco valor ou pessoa que não tem dinheiro. No caso em tela, está associado imediatamente à lexia “soldado-da-borracha”.

“Briôco” se trata de uma lexia cuja CCP é marcada pela associação com coisas de pouco valor, uma vez que é no contexto em uso associado às condições que envolvem a sua utilização que é possível identificar um sentido aproximado.

No que refere aos aspectos discursivos, afirmamos que o excerto enunciativo em que a lexia ocorre há referência a um cenário em que a força de trabalho e a produção da borracha são o destaque. O homem desde o início da extração da

<sup>14</sup> Informação obtida verbalmente por informantes.

<sup>15</sup> Definição elaborada conforme a apresentada em:

<http://sertaodesencantado.blogspot.com/2010/04/glossario-sertanejo.html>. Acesso em: 04 fev. 2019.

borracha, subordinou-se a ela e rapidamente se viu escravizado pelos processos que a envolviam. Vejamos novamente o excerto enunciativo 18:

(18) - *O senhor, produzindo sempre assim, com tanto capricho, tanto empenho, vai acabar dando um grande seringueiro. Deixará de ser um soldado-da-borracha **briôco!** Brabo bom e despachado está, aí mesmo, no chão do Acre. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 7)*

Analisando esse enunciado, é possível observar, no conjunto das escolhas lexicais feitas pelo interlocutor, a composição de um discurso em que o elogio à força do trabalho tem como fim a manutenção de um ofício, nesse caso, o seringueiro bom produtor de borracha. É possível destacar, por exemplo, que o uso de “grande seringueiro” está relacionado a uma visão capitalista do empregador, que vê como bom aquele que mais produz. Em outras palavras, representa a relação colonizador-colonizado, na qual a força de trabalho, a produção e a mão-de-obra são mais valorizados que o elemento humano.

Na expressão “soldado-da-borracha<sup>16</sup> briôco”, ao contrário, verificamos que há uma concepção negativa em relação àqueles que migraram de outras regiões com o fim de “combater” a/na floresta para extrair o látex, os quais, algumas vezes, foram relegados à desvalorização pela falta de habilidade.

Os soldados-da-borracha são aqueles seringueiros que migraram de outras regiões, a maioria do Nordeste, para trabalhar na extração do látex, especificamente no segundo ciclo da borracha, período da Segunda Guerra Mundial. A denominação “soldado” decorre do fato de “combaterem” na batalha da borracha enquanto os outros soldados combatiam na guerra. Esses homens eram recrutados pelo Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (S.E.M.T.A) e, ao contrário dos soldados que foram para guerra, não tinham reconhecimento algum, pois o que interessava era a sua força de trabalho. Vemos nisso a noção de exploração do homem pelo seu semelhante, o que enfatiza o princípio capitalista de produção.

Vemos, ainda, no conjunto das evidências lexicais, a lexia “brabo” que possibilita inferir que o homem era visto como força de produção, “animal de carga”, que precisa ser “amansado” para realizar as tarefas a ele designadas. “Brabo” era o nome dado ao seringueiro novato que chegava sem habilidade nenhuma no corte da

---

<sup>16</sup> Soldados da Borracha: “seringueiros que trabalharam durante a Segunda Guerra Mundial na Região Amazônica”. (LIMA, 2013, p. 12)



seringa. O termo “brabo” era usado em oposição a “manso”, que remetia ao seringueiro já adaptado ao trabalho de extração do látex.

### 13) “burro topão”

Ficha 13		
<b>Lexia:</b> burro topão	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> burro topão
<b>Campo lexical:</b> animais/fauna		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (19) - O trabalho e a obrigação não devem ficar esquecidos! Vão brincar. Soltem os papagaios e as curicas, que o vento, de hoje, está convidativo. Eu vou por aí feito <b>burro topão</b> , com os pés marcando o varadouro, à procura de alcançar o barracão. De regresso, trarei balas e brinquedos também. Palavra de seringueiro não volta atrás! É firme como todos os pés de jatobás e cumurus-ferro. O velho puxou do bôlso o corrimboque e saiu cheirando rapé. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 9)		
<b>Definição:</b> Animal que tropeça por seus cascos desformes.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> tem relação com a situação do seringueiro que anda sem direção, sem ter um caminho certo a seguir.		
<b>Outras observações:</b>		

“Burro topão” é uma lexia complexa por justaposição e, embora a referência esteja relacionada ao animal que tropeça, ela foi classificada no campo lexical “animais/fauna”. Assim é chamado o animal que tropeça, condição que é comparada à pessoa que caminha na mesma condição. Dessa maneira, é uma lexia utilizada em sentido figurado.

O segundo elemento da lexia “topão” deriva do verbo topar, que é o mesmo que tropeçar, bater com o pé,<sup>17</sup> e, no conjunto, refere-se aos animais dessa espécie que, quando têm os cascos maiores do que deveriam, batem com os pés nos varadouros. No excerto enunciativo selecionado, o interlocutor compara a pouca habilidade de andar do animal nessas condições a sua própria dificuldade de andar em decorrência da idade.

Em se tratando da CCP, podemos afirmar que há, no uso dessa lexia, uma carga cultural marcada pela associação da dificuldade de andar de um burro, cujo casco está de tamanho inadequado ao andar trôpego do homem já cansado. Vale notar que encontramos referências a essa lexia a partir do sistema de busca do Google, o que, embora não esteja nos procedimentos metodológicos, em muitos

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/topar>. Acesso em: 21 set. 2018.

casos, trouxe-nos resultados satisfatórios. A referência a “burro topão” foi encontrada em um poema intitulado *Quatro coisas no mundo que aflagela um cristão*, cuja autoria é atribuída a José Cavalcanti, 1918-1994, escritor piranhense, e ex-prefeito de Patos, PB. Transcrevemos a seguir a primeira parte desse poema:

*Aí estão duas sextilhas que ouvi da boca de um negro velho, em Cajazeiras, tomando bicadas de cana numa bodega próxima do cabaré:*

*Há quatro coisa no mundo  
Que aflagela um cristão:  
É uma muié ciumenta,  
É um menino chorão,  
É uma casa que goteja  
E um **burro topão**.<sup>18</sup>*

O fato de o autor ser nordestino, leva-nos a levantar a hipótese de que a expressão seja típica da região Nordeste do Brasil e que o uso em uma obra da literatura acreana pode ser resultado do próprio processo migratório, pois é historicamente conhecido que o povoamento da região que hoje é o Acre se deu, em grande parte, por nordestinos.

A partir dos sentidos, revela-se, no excerto enunciativo, a concepção de supervalorização do trabalho que mais uma vez se apresenta, mas dessa vez no discurso de um adulto em relação a crianças, o que dá um tom de doutrinação ao enunciado marcado por duas afirmações especialmente: “O trabalho e a obrigação não devem ficar esquecidos!” e “Palavra de seringueiro não volta atrás!”, que remetem ao princípio de que a chegada da vida adulta requer responsabilidades.

Nessa mesma orientação, vemos a oposição vida adulta x infância, pois, ao mesmo tempo em que fala sobre trabalho, orienta as crianças a brincarem, uma vez que com o fim da infância chegam as responsabilidades da vida adulta. Numa formação discursiva que gira em torno da vida dos seringais, essa afirmação ganha um sentido de advertência, tendo em vista que nessas localidades o trabalho de extração do látex começava bem cedo, ainda na infância, pois a força de trabalho era necessária e não havia como esperar a fase adulta chegar. Nas regiões rurais, isso ainda é algo bastante comum.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://almanaqueiras.blogspot.com/2011/02/quatro-coisas-no-mundo-que-aflagela-um.html>. Acesso em: 21 set. 2018. (Grifo nosso)

## 14) “caldeio”

Ficha 14		
<b>Lexia:</b> caldeio	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> caldeio
<b>Campo lexical:</b> Ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (20) O preparo da bebida obedece a motivos sérios, de domínio religioso. Associa-se a cultos confusos em que se mistura cristianismo com espiritismo e africanismo com indianismo, <b>caldeio</b> esquisito em que o meu espírito nunca penetrou profundamente. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 13)		
<b>Definição:</b> Mistura, amálgama; ritual no qual se prepara a bebida conhecida como “oasque”.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> representa a mistura de religiões e culturas que envolvem o culto do oasque. Também diz respeito ao preparo da bebida.		
<b>Outras observações:</b> encontramos nos dicionários o verbete “caldear”, porém as acepções e apresentadas não se relacionam ao significado de “caldeio”, inferido do enunciado.		

“Caldeio” é uma lexia simples, de frequência 1 no *corpus*, sendo, portanto, um *hapax legomena*, derivada de “caldear”, formada por sufixação a partir do sufixo -eio, e, neste trabalho, foi classificada no campo lexical “ações do cotidiano”. Localizamos a forma “caldear” nos três dicionários, mas com significado diferente do que identificamos no excerto enunciativo, pois nenhuma das acepções condiz com a ideia de transformação em “caldo” ou se refere ao ritual no qual se prepara o chá “oasque” (Ayuascha).

A lexia “caldeio” refere-se a um dos ritos que envolve o preparo do chá que é bastante conhecido no Acre e atrai pessoas de diversas localidades do Brasil e do mundo. Diante disso, os aspectos culturais se mostram no enunciado, pois “caldeio” está relacionada a uma atividade específica que ocorre de forma mais evidente no contexto da região e, nesse caso, é apresentada como um ritual. Dessa maneira, é possível afirmar que a CCP se mostra por esse conteúdo específico que associa “caldeio” a uma das etapas de preparação do “oasque”.

No excerto enunciativo destacado, observamos um discurso que se baseia em questões religiosas, permeados por evidências lexicais que se manifestam enquanto marcas do discurso veiculado. Vejamos novamente o excerto enunciativo 20:

<p>(20) O preparo da bebida obedece a motivos sérios, de domínio religioso. Associa-se a cultos confusos em que se mistura cristianismo com espiritismo e africanismo com indianismo, <b>caldeio</b> esquisito em que o meu espírito nunca penetrou profundamente. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 13)</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nesse excerto enunciativo, é possível depreender que a descrição que o interlocutor apresenta é permeada de lexias que têm sentidos de certa forma opositivos, especialmente os adjetivos, quais sejam: “sérios”, “confusos”, “esquisito”. Ao utilizar esses qualificadores, o discurso demonstra a forma como muitas sociedades categorizam aquelas religiões apontadas como não “convencionais”, menos aceitas. Contudo, ao mesmo tempo em que ele faz isso, demonstra um ecumenismo inscrito na formação discursiva de caráter religioso, pois ele reúne, em um único bloco, cristianismo e religiões como espiritismo, africanismo, indianismo, que, muitas vezes, são relegadas ao esquecimento, uma vez que no meio social aquilo que não é habitual tende a ser silenciado.

#### 15) “cantarolejar”

Ficha 15		
<b>Lexia:</b> cantarolejar	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> cantarolejar
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (21) Eu e os meus companheiros, em nossa mocidade no Acre, sentíamos a maior alegria, quando o caboré cantava, e não sofriamos com o seu <b>cantarolejar</b> , horas e horas, penoso e persistente, visto que o dia próximo seria um dia excelente de caça. E era mesmo! E lá íamos nós, umas vezes para os igapós de Seu Esteves Vinte-e-Dois, e outras para o roçado de Zé Meireles. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 31)		
(22) À tarde, acompanhando o <b>cantarolejar</b> dos pássaros, vagorosamente, parecendo mais pesado que a carga, lá vem êle, o velho, suando, suando sempre, ansioso por chegar com aquêlê pêso cruel e ingrato do ordinário ramachim, ali, a ferir-lhe as já vincadas costas, como se fôsse aquilo um marco permanente de um total fracasso. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 17)		
<b>Definição:</b> Cantar dos pássaros.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> embora seja possivelmente um efeito estilístico do autor, cantarolejar representa os bons momentos vividos, uma vez que representa os bons presságios, as coisas boas que poderão acontecer.		
<b>Outras observações:</b> formada a partir do acréscimo de um elemento no radical.		

Classificamos a lexia “cantarolejar” no campo léxico “ações do cotidiano”. A lexia ocorre duas vezes no *corpus*, nas duas obras de José Inácio Filho e constitui-se como variação do verbo “cantarolar”, ao qual foi acrescentada uma extensão, o sufixo

-ej-, que uma vez anexado livremente, provoca uma sutil mudança no significado da lexia.

Com base nessas informações, é possível afirmar que essa variação do significado também está acompanhada de uma entonação que se sobressai. Além disso, conforme afirma Rio-Torto (2013), o sufixo *-ej-* é utilizado na formação de verbos transitivos de valor causativo e verbos intransitivos não causativos, com algum predomínio destes, como é o caso de “cantarolejar”. Como o prefixo *-e-*, produz, com alguma regularidade, verbos com valor iterativo. Outro aspecto relevante que a autora enfatiza é o fato de as bases para formação de verbos com esse sufixo constituírem-se, em sua maioria, enquanto nomes e adjetivos, o que não é visto em “cantarolejar”, tendo em vista que a base utilizada é também um verbo, *cantarolar*. Esse fato nos leva a considerá-la como um efeito estilístico do autor.

Nas duas ocorrências de “cantarolejar”, verificamos que a referência é sempre ao canto dos pássaros. A primeira, que está em *Fatos, cultos e lendas do Acre*, a referência é a um pássaro específico e a segunda, em *Capiongo*, diz respeito aos pássaros de maneira geral. Embora figure como um efeito estilístico do autor, é possível afirmar que a lexia tem CCP, pois nos excertos enunciativos, o “cantarolejar” dos pássaros está associado à condição penosa em que os sujeitos viviam .

Há, ainda, um aspecto cultural que se sobressai, que é a crença de que o “cantarolejar” de uma ave, o caboré, é triste e parece pedir pelo sol. Isso leva a uma prática cultural que consiste em observar a natureza para realizar as práticas cotidianas. Revela-se, com isso, um implícito cultural que é representado pela superstição que envolve o canto da ave, o qual é percebido com tristeza por uns e com alegria por outros. Nesses dois excertos, vemos surgir uma superstição bastante comum no Acre que é a crença de que o canto dos pássaros pode significar que algo de ruim pode estar por vir.

Além desses aspectos culturais, é possível destacar os efeitos de sentido que podemos inferir no excerto enunciativo, pois, ao tratarmos dessas questões culturais, percebemos que o homem, sem a possibilidade de utilizar outros recursos, tinha nos elementos da natureza os meios para organizar suas práticas cotidianas. Isso envolve suas crenças, suas superstições que povoavam o passado de muitas civilizações e até mesmo o presente.

Nos excertos enunciativos, observamos sentidos diferentes. No excerto enunciativo 21, notamos o otimismo com que os personagens enfrentam

determinadas situações, pois, ao mesmo tempo em que se sentem tristes pelo canto do “caboré”, mostra-se a esperança de um dia promissor de caça. Já no excerto enunciativo 22, vemos um sentido em que há uma analogia entre o peso do “cantarolejar” dos pássaros com o peso da carga transportada.

#### 16) “casa-de-caba”

Ficha 16		
<b>Lexia:</b> casa-de-caba	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> casa-de-caba
<b>Campo lexical:</b> perigo		<b>Estrutura:</b> lexia composta
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (23) Firmino ouvia seu Osmarino, discurso de deputado, era um tal de "derruba", "não derruba", "faz estrada", "não faz", ele queria entender. Mas o padre só dizia: "Filho, isso é <b>casa-de-caba</b> ". Mas ficava preocupado, pensando jeito de seu Osmarino desistir da caçada. Pois que ele estava cismado, estava. (ESTEVEVES, 1993, p. 30)		
<b>Definição:</b> Situação de grande perigo ou difícil de resolver.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> “casa-de-caba” é uma lexia muito utilizada em referência a situações que causam preocupação. A caba é um inseto que tem uma picada que causa bastante dor. Além disso, costuma atacar aquele que passa próximo a sua toca, o que a torna mais perigosa. Causa medo a muita gente, principalmente, pela dor que sua picada pode causar.		
<b>Outras observações:</b> há o registro de “caba” nos dicionários consultados. Neles, o lexema é marcado como regionalismo/brasileirismo.		

A lexia analisada nesse excerto enunciativo, “casa-de-caba”, é formada por justaposição e ocorre uma única vez no *corpus*, constituindo-se, portanto, em um *hapax legomena*. Classificamos essa lexia no campo léxico “perigos” pelo fato de referir-se a uma situação perigosa.

É nesse aspecto que reside a CCP na lexia “casa-de-caba”, pois a associação com perigo iminente é revelada e compartilhada pelos falantes e pode ser depreendida no contexto em que é utilizada.

Como é possível assinalar, o sentido da lexia constitui-se como uma metáfora que se relaciona às características próprias da “caba”, pequeno inseto da família dos marimbondos que ataca aqueles que se aproximam de sua toca e cuja picada causa muita dor, por isso, é melhor manter distância. Dessa forma, o sentido da lexia “casa-de-caba”, no excerto enunciativo, tem valor de advertência, uma vez que, por analogia, refere-se a alguma situação perigosa, pois, da mesma forma como aquele

que manuseia “casa-de-caba” sabe que poderá sofrer algumas picadas, não é seguro se envolver em situações arriscadas.

A lexia ocorre num discurso no qual sobressaem visões contraditórias, marcadas por questões políticas. Vemos sobressaírem-se duas vozes, especialmente aquela que envolve o discurso político, marcado pelas promessas em época de campanha, por exemplo, e a voz de um religioso, na qual evidencia-se uma advertência acerca de um perigo iminente. Advertir constitui-se enquanto papel do religioso, que é o de instruir aqueles que estão sob sua tutela.

Sendo assim, vemos que os discursos, no excerto enunciativo, são marcados pela ideologia que determina o que pode e deve ser dito e isso demonstra circunstâncias em que as posições que os sujeitos ocupam é que marcam sua postura diante dos fatos.

#### 17) “casa-de-farinha”

Ficha 17		
<b>Lexia:</b> casa-de-farinha	<b>Var.:</b> casa de farinha	<b>Lema:</b> casa-de-farinha
<b>Campo lexical:</b> espaços		<b>Estrutura:</b> lexia composta
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (24) Várias vezes eu e o compadre Jondiá das Canjicas, fomos à casa de Dona Embaúba. Era uma mulher boa de coração. Não se negava a coisa alguma. Tudo o que o povo anda exagerando a seu respeito, não é verdade. A sua fama de bruxa propagou-se por todos os papiris. Imagine que até minha Camurupim quis proibir-me de ir à casa dela. Creiam, meus senhores. que não vejo crime algum numa pessoa que bota a peneira. Se eu fosse delegado, obrigaria todo o mundo a aprender a manejar, em casa, a sua própria arupemba. E creio que, dêste modo, a vida do seringueiro melhoraria, pois deixaria de haver indivíduos, por aí, descansados. Todos procurariam os meios honestos de vida. E não é verdade que a peneira descobriu quem levou o meu pilão que estava na <b>casa de farinha?</b> (INÁCIO FILHO, 1964, p. 68)		
(25) - A vida é um encanto por aqui, apesar de difícil e penosa para todos os seringueiros. Os homens plantam e colhem nos roçados! As mulheres deixam os serviços domésticos e vão às <b>casas-de-farinha</b> raspar a mandioca e, no paiol, debulham, alegres e sorridentes, o milho ou o feijão. As Crianças, também, trabalham, dando o seu quinhão, indo ao encontro dos pais, à espera, em alguma perna de estrada, pela bóia quente, cozida do dia, em geral bom pedaço de paca, tatu: veado, cutia ou nambu. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 62)		
<b>Definição:</b> Local onde são produzidos os derivados da mandioca, tais como: farinha, goma de tapioca, beiju, etc.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a casa-de-farinha faz parte da cultura do homem acreano, principalmente pelos produtos que são produzidos nela, muito apreciados na culinária, tais como: farinha, goma, tapioca, beiju. Esses produtos movimentam a		

economia do estado, tendo em vista que especialmente a farinha do Acre é considerada muito saborosa e apreciada até mesmo por pessoas de outros estados.

**Outras observações:**

Formada por justaposição, a lexia composta “casa-de-farinha” ocorre duas vezes no *corpus*. Uma “casa-de-farinha” é definida como o local em que se produz farinha e outros derivados da mandioca, muito apreciados na culinária acreana.

A lexia, apesar de constar somente nas obras de José Inácio Filho, apresenta duas grafias distintas: com e sem hífen. Com isso, salientamos o que afirma Biderman (2001a), sobre o fato de o hífen não ser utilizado com coerência, embora a ortografia prescreva que ele deve ser utilizado entre duas unidades mórficas componentes do que a tradição convencionou chamar de “palavra composta”.

As “casas-de-farinha” constituem-se como uma importante representação da economia no Acre, pois nelas são produzidos diversos produtos da mandioca, como: farinha, goma de tapioca e beiju, por exemplo. A farinha, que é o principal deles, é definida por José Inácio Filho da seguinte forma:

FARINHA: s.f. I. Elemento valioso de folclore, das tradições populares. Quando chove ininterruptamente, para que cesse a chuva, lança-se *farinha* ao tempo. Se continua a cair água, lança-se mais e mais até que dê certo. II. Comer com farinha: beber muito demasiadamente: “Ele come com *farinha!*” (Inácio Filho, 1969, p. 64, grifos do autor).

O autor apresenta “farinha” a partir de seu sentido figurado, representando não só o alimento, mas como parte do folclore e das crenças populares. É bastante comum, no Acre, os avós, por exemplo, relatarem episódios em que, nas brigas conjugais, quando um dos cônjuges queria sair sozinho em dias de chuva, lançava-se farinha pela janela para que parasse de chover. Ao contrário, se o desejo era de que a chuva continuasse, lança-se sal. Desse modo, um lança farinha, o outro sal<sup>19</sup>.

As casas-de-farinha são o local em que famílias inteiras trabalham na fabricação de farinha, e, de acordo com Peniche (2014), envolvem um conjunto de práticas, nas quais os valores culturais se mostram por meio das relações sociais e representações.

A lexia é culturalmente marcada por razões que estão interligadas. A principal envolve as unidades mórficas que compõem a lexia, “casa” e “farinha”. Essas unidades têm, em cada cultura, acepções distintas, mas ao se interligarem numa única

<sup>19</sup> Informação obtida verbalmente por informantes.



lexia adquirem um novo significado, associado a local de trabalho, de produção. Além disso, “casa”, pode representar não somente o espaço físico, mas também o valor afetivo relacionado à ideia de lar. “Farinha” também envolve caso semelhante, pois há diferentes definições em cada cultura. No Acre, por exemplo, a referência à farinha está sempre relacionada ao produto da mandioca, mas em outros locais também pode ser de trigo, de milho, etc.

Quanto aos sentidos, salientamos que emergem de um discurso marcado por relações econômicas, por envolver uma atividade laboral, e também emotivas e familiares. Segundo Soares (2007), as “casas-de-farinha” chamam-se casas

[...] porque além da transformação artesanal, a esta também, estão atrelados os laços consangüíneos, irmanados e a extrema diferenciação no modelo de produzir. A “farinhada” deixa de ser apenas o resultado final de um sistema produtivo, para albergar também os vínculos familiares na sua execução. (SOARES, 2007, p. 18)

Como é possível notar, estão envolvidos as relações de trabalho e os laços familiares associados a um modelo de produção que envolve a sobrevivência, como podemos verificar no excerto enunciativo 25, retomado a seguir:

*(25) - A vida é um encanto por aqui, apesar de difícil e penosa para todos os seringueiros. Os homens plantam e colhem nos roçados! As mulheres deixam os serviços domésticos e vão às **casas-de-farinha** raspar a mandioca e, no paiol, debulham, alegres e sorridentes, o milho ou o feijão. As Crianças, também, trabalham, dando o seu quinhão, indo ao encontro dos pais, à espera, em alguma perna de estrada, pela bóia quente, cozida do dia, em geral bom pedaço de paca, tatu: veado, cutia ou nambu. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 62)*

Nesse excerto, vemos que no trabalho realizado nas “casas-de-farinha” existe uma relação de igualdade em que todos contribuem sem distinção de gênero ou idade, e o fazem com alegria, pois se trata de uma questão de sobrevivência, conseqüentemente, todos devem estar envolvidos. Dessa maneira, os sentidos que emergem ligam também à afetividade, pois, como vemos, as tarefas deixam de ser unicamente tratadas como trabalho, mas passam a representar uma cooperação, em que todos dão sua contribuição em prol de um bem comum.

## 18) “chicória”

Ficha 18		
Lexia: chicória	Var.: Ø	Lema: chicória
Campo lexical: vegetais/flora		Estrutura: lexia simples
Categoria: substantivo feminino		Processo de formação: sufixação
Ocorrências: 2		
Obra: <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)		
<p><b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (26) No começo, não foi muito fácil. Ficava por ali, sem jeito na hora de comer. Era preciso que Maria o chamasse: homem vôte, Cosme, a bóia tá na mesa. Não é nenhum banquete, mas tá gostosa. Botei bastante <b>chicória</b>, como você gosta. (ESTEVES, 1998, p. 9)</p> <p>(27) Trabalhador que ele só, dormia de manhã (e ela cuidava pra nenhum menino fazer barulho) e, de tarde, até a hora de pegar o "trinta e oito" e ir pra ronda de vigia, noite adentro, era trabalhando. Horta linda! Colhia de montão alface, <b>chicória</b>, couve, feijão verde, maxixe, quiabo. Do roçado, era feijão, melancia e cada jerimum... Vendia tudo no mercado. Ajudava pra comprar um remédio, roupa pros meninos, uma extravagância qualquer. Porque não era só com o salário de vigia que dava pra sustentar mulher e filhos. (ESTEVES, 1998, p. 51)</p>		
<b>Definição:</b> Erva aromática de sabor característicos, muito apreciada na culinária.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a chicória para o acreano é considerada um tempero fundamental, pois com seu sabor característico é muito comum se consumir, especialmente, peixes e outros alimentos temperados com chicória.		
<b>Outras observações:</b>		

“Chicória” é uma lexia simples, a qual incluímos no campo lexical vegetal/flora. Embora se conheça “chicória” em outras regiões, identificamos que somente o significante é igual, pois o significado é diferente, de acordo com as pesquisas que realizamos nos dicionários. A “chicória”, no contexto da região, refere-se a uma erva de folhas compridas, nas quais há uma espécie de serrilha nas bordas, que é bastante aromática, utilizada principalmente no tempero de peixes, carnes, caldos, feijão e outros alimentos.

A CCP nessa lexia está na noção de erva aromática que é atribuída a ela na região. Encontramos também o registro como “chicória do norte”<sup>20</sup>. Essa erva não coincide com a acepção de chicória das regiões Sul e Sudeste, por exemplo. Sendo assim, corresponde a usos e sentidos diferentes da mesma lexia.

Nos excertos enunciativos em que a lexia é utilizada, verificamos que há a representação de ações cotidianas vivenciadas pelos sujeitos, as quais se relacionam com a memória de uma forma afetiva. No excerto enunciativo 26, por exemplo, no

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.aromasesabores.com/2012/10/chicoria-do-norte-coentro-de-folhas.html>. Acesso em: 28 dez. 2018.

qual se lê “Botei bastante chicória, como você gosta”, há referência ao momento da refeição, mas também à simplicidade desta, o que representa uma situação corriqueira, na qual se agrega uma nova pessoa ao seio da família. Essa relação apresenta um efeito de lembrança, e afetividade, pois revela preocupação com o bem-estar do outro.

No excerto enunciativo 27, há a representação da força do trabalho como forma de subsistência do homem. Nesse caso, sobressai-se a referência à condição econômica comum a muitas pessoas, marcada pela necessidade de complementação da renda. É o caso de muitos brasileiros, cujos salários não suprem as suas necessidades básicas.

#### 19) “chuva macho”

Ficha 19		
<b>Lexia:</b> chuva macho	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> chuva macho
<b>Campo lexical:</b> intensidade/força		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obras:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves); <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (28) - Pois é... (Agaildo arriscou interromper a leitura do irmão). Pois é... <b>Chuva macho</b> , né? Em chuva ninguém manda, não tem dono, e taí pra quem quiser aproveitar. Ela vai pra onde quer, cai na terra, cai nos rios, vai pro mar onde qualquer um pode pescar. Ninguém tem fazenda nem seringal no mar. (ESTEVEVES, 1993, p. 43)		
(29) Redemoinhava o vento varrendo vasculhos do terreiro, derrubando galhos e frutas das árvores. Nuvens escuras anunciavam chuva. Preguiçoso, o gato dormia, enquanto Catita farejava, inquieta. Cachorra sabida. Sabia que ia chover. <b>Chuva macho</b> , Chico pensava. Pelo visto... estragaria a festa. E tinha de chover logo naquele domingo. (ESTEVEVES, 1998, p. 19)		
<b>Definição:</b> Queda d'água forte e intermitente, como as chuvas do inverno amazônico que costumam durar o dia inteiro ou mesmo vários dias.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> o inverno amazônico é marcado pela forte incidência de chuvas que comumente não costumam cessar no mesmo dia. São seis meses de muitas chuvas. Faz parte da cultura do acreano considerar apenas duas estações, sendo de maio a outubro o verão; de novembro a abril, o inverno. As pessoas assim delimitam as estações, mas já há contestações sobre ela. As chuvas na região amazônica é que definem a vida das pessoas, a economia, as obras públicas, etc. São intensas e duradouras.		
<b>Outras observações:</b>		

A lexia “chuva macho” é composta e a classificamos no campo “intensidade/força”. Ela é formada por justaposição. Seu sentido remete à chuva torrencial, o que é muito comum na região Norte, nos períodos de inverno.

A lexia é marcada por implícitos, cujos valores são mobilizados pela interpretação que se faz do sentido, pois é na união dos dois elementos que compõem a lexia que a CCP é mostrada, tendo como marca a associação da intensidade da chuva à força que a sociedade, ao longo da história, tem atribuído ao sexo masculino. Todavia, é importante salientar que a lexia pode também ter sido utilizada como efeito estilístico.

Um dos sentidos possíveis que emergem desses enunciados revela-se metaforicamente pela comparação da força atribuída ao sexo masculino à intensidade da chuva. Essa visão de força é reflexo de uma sociedade patriarcal, em que o homem tem poder de decisão. Contudo, mostra-se, nesse caso, que ele não exerce poder sobre todas as coisas, principalmente sobre os fenômenos da natureza, que ocorrem independentemente da vontade dele, causando danos, ao mesmo tempo em que são como uma bênção, pois, no caso das chuvas, possibilitam o crescimento das plantas e aumentam o volume das águas dos rios.

No excerto enunciativo 28, vemos um diálogo em que um dos interlocutores ressalta a grandeza da chuva, enfatizando que ela beneficia a todos, está disponível para quem quiser. Além disso, é possível inferir que ele está tratando sobre as desigualdades sociais referentes à posse da terra, pois esse interlocutor conclui seu pensamento afirmando: “Ninguém tem fazenda nem seringal no mar”.

Já no excerto enunciativo 29, verificamos que a concepção do interlocutor a respeito da “chuva macho” é negativa, pois não há ideia de algo que traz benefícios, mas ao contrário, “estragaria a festa”, representando, por isso, uma espécie de punição.

Dessa forma, a partir dessas proposições, mostra-se, nos discursos representados, a oposição entre bênção e punição, pois da mesma forma que a chuva traz benesses também pode ocasionar perdas.

## 20) “cocal”

Ficha 20		
<b>Lexia:</b> cocal	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> cocal
<b>Campo lexical:</b> alimentos e bebidas		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)		

**Excerto(s) enunciativo(s):** (30) Preparado para a viagem, Seu Chico Batuta larga-se na mata e, homem experiente, sabe muito bem que o oasque nem sempre é fácil de achar-se, à primeira vista, conforme os seus vizinhos pensam. E, como terá de pernoitar, no fundo da selva, mune-se de um ramachim, de uma mutã, de um rifle e de um terçado cento-e-vinte-oito, não se esquecendo, também, de um bom pedaço de carne-de-sol, duas dúzias de bananas piruás, e meia cabaça de **cocal** para matar o bicho. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 11)

(31) - Tibe! Que diabo de pernas tenho! A noite já caiu, sôbre o Bagaço. Nunca as pernas foram mais ingratas! Nem nos dias de maior sofrer. E puxou da algibeira uma garrafa, ainda contendo um pouco de boa **cocal**, e bebeu. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 28)

**Definição:** Bebida alcóolica, espécie de água ardente

**Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** o consumo de bebida alcóolica logo cedo era um costume bastante comum entre os seringueiros, ato que eles denominavam “matar o bicho”. A aguardente era a bebida mais comum, como é o caso da lexia citada “cocal”.

**Outras observações:** Nome de de uma marca de água ardente bastante consumida nas décadas de 1960 e 1970.

“Cocal” é uma lexia simples, que, embora o significado não tenha nenhuma associação com “coco”, é possível identificar a semelhança no radical. A lexia foi formada por justaposição, pelo acréscimo do sufixo -al. O sentido da lexia remete à bebida alcoólica utilizada para “matar o bicho”, que significa beber aguardente em jejum. Encontramos a lexia nos dicionários que utilizamos como *corpus* de exclusão, todavia, com acepções diferentes, todas associadas a “coco” ou a “coqueiral”, o que difere da acepção que foi atribuída à lexia selecionada.

“Cocal”, que ocorre duas vezes no *corpus*, é uma marca de aguardente bastante consumida nas décadas de 1960 e 1970, assim, podemos afirmar que a lexia passou por um processo metonímico, o que levou o nome da marca a designar qualquer tipo de aguardente. Nesse contexto, a CCP, nessa lexia, se dá pela associação do produto em si a uma marca que o nomeia, possibilidade já levantada por Galisson (1987).

No seu livro *Termos e tradições populares do Acre*, José Inácio Filho define “cocal da seguinte forma:

**COCAL:** s.f. Tipo de aguardente, de 56º Cf. *Água, chicotada, Golada, Sargento*. (INÁCIO FILHO, 1969, p. 48, grifos do autor)

No excerto enunciativo, “cocal”, que é definido por Inácio Filho como tipo de aguardente, é tratada como a própria bebida em vez de uma marca.

O sentido de “cocal” somente pode ser compreendido no enunciado, tendo em vista que, pela forma, é possível que haja equívocos na interpretação. No entanto,

pelas pistas deixadas pelas evidências lexicais, torna-se mais fácil compreender do que se trata. Por exemplo, “matar o bicho” que é a ação de consumir bebida alcóolica em jejum, nos dá a pista de que coccal se trata de alguma bebida alcóolica. Em épocas mais remotas, essa ação tinha um fim medicinal, pois se bebia para “matar os vermes do intestino”.

Além desse aspecto, é por meio das evidências lexicais que as condições de vida das pessoas são demonstradas, pois mostra uma situação em que a bebida tanto era tratada como necessidade quanto como alento para as dificuldades.

## 21) “colonheiro”

Ficha 21		
<b>Lexia:</b> colonheiro	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> colonheiro
<b>Campo</b> sociais/profissões	<b>lexical:</b> funções	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (32) E apareceu, um dia, um xapuriense, filho dum velho <b>colonheiro</b> do Ceará, moço forte, corajoso, atarracado, cara feia e amarrada de boi-zebu. Metade do Acre o conhecia por Zé da Força. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 112)		
(33) Vejamos, pois, o que nos contou o <b>colonheiro</b> Jibiri das Arupembas, bom batedor de roçados, que tinha como apelido Barba-de-Surubim, por ser forte na briga e bamba na capoeira. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 88)		
<b>Definição:</b> Pessoa que mora em colônias, sendo o proprietário ou não.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> denominava-se colonheiro aquele que residia ou possuía uma colônia (propriedade rural). O colonheiro é uma figura bastante comum na região amazônica, visto que sua atividade de produtor rural tem forte atuação na economia das cidades. Também, na mesma linha do “Jeca Tatu”, era a expressão usada para designar o indivíduo rude, sem modos.		
<b>Outras observações:</b>		

“Colonheiro” é uma lexia simples formada por sufixação. O sufixo utilizado na sua formação é *-eir-*, reconhecido um adjetivador. A base que forma essa lexia é o substantivo “colônia”, motivo pelo qual a afirmamos, conforme a concepção apresentada por Rio-Torto *et al* (2013), tratar-se de um adjetivo denominal.

No contexto da região, “colônia” representa uma área rural, geralmente utilizada para a agricultura, seja para subsistência ou para o comércio. “Colonheiro” também pode representar, em sentido figurado, o sujeito do interior, caipira, pessoa sem refinamento.

A representação cultural produzida pela lexia “colonheiro” mostra-nos muito mais que um sentido exposto, pois expõe uma condição sócio-histórica vivida por sujeitos em determinada época. A CCP é declarada, nesse caso, por meio do estereótipo que se forma em torno da lexia e da representação por ela mostrada.

Nessas condições, é possível inferir que a lexia “colonheiro”, no excerto enunciativo selecionado, revela não só uma qualificação, mas também um conjunto de evidências lexicais, que destacam uma posição social.

No excerto enunciativo 32, em que ocorre a expressão “dum colonheiro”, vemos uma generalização, que serve, de certo modo como identificação do sujeito, sem, contudo, especificá-lo. Já no excerto 33, verificamos a expressão “o colonheiro”, designação que vem acompanhada de um nome que especifica, que dá identidade ao sujeito que antes havia aparecido enquanto uma função social. “Colonheiro”, mais que um indivíduo representa um papel social, marcado pela posição que o sujeito ocupa na sociedade.

É importante salientar que um dos sentidos que emerge desse enunciado, além do papel social que envolve a lexia, enfatiza a ideia de força atribuída, muitas vezes, ao sujeito que mora nas regiões rurais.

## 22) “cortar”

<b>Ficha 22</b>		
<b>Lexia:</b> cortar	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> cortar
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo		<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 10		
<b>Obras:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves); <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (34) Já vi muito seringueiro penar sem ter pra onde ir, com a miséria da indenização que o patrão dá. Pra onde é que pai podia ir? Cinquenta e cinco anos de Acre, na seringa, tudo que meu pai sabe fazer é <b>cortar</b> , andar por esse mundo de mata, caçar. Fazer o quê na cidade, com sessenta e seis anos, esmolar?". (ESTEVEES, 1993, p. 46)		
(35) Difícil acostumar sem Conceição. Saía pra <b>cortar</b> , não tinha mais ela pra lhe preparar a farofa de jabá, um café, dizer até logo, ficar na porta da cozinha, olhando até ele sumir no varadouro. (ESTEVEES, 1998, p. 18)		
<b>Definição:</b> Extração do látex por meio de “ferimento” na seringueira.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> “cortar” consiste na atividade que denomina toda a atividade do seringueiro. Cortar seringa é uma atividade que passa de pai para filho, pois desde cedo as crianças aprendem esse ofício.		
<b>Outras observações:</b>		

Lexia simples, formada por justaposição, “cortar” tem 10 ocorrências no *corpus*. Representa o próprio ofício do seringueiro. É essa a atribuição laboral que lhe foi designada. Devido a isso, a lexia foi incluída no campo lexical “ações do cotidiano”. A lexia remete ao corte da seringa, mas o seu uso é marcado pela elipse desta, pois embora não apareça, subentende-se que se refere a: “cortar (seringa)”.

“Cortar” adquire uma carga cultural na medida em que se relaciona especificamente à seringa, pois substitui todo o processo que envolve a atividade. A CCP, nesse caso, reside nessa associação, que dá opacidade e acrescenta um conteúdo ao significado da lexia.

É possível inferir que as lexias utilizadas nos excertos enunciativos selecionados estão relacionadas ao ofício do seringueiro. Como podemos ver no excerto enunciativo 34, transcrito a seguir:

*(34) Já vi muito seringueiro penar sem ter pra onde ir, com a miséria da indenização que o patrão dá. Pra onde é que pai podia ir? Cinquenta e cinco anos de Acre, na seringa, tudo que meu pai sabe fazer é **cortar**, andar por esse mundo de mata, caçar. Fazer o quê na cidade, com sessenta e seis anos, esmolar?”. (ESTEVEZ, 1993, p. 46)*

Vemos nesse enunciado o reflexo do que ocorreu com muitos seringueiros, cujo ofício era o de “cortar” a seringa, de modo que, diante da necessidade de mudança, não tinham outro conhecimento. Esse é o retrato de muitos problemas enfrentados pelos seringueiros após o fechamento dos seringais, pois eles eram obrigados a irem para as cidades mesmo sabendo que não teriam uma vida mais digna, pois as oportunidades eram mínimas para aqueles cujo conhecimento era o adquirido na floresta.

O excerto enunciativo 35 apresenta outra marca da vida do seringueiro que era a solidão. Esse era um processo que desde a mudança dos seringueiros para o Acre já os acompanhava, pois vinham sozinhos para produzirem mais. Muitos casaram-se na região, mas a escassez de mulheres dificultava a tarefa de encontrar uma companheira.



## 23) “cumieira”

Ficha 23		
<b>Lexia:</b> cumieira	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> cumieira
<b>Campo lexical:</b> habitação		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (36) Seu João Piau tinha visto, três meses antes, um quando agarrado a um caibro da <b>cumieira</b> . (INÁCIO FILHO, 1964, p. 26)		
<b>Definição:</b> Parte mais alta de uma casa, onde se cruzam as vigas.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a cumieira de uma casa no contexto dos seringais, das colocações era muito importante, visto que por representarem a parte mais alta era o local onde se guardavam alguns alimentos, como cachos de bananas, sacos de arroz, para que permanecessem longe de animais tais como ratos.		
<b>Outras observações:</b>		

“Cumieira” é uma lexia simples, formada por sufixação. O sufixo utilizado para sua formação foi *-eir-*, sobre o qual podemos afirmar, de acordo com Rio-Torto *et al* (2013), que não há relação da base formadora com o sufixo utilizado, pois este forma comumente, adjetivos e substantivos que designam profissões, o que não é o caso da lexia em questão, pois esta faz referência ao local mais alto de uma casa. Devido a isso, incluímo-la no campo lexical habitação. A lexia é um *hapax legomena* por ter ocorrência única no *corpus*. Há, nos dicionários consultados nesta pesquisa, o registro de “cumeeira”, a qual apesar da diferença da grafia tem significados semelhantes.

A “cumieira” de uma casa tem dupla importância para as pessoas das áreas rurais, uma vez que dá sustentação ao telhado, mas também é utilizada como depósito de alimentos, como cachos de banana, sacas de arroz, farinha, dentre outros produtos, que, geralmente, são pendurados por cordas.

Além disso, destacamos que, apesar das lacunas, há um fato relevante que é a vulnerabilidade da casa das pessoas dos seringais, nas quais facilmente adentravam animais, muitas vezes, perigosos. Diante disso, um dos sentidos que emergem desse enunciado está relacionado à crença de alguns sujeitos que associam a presença de algum animal ao presságio de acontecimentos ruins, geralmente, morte de alguém próximo.

## 24) “curri”

Ficha 24		
Lexia: curri	Var.: Ø	Lema: curri
Campo lexical: espaços		Estrutura: lexia simples
Categoria: substantivo feminino		Processo de formação: primitiva
Ocorrências: 1		
Obra: <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
Excerto enunciativo: (37) Mal se pôs em pé, deu uma topada no chão, arrancando a unha do dedo grande. Estancou o sangue com o pó de café, foi à cozinha quebrar o jejum, com farofa de ovos, e logo saiu com seu saco de borracha, rumo ao <b>curri</b> , a fim de comprar um bofe de boi, e fazer sua manjuba para pegar piranambus. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 49)		
Definição: Local onde se prendem os animais para abate.		
Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD): o “curri”, ou “curro”, como é conhecido por alguns, representa não somente o local onde se prendem os animais, mas também onde se realiza o comércio da carne dos animais abatidos. É muito comum as pessoas com menor poder aquisitivo recorrerem a esses locais para comprar carne por um preço menor. Geralmente, as partes dos animais que seriam descartadas também são vendidas.		
Outras observações:		

“Curri” é uma lexia simples, a qual incluímos no campo lexical “espaços”. Trata-se de um espaço destinado ao aprisionamento, abate e venda de animais. É um *hapax legomena*, pois tem frequência única no *corpus*.

Observamos que a lexia se assemelha, em significado, ao lexema “curral”, que remete ao local onde se abriga os animais. Todavia, podemos notar que há um conteúdo extra no uso da lexia no contexto em tela, o que marca a CCP, pois demonstra que também se faz comércio no “curri”, que não é exclusivo para o abrigo dos animais, como o curral. Esse conteúdo extra, revela uma prática comum que é a de comprar, nos próprios abatedouros, as vísceras dos animais abatidos para se utilizar na pesca ou na própria alimentação.

Esse efeito de sentido demonstra o modo de vida de uma época marcada por modos peculiares, os quais remetem a uma busca constante pela própria subsistência, que, na maioria das vezes, é retirada da própria natureza. Isso também pode ser um reflexo das condições de vida das pessoas de algumas localidades, as quais compram as vísceras, as partes menos nobres dos animais, que geralmente são descartadas, para conseguir, com isso, o seu próprio sustento, visto não terem condições para a compra de carnes mais indicadas para a alimentação.

## 25) “defuma do leite”

Ficha 25		
<b>Lexia:</b> defuma do leite	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> defuma do leite
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> Lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> derivação regressiva (defuma – defumar); justaposição: defuma+do+leite
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (38) Chamava-se o velho Timbaúba. Era extraordinária a sua experiência de seringueiro! Tudo que aprendeu, tôda aquela aprendizagem a respeito do corte, colheita e <b>defuma do leite</b> , tudo o enchia de grande entusiasmo! (INÁCIO FILHO, 1968, p. 7)		
(39)- Eu sei, Pai! A gente quer uma coisa e não pode comprar. O senhor sabe que já estou morto de vontade de ser homem para poder ajudá-lo nos serviços pesados dos roçados, nos cortes, colheitas e <b>defuma do leite</b> ! (INÁCIO FILHO, 1968, p. 50)		
<b>Definição:</b> Consiste no ato de transformar a borracha em uma bola por meio do processo de defumação. Após a coleta, o seringueiro transformava o leite da seringa em uma bola escura com o auxílio de um defumador. Somente depois desse processo, a seringa é transportada.		
<b>Aspectos lexiculturais discursivos (ALD):</b> trata-se de uma das principais atividades do ofício do seringueiro, é uma atividade quase diária que requer conhecimentos específicos. A defuma do leite da seringa revela um aprendizado necessário da vida do seringueiro. Aquele que mais se destacava era sempre o que dominava a técnica. No enunciado, observamos o entusiasmo do seringueiro com a realização de suas atividades, o que demonstra que ainda se trata de um período de prosperidade. Todavia, isso não implicava em reconhecimento, pois o seringalista, uma vez tido como o detentor do poder, sequer demonstrava consideração com esse seringueiro, via o bom seringueiro como aquele que unicamente cumpria sua obrigação.		
<b>Outras observações:</b>		

A lexia “defuma do leite”, ocorre três vezes no *corpus* e foi incluída no campo lexical “ações do cotidiano”, tendo em vista que representa uma atividade diária do seringueiro. É formada por justaposição, mas devemos salientar que a primeira unidade mórfica do conjunto, “defuma”, é formada por derivação regressiva do verbo “defumar”.

A “defuma do leite” era uma atividade diária do ofício do seringueiro e se constituía enquanto um aprendizado necessário adquirido, em muitos casos, ainda na infância. Nesse contexto, aquele que mais era visto era sempre o que dominava a técnica.

Observamos que a lexia é marcada culturalmente, o que evidencia a CCP, que é constituída pelo conteúdo extra que se apresenta, pois “defumar o leite” significa

especialmente o trabalho de manufatura do produto extraído da seringueira, conforme vemos nesse contexto.

No excerto enunciativo, além disso, há o entusiasmo do seringueiro com a realização de suas atividades, o que demonstra que, ainda, se trata de um período de prosperidade. Todavia, isso não implicava em reconhecimento, pois o seringalista, que representa o poder, o dominador, sequer demonstrava consideração com esse seringueiro enquanto um elemento humano, pois via o bom seringueiro como aquele que unicamente cumpria sua obrigação e produzia grandes quantidades de borracha, gerando lucro, o qual nunca era repassado a quem realizava toda a tarefa.

Verificamos, nesse discurso marcado pelas questões econômicas, um efeito de sentido que se relaciona à atividade do seringueiro, que, no caso em questão, representa uma condição que marcou, por muito tempo, a vida de muitas pessoas nos tempos dos seringais. Destaquemos, contudo, que o entusiasmo do personagem demonstra uma situação que somente era vivida pelos seringueiros recém-chegados, os quais ainda tinham esperança de enriquecimento por meio do ofício da borracha.

Esses fatos demonstram a grande influência vegetal na vida dos sujeitos na Amazônia. Tocantins (1960) aponta que a linguagem da Amazônia é impregnada dessa influência vegetal. Ele cita alguns exemplos. Vejamos:

A linguagem típica está impregnada da influência vegetal: “cortar” a madeira, isto é, fazer o corte para retirar o látex, abrir o varadouro, picada aberta na floresta, botar no tronco, uma árvore qualquer onde amarrava o seringueiro para receber castigo, a barraca de paxiúba, o barracão de madeira de lei, o cavaco para a cobertura, vender no toco, isto é, na barraca, cobrir de palha a habitação, amarrar a palha no caibros, com embira, fazer lenha para o consumo dos gaiolas, os paus nos leitos secos dos rios, o varejão, para impulsionar a canoa. E assim por diante. (TOCANTINS, 1960, p. 168)

Como podemos verificar, “defuma do leite” é parte desse vocabulário, em que a influência vegetal se faz presente, uma vez que “leite”, nesse contexto, representa o látex da seringueira, que era a fonte de sustento e o objetivo fundamental da existência do seringal. Sendo assim, além de compor a economia do lugar é parte da cultura do povo, transformando-se em uma atividade de grande importância econômica.

## 26) “de pegar de galho”

Ficha 26		
Lexia: de pegar de galho	Var.: Ø	Lema: pegar de galho
Campo lexical: intensidade/força		Estrutura: lexia complexa
Categoria: locução adjetiva	Processo de formação: justaposição	
Ocorrências: 1		
Obra: <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<p><b>Excerto enunciativo:</b> (40) Quando ainda não sabia decifrar as intenções das nuvens carregadas, ou que tempo anunciava o vento, preferia não se aventurar longe, aos domingos. Porque inverno e verão, como entendia, no Acre era trocado: inverno, tome calor e muita chuva; verão, cadê, cadê chuva? Frio, sim, de repente. Então ele ficava amoitado no barraco, e mais cansava ainda de não fazer nada. Também, que idéia besta a dos padres, essa de que trabalhar domingo é pecado! Então arrumava o barraco, varria as folhas do terreiro, botava um prego aqui, outro ali, ia enganando o tempo. Mas se chovia - e era chuva <b>de pegar de galho</b> - ficava ouvindo a tristeza pesada que caía, pingo a pingo, das palhas do telhado. Aí prometia a si mesmo que quando o verão chegasse sairia todo domingo. Ora se não saía... mesmo que levasse dia de viagem. (ESTEVEVES, 1993, p. 9)</p>		
<b>Definição:</b> refere-se à intensidade da chuva, que é forte, incessante, torrencial.		
<p><b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> é cultural na Amazônia considerar que o inverno dura seis meses (de novembro a abril). Nesse período, as chuvas são intensas e demoradas, às vezes duram vários dias, o que dificulta a realização de algumas atividades, principalmente daqueles que moram em regiões afastadas, como os ramais que geralmente, por não terem pavimentação, são de difícil acesso. No excerto enunciativo, há uma referência a essa chuva forte, torrencial, que, pelas dificuldades que ocasiona, traz tristeza aos sujeitos.</p>		
<b>Outras observações:</b>		

“De pegar de galho” é uma lexia complexa, formada por justaposição, que ocorre uma só vez no *corpus*, tratando-se de um *hapax legomena*. É formada por justaposição e significa chuva forte de inverno, torrencial, segundo a crença popular cultivada no Acre, de que há, na região, somente duas estações no ano: inverno, que se inicia em novembro e termina em abril, e verão, que se inicia em maio e vai até outubro.

Há no discurso em que a lexia ocorre uma referência a um conhecimento popular, o que revela que ela é culturalmente marcada por representar esse conhecimento, que é compartilhado. Ademais, é possível afirmar que há relação da lexia “de pegar de galho”, que tem um sentido metafórico, com a característica de algumas plantas, cujas mudas podem ser feitas a partir de seus galhos, pois suas raízes crescem favorecendo sua reprodução. Por meio disso, é possível afirmar que a CCP se apresenta pela comparação da facilidade com que essas plantas crescem à intensidade da chuva torrencial do inverno amazônico.

Nesse discurso, emergem vários efeitos de sentido, um deles é representado por uma crítica a uma tradição religiosa, na qual o interlocutor questiona o fato de ser pecado trabalhar no domingo: “idéia besta a dos padres, essa de que trabalhar domingo é pecado”. Nesse aspecto o interlocutor questiona a autoridade conferida aos padres por seu sacerdócio. Todavia, mesmo discordando, ele cumpre o que é determinado, talvez pelo medo de ser castigado.

Outro sentido que vem à tona está relacionado ao conhecimento popular que representa uma interdiscursividade, em que se acredita que a chuva está relacionada à tristeza: Mas se chovia - e era chuva de pegar de galho - ficava ouvindo a tristeza pesada que caía, pingo a pingo, das palhas do telhado. Sendo assim, a chuva representa uma punição, por essa ótica, pois impossibilita a saída de casa, especialmente se é num dia em que a religiosidade se sobressai. Nessa condição, a chuva pune com o confinamento, fazendo com que haja desejo de mudança, de sair, de ir às festas, de aproveitar quando as chuvas não forem mais empecilho.

## 27) “desjurar”

Ficha 27		
<b>Lexia:</b> desjurar	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> desjurar
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo		<b>Processo de formação:</b> prefixação (prefixo des- + jurar)
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (41) O mais interessante é que se precisava de uma outra pessoa para <b>desjurar</b> , isto é, jurar o contrário. E Dona Embaúba disse-me que o fizesse, e logo, comecei: - Eu juro que não foi êle! (p. 69)		
<b>Definição:</b> Jurar ao contrário.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a compreensão do sentido dessa lexia, não é de difícil identificação, em decorrência do processo de criação: o prefixo des- que dá ideia de contrariedade, mais “jurar”, no entanto, o ato em si somente tem seu significado compreendido no contexto cultural em que é utilizado, uma vez que a função do ato torna-se relevante apenas na situação citada. Diante da situação em que viviam os seringueiros, em que a autoridade policial nem sempre se fazia presente, a crença em um objeto mágico para desvendar pequenos crimes comuns na época dos seringais, como furtos, revela uma formação discursiva marcada pelo abandono do seringueiro que tinha que buscar seus próprios meios para resolver seus problemas, seja de qual ordem forem.		
<b>Outras observações:</b> conceito formulado com base no excerto enunciativo.		

Formada pelo processo de prefixação, a lexia “desjurar” é mais um caso de lexias que ocorrem uma única vez no *corpus*, sendo, portanto, um *hapax legomena*.

A forma assumida por essa lexia é uma construção possível na língua e consiste em um processo de criação lexical bastante produtivo que parte da inserção do prefixo des-, cujo sentido é de negação, de oposição. Algumas lexias de oposição só existem com a presença desse prefixo.

Localizamos uma referência do registro dessa da lexia no **Diccionario de Autoridades** da Real Academia Espanhola, datado de 1732. A acepção encontrada assemelha-se à que verificamos no *corpus*. A seguir transcrevemos o significado encontrado:

**Diccionario de Autoridades - Tomo III (1732)**

**DESJURAR.** v. n. Deshacer el juramento. Es voz voluntaria, y inventada, compuesta de la preposición Des, y el verbo Jurar. Latín. *Juramentum restringere*. SOLIS, Poes. pl. 141.

*Qué es dexarla? Voto a Christo  
que la tengo de llevar:  
Balillo, hermana, que assí  
desjura Don Sebastian.<sup>21</sup>*

A partir disso, levantamos algumas hipóteses: a lexia pode ser um empréstimo dessa língua, visto que o Acre é uma região de fronteira, estabelecendo limites com Bolívia e Peru, países de língua espanhola. Outra hipótese refere-se ao processo de formação muito comum na fala do nordestino, elemento humano que mais se destacou no processo de povoamento da região, o qual, muitas vezes, faz uso de prefixação, como por exemplo em “desimpaciente”; ou ainda influência do falar sulista, que também teve forte representação no local.

No que diz respeito ao sentido que essa lexia produz, afirmamos que se trata de um caso que representa a cultura da região, tendo em vista que demonstra um hábito comum que é a busca de resolução de problemas por meio de mecanismos sobrenaturais. Na narrativa, a expressão ocorre na história que trata da “peneira da D. embaúba”, que era um objeto mágico utilizado para se descobrir pequenos delitos, como furtos de materiais de alguns seringueiros. Afirmamos, com isso, que a CCP se apresenta por meio das crenças e dos costumes e no uso específico para a localização de objetos perdidos.

<sup>21</sup> Disponível em: [http://web.frl.es/DA\\_DATOS/TOMO\\_III\\_HTML/DESJURAR\\_003391.html](http://web.frl.es/DA_DATOS/TOMO_III_HTML/DESJURAR_003391.html). Acesso em: 03 mar. 2019.

No caso da narrativa, sugerimos que a busca por esses elementos ocorreria por um motivo muito comum na história da Amazônia e outros lugares, que é a falta de atuação das autoridades policiais. São comuns os relatos de pessoas que buscaram as soluções para seus casos por seus próprios meios, pois não esperavam que seus problemas fossem resolvidos.

É nessa concepção que emergem os sentidos da lexia que representa a busca constante por solução de problemas por todos os meios possíveis, naturais ou sobrenaturais. Isso mostra a crença que o sujeito tem nesse sobrenatural, pois, se submete a “desjurar”, isto é, desmentir o que a peneira está mostrando, para que o objeto apareça. Esse é um fato singular, pois o sujeito, que vê uma verdade no que é mostrado na peneira, “desjura” unicamente por necessidade e não por acreditar na inocência do infrator.

28) “duru”

Ficha 28		
<b>Lexia:</b> duru	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> duru
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (42) - Tolice, comadre! Durma, que logo o sangue passa. Sonhe com santos, que, amanhã, terá outro dia. A criança precisará de carinhos e dengos. Quando ficar maiorzinha fará <b>duru</b> nela e terá de lhe tirar da cabeça os inúmeros piolhos e lêmdeas que adquirir com os outros bacuris. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 31)		
<b>Definição:</b> Brincadeira comum entre pais e filhos que consiste em segurar em apenas uma das mãos uma criança pequena que é mantida em pé com o corpo esticado.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> “duru” é uma brincadeira comum entre pais e filhos. Os pais geralmente brincam dessa forma com as crianças para mostrar aos outros que está crescida.		
<b>Outras observações:</b> na formação dessa lexia, a primeira unidade mórfica, o verbo “fazer”, parece ter passado por um processo de esvaziamento de seu significado, pois foi utilizado como suporte, ao significado principal que está no substantivo “duru”		

“Duru” é uma lexia simples, com ocorrência única no *corpus*, constituindo-se em um *hapax legomena* e se refere a uma brincadeira dos pais com os filhos que também serve de teste para verificar se o bebê já tem equilíbrio. Para isso, um dos pais segura o bebê em pé, com uma das mãos e permanece desse modo pelo tempo que a criança conseguir ficar.



Por se tratar de uma lexia que se relaciona a uma ação comum na região, podemos afirmar que se trata de uma lexia culturalmente marcada, em que a CCP se evidencia pela ideia da brincadeira familiar.

O sentido produzido manifesta-se pelas ações do cotidiano relacionadas à expectativa de um futuro mais promissor, embora não seja o que parece estar por vir. A cena enunciativa refere-se a uma mulher que está em sofrimento pelo fato de ter tido um parto difícil. As dores e o sangramento fazem-na pensar no pior, enquanto a sua interlocutora tenta acalmá-la e relembra a brincadeira como um alento para as dificuldades da vida. É a tentativa de fazer esquecer o presente doloroso por meio das atividades que se faz costumeiramente.

## 29) “empate”

Ficha 29		
<b>Lexia:</b> empate	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> empate
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> derivação regressiva
<b>Ocorrências:</b> 31		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (43) - Por isso é que fazem <b>Empate</b> ? - Sim. Pra gente poder continuar tendo onde morar, tirar o de-comer, e não deixar aniquilar as matas, se não não vai mais ter caça, igarapé, chuva, roçado. Vira tudo pasto. (ESTEVES, 1993, p. 44)		
(44) E me diga, agora: mesmo fazendo <b>Empate</b> e salvando alguns alqueires de mata, quê que adianta, se eles não deixam ninguém passar pela estrada? Só pelo rio, como antes, e levando um tempão de viagem. Ainda assim, pra chegar no mercado já tarde, tendo de vender a produção por pouco mais ou nada. (ESTEVES, 1993, p. 62)		
<b>Definição:</b> impedimento da derrubada das florestas para a criação de pastos pelos pecuaristas que chegavam à região amazônica após a decadência dos seringais. Tratava-se de uma ação que envolvia homens, mulheres e crianças, e que requeria muita coragem, uma que todos se posicionavam diante das máquinas, de mão dadas para que as árvores não fossem derrubadas.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a lexia “empate” é permeada de aspectos culturais que somente no contexto do Acre podem ser compreendidos, pois, diferentemente do que descrevem os dicionários, “empate” não significa a ausência de um ganhador, mas tem sentido semelhante de “impedir”. Por meio dessa lexia é possível observar uma carga ideológica, em que os discursos do opressor e oprimido divergem. Vemos de um lado o seringueiro que precisa a qualquer custo manter seu meio de sobrevivência, e de outro os pecuaristas que tinham como objetivo criar pastos para a criação de gado. É um contraste que se revela no próprio discurso, visto que para primeiro grupo a criação de pasto representava o fim de sua vida, de seu sustento, ao passo que para o segundo toda essa situação era uma necessidade de progresso. Vemos, por meio das condições em que os discursos são produzidos, emergir em meio ao processo de destruição a necessidade de dois grupos com interesses distintos. Interessante é que a luta é injusta economicamente e		

fisicamente também. Embora consideremos que são os seringueiros contra os operadores de máquinas, estes representam os detentores do poder, aqueles que têm o dinheiro, que são apoiados pela palavra de ordem do momento econômico que se implantava: o progresso. Os seringueiros, ao contrário, representam aqueles que, não tendo armas, empenham suas próprias vidas e de suas famílias para defender aquilo em que acreditam. Vemos aqui a presença forte da ideologia dominante e ao mesmo tempo a ideologia daquele que não desiste embora esteja em desvantagem.

**Outras observações:** embora haja registro de “empate” nos dicionários consultados os significados apresentados não correspondem ao uso que se faz no *corpus*.

A lexia “empate” é formada por derivação regressiva do verbo “empatar”. Ela ocorre no *corpus* de análise 31 vezes e representa a reunião de pessoas que se organizam para impedir a derrubada da floresta. (ESTEVEZ, 1993, p. 82).

De acordo com Porto-Gonçalves (2009, p. 2), os empates eram prática que se tornou emblemática entre os seringueiros, pois teve um papel decisivo na consolidação da identidade destes e, enquanto forma de resistência que representava, chamou a atenção de todo o Brasil. O autor afirma que o primeiro “empate” aconteceu em março de 1976, no Seringal Carmen. Depois disso, vários outros aconteceram até a morte de Chico Mendes em dezembro de 1988.

O empate era constituído, segundo Ribeiro (1990), por mutirões de famílias que impedem a derrubada da mata pelos trabalhadores a serviço dos grandes proprietários rurais. Seus próprios corpos eram usados como escudo para impedir que as florestas fossem derrubadas para a formação de pastos.

Em sua última entrevista, concedida a Edilson Martins (Jornal do Brasil), em 9 de dezembro de 1988, o próprio Chico Mendes esclarece o que é um “empate” e sua forma de atuação:

[O Empate] é uma forma de luta que nós encontramos para impedir o desmatamento. É uma forma pacífica de resistência. No início não sabemos agir, começavam os desmatamentos e nós, ingenuamente, íamos à Justiça, ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), e aos jornais denunciar. Não adiantava nada. No empate, a comunidade se organiza, sob a liderança do sindicato, e, em mutirão, se dirige à área que será desmatada pelos pecuaristas. A gente se coloca diante dos peões e jagunços, com nossas famílias, mulheres, crianças e velhos, e pedimos que eles não desmatem e se retirem do local. Eles, como trabalhadores, a gente explica, estão também com o futuro ameaçado. E esse discurso, emocionado, sempre gera resultados. Até porque, quem desmata é o peão simples, indefeso e inconsciente.” (Jornal do Brasil, 24 e 25-12-1988 *apud* RIBEIRO, 1990)

Dessa maneira, “empate”, na linguagem local, consiste na reunião de homens, mulheres e crianças, sob a liderança dos sindicatos, para “empatar” o desmatamento da floresta. É nisso, que reside a CCP dessa lexia culturalmente marcada.

Os “empates” tornaram-se estratégia de grande importância na luta do seringueiro em defesa da floresta e de sua própria terra. Notamos essa função no excerto enunciativo 43, o qual transcrevemos a seguir:

*(43) - Por isso é que fazem Empate? - Sim. Pra gente poder continuar tendo onde morar, tirar o de-comer, e não deixar aniquilar as matas, se não não vai mais ter caça, igarapé, chuva, roçado. Vira tudo pasto. (ESTEVEES, 1993, p. 44)*

Nesse excerto há uma exposição da função dos “empates”, que se constituem enquanto uma luta de classes, na qual aqueles que estão na condição de dominados precisam manifestar-se para mudar sua situação. Em suma, representam um discurso de resistência daqueles que precisam preservar o seu espaço e a sua identidade.

É essa forma de luta, envolta no sentimento de defesa da terra, que é retratada no romance de Florentina Esteves. A obra foi publicada em 1993, e embora não haja registro acerca do tempo histórico em que se passa a ação, é possível inferir que retrate um período iniciado na década de 1970, época da decadência dos seringueiros, na qual seringueiros, liderados por sindicalistas, dentre eles Chico Mendes, realizavam ações para impedir a derrubada da mata.

De acordo com Antonacci (1994), os seringueiros do Acre opuseram-se às mudanças que a imposição de poder trouxe à região desde 1970 e empenharam-se em resguardar suas relações entre si e com o meio ambiente em determinados padrões e pautados em suas experiências históricas.

No excerto enunciativo em que a lexia “empate” ocorre, um dos efeitos de sentido possíveis está relacionado à luta de uma classe que almeja preservar a sua identidade, a sua própria sobrevivência. Nessa formação discursiva, em que as ideologias se manifestam e se opõem, os “empates” se constituem enquanto representação social dessa luta e da luta pela preservação da natureza.

## 30) “ensuarados”

Ficha 30		
<b>Lexia:</b> ensuarados	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> ensuarado
<b>Campo lexical:</b> condições físicas		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> adjetivo		<b>Processo de formação:</b> parassíntese
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (45) Está, deveras, suado o seu pobre e tostado rosto. É natural. Todos os seringueiros se queimam e ficam bastantes <b>ensuarados</b> naquele impiedoso solzão de roçados e de varadouros enormes. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 15)		
<b>Definição:</b> o mesmo que suados.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> o uso da lexia “ensuarado”, muitas vezes, ocorre com o objetivo de enfatizar, pois ensuarado dá a impressão de se estar mais suado.		
<b>Outras observações:</b>		

A lexia simples “ensuarados” é formada por parassíntese, tendo em vista que foram anexados o prefixo *en-* e o sufixo *-ad-* à base “suar”. A lexia, que é um *hapax legomena*, foi incluída no campo léxico “condições físicas”.

Podemos observar que “ensuarado” foi utilizado com o fim de enfatizar que as pessoas estão suadas em excesso, o que pode caracterizar um efeito estilístico do autor, cuja principal finalidade é dar ênfase ao sentido que é apresentado no enunciado.

A CCP fica a cargo do sentido, pois “ensuarado” representa suado em excesso, o que é marcado pela intensidade, uma vez que é possível compreender que o princípio de totalidade que a lexia representa foi causada pela gradação que se forma, pela relação que se estabelece no conjunto das lexias, como verificamos em “deveras suado”, que é seguido de “bastantes ensuarados”.

As evidências lexicais que se manifestam no léxico escolhido possibilitam observar, ainda, que o efeito de sentido leva-nos a compreender que há uma referência à condição de vida do seringueiro em sua constante relação com a natureza que, em alguns momentos, dá-se de forma harmoniosa, mas, na maioria das vezes, destaca-se o conflito, pois na relação natureza/homem se revelam as dificuldades enfrentadas pelo homem da floresta e isso é visto como algo natural, pois é bastante comum o sofrimento causado pela constante permanência no sol, em outros momentos na chuva.

Além disso, é possível relacionar esse sentido à ideia de “ganhar o pão com o próprio suor”, o que é tratado com naturalidade, no excerto enunciativo, tanto pela

questão do próprio trabalho quanto pelas condições oferecidas pela natureza, como o sol escaldante, por exemplo.

### 31) “espatificou-se”

Ficha 31		
<b>Lexia:</b> espatificou-se	Var.: Ø	<b>Lema:</b> espatificar-se
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo		<b>Processo de formação:</b> parassíntese
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (46) Jupé acordou-se aflito! Entre crente e descrente, fez tudo o que ouviu no sonho. Preparou de arranjar a rodilha, foi buscar o galo, selou-o, e montou nêle o sapo. Soltou-o, seguiu o igarapé indicado, e parou junto do jataizeiro. O galo chegou ao mesmo tempo. Jupé procurou a estribaria, achou o cavalo, selou-o, montou e continuou o caminho. E o galo sempre de perto, com sua montada, sem se preocupar com o cavaleiro. Já haviam andado um pedaço, quebrando mata braba e atravessando grandes sororocais, quando se viram frente a frente com o perigoso igarapé dos Sete Escorregões. O cavalo, mais ligeiro e experiente, juntou os pés e pulou. O galo fez força e não conseguiu saltar. <b>Espatificou-se</b> , no chão, com todo o peso do corpo, e saiu escorregando até à beirada do igarapé onde ficou de pernas para o ar. O coitado sapo, com o impacto da queda, foi cair longe, num atoleiro, ficando quase afundado. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 100)		
<b>Definição:</b> Cair bruscamente com todo o peso do corpo.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a lexia é utilizada para enfatizar a noção de cair bruscamente.		
<b>Outras observações:</b> assim como em “cantarolejar”, há nessa lexia o acréscimo de um elemento que muda a entonação e causa uma sutil mudança no sentido.		

A lexia “espatificou-se” é simples e foi formada por parassíntese, pois foram anexados o prefixo *es-* e o sufixo *-ar*, que é formador de verbos da primeira conjugação. A definição da lexia está relacionada à ideia de queda brusca e inesperada. É possível afirmar que tenha o sentido aproximado ao lexema “espatifar”, mas, por se tratar de um texto literário em que há a liberdade do autor para realizar escolhas no léxico, ou mesmo criar verbetes quando isso lhe for conveniente, é possível que “espatificar-se” seja um caso de efeito estilístico do autor, o qual ele utilizou para dar ênfase à cena descrita. Da mesma forma como ocorreu na lexia “cantarolejar”, há uma variação na entonação pelo acréscimo de um elemento, *-ic-* que pode ocasionar uma sutil variação no significado.

Como vemos, trata-se um relato que tem um sentido fabular, pois há participação de animais que, embora não falem, realizam ações que os aproximam dos seres humanos. Essas ações se passam numa cena que lembra também os

contos de fadas, pois narra-se um episódio em que o imaginário domina a cena, pois a personagem segue as orientações que lhe foram dadas em sonho para a realização de tarefas que têm como recompensa a riqueza e um casamento com uma princesa encantada.

Dessa forma, um dos sentidos possíveis emerge desse aspecto que faz parte da memória coletiva, que são os contos maravilhosos, nos quais seres humanos e animais atuam em uma mesma situação em igualdade de condições.

### 32) “esturgia”

Ficha 32		
<b>Lexia:</b> esturgia	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> esturgir
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo		<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (47) O tempo, arrastando-se na lentidão do rio, não contava o amor que neles mais e mais crescia: Mani sorvia-o como a terra à chuva, a noite ao dia. Ele, queria ter Mani, sentir de perto aquele corpo que <b>esturgia</b> em poder de vida, pulsando vibrações encadeadas em ressonância infinita. (ESTEVES, 1993, p. 17)		
<b>Definição:</b> Vibrar com intensidade.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> usada em sentido figurado, a lexia “esturgir” relaciona-se à concepção de vibração. Parece ser um recurso utilizado pelo autor com o objetivo de dar ênfase à noção apresentada.		
<b>Outras observações:</b> encontramos nos dicionários consultados o registro de “estruagir”, cujo significado remete à vibração.		

“Esturgia” é uma lexia simples, a qual incluímos no campo lexical “comportamentos”. O sentido remete à noção de vibração, devido a isso inferimos que pode ser o mesmo que “estruagir”, porém na grafia houve a inversão das letras ou há uma representação do modo de falar em que essas inversões ocorrem com frequência. Essa inversão consiste em um fenômeno denominado de *metátese*, que é marcada pela troca de posição dos fonemas ou sílabas dentro de uma unidade lexical. Essa é uma das hipóteses levantadas, pois pelo fato de se tratar de um *hapax legomena* não há, no *corpus*, uma outra referência que nos sirva de parâmetro e nos possibilite confirmá-la.

Partindo das mudanças que essa variação pode ocasionar no sentido da lexia, é possível afirmar que ela foi utilizada como um efeito estilístico, mas, ao mesmo tempo, pode representar uma forma de falar local, o que ressalta a sua carga cultural.

O efeito de sentido que se revela no excerto enunciativo mostra os modos de vida de alguém que vive em busca de um passado, pois o presente é permeado de dor e sofrimento, o que marca as relações do homem com sua própria história e condição de vida. Nesse caso, é o sentimento de nostalgia que é demonstrado por meio das lembranças de bons tempos em que o amor era evidente.

### 33) “falaria”

Ficha 33		
<b>Lexia:</b> falaria	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> falaria
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (48) Então, já adulto - fato, na verdade impressionante! - começa a soltar, de tempo a tempo, sons semelhantes aos de um bombo, escutando-se, a seguir, zoadas de grande <b>falaria</b> que se ouve ao longe, e que chega a assustar até os bichos ferozes. O povo supõe que esses ruídos misteriosos vêm do cipó; mas, a verdade é que, de perto, nunca se ouvem, pois, à medida que alguém se aproxima dêle, tudo se vai acalmando, como não se houvesse escutado coisa alguma. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 9)		
<b>Definição:</b> Ruído atribuído ao cipó oasque.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> embora seja referente ao barulho de muitas pessoas falando ao mesmo tempo, a lexia “falaria”, no contexto em questão, relaciona-se aos mistérios que envolvem a produção da bebida “oasque”. No texto, ocorre como parte dos acontecimentos sobrenaturais que giram em torno da colheita do cipó utilizado na produção da bebida supramencionada.		
<b>Outras observações:</b>		

A lexia simples “falaria” também é um *hapax legomena*. É formada por derivação sufixal, pois à base anexou-se o sufixo grego *-ia*, que, nesse caso, forma o substantivo. Verificamos que há uma variação na forma do substantivo utilizado, que passa de “falação” à “falaria”. Esta, no excerto enunciativo, refere-se ao ruído que é atribuído ao cipó oasque, que é utilizado na produção do chá conhecido como Santo Daime.

Associado a essa situação específica, o sentido de “falaria” mobiliza fatos que são próprios de uma cultura, que, nesse caso, é marcada pela própria crença nos poderes do cipó. A CCP se evidencia pela associação de falaria ao barulho supostamente atribuído ao “cipó oasque”, o que só faz sentido nesse contexto particular, em que uma dimensão opaca que envolve o sentido da lexia se apresenta.

É importante notabilizar a aproximação do sentido de “falaria” ao de “falação”, que representa o ruído produzido pelas vozes de muitas pessoas conversando em comparação ao barulho produzido pelo cipó, diante do qual nada se entende, o que faz com que somente o barulho pareça ter algum sentido, nesse caso, a alegria de haver encontrado aquilo que se procurava. Esse sentido emerge discursivamente. Com isso, o efeito de sentido é produzido num discurso marcado pelas crenças no sobrenatural, no qual se sobressaem os costumes que caracterizam a cultura de um povo em particular.

### 34) “gogó-de-sola”

Ficha 34		
<b>Lexia:</b> gogó-de-sola	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> gogó-de-sola
<b>Campo lexical:</b> animais/flora		<b>Estrutura:</b> lexia composta
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 9		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (49) O <b>gogó-de-sola</b> apesar de ser considerado mais forte que a onça, foi facilmente abatido por seu Jabá, que, na verdade, era homem tido como valente e corajoso por outras façanhas mais que já havia praticado. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 38)		
(50) Dizem os seringueiros ser o <b>gogó-de-sola</b> carnívoro e que procura pular sobre o pescoço das vítimas, animais e pessoas, por ser o lugar mais vulnerável, para, em seguida, sugar-lhes o sangue. Por isso, toda a cautela é pouca nas matas acreanas onde, entre cobras, jacarés e onças, e entre mil entidades maléficas, vive o ser considerado o mais temível de todos: o <b>gogó-de-sola</b> . (INÁCIO FILHO, 1964, p. 39)		
(51) Com ar colérico, ligeiro, como um ágil <b>gogó-de-sola</b> , ainda sentado, arrancou da bainha de afiadíssimo terçado e reduziu a serpente a pequenos pedaços: - Para que ter medo às feras ou delas piedade? Umas dez dúzias de cobras já matei. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 24)		
<b>Definição:</b> Primata de pequeno porte muito temido pelos moradores das regiões rurais do Acre. O nome lhe vem de uma faixa de pelo de cor diferente do restante do corpo localizada na altura do pescoço.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> um dos mais lendários animais da Amazônia é o gogó-de-sola. É muito temido pelos seringueiros e moradores das regiões rurais do Acre, pelo fato de, segundo contam, ser um animal feroz, carnívoro, que costuma atacar suas presas encravando seus afiados dentes em seus pescoços.		
<b>Outras observações:</b>		

“Gogó-de-sola” é uma lexia composta formada por justaposição. Ela ocorre nove vezes no *corpus* e foi incluída no campo lexical animais/fauna. Representa um lendário animal das florestas acreanas que é temido por sua fama de agressividade.



Os seringueiros e indígenas da região o temem por acreditarem que o “gogó-de-sola” ataca o pescoço de suas vítimas para sugar o sangue. O nome lhe vem de uma tira sem pelos em volta do pescoço que se assemelha a uma sola.<sup>22</sup>

Nos excertos enunciativos, o animal é tido como um mito das florestas acreanas, motivo pelo qual afirmamos que a lexia é culturalmente marcada, evidenciando a CCP, pois é convencionada a fama do animal por um grupo social que acredita nos seus poderes de ataque, mais fortes que os de uma onça, que também é tão temida pelos moradores das áreas rurais. A CCP se evidencia, ainda, na representação que o animal tem na região, que gera uma crença de que ele é o animal mais forte de todos, embora seja pequeno.

Além das marcas culturais, observamos os efeitos de sentido depreendidos dos enunciados. Vejamos:

*(49) O **gogó-de-sola** apesar de ser considerado mais forte que a onça, foi facilmente abatido por seu Jabá, que, na verdade, era homem tido como valente e corajoso por outras façanhas mais que já havia praticado. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 38)*

*(51) Com ar colérico, ligeiro, como um ágil **gogó-de-sola**, ainda sentado, arrancou da bainha de afiadíssimo terçado e reduziu a serpente a pequenos pedaços: - Para que ter medo às feras ou delas piedade? Umas dez dúzias de cobras já matei. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 24)*

Analisando os dois excertos enunciativos, vemos o “gogó-de-sola” como o mais temível de todos os animais da floresta amazônica, que é utilizado como parâmetro para exaltar aqueles que têm coragem, na tentativa de defender-se dos perigos existentes na floresta amazônica, principalmente o ataque de outros animais, como o próprio “gogó-de-sola, as onças, cobras gigantescas que, muitas vezes, foram a causa do desaparecimento de muitas pessoas. Mais uma vez se sobressai a relação do homem com a natureza que, nesse caso, é de oposição, pois vence aquele que tiver mais habilidade.

No excerto enunciativo 50, observamos o temor que os seringueiros têm em relação ao animal. Vejamos:

---

<sup>22</sup> Informação obtida verbalmente por informantes.

(50) *Dizem os seringueiros ser o gogó-de-sola carnívoro e que procura pular sobre o pescoço das vítimas, animais e pessoas, por ser o lugar mais vulnerável, para, em seguida, sugar-lhes o sangue. Por isso, toda a cautela é pouca nas matas acreanas onde, entre cobras, jacarés e onças, e entre mil entidades maléficas, vive o ser considerado o mais temível de todos: o gogó-de-sola. (José Inácio Filho, 1964, p. 39)*

O sentido que emerge nesse enunciado revela o temor dos seringueiros em relação ao animal. É a eles que o interlocutor transfere a voz quando afirma “dizem os seringueiros”. Além desse sentido, apresenta-se a visão sobre as matas acreanas, que é a de perigo constante, o lugar onde se deve ter cautela em todos os momentos, pois há muitos perigos, dentre os quais o gogó-de-sola, “o mais temível de todos”.

### 35) “grunia”

Ficha 35		
<b>Lexia:</b> grunia	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> grunir
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo		<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (52) O porco trepava sobre a porca, movimentava o corpo pra frente e pra trás, e a porca ali quietinha, só <b>grunia</b> . Ele ficava alvoroçado vendo a cruz. Lembrava da mãe e do pai, naquela noite que eles não sabiam que ele não estava dormindo. (ESTEVES, 1998, p. 37)		
<b>Definição:</b> Soltar grunhidos, emitir som característico dos animais.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> essa lexia, na maioria das vezes, está relacionada a animais. Todavia, algumas vezes, é atribuída a seres humanos.		
<b>Outras observações:</b> síncope de “grunhir”		

“Grunia” é uma lexia simples, a qual inserimos no campo lexical “comportamentos”. A lexia é formada por sufixação, pois foi anexado o sufixo -ia, formador de verbos na terceira pessoa, no pretérito imperfeito. O enunciado refere-se ao som característico emitido por animais. Nos dicionários que consultamos, identificamos o registro do lexema “grunhir”, com um sentido semelhante, o que nos leva à conclusão de que na utilização da lexia no contexto em questão, ocorreu o processo fonológico denominado de síncope, no qual um fonema no interior da palavra é suprimido. Assim, em vez de “grunhir” temos “grunir”. Tal fenômeno é comum na fala, motivo pelo qual pode ser uma representação de um modo de falar específico.

A carga cultural dessa lexia manifesta-se por meio da modificação operada em seu significante e pela relação específica com o som emitido pelo animal.

Os efeitos de sentido são marcados pelas concepções culturais que se mostram no próprio conjunto das lexias utilizadas, por meio das evidências lexicais. Um dos sentidos possíveis concerne à comparação entre os instintos humanos e o dos animais, no que diz respeito ao acasalamento, o que demonstra que mesmo diante da racionalidade que os diferencia, em alguns momentos, humanos e animais têm comportamentos semelhantes, como, por exemplo, a dominação do outro pela imposição da força. Além disso, no excerto enunciativo, emerge um sentido relacionado a uma lembrança do passado, suscitada por uma memória que vem à tona.

### 36) “incomodação”

Ficha 36		
<b>Lexia:</b> incomodação	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> incomodação
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (53) Severino Sobral, então, resolveu falar: Saio não. Deixem eu aqui nesse pedaço de chão onde enterrei minha vida, que não vou causar <b>incomodação</b> a ninguém. (ESTEVES, 1993, p. 47)		
<b>Definição:</b> Incômodo, mal-estar.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> “incomodação” ao mesmo tempo em que é utilizada como efeito estilístico, também representa uma forma recorrente na língua que diz respeito a certa confusão causada em todo do sufixo -ação. No contexto da obra em questão, observamos a preocupação do interlocutor em não causar qualquer situação que venha incomodar os outros. Esse comportamento é comum em pessoas idosas, que em determinada época da vida não aceitam os cuidados de outras pessoas		
<b>Outras observações:</b> pode ser uma variação de “incômodo”.		

A lexia “incomodação” é uma lexia simples, formada por prefixação e sufixação. Verificamos que o significado corresponde ao de “incômodo”, mas na lexia analisada foi acrescentado o sufixo -ção, que é, para Rio-Torto *et al* (2013), um sufixo formador de evento, que geralmente é anexado a bases verbais com características morfológicas tais como as bases simples derivadas.

Vemos, com isso, que o uso de “incomodação” no lugar de “incômodo” pode constituir-se em um efeito estilístico do autor, que utilizou para isso um processo de

formação possível na língua, o que poderia ser um reflexo da fala. Nesse sentido, embora evidencie-se uma carga cultural, não é possível afirmar a associação a algum sentido extra que nos permita dizer que seja compartilhada pelo conjunto dos falantes.

A partir disso, vemos que as marcas culturais e discursivas são ressaltadas por meio do uso do signo que é interpretado de acordo com a visão de mundo de um grupo, que convencionou o seu uso.

No excerto enunciativo 53, no qual a *lexia* ocorre, vemos a representação de um episódio bastante comum no período de desativação dos seringais, que foi a retirada dos seringueiros, pois muitos estavam em idade avançada e não tinham condições de efetuar uma mudança radical na sua vida como a mudança para a cidade. Desse modo, o único desejo é permanecer onde se encontra. O sentido que emerge desse enunciado demonstra esse desejo de manutenção de um *status*, de permanência no local onde foram enterrados seus antepassados, como podemos ver em: “Deixem eu aqui nesse pedaço de chão onde enterrei minha vida, que não vou causar incomodação a ninguém”. (ESTEVES, 1993, p. 47).

### 37) “irriquieta”

Ficha 37		
<b>Lexia:</b> irriquieta	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> irrequieto
<b>Campo lexical:</b> comportamentos		<b>Estrutura:</b> <i>lexia</i> simples
<b>Categoria:</b> adjetivo	<b>Processo de formação:</b> prefixação e sufixação	
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (54) Vambóra! - disse a mulher <b>irriquieta</b> . Empurra logo todo que tá aí, nas minhas pernas, homem! Estou tão fogosa, tão quente... - Ah! que feliz a vida, se eu pudesse continuar aqui, até pela manhãzinha! Está tão bom! Mas, ontem, deixei o leite correndo nas tijelas e tenho de ter disposição para ir a buscá-lo. Pode o tempo mudar, e tudo ficará perdido. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 55)		
<b>Definição:</b> Eufórica, excitada.		
<b>Aspectos lexicoculturais e discursivos (ALD):</b> “irriquieta” é uma <i>lexia</i> que dá ênfase à noção de inquietação da personagem citada.		
<b>Outras observações:</b>		

“Irriquieta” é uma *lexia* simples formada por prefixação, nesse caso, foi utilizado o sufixo *in-*, cujo sentido é de negação, o qual, diante de consoantes líquidas, perde a nasal (RIO-TORTO, 2013). É um *hapax legomena*, cujo significado está associado, no contexto em tela, à euforia ocasionada pelos momentos que antecedem o ato sexual.

É possível afirmar que o acréscimo de um elemento no interior da lexia tem por função modificar a entonação e, com isso, dar mais ênfase ao sentido expreso, pois a alteração da sonoridade contribui para a mudança de sentido, caracterizando-se como um efeito estilístico utilizado pelo autor.

Os sentidos que circunscrevem a lexia emergem de um discurso específico que expressa os momentos de prazer, mas, ao mesmo tempo, as obrigações com o trabalho não são deixadas de lado. Um fato que devemos frisar é que, nesse excerto enunciativo, vemos a voz feminina, que também se posiciona diante do ato sexual, o que não é comum na sociedade. Todavia, ainda assim, há a presença de uma memória marcada pela concepção de mulher enquanto objeto, pois, após o ato sexual, o que interessa são os outros afazeres. Nesse caso, a mulher enquanto objeto sexual é colocada à disposição do homem para satisfazer seus desejos. É a representação da mulher como aquela que está sempre à disposição para servir, pois mesmo que isso não esteja evidente, é o que demonstra a preocupação com as tarefas cotidianas.

### 38) “jamachi”

Ficha 38		
<b>Lexia:</b> jamachi	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> jamachi
<b>Campo lexical:</b> utensílios		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (55) Andaria outra vez pelas matas, carregando no <b>jamachi</b> a coragem do caçador, não importando lonjura de estrada, peso ou cansaço. Mani o esperaria e, enquanto limpassem e preparassem a caça, até sentia o gostinho do café pilado, fresco, na hora. (ESTEVES, 1993, p. 79)		
<b>Definição:</b> Cesto utilizado para o transporte de materiais diversos, até mesmo sentimentos.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivo (ALD):</b> é parte da cultura das pessoas que habitavam os seringais carregarem consigo uma espécie de saco resistente capaz de suportar as grandes cargas que geralmente carregavam. No enunciado, observamos um discurso que condiz com o modo como o seringueiro é descrito, como homem de coragem capaz de enfrentar os maiores perigos. No enunciado acima, vemos que o locutor faz uso de uma metáfora, uma vez que o jamachi, que é usado para carregar grandes pesos, também pode ser usado para carregar a “coragem do caçador”.		
<b>Outras observações:</b> no <i>Dicionário Aulete On-line</i> encontramos o registro de “jamaxi”, de origem tupi, com uma acepção semelhante.		

“Jamachi” é uma lexia simples, com frequência única no *corpus*, cuja acepção remete a uma espécie de saco ou cesto utilizado pelo seringueiro para o transporte de seus utensílios de trabalho, de caça, etc. Verificamos que há nessa lexia uma

variação na ortografia, tendo em vista que localizamos nos dicionários utilizados nesta pesquisa o lexema “jamaxim”, registrado em Ferreira (2010) e Houaiss e Villar (2009) e “jamaxi” registrado em Aulete *On-line*.

Contudo, sublinhamos que o significado de “jamachi”, conforme consta no *corpus* de análise, mostra uma outra representação além da usual, pois carrega não só os utensílios dos seringueiros, mas também a sua coragem. É exatamente nesse aspecto que reside a CCP, visto que há um conteúdo que se apresenta em um contexto no qual o sujeito carrega não só a caça, mas a sua “coragem”.

O discurso em que vemos o conteúdo cultural é permeado de efeitos de sentidos que remetem ao sentimento de saudade que permeia a vida do sujeito na figura do interlocutor, cuja voz se manifesta por meio das lembranças, que aqui não se referem a uma coletividade, mas a uma individualidade, o que enfatiza o sentimento de solidão que permeava a vida de muitos habitantes da floresta amazônica.

No excerto enunciativo, vemos emergir uma memória afetiva suscitada pelos sentidos olfato e paladar, o que faz com que as dificuldades não se tornem relevantes. Contudo, ao mesmo tempo, essa memória atua como motivação para a realização de uma tarefa difícil que requer um maior esforço.

### 39) “japó”

Ficha 39	
Lexia: japó   Var.: Ø	Lema: japó
Campo lexical: animais/fauna	Estrutura: lexia simples
Categoria: substantivo masculino	Processo de formação: primitiva
Ocorrências: 1	
Obra: <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)	
<p><b>Excerto enunciativo:</b> (56) Um grande pomar, um dos mais lindos de todos que, até aí, havia visto, perdia-se num estirão danado! As mais variadas frutas: ata, berimbá, taperibá, pitanga, e outras; pássaros de lindas plumagens e de cantos alegres ou tristes: o <b>japó</b>, o japim, o sanhaçu, o anambé, o irapuru, e muitos mais. Era, verdadeiramente, maravilhoso todo esse cenário que se apresentava aos seus olhos. Achava-se, ali, mais espantado de que macaco diante de caretas! (INÁCIO FILHO, 1964, p. 98)</p>	
<p><b>Definição:</b> pássaro de grande porte e de cor preta; ave típica da região amazônica. Vive em locais de igapós de onde retira maior parte de sua alimentação. (INÁCIO FILHO, 1964, com adaptações)</p>	
<p><b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> como muitas aves da região amazônica, o “japó” vive em áreas alagadiças. É uma ave muito conhecida do homem da região.</p>	
<b>Outras observações:</b>	

A lexia “japó” é uma daquelas de ocorrência única no *corpus*. Obtivemos o significado por meio das notas de rodapé do romance de José Inácio Filho, mas, ainda assim, os dados são insuficientes para chegarmos a uma noção que permita identificar com precisão as características da ave, pois a descrição não ultrapassa os aspectos mais gerais. Sabemos que se trata de uma ave de cor preta e de grande porte.

O discurso em que a lexia ocorre é marcado por uma listagem de algumas das espécies de animais que habitam a região. Embora componha uma listagem, na qual não encontramos dados suficientes para a identificação de suas características, a CCP reside na associação a aves típicas da região, descritas genericamente como aves de lindas plumagens de cantos que vão de alegres a tristes.

Os sentidos que surgem desse enunciado apresentam o mesmo tom dos discursos de estrangeiros na descrição de terras recém-descobertas, como o fez Pero Vaz de Caminha ao relatar ao rei de Portugal a descoberta do Brasil, e da mesma forma como os primeiros cronistas relataram suas impressões em suas cartas. Em outras palavras, é a semelhança do discurso do colonizador sobre uma “nova terra”. O que notamos é sempre o tom de maravilhamento, de encantamento diante de algo paradisíaco, como é a descrição feita no excerto enunciativo 56, o qual transcrevemos a seguir:

*(56) Um grande pomar, um dos mais lindos de todos que, até aí, havia visto, perdia-se num estirão danado! As mais variadas frutas: ata, berimbá, taperibá, pitanga, e outras; pássaros de lindas plumagens e de cantos alegres ou tristes: o **japó**, o japim, o sanhaçu, o anambé, o irapuru, e muitos mais. Era, verdadeiramente, maravilhoso todo esse cenário que se apresentava aos seus olhos. Achava-se, ali, mais espantado de que macaco diante de caretas! (INÁCIO FILHO, 1964, p. 98)*

Nesse enunciado, sobressai o sentimento de admiração que somente aquele que se viu pela primeira vez diante de algo pode ter. Além disso, é possível perceber a relação dessa natureza com os sentimentos suscitados nos sujeitos, pois se diz que os pássaros têm cantos alegres e tristes, o que caracteriza uma concepção particularizada.

## 40) “macaco janaum”

Ficha 40		
<b>Lexia:</b> macaco janaum	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> macaco janaum
<b>Campo lexical:</b> animais/flora		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (57) De repente, um vulto medonho saltou dum moitão, ringindo os dentes, e investiu furioso contra Seu Murucucu. Êste mal teve tempo de esboçar uma defesa. A bicha era ligeira que só diabo. Pula daqui, pula dali, Seu Murucucu conseguiu, por fim puxar e empunhar seu afiadíssimo terçado-de-bainha, e, pela rijeza de seus músculos, protegeu-se, a todo o custo, da Porca. Foi uma luta brava, cheia de manhas da parte dêle no saltar de banda, como <b>macaco janaum</b> , de galho em galho. Seu Murucucu era tido como o melhor brocador de matas da região. (INÁCIO FILHO, 1964, p.56)		
<b>Definição:</b> Primata típico da região amazônica, conhecido por saltar “de banda”, de galho em galho.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> o macaco janaum é bastante comum na região amazônica e é conhecido por seus saltos laterais. Conforme vemos no excerto enunciativo, faz parte da vida do homem da região, sendo utilizado como comparação para diversas situações vividas pelas personagens.		
<b>Outras observações:</b> da mesma forma que o gogó-de-sola, o macaco janaum é considerado um animal noturno conhecido por ser valente.		

“Macaco janaum” é uma lexia complexa, formada por justaposição. Refere-se a um macaco típico das florestas acreanas, de hábitos noturnos como o gogó-de-sola e conhecido por sua agilidade em saltar de lado de galho em galho. Essa habilidade permite que ele tenha maior vantagem sobre seu oponente.

No excerto enunciativo, a referência não é feita especificamente ao animal, mas a uma de suas características que é a agilidade: “[...] cheia de manhas da parte dêle no saltar de banda, como macaco janaum”, a qual é atribuída a “Seu Murucucu”, homem que se viu diante de uma porca encantada e precisou usar de toda a sua agilidade para se desvencilhar dela. O “macaco janaum” é bastante ágil e, sendo um animal de hábitos noturnos, sua destreza é comparada à do “gogó-de-sola”.

É nesse processo de analogia do homem com o macaco que identificamos o conteúdo cultural, pois, para isso, é necessário conhecer as características do ser a que se compara para reconhecermos a qualidade exaltada. A CCP se relaciona, nesse caso, à associação da agilidade do homem com a do “macaco janaum”.

Verificamos que um dos efeitos de sentido identificados nesse discurso aponta uma relação de oposição do homem com os seres da floresta, o que faz com que a sua sobrevivência dependa da agilidade e esperteza de cada um, pois na floresta



várias oposições se revelam: do homem contra a floresta, para vencer os perigos iminentes, e do homem contra o próprio homem, na luta contra a exploração. É nesse ambiente de conflito que se sobressaem as condições em que viviam as pessoas há muito tempo na floresta, onde emerge o pensamento de que a sobrevivência de uma depende da morte de outros.

#### 41) “massaco”

Ficha 41		
<b>Lexia:</b> massaco	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> massaco
<b>Campo lexical:</b> alimentos e bebidas		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (58) Certa vez, Dona Guariba saía de casa, mais cedo que de costume, pois, nesse dia, tinha muita roupa para lavar. Preparou como rancho, para comer lá mesmo, no barranco, sentada embaixo de uma urana, um gostoso <b>massaco</b> de macaxeira e jabá. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 28)		
<b>Definição:</b> Comida feita à base de banana ou de macaxeira cozida e carnes, em geral, charque, que são amassados e servidos com café.		
<b>Aspectos lexicoculturais e discursivos (ALD):</b> num contexto onde as espécies de macaxeira são fartas, um alimento feito à base dessa raiz é bastante apreciado pelas pessoas. No contexto em questão, vemos que é um alimento fundamental, principalmente porque apesar da macaxeira abundante, há escassez de outros alimentos, por isso muitos pratos produzidos na região são feitos à base da planta.		
<b>Outras observações:</b> alimento comum em algumas regiões da Bolívia. No Brasil, é feito à base de macaxeira.		

“Massaco” é uma lexia simples, a qual incluímos no campo lexical “alimentos e bebidas”. Massaco é uma comida típica da Bolívia, mais comum na região oriental do país, em cidades como Santa Cruz, Pando e Beni. O prato foi criado pelos nativos e constitui-se em uma massa feita à base de banana ou macaxeira, misturada à carne seca.<sup>23</sup>

Salientamos, nesse caso, a influência dos processos de povoamento pelos quais passou a região, que, além dos nordestinos, contou com imigrantes de países vizinhos, Bolívia e Peru. Esse processo se apresenta também na culinária, na linguagem, o que pode ser constatado por meio da lexia em tela.

O conteúdo cultural se manifesta no discurso selecionado, pois se trata de uma ação do cotidiano que demonstra uma herança intercultural. Isso nos leva a afirmar

<sup>23</sup> <https://www.buenasdicas.com/comidas-tipicas-bolivia-3052/>. Acesso em: 25 set. 2018

que se trata de uma lexia culturalmente marcada, na qual a CCP é representada pela identificação de um item da culinária de outra cultura inserida na culinária local.

O sentido que se sobressai, nesse excerto enunciativo, emerge de uma atividade corriqueira, pois ressalta a simplicidade com que viviam as pessoas em tempos e espaços determinados.

#### 42) “mulambava”

Ficha 42	
<b>Lexia:</b> mulambava   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> mulambar
<b>Campo lexical:</b> comportamentos	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo	<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1	
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)	
<b>Excerto enunciativo:</b> (59) Fartura de cachaça, foi bebendo. Quentinha, goela abaixo, <b>mulambava</b> pernas e braços, o corpo como que flutuava. Igualzinho, pensou, como flutuava depois de embolar com Linda. Ora, ora, com mulher é assim também, depois passa. Pois se nem lembrava mais da prima Linda, quando faziam escondido por trás das dunas da praia! Agora nem ligava, mulher não faz falta. Melhor beber. (ESTEVES, 1993, p. 9)	
<b>Definição:</b> Caminhar com pernas e braços trôpegos, balançando como mulambos.	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> os poucos prazeres dos seringueiros relacionavam-se ao consumo de cachaça. Bebia-se em qualquer ocasião, fosse alegre ou triste. Por nascimento ou por morte. Era uma forma, e ainda o é, de se enfrentar os problemas da vida. Se nascia alguém, “bebia-se o mijo” da criança, se morria, “bebia-se o morto”. No contexto do excerto enunciativo em que ocorre a lexia, observamos uma situação típica de comemoração em que o personagem bebe ao ponto de não conseguir ficar em pé. Um fato interessante é que se menciona uma situação comum no contexto da região nos tempos dos seringais que é a escassez de mulheres. Como verificamos no enredo das narrativas em análise, era muito comum os homens irem às festas com a intenção de encontrarem mulheres, o que nem sempre era possível. Muitos seringueiros, há relatos, chegaram a “roubar” mulheres de companheiros, levando-as à força.	
<b>Outras observações:</b> nos dicionários consultados nesta pesquisa, localizamos o registro de “molambo”, cuja acepção refere-se a “farrapo”	

“Mulambava”, conjugação do verbo “mulambar”, refere-se à condição das pernas que ficam bambas, trôpegas, em decorrência do excesso de bebida. A lexia assemelha-se ao lexema “mulambo” ou “molambo”, logo, concluímos que é derivada deste. “Mulambo” é registrado nos dicionários consultados nesta pesquisa como sinônimo de “farrapo”, que é um substantivo de origem angolana, cuja utilização no Brasil remete aos tempos da escravidão. Conta-se que o termo era usado em

referência aos próprios escravos que, por suas roupas velhas e rasgadas, eram chamados de “molambos” pelos senhores de engenho.<sup>24</sup>

Ante o exposto, é possível afirmar que a CCP reside na comparação das pernas da pessoa embriagada a “mulambos”. É por meio dessa relação de semelhança que se cria um verbo, pela analogia utilizada para descrever uma sensação causada pela bebida: “Quentinha, goela abaixo, mulambava pernas e braços, o corpo como que flutuava”.

É em uma situação do cotidiano que os sentidos evidenciam as condições de vida das pessoas de uma época. Observamos no excerto enunciativo um dos poucos prazeres dos seringueiros que eram as festas, nas quais o consumo de bebida alcoólica era a melhor coisa a se fazer: “Melhor até que mulher”. Era também uma forma de esquecer os problemas da vida.

No excerto enunciativo, evidencia-se, também, uma situação típica de comemoração em que o personagem bebe exageradamente, pois vê esse momento como oportunidade única. Apresenta-se, ainda, a escassez de mulheres, que era uma situação comum no contexto da região nos tempos dos seringais. Nessas épocas, era muito comum os homens irem às festas com a intenção de encontrar mulheres, o que nem sempre conseguiam. No final das festas, para não perder a diversão, eles dançavam uns com os outros. Muitos seringueiros, há relatos, chegaram a “roubar” mulheres de companheiros, levando-as à força. Muitas vezes, morriam ou matavam para conseguir uma companheira.

#### 43) “oasque”

Ficha 43	
<b>Lexia:</b> oasque   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> oasque
<b>Campo lexical:</b> comidas e bebidas	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino	<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 8	
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto enunciativo:</b> (60) Entrou no roçado, encaminhou-se para o barraco, e ei-lo, logo, em amistoso bate-papo, com seu compadre, sobre os vários assuntos dos últimos dias: os ranchos que havia feito; a onça-suçuarana, que seu Maniçoba havia matado, de terçado em punho, luta que luta, quebrando mato que nem dois touros bravos, brigando, espantinho para todo o povoado; a noite do <b>oasque</b> , no meio da mata, em que seu Gameleira, mirando, chorava como uma criança, dizendo, com voz esforçada, que estava vendo, junto do pé do	

<sup>24</sup> <https://www.significadosbr.com.br/mulambo>. Acesso em 25 set. 2018.

cabaceiro em frente, seu amigo Capatará, que havia morrido, por voltas de seis anos, que olhava para êle com semblante aterrador. ((INÁCIO FILHO, 1964, p. 53-54)

(61) Que não é caso que desmereça crédito, nem mistério, o fato tão comentado e discutido de Seu João Tapioca, vidente do culto **oasque** que, ao regressar duma sessão espírita, quase morreu de susto, tão grande foi, quando passou rente ao cemitério do Bagaço. (INÁCIO FILHO, 1968 p. 63)

**Definição:** Cipó utilizado na produção de chá de efeito embriagante, consumido em culto religioso, relacionado ao santo daime. 2. Culto em que se consome o chá produzido a partir do cipó. Para seus adeptos, o culto está relacionado à evolução espiritual.

**Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** a lexia “oasque” deriva de “ayahuasca”, que significa “liana (cipó) dos espíritos”<sup>25</sup>. O consumo do chá e os rituais em torno dele são bastantes conhecidos no Acre. O consumo do chá começou com os indígenas e hoje acredita-se que o seu consumo e seus rituais estejam relacionados ao crescimento espiritual, o que tem feito com que o culto tenha adquirido muitos adeptos no Brasil e fora dele.

**Outras observações:** conhecido também como “ayahuasca” (nome quichua de origem inca), relacionado aos rituais conhecidos como “Santo Daime”.

“Oasque” é uma lexia simples, que representa a bebida produzida pela infusão do cipó, reconhecido na floresta amazônica pelo mesmo nome, e os rituais em torno dele. Nos excertos enunciativos identificamos a grafia “oasque”, todavia é possível afirmar que se trata de uma variação, mais aproximada da oralidade, de “ayahuasca”, nome quichua de origem inca, relacionado aos rituais conhecidos como “Santo Daime”, “Daime” e “União do Vegetal”. É tido por diversas tribos amazônicas como uma bebida mágica.<sup>26</sup>

Inácio Filho, em seu livro *Termos e tradições populares do Acre* (1969), oferece-nos uma definição de “oasque”, a qual, apesar de extensa, consideramos interessante transcrever a seguir:

OASQUE (UASCA e UASCAR), *s.m.* Misteriosa trepadeira de que se prepara uma bebida de efeitos delirantes que, por meio de fervuras e de mistura com fôlhas de mescla, recebe o nome de daime, bebida muito usada em reuniões espíritas. É tradição que o cipó *oasque* nasce e viceja quase sempre em fechadas matas e em terreno sêco. Ai, pelas seis horas da tarde, êle estremece e começa a soltar sons que imitam um bombo, “bah. . . bah... bah. . .!”. Ao aproximar-se alguém dêste cipó ouve verdadeira falaria, zoada que vai acalmando, à medida que se chega mais perto onde está, vaidosamente enramado com os seus realçantes cachos de côres brancas e róseas que se estendem por todo êle. É o cipó *oasque* um dos elementos folclóricos mais importantes do Acre. É colhido sem ritos. Mune-se, apenas, quem o vai cortar, de um saco de linhagem, ou de ramachim, em pleno mês de agôsto, quando começa a florar, assim propiciando uma bebida mais forte, para uma boa vidência. Cortado em pequenos pedaços, e esmagado, é colocado em lata de querosene, ou tacho, com água e com umas fôlhas de mescla, para posterior fervura, de mais ou menos duas horas, quando está o *oasque* pronto para ser bebido. É liquido da côr da castanha-do-pará, de efeitos delirantes e embriagadores, como já se disse. As libações obedecem a rituais muito sérios de domínio religioso em

<sup>25</sup> Fonte: <http://universomistico.org.br/o-que-e-ayahuasca/>. Acesso em: 07 jul. 2018.

<sup>26</sup> Fonte: <http://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/o-santo-daime/historico-sobre-a-ayahuasca>. Acesso em: 25 set. 2018.

que se misturam cristianismo, espiritismo, africanismo e indianismo. Há, nesses rituais, dois domínios bem distintos: o primeiro, de íntimo divino; o segundo de aspecto terreno. O primeiro tem à frente uma figura real, Rainha Camilonga, que domina a floresta e expede tôdas as ordens. Esta rainha é casada com o Rei Tituma é cunhada do Príncipe Titongo e é mãe de um príncipe chamado Israel e de uma princesa de nome Trimira. O segundo domínio, o terreno, apresenta como entidade máxima O Marechal-Chefe que corresponde à Rainha, do domínio divino, e tem outros marechais que atingiram o pôsto, por terem bom comportamento e boa constância dentro dos cultos, havendo, também, todos os cargos militares da tropa e, além dêstes, outros civis, por exemplo os fiscais, que fiscalizam as cerimônias das libações do daime, geralmente efetuadas no mês de setembro em plena selva, onde são colocados bancos quer para os componentes dos cultos, quer para os que, apenas, vão a título de curiosidade, a fim de ver os efeitos que o daime produz em seus bebedores. O daime é servido em canecas a todos que queiram beber e, somente, o serve o Marechal-Chefe que possui o dom de saber a quantidade que cada um aguenta. No decorrer da sessão, o Marechal-Chefe tira longos e estranhos assobios que chamam as divindades celestes. Então, canta-se, dança-se, chora-se, berra-se, entra-se matagal dentro, com os efeitos da bebida. Os seguidores do culto *oasque*, dispostos em filas e ostentando maracás e xiquexiques, entoam seus cantos por tôda a noite, indo até o dia seguinte. Auxiliado pelos seus subalternos, gerais, coronéis, capitães, tenentes, sargentos, cabos, soldados, etc., o Marechal-Chefe recebendo orientação das entidades divinas vai cuidando de tôda a festa. De quando em vez, êle sai a perguntar o que cada vidente está vendo ou mirando, como os visionários dizem e, quando os delírios estão prejudicando o visionário, êle, com simples acenamentos com os braços feitos sôbre a testa do bebedor, faz que a borracheira desapareça e tudo volte ao estado normal, como antes de tocar o daime. É curioso, diga-se, que o Marechal-Chefe sabe o que um está vendo, ou mirando, em êxtase. (INÁCIO FILHO, 1969, p. 90-91, grifos do autor).

Como é possível verificar, os ritos que giram em torno do cipó “oasque” são narrados pelo autor como se deles houvesse participado. Ele descreve com riqueza de detalhes todos os ritos, demonstrando conhecimento de todas as etapas que dele fazem parte.

A lexia, que ocorre oito vezes no *corpus*, tem, pelo menos, duas acepções: o cipó de “oasque” e o culto no qual a bebida de mesmo nome pode ser consumida. Trata-se de uma lexia marcada culturalmente por um conteúdo que envolve os costumes e as crenças de um povo, o que faz com que a CCP resida numa crença local, pois conforme Galisson (1988), é por meio dos costumes, estereótipos e crenças que a carga cultural de uma palavra se manifesta.

Além dos fatos culturais apontados, é importante levantar aqueles que se voltam para o discurso em que a lexia está inserida, bem como no conjunto marcado pelas evidências léxicas que possibilitam inferir os efeitos de sentido. Como é possível afirmar, trata-se de um discurso marcado por um misticismo e por crenças que se organizam em torno da cultura de um povo. Nos excertos enunciativos destacados, são apresentadas questões relacionadas aos mistérios que envolvem o culto do “oasque”, tais como visões de pessoas que já morreram, emoções e até mesmo alguns receios.

## 44) “oco-do-mundo”

Ficha 44		
<b>Lexia:</b> oco-do-mundo	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> oco-do-mundo
<b>Campo lexical:</b> espaços		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves); <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (62) Firmino é que tinha razão. Boi valendo mais que gente, quem ia ligar pra saber se seringueiro precisava de estrada, remédio, escola? Lá, naquele <b>oco-do-mundo</b> , estudo era a enxada. E tudo que sabia ou aprendeu, lidando naquelas matas, ensinou aos rapazes. Não tinha colocação mais bonita, de légua limpo e plantado, tanta fruta que comiam, vendiam e ainda sobrava. Semana de dar três viagens a Xapuri, na safra do milho, do arroz ou do café. E não estava tudo ali? Tantos anos de trabalho na enxada, pensando que podia envelhecer sossegado... (ESTEVEES, 1994, p. 56)		
<b>Definição:</b> Lugar distante, solitário.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> nos enunciados em questão, observamos que a lexia “oco-do-mundo” se refere ao isolamento de certas localidades em relação aos centros urbanos, mais desenvolvidos. Porém, muito mais que a distância física, há uma referência à solidão em que as pessoas viviam. Há referência também às questões econômicas e culturais, visto que, por essa distância, as pessoas não têm opção a não ser viver da forma como viviam seus antepassados.		
<b>Outras observações:</b>		

Outra lexia que selecionamos para análise é “oco-de-mundo”. A lexia é formada por justaposição e ocorre uma vez no *corpus*, sendo, portanto, um *hapax legomena*. É possível definir a lexia como sendo a referência a uma localidade isolada, de difícil acesso, onde mesmo as necessidades básicas não são acessíveis.

Vemos, com isso, que “oco-do-mundo” se trata de uma lexia marcada culturalmente, na qual a CCP se evidencia por meio da analogia de “oco” com distância, pois associa-se, nesse caso, distância com a profundidade ou a dificuldade de chegada a determinado local.

É nesse discurso que a cultura de um povo marcado pelo isolamento emerge. Um discurso que reflete um sujeito que vive isolado e sem esperança, condição comum dos moradores dos seringais acreanos, que viviam em localidades distantes das cidades. Vale frisar que até mesmo os seringais eram distantes uns dos outros. A lexia remete não só a essa condição, mas também à condição psicológica que esse isolamento causa no sujeito. Isso nos leva à constatação de que não somente o lugar é isolado, mas causa também um “isolamento interior” nesses sujeitos, cuja posição é de inferioridade ocasionada pela distância em que vivem, como se verifica em: “Boi valendo mais que gente, quem ia ligar pra saber se seringueiro precisava de estrada,

remédio, escola?”. Isso representa um silenciamento que é marcado pela condição vivida. É o meio determinando a condição do sujeito.

Outro sentido que podemos depreender do enunciado relaciona-se à visão de mundo que o sujeito apresenta, pois para ele tudo gira em torno de seu modo de vida, visto que as relações sociais, de uma forma geral, são interligadas às condições que o espaço onde vivem proporciona, como notamos em: “Lá, naquele **oco-do-mundo**, estudo era a enxada. E tudo que sabia ou aprendeu, lidando naquelas matas, ensinou aos rapazes”. Além dos pontos surpamencionados, salientamos que, devido às distâncias, a aprendizagem é repassada de pai para filho ou dos mais velhos aos mais jovens.

#### 45) “olhar de porco barrão”

Ficha 45		
<b>Lexia:</b> olhar de porco barrão	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> olhar de porco barrão
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (63) Quase que adivinhando, Celestino continuava: Homem nenhum destas brenhas fica de mês sem aliviar o desejo. De um jeito ou de outro resolve, nem que seja... e esfregava as mãos, <b>olhar de porco barrão...</b> (ESTEVES, 1993, p. 7)		
<b>Definição:</b> olhar cobiçoso.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> A condição de solidão em que vivia o seringueiro na época dos seringais revelava os mais diferentes comportamentos, muitas vezes, animalescos. Assim a comparação com o comportamento animal revela diversas práticas desse homem diante da sua condição.		
<b>Outras observações:</b>		

“Olhar de Porco barrão” é uma lexia complexa, formada por justaposição. Ocorre uma única vez no corpus, constituindo-se como *hapax legomena*. Refere-se a um comportamento do homem em relação aos seus instintos sexuais. “Olhar de porco barrão” representa esse comportamento do homem que é suscitado diante de algo que lhe causa cobiça, diante da escassez de mulher, por exemplo, é comum que procure outras formas de realizar seus desejos sexuais.

A marcação cultural, nessa lexia, baseia-se no sentido figurado que ela adquire, o que ressalta um conteúdo cultural que é compartilhado pelos membros de um grupo específico. “Porco barrão” é o suíno que não foi castrado, logo, ainda é reprodutor,

sua comparação ao olhar que a personagem fazia, envolve a necessidade de abordagem de tópicos mais complexos da vida, que se relacionam a hábitos, costumes, cotidiano, sexualidade, afetividade, dentre outros elementos passíveis de se manifestarem na cultura. É nessa comparação, portanto, que reside a CCP. Todavia, devemos salientar que esse uso consiste, também, em um efeito estilístico utilizado cuja função é causar impacto na cena enunciativa narrada.

Esse discurso sai da esfera das relações de poder e adentra um campo mais complexo que envolve os comportamentos humanos, pois denota uma condição característica da época dos seringais, em especial nos períodos do auge da borracha (Primeiro e Segundo Ciclos). Nessas épocas, a necessidade de uma maior produção, ocasionou a busca por uma maior força de trabalho, o que resultou na migração quase que exclusiva de homens, para que a produção não fosse prejudicada, pois dizia-se que o seringueiro perderia tempo com os cuidados da família. A proibição da vinda das famílias dos seringueiros, bem como a falta de mulheres nos seringais eram compensadas, muitas vezes, pela prática de zoofilia, ou pela busca por mulheres indígenas que eram caçadas e obrigadas a viverem com seu sequestrador. Em decorrência da violência entre os seringueiros na disputa pelas poucas mulheres existentes, isso envolvia até mesmo as mulheres casadas. Além disso, eram relatados diversos casos de estupro e até mesmo incesto (B. ESTEVES, 2010). Desse modo, os efeitos de sentido produzidos apontam para a condição do homem, cujo comportamento é comparado ao de animais, que agem por instinto.

#### 46) “onças-pé-de-boi”

Ficha 46		
<b>Lexia:</b> onças-pé-de-boi	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> onça-pé-de-boi
<b>Campo lexical:</b> animais/fauna		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo feminino plural		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> Fatos, cultos e lendas do Acre		
<b>Excerto enunciativo:</b> (64) Que a jornada de Seu Chico Batuta era diferente de ano para ano! E o que êle trazia sempre na idéia, bem estudado, durante o caminho, era fazer pasmar os seus compadres com relatos em que nem sempre tudo, se pegava à realidade: rumas de lagartos nojentos capazes de causar cobreiros difíceis de se curarem, cipós, uns que desorientam os seringueiros nas pernas das estradas; outros, que jogam bofetadas misteriosas; longos assobios do Negrito Caipora; rastros enormes de <b>onças-pé-de-boi</b> . Tochas e tochas de bolas de fogo a passearem de um para o outro lado das ramadas das árvores. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 11)		



**Definição:** onça típica das florestas acreanas reconhecida pelo tamanho de sua pata.

**Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** dentre os animais mais temidos está a onça que tantas vítimas já fez na Amazônia. Ela povoa os piores pesadelos daqueles que vivem em localidades rurais. Foram a causa de muitas mortes e do medo de muita gente.

**Outras observações:**

A lexia “onças-pé-de-boi” é complexa, formada por justaposição e com frequência única no *corpus*. Pelas informações contidas no excerto enunciativo é possível inferir, por analogia, que se trata de uma espécie de onça que se diferencia das demais pelas patas que são grandes e assemelham-se aos cascos dos bois, como vemos em: “[...] rastros enormes de onças-pé-de-boi”. Contudo, os dados não são suficientes para descrevermos com precisão as características do animal. Todavia, no seu *Têrmos e tradições populares do Acre*, José Inácio Filho descreve a “onça-pé-de-boi da seguinte maneira:

ONÇA-PÉ-DE-BOI: s.f. Variedade de *onça*, muito conhecida no folclore acreano. Diz que anda uma onça com outra, aos pares. Quando o par ataca alguma pessoa que trepa a uma árvore as duas onças se revezam: uma vai comer, beber, enquanto a outra fica montando guarda até que a vítima, com fome e com sede, perca as forças e caia da árvore e, assim, seja devorada pelas feras. Quando um caçador avista o casal, procura, imediatamente, acertar na onça-pé-de-boi macho, porque a outra assustada, fugirá. O nome provém de ela possuir as patas redondas, cascos duros, semelhantes às patas dos bois. (INÁCIO FILHO, 1969, p. 92-93, grifo do autor)

O autor faz uma descrição detalhada do animal e de seus hábitos, definindo-o como como figura conhecida do folclore acreano. Por meio dessa definição e por ser um elemento do folclore, a lexia é culturalmente marcada, visto que a CCP se relaciona, nesse caso, a um conhecimento popular que é tido como verdadeiro.

As onças estão sempre presentes nas histórias contadas por seringueiros ou por pessoas que moram nas áreas rurais do Acre. São sempre causa de temores, povoam o imaginário que se tem sobre a Amazônia, mesmo na atualidade, em que as pessoas associam a imagem do local com a presença de onças e outros animais selvagens.

Diante disso, afirmamos que o efeito de sentido emerge do fato de um animal, que é causa de tantos temores, ser representado como um ser folclórico, o que lhe confere, de certa forma, superioridade. Essa é, também, uma forma de impressionar as outras pessoas, pois no enunciado em que a lexia ocorre há descrição de um sujeito que utiliza as suas viagens para causar no outro admiração, como é possível

notar em: “E o que êle trazia sempre na idéia, bem estudado, durante o caminho, era fazer pasmar os seus compadres com relatos em que nem sempre tudo, se pegava à realidade [...]”.

A lexia “onças-pé-de-boi” compõe a listagem dos elementos que não se apegam totalmente à realidade. É o sentido que representa bem aqueles discursos que são classificados como “histórias de caçador ou de pescador”, nos quais nem tudo é realidade, ou, ainda que sejam, podem conter traços que foram criados com único fim de impressionar o outro.

#### 47) “palreios”

Ficha 47	
<b>Lexia:</b> palreios   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> palreio
<b>Campo lexical:</b> comportamento	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino plural	<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1	
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto enunciativo:</b> (65) De espaço a espaço, quebrava-se o silêncio, com guinchos dos macacos-cairaras, silvos de serpentes, <b>palreios</b> de papagaios, em alegres revoadas, em contraste pesaroso com os trinos arrastados e monótonos dos seringueiros. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 45)	
<b>Definição:</b> Barulho feito pelos papagaios.	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> como vemos, os sons da natureza eram sempre constantes. Nestes, destacam-se os papagaios por seu canto mais estridente. A vida do homem amazônida é marcada por esses sons que são parte inerente da vida desse habitante das florestas.	
<b>Outras observações:</b> nos dicionários consultados encontramos o registro de palrar, palrador e palrear, que não ocorrem em nosso <i>corpus</i> de análise.	

A lexia “palreio” é uma lexia simples, formada por sufixação. No excerto enunciativo é a voz atribuída ao papagaio, motivo pelo qual a incluímos no campo lexical “comportamento”. Ao consultarmos os dicionários e outras fontes com o fim de localizarmos alguma informação adicional que tornasse mais claro o significado da lexia, encontramos lexemas do mesmo campo e relacionados ao sentido de “palreio”, tais como: palrar, palrador, palrear. Dessa forma, “palreio”, deriva do mesmo campo léxico, podendo constituir-se enquanto idiosincrasia do autor, cuja função é criar efeito estilístico ou mesmo retratar um modo de fala característico de um grupo.

Podemos apontar “palreios” como uma lexia culturalmente marcada principalmente por sua forma, o que nos leva a levantar a hipótese de que ela esteja

relacionada ao verbo “palrear”, daí “palreio”. Observamos, dessa maneira, um uso específico, que se modifica pela inserção de um elemento extra a sua forma.

Sobre os aspectos discursivos, vemos que eles se mostram na relação homem/natureza, que nem sempre é harmoniosa, mas é necessária. Vejamos o excerto enunciativo em que a lexia ocorre:

(65) *De espaço a espaço, quebrava-se o silêncio, com guinchos dos macacos-cairaras, silvos de serpentes, **palreios** de papagaios, em alegres revoadas, em contraste pesaroso com os trinos arrastados e monótonos dos seringueiros. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 45)*

Como vemos, essa relação se mostra de forma opositiva, tendo em vista que o léxico selecionado na composição do enunciado é formado por duplos que se estabelecem pela oposição natureza x homem, alegre x pesaroso, na qual os sons alegres constituem a natureza e os tristes relacionam-se à condição do ser humano. Esse discurso, de certa forma, opõe-se aos discursos em que o homem domina a natureza, pois aqui não há a presença do dominador e do dominado.

É importante ressaltar ainda que os barulhos da floresta contrastam com os “trinos arrastados e pesarosos” dos seringueiros. Nesse aspecto, é possível inferir que o sentido que emerge tem ligação com a dificuldade com que os seringueiros realizam seus trabalhos, pois o único som que eles emitem é o de suas ferramentas ferindo as seringueiras em busca do “leite”.

#### 48) “paperi”

Ficha 48	
<b>Lexia:</b> paperi	<b>Var.:</b> Ø
<b>Campo lexical:</b> habitação	<b>Lema:</b> paperi
<b>Categoria:</b> substantivo masculino	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Ocorrências:</b> 1	<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto enunciativo:</b> (66) Chegando ao seu <b>paperi</b> , não o encontrou em casa. Grande desgosto, logo, apossou-se dela. Já não sabia mais a quem recorrer. Mas, mesmo assim, não se deixou abater pelo esmorecimento. Ajoelhou-se debaixo de umas torceiras de açazeiros e pediu, então, a intercessão divina. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 43)	
<b>Definição:</b> Casa feita de paxiúba e palha, onde habitava o seringueiro.	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> um “paperi” muito mais que uma casa é o refúgio do seringueiro. Era a representação de seu esforço, uma vez que ele mesmo colhia o material e levantava seu paperi.	
<b>Outras observações:</b> encontramos o registro de “papiiri”, com o significado de abrigo construído de folhas às margens dos rios e igarapés.	

“Paperi” é uma lexia simples que ocorre uma única vez no *corpus*. Representa, no contexto dos seringais, a casa dos seringueiros, geralmente construída com paxiúba.<sup>27</sup> Levantamos, diante dessa lexia, duas hipóteses: a) que seja uma variação de “papi”<sup>28</sup>, que, por assimilação, variou para um fonema próximo, no caso, em vez de “i” usa-se “e”; b) que seja um caso de hipercorreção, uma vez que é comum, na fala, o uso de “i” no lugar de “e”, o que pode ter gerado a ideia de que a lexia tenha outra grafia.

Há o registro de “papi” nos três dicionários consultados, com marcação de regionalismo e fazendo referência ao abrigo construído com folhas às margens de rios e igarapés. Porém, a referência a abrigo, sugere algo temporário enquanto “paperi”, no contexto da região, refere-se à própria moradia do seringueiro, o que sugere estabilidade.

Nos excertos enunciativos, há uma noção de moradia, constituída como algo permanente. É nesse princípio que aflora o conteúdo extra que permeia essa construção feita pelo homem, a qual atua como um inanimado cultural, cujo sentido remonta à concepção de lar, casa, moradia. Diante desse fato, observamos que estamos diante de uma lexia culturalmente marcada, na qual a CCP se manifesta por meio dessa noção que lhe é atribuída. Galisson (1988) afirma que a noção de “casa” é marcada pela CCP pelo fato de ter representações diferentes em cada cultura, o que faz com o seu sentido seja restrito, ou particular, a grupos de falantes específicos.

Além disso, nessa materialização discursiva, verificamos, pelo conjunto do léxico, marcas que revelam um discurso voltado para a crença na intervenção divina em situações difíceis. O efeito de sentido produzido nesse discurso mostra a condição de vida de sujeitos que, em momentos determinados, buscam na fé a solução para os seus problemas. Ao tratar as lexias, vemos que nelas predomina o tom de desespero, angústia, medo, o que se sobressai em muitos discursos, nos quais se apresenta a vida do seringueiro. Contudo, é possível salientar também a sua força, pois, no enunciado, mesmo não encontrando o que buscava, o sujeito “não se deixou abater”.

---

<sup>27</sup> “Palmeira de até 20m (*Socratea exorrhiza*), nativa do Equador, Guianas, Colômbia, Suriname, Venezuela, Bolívia e Brasil (AC, AM, PA, MA, TO, GO, MT), (...) e cuja madeira é us. pela população ribeirinha para a confecção de bengalas e tabuados, e pelos indígenas para a confecção de arcos, flechas e lanças; castiçal”. (Houaiss, 2009)

## 49) “pés de poré”

Ficha 49		
<b>Lexia:</b> pés de poré	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> pé de poré
<b>Campo lexical:</b> vegetais/flora		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo masculino plural		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (67) Rodeia os <b>pés de poré</b> do mandiocal de Seu Sucupira, vara, de ponta a ponta, o Bosque dos Cajuís, e, a passos largos, calcando terrenos encharcados de água e de lama, escorregando, ora aqui, ora ali, com os seus sapatos de seringa, alcança, finalmente, o Pique das Pacoveiras <sup>28</sup> . (INÁCIO FILHO, 1964, p. 63)		
<b>Definição:</b> Mandioca utilizada na produção de farinha.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a mandioca é um importante alimento do homem da Amazônia de um modo geral, principalmente pela possibilidade de produção da farinha, que é um item essencial na mesa do acreano.		
<b>Outras observações:</b>		

“Pés de poré” é uma lexia complexa, formada por justaposição, que representa, de acordo com as informações fornecidas pelo autor nas notas de rodapé, uma espécie de mandioca que é utilizada na produção de farinha. É uma lexia de frequência única no *corpus*, o que ocasiona a insuficiência nos dados para uma definição mais precisa.

É uma lexia culturalmente marcada, sobre a qual identificamos que a CCP reside na importância que os “pés de poré” têm na produção de um importante alimento para o homem acreano.

Na materialização discursiva, emerge o sentido relacionado a uma situação aparentemente corriqueira, em que o sujeito caminha pelos varadouros à procura de algo que lhe chama a atenção. Os referentes espaciais que auxiliam no trajeto são todos relacionados à flora, da mesma forma que os topônimos, como, por exemplo, “Bosque dos Cajuís” e “Pique das Pacoveiras”. É possível inferir, dessa maneira, que os elementos que são utilizados para categorizar ou nomear as coisas ao seu redor têm como referência o próprio conhecimento de mundo do sujeito.

<sup>28</sup> s. f. || (bot.) bananeira grande do Norte do Brasil (*Musa sapientum*): Sentiu passar na sombra das *pacoveiras* uma forma sutil. (Xavier Marques, Pindorama, II, c. 3, p. 109, ed. 1907.) F. Pacova. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/pacobeira>. Acesso em: 25 set. 2018.

## 50) “peia”

Ficha 50		
<b>Lexia:</b> peia	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> peia
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves); <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (68) Tu lembra que desde pequeno, quando ele entesava, não tinha seu ninguém pra tirar teima com o danado? Podia, até, moer ele de <b>peia</b> , dar castigo - que nada! Mani, dá um sinal que tu tá me vendo, escutando! Dá um sinal que Firmino vai chegar e nós não tem de sair deste lugar! (ESTEVEVES, 1993, p. 68)		
(69) Se dissesse algum palavrão, elas iam logo enredar pra mãe. E tome <b>peia</b> ! Tinha que tomar cuidado, perdia o gosto de jogar. Ficava logo enfezado, desistia. Então ia olhar no chiqueiro ver se tinha algum porco pegando porca. Gostava de ver. (ESTEVEVES, 1998, p. 37)		
<b>Definição:</b> Sova, surra dada como forma de correção.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> considerada uma forma antiga de educar uma criança, por muito tempo foi vista como opção mais importante na educação dos filhos. Só se tornava “alguém na vida aquele que levava muita peia”. Assim, está associada à ideia de crescimento, disciplina.		
<b>Outras observações:</b> “peia”, nos dicionários consultados, refere-se a chicote ou instrumento de açoite.		

“Peia” é uma lexia simples, que ocorre duas vezes no *corpus*. Representa uma forma de correção dada pelos pais, seja com palmadas ou algum instrumento, geralmente uma sola. Essa lexia está registrada nos dicionários, mas refere-se ao instrumento usado para açoite e não à ação em si como observamos no *corpus* de análise.

Afirmamos, desse modo, que a ação permanece inalterada, o que se modifica é o instrumento que se utiliza. Vemos, dessa forma, que a CCP se apresenta por meio da associação de “peia” com correção.

Além dos aspectos já mencionados, é possível afirmar que as questões culturais se revelam no conhecimento de um grupo. Retomamos os excertos a seguir:

(68) Tu lembra que desde pequeno, quando ele entesava, não tinha seu ninguém pra tirar teima com o danado? Podia, até, moer ele de peia, dar castigo - que nada! Mani, dá um sinal que tu tá me vendo, escutando! Dá um sinal que Firmino vai chegar e nós não tem de sair deste lugar! (ESTEVEVES, 1993, p. 68)

No excerto nunciativo 68, sobressai o tom de memória que permeia todo o enunciado, no qual o pai recorda um dos momentos em que era necessário corrigir

o filho. No enunciado “Podia até moer de peia, dar castigo – que nada”, é possível afirmar que a *lexia* tem sua ocorrência carregada de um tom de aflição em que as memórias vêm à tona, mesmo que não se tratem de algo agradável ou que, nesse caso, refiram-se a momentos em que a relação entre pais e filhos está marcada pela autoridade daqueles em relação a estes, embora o resultado não seja o esperado.

Já no excerto enunciativo 69, embora se trate de uma situação diferente, a visão de autoridade e correção dos pais diante de algum comportamento inadequado dos filhos permanece. Vejamos:

(69) *Se dissesse algum palavrão, elas iam logo enredar pra mãe. E tome peia! Tinha que tomar cuidado, perdia o gosto de jogar. Ficava logo enfezado, desistia. Então ia olhar no chiqueiro ver se tinha algum porco pegando porca. Gostava de ver.* (ESTEVES, 1998, p. 37)

Nesse caso, a voz que se sobressai é a de um filho que relembra a correção dos pais. É um discurso que remonta ao sentimento desse filho que se aborrece com as situações vividas. A partir disso, nos discursos que se manifestam nesse enunciado, como no excerto enunciativo 67, há duas concepções que enfatizam uma situação em que a autoridade dos pais em relação aos filhos é colocada em pauta, uma vez que há, nesses discursos, vozes de dois sujeitos que se encontram em posições diferentes, o que torna possível evidenciar uma ideologia que parte de dois papéis distintos.

#### 51) “péla de borracha”

Ficha 51	
<b>Lexia:</b> péla de borracha   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> péla de borracha
<b>Campo lexical:</b> vegetais/flora	<b>Estrutura:</b> <i>lexia</i> complexa
<b>Categoria:</b> substantivo feminino	<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 3	
<b>Obra:</b> <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho); <i>O empate</i> (Florentina Esteves)	
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (70) - Veja, ali, que rijos punhos! Com uma só mão, o homem ergue ligeiro e resoluto o ramachim! Que seringueiro fortão dos diachos! Não há acreana que não fique logo sacudida para os lados dêle. Que bom se o meu fôsse assim... Que enorme <b>péla de borracha</b> alevantou. É bom qui dói ver um sexo masculino, assim. Você viu maninha? (INÁCIO FILHO, 1968, p. 9)	
(71) Nós é que temos que mandar nesta terra - seu Osmarino falava, com raiva. Não é pra chegar esse povo de fora, como esses "paulistas", querendo mandar, que nem sabem quê	

que é **péla de borracha**, e vão derrubando tudo que é mata. E, pro seringueiro não atrapalhar, enxotam ele feito enxotam gado. Taí, hoje, a terra mais rica do mundo, virando pasto. Eles que esperem, vão ver! O Sindicato vai fazer deputado pra acabar com essa avacalhão. (ESTEVES, 1993, p. 22)

**Definição:** Bola de látex defumada em pequena fogueira produzida pelo próprio seringueiro. Essa bola ia ser formando aos poucos, na medida em que se rodava o molinete feito com varas e se jogava o látex sobre ela.

**Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** as pélas figuravam como produto final de todo o trabalho do seringueiro. Eram as pelas que eram entregues ao patrão para que este comercializasse a borracha em forma de bola. Cada “péla de borracha” constitui-se como um símbolo do esforço do seringueiro que muitas vezes arriscava sua vida para sobreviver.

**Outras observações:** há o registro de “pela”, com datação do século XIV, nos dicionários consultados, cujo significado se refere à bola especial de borracha utilizada em jogos e brincadeiras.

“Péla de borracha”<sup>29</sup> é uma lexia complexa que representa uma bola de borracha defumada, feita do leite do látex da seringueira. É formada por justaposição e ocorre três vezes no *corpus* em duas obras, *Capitango* e *O empate*. Localizamos nos três dicionários consultados o registro de “pela”, todavia, em nenhuma das acepções registradas identificamos um significado semelhante ao encontrado no *corpus* de análise.

É por esse fato que afirmamos que a CCP nessa lexia está no uso específico que se faz dela na região, o qual podemos associar ao formato de “bola” que a borracha adquire depois de passar pelo processo de defumação, tendo em vista que somente no contexto da extração da borracha, uma atividade que teve mais visibilidade na região, a lexia mostra esse conteúdo, o qual pode representar um implícito cultural que faz sentido unicamente para um grupo específico.

A lexia é apresentada nos enunciados em duas situações diferentes: na primeira, vemos uma voz feminina que exalta a força masculina, como em: “Que enorme péla de borracha alevantou. É bom qui dói ver um sexo masculino, assim”. Salientamos que a voz feminina, muitas vezes, é silenciada na sociedade, especialmente, no que diz respeito à opinião sobre o sexo oposto.

No segundo enunciado, constatamos uma voz que emana da luta pela terra, na qual, de um lado, estavam o seringueiro e os sindicatos, e de outro, os “paulistas”, cujo objetivo era fazer pastos para criação de gado. Vejamos novamente o excerto enunciativo 71:

<sup>29</sup> Optamos por manter a grafia conforme o registro encontrado no *corpus*.



(71) *Nós é que temos que mandar nesta terra - seu Osmarino falava, com raiva. Não é pra chegar esse povo de fora, como esses "paulistas", querendo mandar, que nem sabem quê que é péla de borracha, e vão derrubando tudo que é mata. E, pro seringueiro não atrapalhar, enxotam ele feito enxotam gado. Taí, hoje, a terra mais rica do mundo, virando pasto. Eles que esperem, vão ver! O Sindicato vai fazer deputado pra acabar com essa avacalhão.* (ESTEVEES, 1993, p. 22)

Com base nesse discurso, é possível afirmar que a lexia “péla de borracha” é utilizada como uma forma de qualificar um parâmetro utilizado para definir aquele que está ou não apto a ter a posse da terra. Todavia, o que é visto nem sempre é o conhecimento ou a força de trabalho, mas a posse da terra. Desse modo, ressaltamos que, nesse discurso, sobressaem-se as vozes daqueles que vivem em situação de opressão, mas que diante das dificuldades decidem mudar sua posição e buscam libertar-se dela.

## 52) “pernas de estradas”

Ficha 52		
<b>Lexia:</b> pernas de estradas	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> perna de estrada
<b>Campo lexical:</b> espaços		<b>Estrutura:</b> lexia composta
<b>Categoria:</b> substantivo feminino plural		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 3		
<b>Obra:</b> <i>Fatos cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (72) Quase não se escuta outra voz senão a sua, em toda a mata, desde as bôcas dos varadouros até entrar-se nos atalhos, batidas ou <b>pernas de estradas</b> dos seringueiros. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 127)		
(73) - Ainda é muito cedo para que a sua mente se perturbe com o que ainda não pode compreender. O tempo custa, mas vem e ensina. E êle saberá como tudo aconteceu. Não deixarei que a dúvida o angustie, maltrate. Não quero deixar-lhe trevas e, sim, luz. Ensinar-lhe-ei a não se curvar nas <b>pernas de estradas</b> e nos varadouros! Compreenderá que o homem veio ao mundo para ser homem! Que quem se curva é boi para ser pôsto à canga. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 44)		
<b>Definição:</b> Cada um dos lados da estrada de seringa.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> as “pernas de estradas” são importantes por seu papel na locomoção do seringueiro e dos moradores das regiões rurais. Elas agilizam o transporte do látex e dos produtos de agricultura para outras localidades. Nos excertos enunciativos destacados, observamos que essa lexia remete à solidão vivida, o que ressalta as formas de vida das pessoas que habitavam os seringais, mas também remete à soberania que o espaço exerce sobre o homem, que, muitas vezes, é vencido.		
<b>Outras observações:</b>		

“Pernas de estrada” é uma lexia composta com frequência três no *corpus* e é formada por justaposição. Representa cada um dos lados da estrada de seringa. É possível afirmar que essa é uma das formas que o seringueiro utiliza para identificar e nomear o seu espaço, pois, não tendo outra referência, utiliza o próprio corpo para isso, como, perna da estrada para se referir a cada um dos lados dela e “boca dos varadouros” para se referir ao início do varadouro, por exemplo.

Essa lexia tem uma representação para a vida do seringueiro e para sua cultura, portanto, é marcada culturalmente, pois é possível afirmar que a CCP se evidencia pela referência de um aspecto de localização ao próprio corpo, pois “perna da estrada” é uma das noções espaciais de maior importância para a atividade da extração da seringa. Essa forma de nomeação é um modo de garantir a localização no espaço e sua locomoção por ele.

Os excertos enunciativos selecionados apresentam discursos que remetem às condições de vida dos seringueiros e sua luta diária. No excerto 72, notamos um aspecto que, muitas vezes, foi mencionado, como é o caso da solidão em que viviam nas matas acreanas. Observamos isso em:

(72) *Quase não se escuta outra voz senão a sua, em toda a mata, desde as bôcas dos varadouros até entrar-se nos atalhos, batidas ou pernas de estradas dos seringueiros. INÁCIO FILHO, 1994, p. 127*

Nesse enunciado, é possível perceber a condição de solidão constante em que esses sujeitos viviam. Essa solidão, na maioria das vezes, era imposta, uma vez que se afirmava que seringueiro sozinho produzia mais.

No excerto enunciativo 72, mostra-se uma imposição marcada social e culturalmente, tendo em vista que a condição do homem na sociedade sempre foi de superioridade, aquele que deve demonstrar sua força, a concepção de que “[...] o homem veio ao mundo para ser homem!”, por isso, não deve curvar-se diante de nada. Essa é uma noção que é passada dos pais para os filhos, como vemos em “Ensinar-lhe-ei a não se curvar nas pernas de estradas e nos varadouros!”.

## 53) “pilora”

Ficha 53		
Lexia: pilora	Var.: Ø	Lema: pilora
Campo lexical: enfermidades		Estrutura: lexia simples
Categoria: substantivo feminino		Processo de formação: primitiva
Ocorrências: 1		
Obra: O empate (Florentina Esteves)		
<p><b>Excerto enunciativo:</b> (73) Mal movia a cabeça, engulhava.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Posso não, Cesário.</li> <li>- Então vou buscar. Mas sai da chuva, senão tu fica doente. Dia inteiro. Tentava ir pra casa, o mundo rodava, dava <b>pilora</b>, desistia.</li> <li>- E agora, Cesário?</li> <li>- Só tem um jeito: te levo na Jandira, índia velha que sabe de remédio do mato pra um tudo. São dois ou três dias rio acima, mas tu volta bom, curado mesmo. Volta sim. (ESTEVES, 1993, p. 11)</li> </ul>		
<b>Definição:</b> Mal-estar súbito, vertigem.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> vemos no excerto enunciativo que a lexia “pilora” que se refere a um mal-estar súbito, mas também relaciona-se à condição do seringueiro de sofrimento, vontade de ir em frente, mas ao mesmo tempo acaba desistindo.		
<b>Outras observações:</b> “Pilora” é um dos nomes atribuídos à cachaça. (CÂMARA, 2004).		

“Pilora” é uma lexia simples, um *hapax legomena*, pois tem frequência única no *corpus*. Significa um mal-estar súbito, geralmente seguido de tontura ou desmaio. “Pilora” também é um dos nomes atribuídos à cachaça, segundo Câmara (2004), especialmente no Nordeste do Brasil.

A lexia “pilora” é marcada culturalmente pelo fato de representar um implícito cultural que é marcado pela associação dos efeitos que a cachaça pode provocar aos sintomas causados por alguma enfermidade.

No conjunto das lexias, emerge um discurso no qual sobressai a crença nos remédios de conhecimento popular. Apresenta-se a ideia de que o conhecimento indígena promove a cura para as doenças ainda que não se saiba a enfermidade e sua causa. Além disso, o sentido revela a condição do sujeito que não tem a assistência necessária para a sua saúde, muitas vezes pelo difícil acesso do local onde mora. Sua única alternativa, portanto, é buscar auxílio com alguém que detenha o conhecimento popular, os remédios que a natureza pode oferecer. É o que se manifesta em: “Só tem um jeito: te levo na Jandira, índia velha que sabe de remédio do mato pra um tudo. São dois ou três dias rio acima, mas tu volta bom, curado mesmo.”.

## 54) “pixilingueiro”

Ficha 54		
<b>Lexia:</b> pixilingueiro	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> pixilingueiro
<b>Campo lexical:</b> vegetais/flora		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (74) - Cê já pilou bastante milho, Bebê! Dando muito xerém a esta cambada de esfomeados pintos, êstes vão acabar gordos demais e podem morrer. Olha que o verão, êste ano, está de amargar. As galinhas caem e morrem sufocadas! Os pintos pegam fáceis o diabo do gôgo. Amanhã, vou cortar um pouco de galhos de <b>pixilingueiro</b> que as terríveis pixilingas já começam a atacar as nossas aves. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 43)		
<b>Definição:</b> Planta medicinal utilizada no combate às pixilingas, conhecidas como piolhos de galinhas.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a criação de galinhas é, nas regiões rurais, uma forma de sobrevivência. Pela falta de acesso a medicamentos, nas regiões rurais é comum a busca de cura nos elementos da natureza, nas plantas, por exemplo.		
<b>Outras observações:</b>		

“Pixilingueiro” é uma lexia simples formada por sufixação. Utilizou-se nesse processo o sufixo *-eir-* que é muito produtivo na língua portuguesa, dando origem a diversas denominações nominais e adjetivais. “Pixilingueiro” é o nome de uma planta utilizada no combate às pixilingas das galinhas, também conhecidos como “piolhos de galinha” ou “bicho-de-galinha”. Como vemos, o nome da planta tem como base aquilo que ela combate.

O uso de ervas medicinais em tratamentos diversos, seja em seres humanos ou animais, é muito comum nas regiões rurais do Acre. Hoje, com a abertura de ramais e melhoria do acesso a medicamentos, já há outras formas de tratamento para diversas doenças. Todavia, há alguns anos, como nas décadas de 1960 a 1970, a única alternativa das pessoas das áreas rurais ou de difícil acesso eram os tratamentos por intermédio das plantas.

A lexia “pixilingueiro” é, desse modo, culturalmente marcada, pois representa um conhecimento específico de um grupo. A CCP está representada pelo próprio sentido da lexia, uma vez que o sufixo *-ei-* forma a árvore de determinado fruto, mas nesse caso, formou o nome da planta utilizada para combater a praga, além de representar um conhecimento popular.

Esse discurso, cujas marcas apontam um conhecimento popular, produz um efeito de sentido no qual emergem as necessidades que as pessoas de uma época ou de um lugar específico têm de conhecer a floresta, mas também afloram sentidos sobre aqueles que não conhecem esse lugar. A relação homem/natureza, dessa forma, manifesta-se harmoniosamente.

### 55) “pupuaçu”

Ficha 55	
<b>Lexia:</b> pupuaçu   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> pupuaçu
<b>Campo lexical:</b> vegetais/flora	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino	<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1	
<b>Obra:</b> <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto enunciativo:</b> (75) Nestes doces instantes, caiu dum pupuaçuzeiro um bonito pupuaçu. O velho pediu licença e foi apanhá-lo: - Que enorme! Estas árvores estão desenvolvendo bem os frutos! Dará um gostoso refrêsko, Bebê! É pena que só tenha açúcar-prêto. Amanhã, vou ver se dou um jeito de conseguir açúcar branco lá pelo barracão. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 48)	
<b>Definição:</b> Fruto típico da Amazônia; como é chamado popularmente o cupuaçu.	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> o cupuaçu é comumente chamado de “pupuaçu” ou “pupu”, sem a terminação <i>-açu</i> , que se refere a grande. É um fruto bastante apreciado na região e há alguns anos entrou numa questão de patente entre empresas da Amazônia e uma empresa japonesa, que intencionava patentear o cupuaçu como seu. É comum na mesa do acreano o suco ou o creme de cupuaçu.	
<b>Outras observações:</b>	

“Pupuaçu” é uma lexia simples, com frequência única no *corpus*. É formada por sufixação, a partir da anexação do sufixo *-açu*, que significa “grande”. Nome de origem tupi, “pupuaçu” refere-se a um fruto saboroso e de cheiro característico, que pode pesar de 400g a 4.000g, com peso médio de 1.200g<sup>30</sup>. É uma variação de “cupuaçu”, mas também recorre o uso de “pupu” ou “cupu” para se referir ao mesmo fruto.

José Inácio Filho (1969) nos dá algumas informações sobre o “pupuaçu”. Vejamos:

PUPUAÇU: s. m. Fruto comestível do *pupuaçuzeiro*, de que se faz gostosíssimo refresco e doce, depois de desgarrados todos os miolos dos caroços, utilizando-se, para isso, uma tesoura. Diz-se, também, *Cupu* e *Cupuaçu*. (INÁCIO FILHO, 1969, p. 104)

<sup>30</sup> Disponível em: [https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPAA-2009-09/18684/1/Livro\\_BPA.pdf](https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPAA-2009-09/18684/1/Livro_BPA.pdf). Acesso em: 30 dez. 2018.

Como se vê, o autor faz uma descrição do fruto, bem como de sua utilização, além de apresentar uma das formas registradas nos dicionários que consultamos, “cupuaçu”. Pelo fato de constituir uma variação no significante, observamos que a CCP na lexia “pupuaçu” reside no fato de se tratar de um fruto típico que faz parte da cultura do povo acreano. Todavia, a manifestação de um conteúdo extra se mostra no fato de se tratar de uma forma mais familiar de tratar algo que é de conhecimento de uma comunidade.

Quanto aos efeitos de sentido, é importante destacar que emergem de uma situação que marca uma questão familiar, que envolve o cotidiano das pessoas que habitam a região. A cena enunciativa demonstra certa afetividade no que diz respeito a uma situação do cotidiano. Vemos também como se davam as relações comerciais nos seringais, pois, para tudo o que o seringueiro necessitava, ele deveria dirigir-se ao barracão para conseguir, como se vê no excerto “É pena que só tenha açúcar-prêto. Amanhã, vou ver se dou um jeito de conseguir açúcar branco lá pelo barracão.”. A busca de provimentos somente no barracão era uma forma de manter o seringueiro preso a uma dívida infundável, além de ser mais uma forma de enriquecimento dos seringalistas.

#### 56) “pupuaçuzeiro”

Ficha 56		
<b>Lexia:</b> pupuaçuzeiro	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> pupuaçuzeiro
<b>Campo lexical:</b> vegetais/flora		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (76) Lá estava êle, trepado no olho dum <b>pupuaçuzeiro</b> , com todos os jeitos e vontades de lhe saltar em cima. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 37)		
<b>Definição:</b> árvore do “pupuaçu”.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> o “pupuaçuzeiro” é uma árvore típica da região e é comum haver nos quintais de muitas casas acreanas.		
<b>Outras observações:</b>		

Derivada de “pupuaçu”, “pupuaçuzeiro” é formada por sufixação, uma vez que foi anexada à base lexical o sufixo *-eir-*, que de acordo com Rio-Torto *et al* (2013), é o sufixo que denota nomes de árvores. Portanto, “pupuaçuzeiro” significa a árvore do “pupuaçu”.

Na mesma linha da lexia da qual deriva, o conteúdo extra que se manifesta no sentido dessa lexia refere-se à ideia de familiaridade com o fruto e sua árvore, que demonstra que são bastante conhecidos pela comunidade. É nessa familiaridade que podemos identificar a CCP.

É nessa situação familiar, da mesma forma que “pupuaçu”, que emergem os efeitos de sentido, a partir de uma formação discursiva que envolve o cotidiano das famílias acreanas. Na cena enunciativa mostra-se um episódio em que um homem trava uma feroz luta com um gogó-de-sola que o esperava no olho de um “pupuaçuzeiro”.

Levando em consideração que o “pupuaçuzeiro” é uma árvore cuja altura varia de cinco a quinze metros, e estando o animal no alto de sua copa, isso lhe dá grandes vantagens em relação ao homem, que estava no chão. Ao saltar do “pupuaçuzeiro”, certamente, o gogó-de-sola o venceria facilmente. Isso revela a força da natureza em relação à pequenez humana. Destaca também a superioridade de um ser da floresta, que nela nasceu, em relação àquele que foi introduzido forçosamente.

#### 57) “quandu”

Ficha 57		
<b>Lexia:</b> quando	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> quando
<b>Campo lexical:</b> animais/fauna		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 5		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (77) Ainda hoje a mente dos seringueiros e mesmo das pessoas das cidades, perturba-se de temor, quando um <b>quandu</b> entrar em suas casas. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 26)		
(78) O <b>quandu</b> é um mamífero, de pequeno porte, mais ou menos do tamanho de um coelho, roedor como êste, de côr semelhante à do capote e muito fedorento. Possui grandes espinhos, cheios de ar, com os quais se protege dos outros animais, mesmo do homem, quando é atacado. Defende-se de uma maneira original. Não se vê em outros animais tão excêntrica defesa. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 26)		
(79) Em casa de Seu João Piau, de Brasiléia. um dia, entrou um <b>quandu</b> , e sua mulher Dona Pequiarana, senhora muito saudável, que nunca havia estado doente, adoeceu, acamou e, daí, a dois meses, morreu. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 26)		
<b>Definição:</b> Mamífero de pequeno porte, roedor, que possui a pele recoberta por espinhos e exala um cheiro desagradável para se livrar de seus predadores.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> muito mais que os perigos físicos que o “quandu” pode ocasionar, ele povoa o imaginário do acreano como animal de mal agouro,		

uma vez que a presença de um desses bichos dentro das casas representava algum mal vindouro e, quando isso acontecia, era motivo de muito medo por parte das pessoas.

**Outras observações:**

“Quandu” é uma lexia simples e refere-se um mamífero de pequeno porte conhecido e temido nas florestas acreanas por lançar espinhos contra seus inimigos e por seu forte mau cheiro. Acredita-se que sua presença nas casas é sinal de mau agouro, de que algo ruim está prestes a acontecer. A lexia ocorre cinco vezes no *corpus* de análise e a classificamos no campo lexical animais/fauna.

Sobre o animal, José Inácio Filho expõe algumas informações em seu livro *Termos e tradições populares do Acre* (1969). Vejamos:

QUANDU: s.m. Pequeno mamífero, aproximadamente do tamanho de uma cutia, roedor como esta, de côr semelhante à do capote e terrivelmente fedorento, com um pixé difícil de suportar-se. Possui grande espinhos, cheios de ar com os quais se protege dos outros animais, até do homem quando acossado: vai inchando, inchando, sempre, e, depois de bem inchado, lança sobre os inimigos uma espinheirada de seus espinhos. Estes espinhos, penetrando na carne, só saem se lhes cortam a ponta, a fim de o ar sair, e eles poderem ser retirados dos corpos das vítimas. O caçador experiente, acostumado a andar e a acautelar-se na selva, só lhe atira quando bem protegido atrás de alguma árvore. De vez em quando, um *quandu*, atraído pelo cheiro de comida do seringueiro, entra em sua casa” é superstição que êle traz consigo doença e morte para os moradores. Cf. *cangambá*. (INÁCIO FILHO, 1969, p. 104-105, grifos do autor)

O “quandu” é um animal bastante conhecido nos seringais acreanos e sua presença causa temor pela associação com coisas ruins. Dessa maneira, “quandu” é uma lexia culturalmente marcada, uma vez que a crença de que seja um prenúncio de mau agouro representa um conteúdo cujo sentido é compartilhado pelos membros de um grupo social. Isso é apresentado no discurso da obra, como vemos no excerto enunciativo 77, retomado a seguir:

(77) *Ainda hoje a mente dos seringueiros e mesmo das pessoas das cidades, perturba-se de temor, quando um quandu entrar em suas casas.* (INÁCIO FILHO, 1964, p. 26)

Diante dessa exposição, é possível afirmar que a CCP dessa lexia está na associação dela com a noção de morte, mau agouro, que é o sentido que mais se mostra nos excertos enunciativos em que ela ocorre.

Como verificamos, um dos efeitos de sentido que emergem da cena enunciativa está ligado à relação que se estabelece entre o homem e a natureza, é a oposição que há entre ambos, pois, nesse caso, eles se colocam em posição de oponentes em que há a necessidade de criar defesas um contra o outro. Essa representa outra



concepção que se tem da vida da Amazônia, a qual é vista como um “inferno verde”, repleto de perigos e de animais ferozes. Outro efeito de sentido que é possível inferir dos discursos em torno do “quandu” é a ideia de temor, ao mesmo tempo de respeito e admiração, que se tem em relação ao animal, o que é construído nas experiências vividas.

#### 58) “ramachim”

Ficha 58	
<b>Lexia:</b> ramachim   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> ramachim
<b>Campo lexical:</b> utensílios	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino	<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 22	
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho); <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (80) E, como terá de pernoitar, no fundo da selva, mune-se de um <b>ramachim</b> , de uma mutã, de um rifle e de um terçado cento-e-vinte-oito, não se esquecendo, também, de um bom pedaço de carne-de-sol, duas dúzias de bananas piruás, e meia cabaça de cocal para matar o bicho. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 11)	
(81) A fisionomia do velho tornou-se, cada vez mais, alegre e, êle, numa agilidade, de quando era jovem, logo, arriou o <b>ramachim</b> ao chão e correu aos tropeções papiri a dentro a fim de abraçar a mulher e beijar o filho, com cautela, é claro. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 33)	
<b>Definição:</b> Saco utilizado como mochila para transportar objetos e mantimentos. (INÁCIO FÍLHO, 1964)	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> o “ramachim” é um utensílio que acompanha os moradores de regiões mais afastadas, pois era muito utilizado nas longas viagens, era como um companheiro inseparável.	
<b>Outras observações:</b> também chamado de “jamachim”.	

“Ramachim” é uma lexia simples que ocorre 22 vezes no *corpus*. É formada por sufixação, pelo acréscimo do sufixo -im, cuja significação refere-se a pequeno, algumas vezes de forma pejorativa. Pela definição do autor da obra, trata-se de uma variação de “jamachim”. Assim, muda-se o significante, mas se mantém o referente, pois “ramachim” corresponde a uma espécie de saco em forma de mochila utilizado pelos seringueiros para transportar objetos.

Pelo fato de ocorrer somente nas obras de José Inácio Filho, levantamos a hipótese de que se trata de uma idiossincrasia do autor, logo, pode representar um efeito estilístico criado por ele. Além disso, é possível que haja uma influência da língua espanhola, falada pelos povos da fronteira, bolivianos e peruanos, que desde muito tempo também povoam o Acre.

O fato de se tratar de um objeto de utilização específica por um grupo de pessoas, é possível afirmar que se trate, assim como “jamachim”, de uma lexia cujo uso é específico na região amazônica, fato em que reside a CCP. Interessa-nos também mencionar que o discurso em que se revelam os conteúdos culturais mostram os costumes de uma comunidade convencionados nas relações sociais e familiares.

Ao averiguar os discursos nos dois excertos enunciativos, é possível afirmar que os sentidos marcam as relações do cotidiano por meio de ações que são realizadas costumeiramente pelos sujeitos em questão. Ambos os excertos enunciativos demonstram essa perspectiva.

Em outro excerto enunciativo em que ocorre a lexia “ramachim”, emergem outros sentidos. Vejamos:

(82) *À tarde, acompanhando o cantarolejar dos pássaros, vagarosamente, parecendo mais pesado que a carga, lá vem êle, o velho, suando, suando sempre, ansioso por chegar com aquele pêso cruel e ingrato do ordinário ramachim, ali, a ferir-lhe as já vincadas costas, como se fôsse aquilo um marco permanente de um total fracasso.* (INÁCIO FILHO, 1968)

O uso do “ramachim” nesse excerto enunciativo produz um efeito de sentido em que sobressai a dura vida do seringueiro e confunde-se, pois, com as próprias dificuldades enfrentadas por ele. Ao qualificar o peso do “ramachim” como “cruel”, “ingrato” e “ordinário”, a voz que emerge do discurso expõe a vida dura que se levava nos seringais, o que geralmente era sinônimo de uma vida de fracassos, os quais já estão marcados em seu corpo como algo permanente. O “ramachim” atua como representação dessa dificuldade, é o marco das complicações ao ponto de ser personificado como o algoz do seringueiro que com ingratidão e crueldade machuca ainda mais as já feridas costas do seringueiro que carrega o peso da vida.

#### 59) “recoçou”

Ficha 59		
<b>Lexia:</b> recoçou	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> recoçar
<b>Campo lexical:</b> comportamento		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> verbo		<b>Processo de formação:</b> prefixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (83) - Pernas, assim, com pouca articulação, ficam bem mesmo é num velho. Num môço é que não ficam. E já não jovem sou, para desejar melhores de que		

estão. Que dura é a realidade da vida. E coçou e **recoçou** os grisalhos cabelos da cabeça. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 26)

**Definição:** Coçar novamente.

**Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** no excerto enunciativo citado, observamos que “recoçar” nada mais é que uma ação simples do cotidiano. Todavia, está relacionada à dura realidade vivida por aqueles que já contam com uma certa idade.

**Outras observações:**

A lexia simples “recoçar” é formada por prefixação. A formação da lexia ocorreu por meio da anexação, à base lexical, do prefixo *re-*, que apresenta carga semântica voltada para o princípio da repetição, remetendo, portanto, à “ação de coçar de novo”. Pela forma como é apresentada no excerto enunciativo, é possível identificar a lexia como efeito estilístico, uma vez que aparece numa sucessão de ações que se complementam.

Sobre as questões lexiculturais, afirmamos, com base em Galisson, que toda palavra é cultural, todavia, algumas vezes, seu uso pode estar relacionado a uma individualidade e não especificamente a uma identificação coletiva. É possível afirmar que se trata de um uso que tem como finalidade causar um efeito estilístico, o que é característica comum no texto literário.

Por meio do discurso em que a lexia é utilizada, vemos na ação de coçar os cabelos grisalhos um efeito de sentido que se constitui numa atitude daquele que se encontra em desilusão, sentindo-se no fim da vida, visto que suas pernas já não são como eram antes em decorrência da idade, pois o próprio sujeito afirma: “E já não jovem sou”. Nessas circunstâncias, é possível perceber uma atitude de conformismo, diante de algo que é inevitável, que é o envelhecimento. É perante essa realidade inevitável que se realiza a ação de “recoçar” a cabeça numa atitude de quem não pode mudar aquilo que o espera.

## 60) “roimento”

Ficha 60		
<b>Lexia:</b> roimento	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> roimento
<b>Campo lexical:</b> enfermidades		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (84) O outro milagre, não menos assombroso, foi a cura do Seu Zé das Ervas, conhecido curandeiro, que sarava os outros, curava deus e o mundo, mas não se sarou a si mesmo, com tôdas as suas ervas, drogas e artimanhas, quando se viu às		

portas da morte, com um **roimento** na barriga, como uma coisa a puxar-lhe as tripas, que doía tanto, que se torcia todo de dôres, de dia e de noite. Seu Zé das Ervas foi uma espécie de apóstolo da selva, a derramar aos sete ventos a fama da Alma de Bom Sucesso. E era profundamente sincero em suas palavras. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 41)

**Definição:** Sintoma característico de qualquer enfermidade que causa incômodo ou dor intensa na barriga.

**Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** excerto enunciativo apresentado “roimento” refere-se a um incômodo causado por alguma enfermidade intestinal ou gástrica. É bastante comum ouvir os acreanos dizerem que estão com um “roimento” quando sentem alguma dor, mas também relacionada à sensação de fome.

**Outras observações:**

“Roimento” é uma lexia simples, um deverbal derivado de “roer”, pelo processo de sufixação. Utilizou-se para isso, o sufixo *-ment-* que é bastante produtivo na formação de lexias desse tipo. Ela constitui-se em um *hapax legomena*, por ter frequência 1 no *corpus*. Refere-se a um incômodo ou dor intensa na barriga causada por alguma enfermidade inespecífica.

Com base nisso, destacamos “roimento” como uma lexia culturalmente marcada, cuja CCP se mostra na associação de dor com algo que corrói, desgasta, o que explicita variação no conteúdo que forma o significado. Portanto, essa lexia constitui-se em uma variante que possibilita partilhar um conhecimento coletivo.

Essa lexia ocorre em um discurso cuja formação discursiva é marcada pela condição do sujeito que vive na floresta, onde há muitos problemas e poucos recursos para resolvê-los, o que o leva-o a apegar-se a suas crenças. Há um sentido que se revela nessa valorização do conhecimento popular no que diz respeito às coisas sobrenaturais, as quais são buscadas quando o conhecimento popular, das ervas, por exemplo, não é mais suficiente para devolver a saúde a um enfermo.

61) “sapo canuaru”

Ficha 61		
<b>Lexia:</b> sapo canuaru	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> sapo canuaru
<b>Campo lexical:</b> animais/fauna		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 2		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (85) Entretanto, sentiu vontade de comer alguma coisa. Arrancou do bornal uma tira bem salgada de jabá e um pouco de paçoca de castanha de caju, comeu e, a seguir, foi beber água num pote de barro que estava num canto da varanda. Apanhou um		

caneco e, quando ia tirar água, viu, com surpresa, um **sapo canuaru** mergulhado na vasilha bem escondido no fundo. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 97)

(86) Leva-me contigo. Voltemos para o nosso pomar, onde há pouco estiveste. Há cem anos vivia encantada em **sapo canuaru** dentro daquêlê pote de barro, donde bebeste água, e ninguém apareceu para se rir de mim. Falo dêste jeito, pois foi por um riso, mangando de minha mãe, a Rainha Jatobá, quando bebia água e se engasgou, que eu fui castigada. E só, por um riso igual, de quem, também, zombasse de mim, é que seria desencantada. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 100)

**Definição:** Anfíbio comum na Amazônia utilizado na medicina local.

**Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** os contextos em que a lexia “sapo canuaru” aparece na narrativa de Inácio Filho remete ao sobrenatural, logo tem uma relação com os aspectos folclóricos, isto é, culturais. Remete ao tempo dos príncipes e das princesas encantadas. Todavia, observamos uma inversão de valores em relação aos contos de fadas que habitam o imaginário popular, em outras palavras, uma inversão da memória coletiva. Como é possível destacar, nesses contos, geralmente o príncipe é transformado em sapo por alguma bruxa invejosa, mas no conto de Inácio Filho, ao contrário, é a princesa que passa por esse processo.

**Outras observações:** a baba do sapo canuaru é bastante utilizada contra dor de cabeça.

A lexia “sapo canuaru” é complexa, formada pelo processo de justaposição. Ocorre duas vezes no *corpus* e é o nome de um pequeno anfíbio de utilização medicinal. Nos excertos enunciativos não há muitas informações que nos auxiliem na descrição do animal, mas, de acordo com nossas pesquisas, trata-se de uma pequena perereca malhada de cor marrom e bege, cuja baba é utilizada por certas tribos indígenas para tratar dores de cabeça.<sup>31</sup>

As duas ocorrências da lexia referem-se a um conto maravilhoso, no qual se narra a história de um sapo encantado. Como as histórias narradas geralmente constituem-se em conhecimentos populares transmitidos de geração a geração, pelo contexto da narrativa, vemos que se trata de uma lexia culturalmente marcada, o que justificaria inclusive o fato de não haver muitas informações que descrevam o animal. Assim, a CCP reside nesse conhecimento que se baseia na concepção de animal encantado, mas também por sua capacidade medicinal.

Os contos maravilhosos, povoam o imaginário popular e são fruto de uma memória coletiva. Desse modo, um dos efeitos de sentido possíveis, emerge da comparação com os contos infantis, nos quais a figura do sapo está sempre presente e remete ao princípio do amor verdadeiro que é capaz de curar todos os males, solucionar todos os problemas e quebrar encantos. Nesse caso, a transformação em sapo foi resultado de uma punição, como na maioria dos contos maravilhosos, e

<sup>31</sup> Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/01/18/culturas-da-saude/>. Acesso em: 26 set. 2018.

somente após cumprir certo tempo, tarefa ou até aparecer alguém com igual atitude, o encanto é desfeito.

## 62) “sapupema”

Ficha 62		
<b>Lexia:</b> sapupema	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> sapupema
<b>Campo lexical:</b> vegetais/flora		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 8		
<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (87) Plantou, noite de lua crescente, semente de <b>sapupema</b> do lado que o sol nascia. Como se filho seu também fosse, os dois filhos cresceriam tendo do sol a luz que fecunda e, da lua, a magia. Espiava-os todo dia. E, enquanto em Mani o filho se enrodilhava, no aconchego do ventre, a sapupema crescia, lançando ao sol o viço do verde que, noite de lua, luzia. (ESTEVES, 1993, p. 18)		
(88) "Lua crescente ele nasce", previu Jandira: será um menino, forte que nem <b>sapupema</b> . E tratou de preparar infusões, chás, ungüentos, cozidos em água pura da chuva. Ao sol do meio-dia, ela espargia a mezinha em direção ao nascente. (ESTEVES, 1993, p. 18)		
<b>Definição:</b> Árvore de médio porte, reconhecida por suas raízes aparentes.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> a lexia “sapupema” ocorre em um contexto em que a credence das personagens se sobressai. No caso, Mani todas as vezes que tinha um filho plantava uma espécie de árvore e, junto com seu esposo Severino, acreditava, assim, que conforme a árvore crescia a criança também crescia em seu ventre absorvendo a energia daquela. Conforme observamos na narrativa de Esteves, trata-se de uma crença indígena.		
<b>Outras observações:</b> encontramos o registro de “sapopema” no dicionário Aulete, mas não há uma definição, apenas a seguinte abonação: cada uma das raízes que se desenvolvem com o tronco de muitas árvores e em volta dele formam divisões achatadas: “Desde a garganta de Breves à sua largura incomensurável; das raízes primárias às sapopemas...” (Adonaí de Medeiros, Jamachi, p. 94.) <sup>32</sup>		

“Sapupema” é uma lexia simples, a qual inserimos no campo lexical vegetais/flora. É como chamam, no Acre, uma árvore de médio porte, cujas raízes ficam aparentes. Ocorre oito vezes no *corpus*, das quais seis referem-se a crenças relacionadas ao nascimento.

No discurso apresentado no excerto enunciativo emerge um sentido no qual predomina um costume indígena de plantar uma árvore grande e forte que represente o crescimento do feto no ventre da mãe. Após o nascimento, o contínuo crescimento da árvore garantirá o crescimento e o sucesso da criança até a idade adulta. O fato

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/sapopema>. Acesso em: 12 jun. 2018.

de estar relacionada a um costume e não somente à árvore em si faz-nos notar “sapupema” como uma lexia culturalmente marcada, cuja CCP se revela por meio de crenças, superstições e comportamentos evocados, que, nesse caso, estão na associação do crescimento da árvore com o da criança vindoura.

É nesse viés cultural que vêm à tona os efeitos de sentido inscritos numa formação discursiva que envolve o conhecimento da floresta, a crença nos poderes da natureza, o que sugere a relação harmoniosa do ser humano com ela. É o conhecimento do autóctone que aflora em meio a uma situação natural do cotidiano que é o nascimento de uma criança, o que sugere esperança de uma nova vida.

### 63) “sertão seringaleiro”

Ficha 63		
<b>Lexia:</b> sertão seringaleiro	<b>Var.:</b> ∅	<b>Lema:</b> sertão seringaleiro
<b>Campo lexical:</b> qualificadores		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> adjetivo		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (89) Mas morreu, como êle queria morrer, Tico Mandim, famoso em todo o <b>sertão seringaleiro</b> , pelas suas pescarias de mandins, chamados, ao contrário dos piranambus, peixes limpos. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 52)		
<b>Definição:</b> Referente a seringal.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> um aspecto que se destaca com a utilização da lexia “seringaleiro” é associação à lexia “sertão”. Essa associação remete ao ambiente inóspito que tanto o sertão quanto a floresta amazônica representam.		
<b>Outras observações:</b>		

“Sertão seringaleiro” é uma lexia simples e derivada, formada por justaposição. O segundo elemento formador da lexia deriva de “seringal” e foi formada pela anexação do sufixo *-eir-*, utilizado para formar adjetivos denominais. É um *hapax legomena*, cujo sentido tem relação com tudo o que se refere, tem semelhança ou faz parte do seringal. Classificamos essa lexia no campo lexical “qualificadores”.

É possível depreender do sentido apresentado que a CCP da lexia está relacionada às características de seringal associada a sertão, cuja influência, por força do fator humano, é muito forte no Acre. Afirmamos que “sertão seringaleiro” surgiu a partir de um signo pré-existente que atua em conjunto com os usuários de uma língua para criar conhecimentos que são compartilhados.

Nesse discurso, como em outros já mencionados, verificamos uma formação discursiva na qual emerge um efeito de sentido marcado pela relação homem/natureza, a qual identificamos pelas evidências lexicais, que é marcado por pelo menos duas lexias: “sertão” e “seringaleiro”, que ocorrem lado a lado apesar de sua relação opositiva, pois o sertão é semiárido e o seringal, pela extensa floresta, é úmido. É possível considerar, a princípio, a retomada de um discurso que cria uma representação da Amazônia marcada por uma caracterização idílica que, de certa forma, retoma a visão dos discursos sobre a descoberta da região.

#### 64) “serrar-a-porta”

Ficha 64	
<b>Lexia:</b> serrar-a-porta   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> serrar-a-porta
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano	<b>Estrutura:</b> lexia composta
<b>Categoria:</b> substantivo masculino	<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 4	
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (90) Na manhã do dia seguinte, Seu Tamboatá, Seu Sonhim, Seu Maracajá e Seu Traira, os quatro companheiros mais severos, do <b>serrar-a-porta</b> , saindo para o trabalho, tiveram a alegria de ver Seu Bacurau, ajoelhado, de novo, aos pés da Senhora da Conceição da capelinha da Vila Epitácio. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 106)	
(91) E foi <b>serrar-a-porta</b> a sua salvação, dizia Seu Tamboatá, com um sorriso malicioso nos lábios mas muito feliz por haver, com seus amigos, reconduzido Seu Bacurau aos caminhos da Fé. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 106)	
<b>Definição:</b> Grande alarde que os amigos realizam na porta daquele que diz ter perdido a fé.	
<b>Aspectos lexicoculturais e discursivos (ALD):</b> “serrar a porta” significa, no contexto local, um retorno à fé. É uma representação cultural, uma forma de devolver a fé àquele que diz tê-la perdido.	

“Serra-a-porta” é uma lexia composta formada por justaposição. Ocorre quatro vezes no corpus de análise e refere-se a uma tradição de promover grande barulho na porta daquele que diz não acreditar mais em Deus. Geralmente é realizado após a meia-noite quando a pessoa se encontra dormindo para que o susto seja maior e os resultados mais eficazes.

“Serrar-a-porta” é uma lexia cuja CCP está associada à noção de tradição que é utilizada para corrigir determinado comportamento religioso, pois, por se tratar de uma tradição popular, é reconhecida por um grupo. É possível afirmar que essa lexia é culturalmente marcada por representar uma ação de fé, o que faz com que “serrar-



a-porta” deixe de ter seu sentido literal e passe a representar um outro conteúdo cultural, que somente faz sentido para um grupo em contextos específicos.

Os sentidos se inscrevem em uma formação discursiva voltada para a religiosidade, uma vez que há uma ação, cuja principal finalidade é “devolver” a fé a quem a perdeu. Considerando que os sentidos são fluidos e que podem sugerir várias possibilidades de interpretação, podemos inferir que, nesse discurso, em que se insere uma questão religiosa, sobressai a concepção de que o homem necessita de uma religião, pois a vida dos sujeitos está sempre vinculada ao divino.

Nos excertos enunciativos, manifesta-se, também, uma preocupação com a fé do outro, o que pode ser confirmado em: “[...] os quatro companheiros mais severos, do serrar-a-porta, saindo para o trabalho, tiveram a alegria de ver Seu Bacurau, ajoelhado, de novo, aos pés da Senhora da Conceição da capelinha da Vila Epitácio. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 106)”. Também da mesma forma no excerto enunciativo 92: “E foi serrar-a-porta a sua salvação, dizia Seu Tamboatá, com um sorriso malicioso nos lábios, mas muito feliz por haver, com seus amigos, reconduzido Seu Bacurau aos caminhos da Fé”. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 106).

Sendo assim, o sentido que se manifesta nesses enunciados sugere que o sujeito somente está bem na sociedade e com o seu grupo social quando professa uma mesma fé, uma mesma religião. Isso caracteriza-se enquanto um pensamento típico de muitas sociedades, de muitas culturas.

#### 65) “soldado-da-borracha”

Ficha 65		
<b>Lexia:</b> soldado-da-borracha	<b>Var.:</b> soldado da borracha	<b>Lema:</b> soldado-da-borracha
<b>Campo lexical:</b> funções sociais/profissões		<b>Estrutura:</b> lexia composta
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 5		
<b>Obra:</b> <i>Capongo</i> (José Inácio Filho); <i>O empate</i> (Florentina Esteve); <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (92) - O senhor, produzindo sempre assim, com tanto capricho, tanto empenho, vai acabar dando um grande seringueiro. Deixará de ser um <b>soldado-da-borracha</b> briôco! Brabo bom e despachado está, aí mesmo, no chão do Acre. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 7)		
(93) Mas ele não sairia. Severino Sobral, que foi <b>soldado da borracha</b> , mais de cinquenta anos de Acre nas brenhas de seringal, cearense cabra-macho sim senhor, saía não. Pode		

dizer a seu patrão. E repetiria quantas vezes o procurasse o peão. Oiga, tchê, hás de entender. (ESTEVEES, 1998, p. 2)

(94) Ele também já foi soldado, de verdade, autoridade, os moleques haveria de entender. Foi logo que chegou na cidade, antes de se embrenhar na mata pra ser **soldado-de-borracha**. Tenente Fontenelle, cristão caridoso, tomou de conta dele, não lhe faltava nada. Olhou de novo o soldado. (ESTEVEES, 1998, p. 54)

**Definição:** Denominação do homem que trabalhava na extração da borracha no período reconhecido como segundo surto da borracha, que perdurou até o final da Segunda Guerra Mundial.

**dAspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** os soldados-da-borracha ficaram conhecidos no Brasil inteiro, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial e eram em sua maioria nordestinos que, em condições de vida precária por causa das secas, saíam em direção à região amazônica em busca de melhores condições de vida. De fato, o que encontravam, na maioria das vezes, era uma vida de exploração e dificuldades que era agravada pela hostilidade da floresta permeada de perigos e doenças, como a malária. No enunciado destacado, observamos uma oposição que se estabelece por meio da ligação entre a lexia soldado e verdade. Vemos que prevalece a ideia de que o soldado “de verdade” é autoridade, ao passo que o soldado-da-borracha, embora enfrente diversas lutas diárias, não tem autoridade sequer sobre sua própria vida, pois vive sob o domínio do seringalista.

#### **Outras observações**

“Soldado-da-borracha” é uma lexia composta, formada pelo processo de justaposição e ocorre cinco vezes no *corpus* de análise. Essa lexia é bastante representativa na Amazônia, pois é símbolo de todo o processo de extração do látex, uma vez que o “soldado-da-borracha” constitui-se como uma das figuras mais conhecidas nesse contexto, porém sem o reconhecimento necessário por sua função. A lexia é apresentada com duas grafias distintas: com e sem hífen, o que corrobora a afirmação de Biderman (2001a), de que o hífen não é utilizado com coerência.

Afirmamos que “soldado-da-borracha” é uma lexia culturalmente marcada, cuja CCP reside na associação do soldado que vai para a guerra enfrentar batalhas com o seringueiro que enfrenta a batalha diária na extração do látex na Amazônia, tornando-se um “soldado-da-borracha”.

Segundo Secreto (2007), os soldados-da-borracha eram os trabalhadores recrutados, no período do governo Vargas, para trabalharem na extração da seringa, pois o Brasil havia se comprometido, no período da Segunda Guerra Mundial, a produzir mais borracha para os aliados. Segundo ela, no ano de 1942, a Coordenação da Mobilização Econômica foi incumbida de realizar um plano geral para seleção e encaminhamento de trabalhadores para a Amazônia, chamados de “soldados-da-borracha”. Ela completa, afirmando que o Decreto-Lei nº 4.750, criou o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia (SEMTA), e o Decreto-Lei nº 5.044, de 4 de dezembro de 1942, a Superintendência de Abastecimento do Vale

Amazônico (SAVA). O primeiro era encarregado de recrutar e levar o trabalhador até Belém. Dali em diante, a SAVA o colocava nos seringais e se encarregava, em parceria com a *Rubber Development Corporation* (RDC), de fornecer gêneros essenciais diretamente aos seringueiros, evitando os intermediários. (SECRETO, 2007, p. 126).

Como observamos, os “soldados-da-borracha” foram criados por força de lei, todavia o princípio de autoridade que marca o sentido do nome não era direcionado a eles, que eram explorados pelos seringalistas, tornando-se, com isso, exemplo de luta, representando a cultura local. Tudo isso tem se tornado um exemplo de luta por reconhecimento junto aos órgãos governamentais.

Os excertos enunciativos selecionados apresentam efeitos de sentidos que vão desde a exaltação da força e da coragem dos sujeitos que foram denominados como soldados-da-borracha, como também revelam o pouco valor e autoridade que lhes eram atribuídos. O excerto enunciativo 92 demonstra a oposição entre o grande seringueiro que muito produz e o soldado-da-borracha, recém-chegado, o “brabo” sem experiência. Como é possível verificar no excerto enunciativo a seguir:

(92) - O senhor, produzindo sempre assim, com tanto capricho, tanto empenho, vai acabar dando um grande seringueiro. Deixará de ser um **soldado-da-borracha** briôco! Brabo bom e despachado está, aí mesmo, no chão do Acre. (INÁCIO FILHO, 1968, p. 7)

No excerto enunciativo 93, a referência é à força de trabalho na extração da borracha, bem como à coragem desse homem da Amazônia. Vejamos:

(93) Mas ele não sairia. Severino Sobral, que foi **soldado da borracha**, mais de cinquenta anos de Acre nas brenhas de seringal, cearense cabra-macho sim senhor, saía não. Pode dizer a seu patrão. E repetiria quantas vezes o procurasse o peão. Oiga, tchê, hás de entender. (ESTEVEES, 1998, p. 2)

No excerto enunciativo 94, a referência é à oposição entre o “soldado-da-borracha” e o soldado “de verdade”:

(94) Ele também já foi soldado, de verdade, autoridade, os moleques havera de entender. Foi logo que chegou na cidade, antes de se embrenhar na mata pra ser **soldado-de-borracha**. Tenente Fontenelle, cristão caridoso, tomou de conta dele, não lhe faltava nada. Olhou de novo o soldado. (ESTEVEES, 1998, p. 54)

Um aspecto que nos chama a atenção é o efeito de sentido que se mostra a partir da *lexia*, no qual há uma relação com o contexto em que surgiu, em um período de guerra. Esses homens lutaram para produzir mais borracha, porém a sua verdadeira luta era pela vida, pela sobrevivência, pois estavam inseridos em um contexto onde a hostilidade do ambiente trazia-lhes muitos prejuízos, os quais, muitas vezes, custavam a vida de muitos “soldados-da-borracha” que embrenhavam na mata em busca do “ouro negro”, como era conhecida a borracha natural.

#### 66) “sonado”

Ficha 66	
<b>Lexia:</b> sonado   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> sonado
<b>Campo lexical:</b> condições físicas	<b>Estrutura:</b> <i>lexia</i> simples
<b>Categoria:</b> adjetivo	<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1	
<b>Obra:</b> <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)	
<b>Excerto enunciativo:</b> (95) Esperou o médico até onze horas da manhã. Cansado, <b>sonado</b> , faminto. Nem um cafezinho havia tomado, pra não perder seu lugar na fila. O primeiro. Também, quase não dormiu, e se plantou em frente ao Posto Médico ainda muito longe de amanhecer. (ESTEVEES, 1998, p. 13)	
<b>Definição:</b> Pessoa com sono.	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> remete ao modo como a personagem se sentia após ficar muito tempo sem dormir em busca de ajuda médica para o filho. O cansaço, o sono e a fome são adversários constantes na vida daqueles que buscam uma consulta com um médico, principalmente quando residem em localidades distantes. Revela, além da força de vontade de um pai em salvar a vida do filho, também a condição precária dos serviços de saúde prestados à população.	
<b>Outras observações:</b>	

A *lexia* simples “sonado” é um *hapax legomena*, pois ocorre uma única vez no *corpus*. Refere-se à qualidade da pessoa que está com sono. É uma *lexia* derivada, formada pela anexação do sufixo *-ad-*, muito produtivo na língua portuguesa na formação de adjetivos denominais.

É possível afirmar que a *lexia* foi utilizada como um efeito estilístico, uma vez que é apresentada em conjunto com outros adjetivos, “cansado”, “faminto”, o que pode, por assimilação, ter levado a essa formação. É possível salientar que se trata de uma utilização estilística, mas que, por outro lado, pelo fato de a autora ser acreana, é possível que se trate também de uma forma utilizada na região. A CCP, desse modo, é marcada por essa associação que possibilita a percepção da condição em que se encontra o sujeito.

O discurso em que se apresenta está inscrito em uma formação discursiva marcada pela desigualdade social, na qual aquele que tem poucas condições enfrenta uma vida precária e com grandes dificuldades, até mesmo no que se refere às suas necessidades básicas. Essa condição marca um efeito de sentido que se aproxima de situações vividas hoje, nos quais somente aqueles com uma vida mais abastada têm os melhores atendimentos na educação e na saúde, do contrário, precisam realizar muitos sacrifícios para assegurar direitos que são seus. Isso demonstra que esses problemas sociais datam de muito tempo.

67) “sote”

Ficha 67		
Lexia: sote	Var.: Ø	Lema: sote
Campo lexical: habitação		Estrutura: lexia simples
Categoria: substantivo masculino		Processo de formação: primitiva
Ocorrências: 2		
Obra: <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
Excerto enunciativo: (96) Foi ao <b>sote</b> , apanhou a espingarda, tirou uns cartuchos do bisaco, carregou a arma, chamou Tapium e Mangangá, dois cachorros valentes, bons farejadores, despediu-se, desceu pela escada da cozinha, acenou com a mão para a mulher, que ainda teve tempo de ir à porta, aconselhar-lhe cuidado com as cobras venenosas que picam os caçadores, de cujas picadas muitos têm batido as botas. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 22)		
Definição: Parte superior de uma casa que pode ser utilizada como depósito.		
Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD): o “sote” é o local onde muitos seringueiros guardam seus pertences, logo tem uma forte presença na sua vida.		
Outras observações:		

“Sote” é uma lexia simples, que ocorre duas vezes no *corpus*. É possível notar que se trata de uma variação, próxima à oralidade, de “sótão”. Em pesquisas, encontramos algumas referências a “sote”<sup>33</sup>, porém, em nenhuma delas especifica-se a região em que essa forma é utilizada, há unicamente a afirmação de que o “sótão” era chamado dessa forma.

Podemos afirmar, com base em Galisson (1987), que a carga cultural, ou o que ele chama de conteúdo extra, apresenta-se nas lexias por meio de um signo já existente, que atua entre a realidade extralinguística e a linguagem e é vivida pelo grupo, constituindo-se enquanto experiência ou visão de mundo desse grupo. Ante o

<sup>33</sup> Disponível em: <http://milu-sosledad.blogspot.com/2011/06/sotaosote.html>. Acesso em: 27 set. 2018.

exposto, vemos que a lexia “sote” mostra uma carga cultural que é compartilhada pelos falantes que reconhecem e convencionam seu uso.

Identificamos nos excertos enunciativos em que a lexia ocorre a representação de uma situação do cotidiano. Nesse caso, descreve-se o processo de preparação para a caça, tendo em vista que essa era uma atividade constante na vida do seringueiro, pois era da natureza que ele tirava parte de seu sustento, na tentativa de diminuir suas dívidas no barracão. Isso posto, vemos que os sentidos que emegem do enunciado estão relacionados à necessidade de sobrevivência do sujeito, o que revela sua relação com a natureza, que, nesse caso, é uma via de mão única, pois o homem retira o que precisa da natureza, mas não lhe dá nada em troca.

#### 68) “sumbilos”

Ficha 68	
<b>Lexia:</b> sumbilos   <b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> sumbilo
<b>Campo lexical:</b> animais/fauna	<b>Estrutura:</b> simples
<b>Categoria:</b> substantivo masculino plural	<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 1	
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (97) Terminada a refeição, cada um se recolheu para o seu canto de dormir. A mãe se espichara em sua cama de capim, e o filho agasalhara-se numa esteira, que forrava o chão, dormindo pesado, ora roncando que nem guariba, ora chiando como bôto, não sentindo as fortes mordeduras das pulgas, que passeavam aos centos, desfilando pela esteira, e as picadas e os <b>sumbilos</b> incomodantes dos carapanãs. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 94)	
<b>Definição:</b> Barulho feito pelos mosquitos denominados no contexto local como “carapanãs”.	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> o barulho dos carapanãs corresponde a um som bastante ouvido pelos moradores da Amazônia, principalmente em noites de calor. Alguns dizem que o mosquito canta, pois seus “sumbilos” parecem com uma melodia.	
<b>Outras observações:</b>	

A lexia simples “sumbilos” é um *hapax legomena*, pois tem uma única ocorrência no *corpus*. Diz respeito ao som produzido pelos mosquitos que na região são conhecidos como “carapanãs”.

A CCP dessa lexia pode ser identificada no conjunto do enunciado, uma vez que sumbilos está acompanhado de duas outras lexias, “incomodante” e “carapanã”, que aponta uma realidade extralinguística pertencente a um grupo específico de falantes. Galisson (1987) afirma que, geralmente, nomes populares de animais, por exemplo, têm uma CCP mais evidente, tendo em vista que são convencionados por um grupo. Diante disso, por se tratar de uma característica de um elemento específico

da região amazônica, a CCP de “sumbilos” é marcada na sua associação ao som produzido especificamente pelos “carapanãs”.

A cena enunciativa descrita mostra uma situação cotidiana, na qual é narrada uma sequência de tarefas e atividades diárias. O efeito de sentido que se sobressai relaciona-se à condição em que os sujeitos vivem, havendo uma relação com os seres da natureza que podem causar incômodos. Ao mesmo tempo, vemos que esses sujeitos têm comportamentos semelhantes a animais, como vemos em: “ora roncando que nem guariba, ora chiando como boto”, o que sugere uma integração homem/natureza.

#### 69) “tempo coagulado”

Ficha 69		
<b>Lexia:</b> coagulado	tempo	<b>Var.:</b> Ø
<b>Campo lexical:</b> condições de vida		<b>Lema:</b> tempo coagulada
<b>Categoria:</b> substantivo masculino		<b>Estrutura:</b> lexia complexa
		<b>Processo de formação:</b> justaposição
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)		
<b>Excerto enunciativo:</b> (98) E Maria, posta à janela, esperava. Que à curva do rio despontasse a chatinha que mudaria seu destino. Que o <b>tempo coagulado</b> passasse. Que as chuvas viessem trazendo a floração da mata e de seu coração. (ESTEVEES, 1998, p. 23)		
<b>Definição:</b> Passagem lenta do tempo, enfatizada pelo marasmo, pela demora a passar.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> “Tempo coagulado” remete à condição de vida das pessoas na região amazônica. A vida é marcada pelo marasmo, pela demora na passagem do tempo, o que faz com que as pessoas se apeguem a determinados fios de esperança que, na maioria das vezes, não podem trazer benefício algum.		
<b>Outras observações:</b>		

“Tempo coagulado” é uma lexia complexa, formada por justaposição. É um *hapax legomena*, pois tem frequência única no *corpus*. Refere-se à passagem lenta do tempo, reforçada pelo sentimento causado pela espera de um acontecimento iminente, ao mesmo tempo que representa o marasmo vivido pela personagem apresentada no excerto enunciativo.

Essa lexia pode representar uma idiosincrasia da autora, utilizada como efeito estilístico, uma vez que seu sentido é metafórico. Todavia, é possível afirmar que, apesar disso, ela pode ser marcada culturalmente, pois a autora é acreana e, em suas criações, deixa transparecer sua visão de mundo que é marcada pela cultura em que

viveu e se formou. A CCP está na associação de tempo a uma característica que normalmente não lhe seria atribuída, pois está relacionada à solidificação de líquidos.

No excerto enunciativo em que a lexia ocorre, emerge um sentido metafórico, o qual é marcado pela melancolia e pela expectativa de mudança. Levando em consideração a fluidez dos sentidos, é possível afirmar que “Tempo coagulado” compõe um conjunto de evidências lexicais por meio da qual se manifesta o sentimento de mudança, de esperança, que, diante de uma vida cheia de infortúnio, é a única coisa a que o sujeito pode se apegar.

É importante salientar que a expectativa de mudança pode estar na transitoriedade que as águas do rio representam para a vida dos sujeitos, pois, no enunciado, é do rio que a mudança é esperada, como é possível verificar em: “Que à curva do rio despontasse a chatinha que mudaria seu destino”. Dessa afirmação emerge um sentido metafórico que é permeado de representações simbólicas, que estão implícitas especialmente na expressão “curva do rio”, uma vez que, enquanto uma localização espacial, impossibilita a visualização do que está por vir. A curva do rio atua como elemento que oculta o que vem pelo rio, impossibilitando sua visualização, o que contribui para o aumento das expectativas.

#### 70) “tibungadas”

Ficha 70		
<b>Lexia:</b> tibungadas	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> tibungada
<b>Campo lexical:</b> ações do cotidiano		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino plural		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiango</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (99) Soprava um vento fresco sôbre a margem direita do rio. O sol já não ardia com o mesmo fulgor. Em cima, no alto, quase rente à íngreme descida do barranco, eis a casa de Carimã, de madeira e cobertura de zinco! Um bando de sujas crianças descera, em disparada, alegres e sorridentes, barranqueira abaixo, indo refrescar-se em divertidas <b>tibungadas</b> , e ágeis cangapés desfechados uns nos outros. Capiango, logo, lembrou-se dos seus animais tempos em que se banhava, no rio, ora em companhia de seu velho pai, ora em companhia de seu bom camarada Tico, garôto como êle! (INÁCIO FILHO, 1968, p. 80)		
<b>Definição:</b> Mergulho nas águas, acompanhado do som produzido por essa ação.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> é comum na Amazônia as crianças brincarem nas águas, logo a lexia “tibungada” refere-se ao som emitido pelo pulo das crianças na água. Embora seja uma lexia de caráter onomatopaico, representa muito bem a alegria que elas têm, ao seu modo de vida peculiar.		
<b>Outras observações:</b> nos dicionários consultados identificamos o registro de “tiburgar”, “tibungo” e “tibum”, o que não ocorreu em nosso <i>corpus</i> de análise.		



A lexia simples “tibungada” tem frequência única no *corpus*, sendo um *hapax legomena*. Tem uma base lexical onomatopáica, pois se refere ao barulho produzido pelo mergulho na água, “tibum”, que ganhou a forma “tibung-” à qual foi anexada o sufixo *-ad-*, que é produtivo na formação de substantivos. Localizamos nos dicionários consultados o registro de “tibungar”, “tibungo” e “tibum”, o que não ocorreu no *corpus* de análise. Todavia, o significado delas também se refere ao ruído de corpos caindo na água, o que nos permite notar que “tibungadas” constitui-se em um uso regional, de caráter onomatopáico.

Diante da existência de lexemas que têm significado semelhante, é possível afirmar que a CCP na lexia “tibungadas” consiste na variação do significante, o que sugere pequenas variações no significado, especialmente pela sonoridade, e na associação da ação de mergulhar ao som por ela produzido.

As escolhas lexicais marcam um discurso que se baseia em momentos marcados pela alegria e pela diversão, o que, no contexto dos seringais, representam momento raros mesmo para as crianças que desde cedo precisavam aprender o ofício da extração da seringa para ajudar os pais no provimento da família. Os sentidos que emergem desse discurso revelam que a visualização dessa cena suscita, nos personagens, lembranças de bons tempos, que são memorados com afetividade.

#### 71) “torceiras”

Ficha 71		
<b>Lexia:</b> torceiras	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> torceira
<b>Campo lexical:</b> vegetais/flora		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino plural		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (100) Chegando ao seu paperi, não o encontrou em casa. Grande desgosto, logo, apossou-se dela. Já não sabia mais a quem recorrer. Mas, mesmo assim, não se deixou abater pelo esmorecimento. Ajoelhou-se debaixo de umas <b>torceiras</b> de açazeiros e pediu, então, a intercessão divina. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 43)		
<b>Definição:</b> Conjunto formado por plantas de uma mesma espécie.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> na floresta é muito comum as plantas formarem “torceiras”. A economia na maioria das cidades amazônicas é de cunho extrativista, isso demonstra a riqueza do local no que diz respeito a plantas nativas. As sementes dessas plantas, muitas vezes, caem ao seu redor e vão nascendo outras plantas que formam as chamadas “torceiras”. Há torceiras de açaí, de capim-santo, de cebola, dentre outras.		
<b>Outras observações:</b> encontramos nos dicionários consultados o registro de “touceira”.		

A lexia “torceira” é um *hapax legomena*, pois têm frequência única no *corpus*. É formada por sufixação, a partir da anexação do sufixo *-eir-*. Refere-se a conjunto de plantas que nascem juntas. É possível afirmar que se trata de uma variação regional do lexema “touceira”, uma vez que este está registrado nos dicionários que consultamos com uma acepção similar - conjunto de plantas da mesma espécie - àquela que identificamos no excerto enunciativo, no qual a lexia ocorre. Além disso, levantamos a hipótese de que essa lexia passou pelo processo de assimilação, em que se substitui um fonema por outro.

Dessa maneira, a CCP dessa lexia consiste na variação do significante que, nesse caso, é legitimada socialmente e se estabiliza num patamar mais cultural do cotidiano de um grupo. Também pode estar associada à própria forma que as plantas adquirem ao estarem reunidas em um mesmo conjunto.

No que diz respeito aos efeitos de sentido, é possível sublinhar, no conjunto das lexias utilizadas, a relação que se estabelece entre o sujeito e a natureza nos momentos de angústia, uma vez que são apresentados momentos em que o “desgosto” se apossa de uma pessoa e o seu único alento está na busca por intercessão divina, que nessa situação é buscada junto a elementos da natureza como embaixo das “torceiras de açazeiros” que são bastante comuns na região e constituem-se enquanto um importante produto da economia local, mas na cena narrada representam abrigo para a oração.

72) urana

Ficha 72	
<b>Lexia:</b> urana   <b>Var.:</b> ∅	<b>Lema:</b> urana
<b>Campo lexical:</b> vegetais/flora	<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> substantivo feminino	<b>Processo de formação:</b> primitiva
<b>Ocorrências:</b> 1	
<b>Obra:</b> <i>Fatos, cultos e lendas do Acre</i> (José Inácio Filho)	
<b>Excerto enunciativo:</b> (101) Certa vez, Dona Guariba saía de casa, mais cedo que de costume, pois, nesse dia, tinha muita roupa para lavar. Preparou como rancho, para comer lá mesmo, no barranco, sentada embaixo de uma <b>urana</b> , um gostoso massaco de macaxeira e jabá. (INÁCIO FILHO, 1964, p. 28)	
<b>Definição:</b> “Arbusto muito comum nas beiradas de rios e igarapés”. (Definição do autor – INÁCIO FILHO, 1964, p. 28)	
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> as árvores e arbustos na Amazônia são também abrigo para os moradores das florestas, pois são, muitas vezes, o único local de	

descanso. Nesses locais se faz refeições, descansa-se os pés após longa caminhada ou mesmo se tira um cochilo.

**Outras observações:**

“Urana”, segundo José Inácio Filho (1964), refere-se a um pequeno arbusto bastante comum nas margens de rios e igarapés. A lexia, a qual nós classificamos no campo lexical vegetais/flora, tem frequência única no *corpus*, constituindo-se em um *hapax legomena*.

Por se tratar de um arbusto típico da região, é possível que se trate de um uso regional legitimado por um grupo específico de falantes e que se fixa num patamar cultural na qual reside a CCP.

No discurso em que a lexia ocorre, há uma situação do cotidiano que envolve ações rotineiras que refletem a condição social de muitas mulheres, as quais passavam parte do dia às margens de rios e igarapés lavando roupas, o que, muitas vezes, garantia-lhes o sustento. Era comum elas fazerem suas refeições no próprio local para não perderem tempo. Vemos nesse discurso uma das muitas relações de trabalho que se evidenciam no contexto da Amazônia.

73) “veacos”

Ficha 73		
<b>Lexia:</b> veacos	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> velhaco
<b>Campo lexical:</b> qualificadores		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> adjetivo		<b>Processo de formação:</b> sufixação: velh- + -aco
<b>Ocorrências:</b> 1		
<b>Obra:</b> <i>Capiongo</i> (José Inácio Filho)		
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (102) - Caramba! Que espécie de gente engraçada! Tira aqui do pobre seringueiro para gastar, mais tarde, entre risos e tagarelices, com as levianas da cidade. Fúteis esbanjamentos, velho! Fúteis estragos da vida. Que <b>veacos</b> . (INÁCIO FILHO, 1964, p. 24)		
<b>Definição:</b> Pessoa que tenta obter vantagens sobre as outras; esperto.		
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> Revela o pensamento compartilhado pelos seringueiros que eram acostumados a sofrerem com os desmandos dos patrões que os exploravam e usufruíam de uma vida farta. Essa lexia ressalta uma relação de poder, uma vez que mostra um pensamento compartilhado pelo seringueiro que se sabia explorado pelos seringalistas, os quais levavam uma vida regalada às custas do trabalho daquele que não tinha alternativa para sobreviver.		
<b>Outras observações:</b> Veaco deriva de “velhaco”, mas é marcada por um metaplasmo, a <i>síncope</i> , que se trata de um fenômeno fonológico em que se suprime elementos no meio da lexia, neste caso, o “lh”.		

“Veacos” consiste em uma lexia simples e tem como forma lematizada “velhaco”. O processo pelo qual passou a lexia, é um fenômeno fonético bastante comum na língua, denominado *metaplasmo*. Os metaplasmos consistem em “modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução” (COUTINHO, 1981, p.142). No caso de “veacos”, é possível afirmar que ocorreu um metaplasmo por supressão, no caso, a *síncope*, isto é, a subtração de fonema no interior da lexia. No caso suprimiu-se o -lh, de “velhaco”, dando origem a “veaco”. Mesmo tendo relação com “velhaco” e seu significado, é possível afirmar que essa variação na forma da lexia ocasiona mudança em seu significado ainda que sutis, diferenças ocasionadas pela entonação da lexia.

Há semelhanças nas acepções expostas, mas, nesse caso, “veacos” é aplicada especificamente ao contexto dos seringais, enfatizando a ideia que se quer transmitir. Desse modo, é nessa associação que está a CCP, pois os seringalistas são “veacos”, agem com esperteza para tirar vantagem sobre os seringueiros.

Um aspecto que merece destaque na utilização dessa lexia é a maneira como ela é apresentada na narrativa. Retomemos o excerto enunciativo:

(102) - *Caramba! Que espécie de gente engraçada! Tira do pobre seringueiro para gastar, mais tarde, entre risos e tagarelices, com as levianas da cidade. Fúteis esbanjamentos, velho! Fúteis estragos da vida. Que veacos. INÁCIO FILHO, 1964, p. 24)*

Inicialmente, é importante enfatizar outras construções que são utilizadas no enunciado, uma vez que é no conjunto das lexias que os sentidos se estabelecem. Como vemos, de início, o interlocutor, que é o narrador em terceira pessoa e atua como uma testemunha, inicia seu discurso com uma lexia que expressa admiração, seguido da afirmação: “Que espécie de gente engraçada!”. Essa construção é comumente utilizada para expressar algo que causa riso, mas, nesse discurso, relaciona-se a algo que causa espanto e vem seguido de uma crítica relacionada a uma situação econômica relatada na história que é a exploração do seringueiro, o que enriquecia sobremaneira os donos dos seringais, os chamados seringalistas.

De acordo com Tocantins (1960), o dono do seringal foi a personalidade mais frisante que surgiu na Amazônia, podendo ser comparado, em riqueza psicossocial, ao senhor de engenho, de quem imitou muitos modismos. Para o autor, esse fato pode ser explicado pelo processo de migração de populações que saíram do Nordeste para a Amazônia. O que se faz necessário salientar é o fato de que, à semelhança dos

canaviais, o regime patriarcal também foi bastante evidente no seringal, ao lado do complexo social e de cultura, que tinha, ainda, um caráter monoextrator e assalariado. Tocantins explica que o seringueiro era:

Assalariado *sui generis*, sem definir bem se havia relações de salário ou de sociedade de indústria. O real, porém, é que o seringueiro, embora livre fisicamente, constituía-se num escravo moral do patrão, pela dependência econômica, rígida, e às vezes, até mesmo num escravo genuíno, vítima de castigos corporais, tolhido nas liberdades que fundamentam uma existência livre. (TOCANTINS, 1960, p. 168)

É possível ressaltar, a partir da explanação do autor, que a relação entre seringalista e seringueiro era de exploração, quase como um regime de escravidão. Enquanto os seringueiros trabalhavam dia após dia sem ter seu pagamento devido, o seringalista enriquecia às custas do trabalho penoso daquele. É possível afirmar que a cena descrita no excerto enunciativo em questão remete a uma crítica a essa situação, em que os seringalistas, “veacos” que são, aproveitavam os lucros, além de não investirem no local de onde retiraram suas fortunas. Esse um típico caso que lembra o princípio da colonização no Brasil, na qual a terra e o homem serviam unicamente para a exploração.

O interlocutor utiliza lexis que, no contexto descrito, dão destaque à situação de oposição que é constantemente vivenciada pelos seringueiros. O que ele chama de “espécie de gente engraçada”, corresponde àqueles que lucram e gastam com futilidades, o que constitui a verdadeira desvalorização do trabalho do outro. É nessa formação discursiva que se constrói o sentido de “veaco” que se refere à esperteza daqueles que, enquanto “gente engraçada”, são exploradores ao ponto de lucrar e investir tudo em benefício próprio.

#### 74) “vida encauchada”

Ficha 74	
<b>Lexia:</b> vida encauchada	<b>Var.:</b> Ø
<b>Campo lexical:</b> condições de vida	<b>Lema:</b> vida encauchada
<b>Categoria:</b> substantivo feminino	<b>Estrutura:</b> lexia complexa
	<b>Processo de formação:</b> a) vida encauchada: justaposição; b) encauchada: parassíntese
<b>Ocorrências:</b> 1	
<b>Obra:</b> <i>Direito e avesso</i> (Florentina Esteves)	

**Excerto(s) enunciativo(s):** (103) Desde esse dia entendeu que dava não continuar a disfarçar o aperreio, a penúria, a **vida encauchada**. V'ambora, Dora? (ESTEVES, 1998, p. 27)

**Definição:** Condição de vida das pessoas que moravam nos seringais, no tempo da decadência da borracha.

**Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):** o caucho, que é feito à base de borracha, faz parte da vida das pessoas que moravam nos seringais, pois além de prover o sustento pode ser utilizado para confecção de calçados e impermeabilizar diversos materiais, como tecido, por exemplo. Nesse enunciado, o locutor faz uso de uma metáfora, uma vez que o sentido se volta para a condição de vida das personagens, que representam os tipos humanos que viviam na época dos seringais onde as condições de vida não eram favoráveis. Assim “vida encauchada” representa uma vida sem prosperidade, em que a penúria e as dificuldades diárias são constantes.

**Outras observações**

A lexia “vida encauchada” é complexa e é formada por dois processos de formação se a observarmos de uma forma completa e a partir de suas unidades mórficas constituintes. A lexia como um todo foi formada por justaposição dos elementos “vida” + “encauchada”. Já se analisarmos cada um separadamente, especialmente o segundo elemento, vemos uma parassíntese, visto que foram anexados prefixo e sufixo ao radical “cauch-”. A lexia deriva de caucho, cuja definição de José Inácio Filho, da obra *Termos e tradições populares do Acre*, foi transcrita a seguir:

CAUCHO: s.m. I. Árvore de seringueira, folhas grossas e macias. II. Borracha dessa árvore (borracha-de-caucho). Para sua extração, o *caucheiro* sangra a madeira em forma de V, de modo que o leite escorra para um buraco, previamente feito no chão. Depois munindo-se de espaço a espaço, para explorar todo o resto do leite. No dia seguinte, tudo é levado a lavar no igarapé, próximo, onde se bate com porrete, até que fique limpo da sujeira do chão. Usado o processo de derruba do *caucho*, perdeu, assim, o Acre grande quantidade dessas árvores se bem que de borracha muito inferior. (INÁCIO FILHO, 1969, p. 44. Grifos do autor)

Como observamos por meio da definição supracitada, o “caucho” é uma borracha bem inferior em relação ao látex da seringueira, além de seus processos de extração e produção envolverem outras etapas. Notamos que o “caucho” também é um látex que pode ser utilizado para produzir borracha, mas também para impermeabilizar objetos. É possível marcar a CCP pela associação que se faz das dificuldades da vida com o “caucho”, que é matéria prima utilizada para a confecção de muitos produtos.

No *Relatório final do projeto Conexão Local: Complementação de Renda na Floresta – Poloprobio e Políticas Públicas*, o processo de elaboração de produtos à base de caucho é apresentado da seguinte forma:

[...] quando o seringueiro traz a matéria prima recém extraída (que já inclui a “água de cinza”, produto adicionado à seringa para que ela não coagule), é preciso adicionar o líquido das garrafinhas para que ele possa ser conservado. Então, o látex, com a adição do líquido, é despejado em uma grande panela de alumínio com capacidade para 40 litros. A mistura é, então, levada ao fogo e fervida em uma pequena fogueira comum devendo ser mexida constantemente para que o látex não se aglutine. [...] Depois, o líquido é colocado em pequenas bacias de plástico onde é adicionado e misturado o pó de serra bem fino [...] até que o leite fique com uma consistência de massa. Essa massa poderá então tomar qualquer forma após ser passada sobre uma superfície qualquer (molde), este é levado ao sol para que a primeira mão seque. Passando-se sucessivamente camadas dessa massa uma por cima da outra, depois de secar ao sol, o produto vai tomando o formato da superfície do material. Quanto mais espessas forem, mais duros são os produtos. (Relatório final do projeto Conexão Local: Complementação de Renda na Floresta – Poloprobio e Políticas Públicas, p. 6-7)

Como vimos, o preparo do caucho é bem trabalhoso. Damos destaque ao fato de seu leite formar um produto duro a depender da quantidade de camadas. É exatamente nesse trecho final que verificamos o efeito de sentido que a lexia “vida encauchada” produz, o de uma vida dura, que não é maleável, não cede, não oferece expectativa de mudança.

A lexia ocorre no conto “O balseiro”, em que é narrada a história de um casal de seringueiros que, com a decadência da extração da seringa e conseqüente desativação do seringal em que vivem, tem como única alternativa mudar para a cidade, onde as oportunidades também não são muitas. Esse foi o retrato da vida de muitos seringueiros após o fim dos seringais, pois aqueles que saíam dos seringais não o faziam com a esperança de uma vida mais digna, pois o único ofício que dominavam era o da seringa. É nessas condições de produção que se manifesta o sentido de uma “vida encauchada”, dura, difícil.

#### 75) “zorrado”

Ficha 75		
<b>Lexia:</b> zorrado	<b>Var.:</b> Ø	<b>Lema:</b> zorrado
<b>Campo lexical:</b> intensidade/força		<b>Estrutura:</b> lexia simples
<b>Categoria:</b> adjetivo		<b>Processo de formação:</b> sufixação
<b>Ocorrências:</b> 1		

<b>Obra:</b> <i>O empate</i> (Florentina Esteves)
<b>Excerto(s) enunciativo(s):</b> (104) Espiou compadre Celestino emborcado: puxava um ronco <b>zorrado</b> . Coitado! que haveria ele de fazer na cidade? Emprego, nem de vela acesa. Biscate? E o tanto dos outros que aceitavam qualquer trabalho por pouco mais ou nada e, às vezes, só pelo de-comer? Analfabeto (não conhecia nenhum seringueiro letrado), mal entendia de horta e roçado. Fazer o que, na cidade? Melhor, mesmo, entregar o peito e o destino à bala. (ESTEVES, 1993, p. 67)
<b>Definição:</b> Estridente, forte, arrastado
<b>Aspectos lexiculturais e discursivos (ALD):</b> “zorrado” refere-se à intensidade com que se faz alguma coisa, no caso, o ronco de Celestino era “zorrado”. Esse episódio da narrativa é bem interessante, pois demonstra a esperança ou mesmo a confiança em resolver a situação de tensão que viviam, pois estavam prestes a realizar um “empate.”
<b>Outras observações:</b>

“Zorrado” é uma lexia simples formada por sufixação. É um adjetivo que, no contexto em questão, caracteriza o ronco, que possivelmente era estridente, intenso, arrastado. É possível levantar a hipótese de que seja derivado do substantivo “zorro”, que se refere àquilo que se arrasta, todavia, uma vez que a lexia é uma *hapax legomena*, não há dados insuficientes para essa confirmação.

A lexia “zorrado”, uma vez que é utilizada num contexto específico, é marcada culturalmente, pois a CCP se revela na associação daquilo que anda a se arrastar com o ronco que, devido à intensidade, torna-se arrastado.

A lexia ocorre em um discurso específico, de onde emergem vários efeitos de sentido que remetem à cena enunciativa. Em um deles destaca-se a luta pela sobrevivência, em que as formações discursivas apontam para um período em fins dos seringais acreanos, o que levou muitas pessoas a mudarem para as cidades ou entrarem em disputa pela posse de terra. As duas alternativas, para os seringueiros, não eram vantajosas, pois, como se mostra no próprio discurso, não havia muito o que esperar da vida na cidade onde as expectativas eram as piores, visto que os seringueiros não tinham escolaridade e o único ofício que dominavam consistia na extração do látex. Ir para a cidade representava uma vida de maior penúria, a ponto pensar a morte como melhor alternativa, como vemos em: “Fazer o que, na cidade? Melhor, mesmo, entregar o peito e o destino à bala”. Assim sendo, o sentido que emerge nesse enunciado demonstra a pouca expectativa em relação à vida na cidade

Realizada a análise, discutimos, na seção seguinte, os principais resultados alcançados. Além de sistematizarmos os aspectos lexiculturais e discursivos, demonstramos os dados numéricos que foram levantados desde a seleção das lexias até a sua organização e categorização.

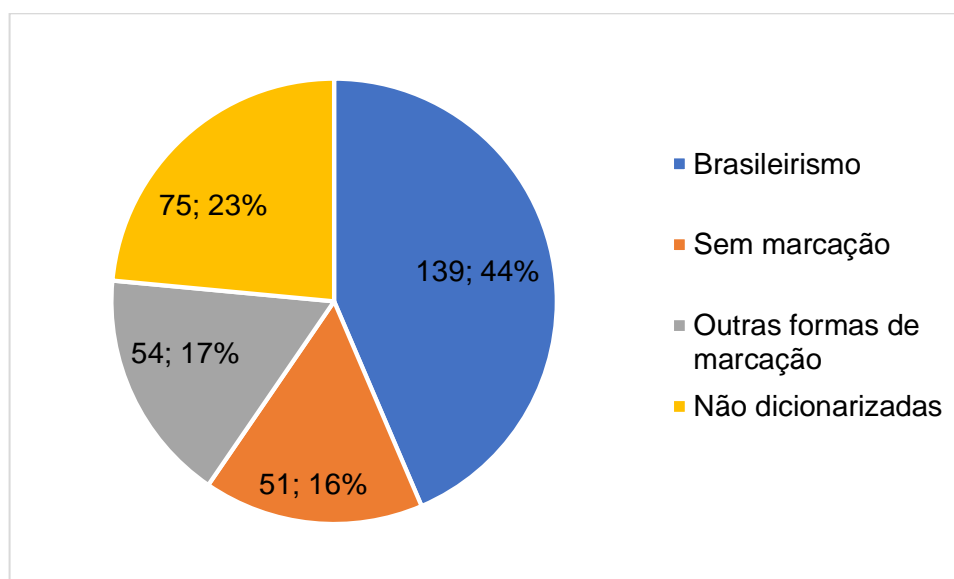


## 4.2 Resultados obtidos

Após a análise das lexias, mostrando os aspectos lexicais, lexiculturais e discursivos, são explicitados, neste tópico, os resultados obtidos. Para isso, retomamos o objetivo da pesquisa, que consiste em registrar e analisar o vocabulário da prosa literária acreana dos autores José Inácio Filho e Florentina Esteves, por uma abordagem lexicultural e discursiva, com o propósito de selecionar o léxico típico do homem acreano, delimitando e incorporando suas características socioculturais.

Inicialmente, na primeira seleção realizada, selecionamos um número substancial de lexias, porém, a partir do momento em que consultamos as obras lexicográficas selecionadas, com o fim de verificar as lexias não dicionarizadas, notamos que muitas estavam registradas e que tinham alguma marcação. Isso nos levou a observar as lexias com mais atenção especialmente aquelas que apresentavam marcas diatópicas. Diante disso, constatamos que, dentre essas lexias, sobressaíram-se as marcaadas como brasileirismos, nos dicionários *Aurélio* (FERREIRA, 2009) e *Aulete*, e como regionalismos no dicionário *Houaiss* (HOUAISS E VILLAR, 2009). Ilustramos essas informações nos três gráficos a seguir:

Gráfico 2 - Lexias marcadas como brasileirismos (FERREIRA, 2009)

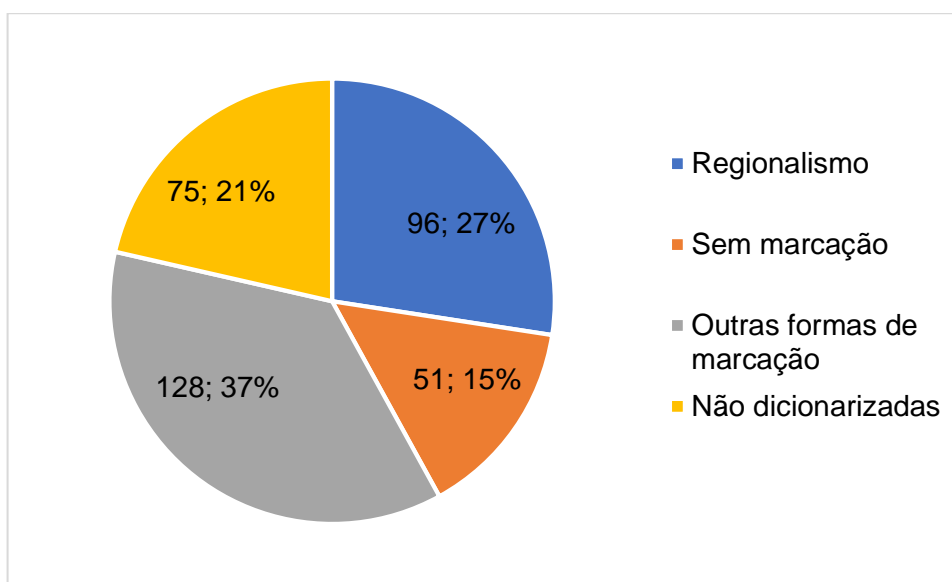


Fonte: elaborado pela autora

Como é possível evidenciar, de acordo com o resultado da consulta em Ferreira (2009), a maior parte, 43% das lexias selecionadas, está marcada como brasileirismo, perfazendo o total de 139 lexias com essa forma de marcação.

Vejamos o gráfico com as informações obtidas a partir da consulta em Houaiss e Villar (2009):

Gráfico 3 - Lexias marcadas como regionalismos (HOUAISS E VILLAR, 2009)

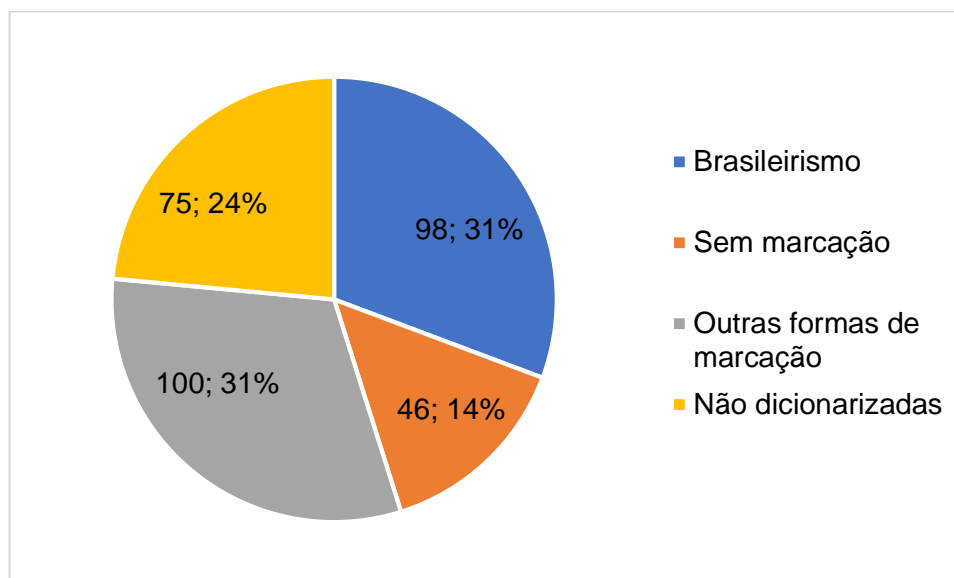


Fonte: elaborado pela autora

Como é possível notar no gráfico, as informações aparecem de forma mais regular, porém ainda é grande o número de lexias marcadas como regionalismo, pois, ao todo, 96 lexias têm essa marcação.

Vejamos os dados no Dicionário Aulete (*on-line*)

Gráfico 4 - Lexias marcadas como brasileirismos (Dicionário Aulete)



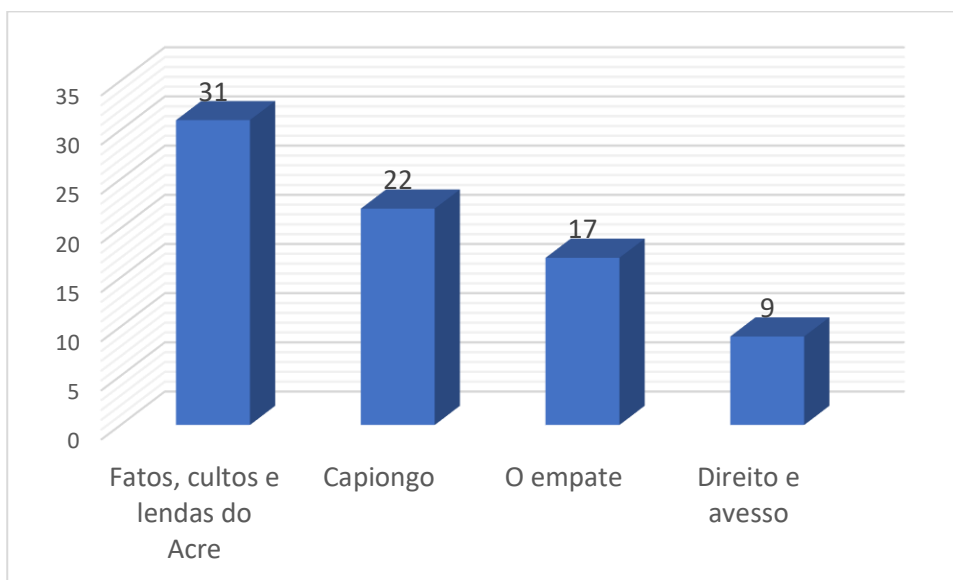
Fonte: elaborado pela autora

Como vemos, no Dicionário Aulete (On-line), os resultados não foram muito diferentes. Ao todo, 31% das lexias são marcadas como brasileirismos, perfazendo um total de 98 lexias, com essa forma de marcação.

As lexias marcadas como brasileirismo e regionalismo sobressaem-se em relação às outras formas de marcação e em relação também àquelas lexias que não são marcadas. Com esses dados, demonstramos que, mesmo tendo realizado a primeira seleção por meio de um processo empírico, essas lexias poderiam ser candidatas à análise, caso nosso foco não fossem as não dicionarizadas ou registradas com acepções diferentes. A partir dessa primeira seleção das lexias, destacamos as marcas diatópicas pelo fato de buscarmos as lexias que são típicas de um lugar em particular.

Feita essa primeira seleção e excluindo-se aquelas que estavam dicionarizadas, chegamos ao número de 75 lexias, que foram analisadas de acordo com os critérios estabelecidos. A partir da seleção, investigamos a distribuição das lexias de acordo com as obras em que ocorrem, informações que foram sistematizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Lexias por obra



Fonte: elaborado pela autora

Após esse levantamento, obtivemos um quadro bastante significativo, no que diz respeito à quantidade, e também heterogêneo, visto que foram selecionadas lexias de pelo menos três classes gramaticais: substantivos, que correspondem à maioria, adjetivos e verbos, os quais foram organizados em campos lexicais, conforme destacamos na análise.

As lexias foram organizadas em 14 campos lexicais, de acordo com o que orienta Coseriu (1977). São eles: ações do cotidiano, alimentos e bebidas, animais/fauna, comportamento, condições físicas, condições de vida, enfermidades, faixa etária, funções sociais, habitação/espacos, intensidade, perigo, utensílios, vegetais/flora. Por meio dessa classificação foi possível verificar as quantidades de ocorrências de lexias de acordo com esse quesito e a obra que mais se destacou em cada campo, conforme demonstramos no Quadro 8, a seguir:

Quadro 8 – Ocorrências das lexias por campos lexicais e por obra

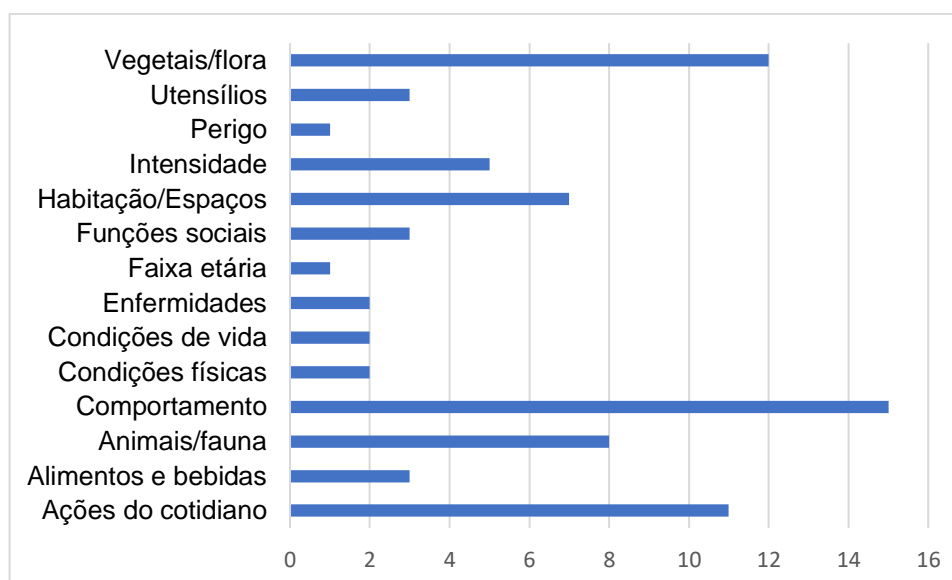
CAMPOS LEXICAIS	FCLA	CPG	EMP	DEA	TOTAL
Ações do cotidiano	3	6	2	2	11
Alimentos e bebidas	3	2	0	0	3
Animais/fauna	7	3	0	0	8
Comportamento	7	5	3	0	16
Condições físicas	0	1	0	1	2
Condições de vida	0	0	0	2	2
Enfermidades	1	0	1	0	2

CAMPOS LEXICAIS	FCLA	CPG	EMP	DEA	TOTAL
Faixa etária	1	0	1	0	2
Funções sociais	1	2	2	1	3
Habitação/Espaços	6	1	1	1	7
Intensidade	2	1	3	1	5
Perigo	0	0	1	0	1
Utensílios	1	1	2	0	3
Vegetais/flora	6	3	2	2	12

Fonte: elaborado pela autora

Pelo fato de conter a maior quantidade de lexias analisadas, a obra que se sobressai quanto aos campos lexicais é *Fatos, cultos e lendas do Acre*, seguida de *Capiongo*. O total de lexias classificadas em cada campo lexical está explicitado no Gráfico 6, conforme observamos a seguir:

Gráfico 6 - Lexias de acordo com os campos lexicais



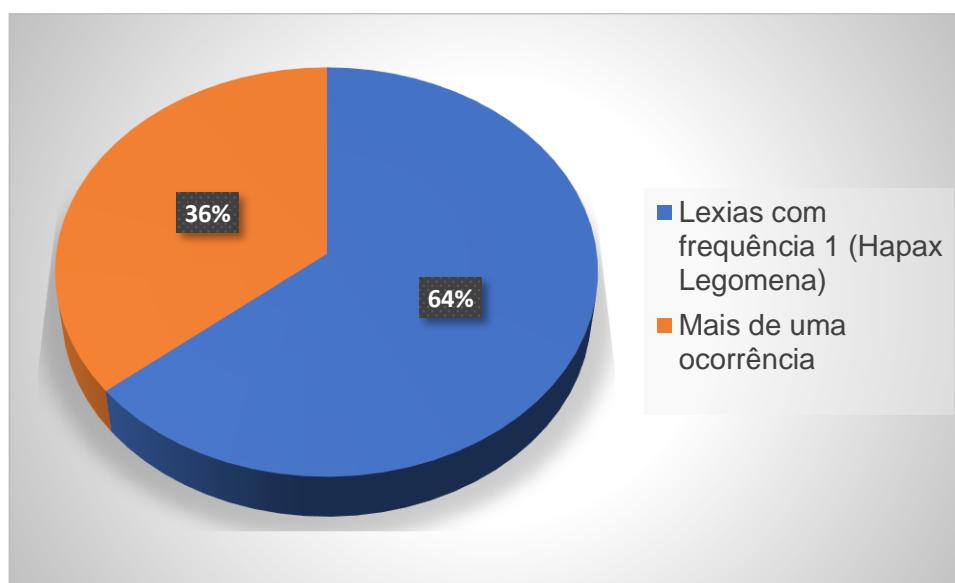
Fonte: elaborado pela autora

Como é possível verificar, a maior parte das lexias foi agrupada em *Comportamentos* (15 lexias), seguida de *Vegetais/flora* (12 lexias), de *Ações do cotidiano* (11 lexias), *Animais/fauna* (8 lexias), *Habitação/espacos* (7 lexias). As demais aparecem em menor número. Pela observação desses campos lexicais, é possível afirmar que as lexias selecionadas representam aspectos que estão evidentes no dia a dia das pessoas que são representadas pelas personagens, as

quais, em sua maioria, são habitantes das florestas acreanas, refletindo seus modos de vida e suas relações com o sistema de trabalho, com a natureza ou com o seu semelhante.

Além dos campos lexicais, analisamos as lexias quanto à frequência no *corpus*. Observamos que das 75 lexias, a maioria delas, em um total de 48, ocorrem uma única vez, sendo, portanto, *hapax legomena*. Essa questão reforça a afirmação de Biderman (1998) que postula que esse tipo de lexia é comum em *corpus* muito especializados ou em textos literários, os quais registram um elevado número delas. Apresentamos o percentual dessas lexias com frequência única no gráfico a seguir:

Gráfico 7 - Lexias por frequência



Fonte: elaborado pela autora

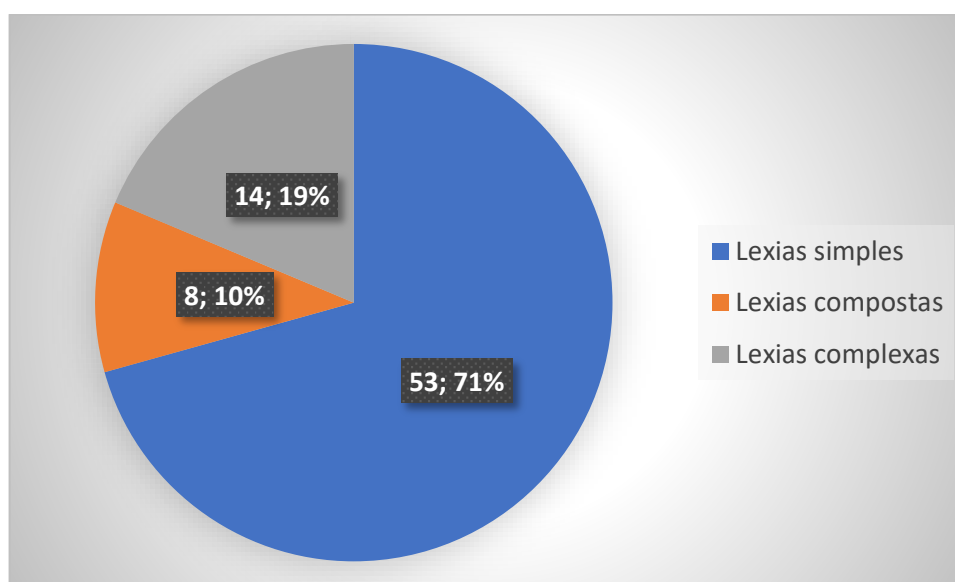
Como é possível notar, a maioria das lexias, 64%, corresponde aos *hapax legomena*. Esse fato, algumas vezes, dificultou o levantamento de algumas informações acerca da lexia e seu significado, que, muitas vezes, tem um grau elevado de opacidade no excerto enunciativo em que ocorrem, o que tornou necessária a consulta a outras fontes que não estavam previstas, como o buscador do Google.

Ademais, verificamos que algumas lexias, pela sua grafia, são próximas à fala. São exemplos disso: “curri”, “cumieira”, “veaco”, “incomodação”, “grunia”, “esturgia”. Essas seis lexias têm características tais como: abreviação, assimilação como em “cumieira”, troca de sufixo, como em “incomodação”, processos fonológicos de

supressão, como em “veaco” e “grunia”, inversão de letras, como “esturgia”. Essas questões apontam o fato de esses textos revelarem um modo de falar específico.

Outro item que não podemos deixar de mencionar diz respeito à estrutura das lexias, a qual delimitamos conforme a classificação por Porttier (1972). Desse modo, dentre as lexias selecionadas, 53 são lexias simples, 8 lexias compostas e 14 lexias complexas. Vejamos esses dados sistematizados no gráfico a seguir:

Gráfico 8 - Lexias quanto à estrutura

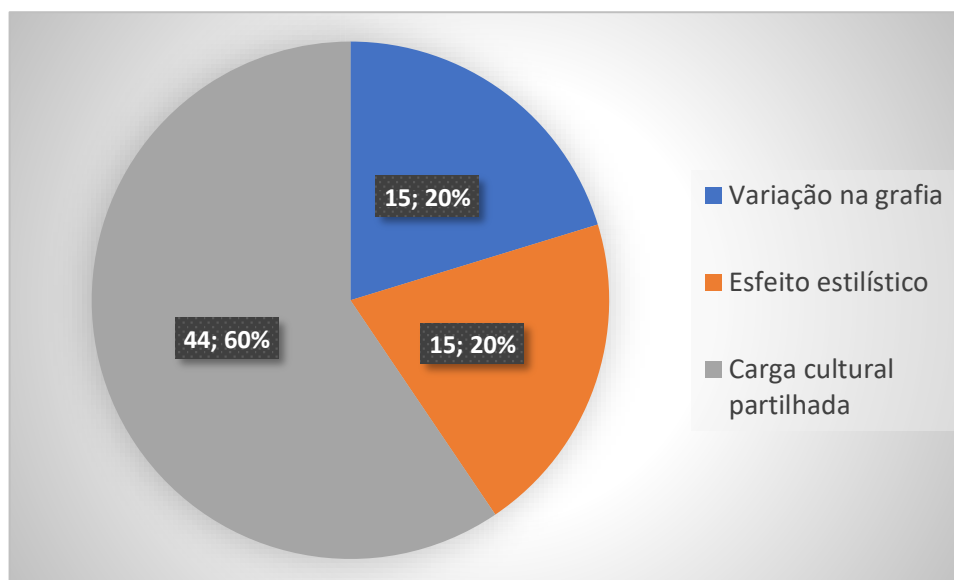


Fonte: elaborado pela autora

Outro aspecto importante diz respeito às idiossincrasias dos autores, uma vez que, das 75 lexias, 16 (dezesseis) representam efeitos estilísticos, os quais os autores utilizaram com o objetivo de dar ênfase a alguma concepção ou ressaltar alguma característica. São elas: “atocalhado”, “baforações”, “cantarolejar”, “chuva macho”, “de pegar de galho”, “ensuarados”, “espatificou-se”, “esturgia”, “incomodação”, “irriquieta”, “olhar de porco barrão”, “recoçou”, “ramachim”, “sonado”, “tempo coagulado” e “vida encauchada”.

Dessa maneira, os resultados nos levaram aos seguintes números: 16 lexias representam efeitos estilísticos dos autores, 15 apresentam diferença somente na grafia e 44 têm CCP mais acentuada. Todavia, algumas lexias não davam pistas que nos permitissem identificar a carga cultural. Os percentuais correspondentes a cada uma estão dispostos no gráfico a seguir:

Gráfico 9 - Resultados em percentuais



Fonte: elaborado pela autora

Como é possível constatar, a maioria das lexias revelam CCP. No entanto, não podemos desconsiderar a afirmação de Galisson (1988), o qual esclarece que toda lexia é cultural e o que as diferencia é a intensidade com que a CCP se apresenta em cada uma delas. Mesmo daquelas lexias que apresentam casos de variação na grafia, ou são efeito estilístico, preocupamo-nos em expor as ocorrências lexiculturais que se mostram, tendo em vista a afirmação do teórico francês. É importante mencionar, contudo, que estamos tratando de um aspecto subjetivo, tendo em vista que não há como mensurar o grau com que a CCP se manifesta nas lexias. O próprio Galisson (1987) afirma que seria necessário consultar todos os falantes de uma língua para identificar esse dado, o que se constitui em uma tarefa extremamente complexa.

Outro aspecto que se faz relevante e que se mostrou em nossa pesquisa diz respeito àquelas lexias que são herança do processo de povoamento da região. Podemos citar como exemplo as lexias “burro topão”, que encontramos em um texto popular do Ceará, e “pilora”, que na Amazônia corresponde a mal-estar em analogia aos efeitos da cachaça. Também devemos nos referir à lexia “massaco” que é uma amostra da influência boliviana na culinária.

No que diz respeito aos aspectos discursivos, obtivemos alguns dados interessantes. Em primeiro lugar, como bem esclarece Pêcheux (1975), os sentidos de uma palavra, de uma expressão ou de uma proposição são produzidos dentro de uma formação discursiva. Ante esse fato, identificamos por meio das lexias e dos



excertos enunciativos, que há uma forte referência aos períodos de plena extração da borracha, como temos em *Fatos, cultos e lendas do Acre* e *Capiongo*, de José Inácio Filho, como os períodos de decadência e mudança na economia, conforme vemos em *O empate* e *Direito e avesso*, de Florentina Esteves.

Dessa maneira, certamente estamos diante de condições de produção e de formações discursivas que se aproximam e que marcam os sentidos que depreendemos, embora as obras sejam de épocas distintas. Como já apresentamos anteriormente, as de José Inácio Filho datam da década de 1960, período ainda próximo do segundo auge da borracha, o que pode explicar a prevalência de fatos relacionados ao período áureo. Já as obras de Florentina Esteves são da década de 1990, uma época em que as lutas pela posse da terra, a mudança da economia da borracha para a pecuária e o êxodo dos seringais para as cidades foram acontecimentos marcantes. Evidenciamos que nas obras sobressaem-se tempos e espaços que se aproximam pelas relações que se estabelecem entre os sujeitos e sua história.

Com base em todos os enfoques levantados, passamos à apresentação de alguns apontamentos a respeito das hipóteses, visto que consideramos que elas foram, na sua maioria, confirmadas, conforme podemos ver a seguir.

A nossa primeira hipótese, na qual questionamos se os textos produzidos na Amazônia são permeados de lexias que são mais típicas no contexto da região foi confirmada, uma vez que, ao selecionarmos 75 lexias que só aparecem em nosso *corpus*, sendo excluídas dos dicionários e do *Corpus Brasileiro*, deparamo-nos com um conjunto de lexias que são específicas a essas obras enquanto espaço de manifestação de linguagem e de cultura.

A segunda hipótese de que algumas dessas lexias podem ser representativas de um vocabulário típico do homem acreano também se confirma, pois, embora não possamos precisar se são utilizadas por uma maioria da população, dados os critérios e ao *corpus* utilizados, é possível assinalar que muitas das lexias utilizadas nessas narrativas são representativas de um vocabulário próprio marcado principalmente pelo processo de povoamento da região e os modos de vida das personagens que são tipos humanos, o que nos leva a apontar as lexias selecionadas também como reflexo do ambiente em que os sujeitos se encontram.

A terceira hipótese de que os conteúdos culturais e discursivos podem incidir mais no significado do que em seu significante também foi confirmada, uma vez que,

das 75 lexias analisadas, identificamos 15 que apresentavam uma variação na sua forma escrita, pois tinham um significado semelhante ao registrado nos dicionários utilizados como suporte para a seleção das lexias. Além disso, o sentido não reside na forma escrita, mas nos conteúdos que são expressos por meio das lexias no conjunto dos excertos enunciativos.

Outro aspecto que evidenciamos refere-se à carga cultural partilhada (CCP), posto que 44 das lexias selecionadas e analisadas apresentam um conteúdo cultural que incide em seu significado, na forma de associações, crenças, costumes, que representam conhecimentos que podem ser compartilhados por um conjunto de falantes.

Sendo assim, é possível afirmar que nosso objetivo de identificar lexias que são típicas do falar acreano foi alcançado, visto que elas compõem um universo que, embora não se reflita na atualidade, fazem parte da história do povo do Acre, marcada pelos processos de povoamento e mudanças econômicas, sociais e culturais e estão presentes no *corpus* que é composto por obras de autores acreanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese oferece um tratamento lexicocultural e discursivo do léxico por meio de um *corpus* extraído dos textos literários de José Inácio Filho e de Florentina Esteves, autores acreanos, cujas obras são ambientadas no Acre de uma determinada época, assim, as personagens são as pessoas que se caracterizam enquanto tipos humanos, cuja linguagem e comportamentos podem ser representados.

Utilizamos um *corpus* dessa natureza por considerarmos a literatura como “linguagem que ‘coloca em primeiro plano’ a própria linguagem” e é o lugar onde os diversos componentes do texto estabelecem uma relação complexa (CULLER, 1999, p. 35-36). Posto isso, é possível afirmar que o estudo do léxico por meio do texto literário possibilita a investigação de diversas ocorrências inerentes à linguagem, tais como as escolhas lexicais e suas manifestações culturais e discursivas. Dessa maneira, o estudo de lexis nessa forma de linguagem permite-nos compreendê-las no seu uso e não somente em condição de dicionário, pois ela oferece maior clareza acerca do seu significado, suas características culturais, bem como seus possíveis sentidos no enunciado.

Além disso, refletir sobre o léxico no texto literário possibilitou-nos um olhar mais acurado sobre a sociedade na qual esse texto foi produzido, pois permite reconhecermos as relações entre forma e sentido e visualizar a linguagem de um povo, seu modo de falar, como a cultura se manifesta e como os discursos são veiculados. Isso é possível porque a literatura, enquanto expressão de uma sociedade, oportuniza o avanço e a reflexão sobre ela mesma enquanto manifestação de linguagem.

É importante ressaltar, também, que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, o que se deu, em parte, pelo fato de o texto literário constituir-se enquanto um objeto ideológico, apresentado como manifestação de linguagem, que nos forneceu os dados necessários para analisar o léxico por um viés lexicocultural e discursivo, uma vez que, por meio dessa manifestação artística, foi possível reconhecer as informações que buscamos, ao mesmo tempo em que investigamos como a identidade cultural e linguística de um povo se constitui como tal.

Analisar o léxico pelos caminhos propostos ofereceu-nos alguns desafios, especialmente no que diz respeito às condições de produção, visto que nos

deparamos com historicidades distintas, que são internas e externas às obras. Isso indica também condições de produção do discurso que são marcadas por situações externas, o momento da escrita, por exemplo, e internas, que são reveladas ao passo que o discurso é apresentado pelas personagens e pelos narradores que atuam como interlocutores.

Justificamos essa questão pelo fato de a obra literária não ter compromisso em retratar a realidade como ela ocorre no momento da escrita, o que é típico de outros gêneros. Isso decorre do caráter polifônico do texto literário, no qual o autor cria uma realidade e dá voz às personagens que veiculam os discursos. Entretanto, no que tange ao discurso literário, vale mencionar também as condições de recepção, pois elas têm forte contribuição na interpretação dos sentidos.

As obras aqui utilizadas têm importância na literatura local e se constituem como reflexo da história do homem acreano, que é o personagem privilegiado. As obras de José Inácio Filho proporcionam ao leitor uma visão geral do homem acreano, desvendando sua linguagem, suas crenças, costumes, valores, modos, uma vez que representam um homem ainda no período da extração da borracha, embora não houvesse grandes expectativas de dias melhores. As obras de Florentina Esteves apresentam fatos semelhantes, mas, talvez pelo período em que são ambientadas, manifestam um tom mais pessimista, pois mostram um homem diante da perda iminente de seu espaço.

Outro fato importante é que, nas obras de Florentina Esteves, embora elas tenham vindo à luz 30 anos depois das obras de José Inácio Filho, há um retorno ao passado histórico, o que faz com que, ao mesmo tempo em que se distanciam cronologicamente, aproximem-se tanto em temática quanto no tom que as caracterizam. A diferença que se manifesta na obra da autora se dá pela ambientação no período da decadência do processo de extração da borracha e o prenúncio do advento de uma nova organização econômica que demonstrou grande impacto em todos os âmbitos da sociedade acreana.

À vista disso, oferecemos uma perspectiva que possibilita a manutenção da estabilidade da análise, visto que a convergência das teorias utilizadas é marcada pela heterogeneidade da linguagem e pela polissemia das lexias selecionadas. Tal abordagem é determinada por questões linguísticas e extralinguísticas, cuja justificativa reside na relação que há entre a língua, a cultura e a história de um povo.

Nessa associação, observamos o modo como a linguagem, enquanto produção da sociedade, manifesta-se por meio do léxico.

A partir disso, é possível afirmar que as escolhas lexicais contribuem para a emergência de alguns efeitos de sentido em determinada formação discursiva, pois, conforme verificamos, a maior parte das lexias utilizadas são oriundas do universo do seringueiro, suas vivências, seu cotidiano, seus anseios, refletindo uma visão de mundo marcada por essas experiências.

Para a realização deste trabalho, notamos o fato de o léxico refletir a cultura de uma sociedade, motivo pelo qual, por meio dele, mostram-se fatos que refletem a identidade de um povo e que, muitas vezes, são compartilhados por um grupo enquanto comunidade discursiva, revelando sua historicidade, suas concepções, suas vivências.

Com base nessas informações, nosso objetivo consistiu em registrar e analisar o vocabulário da prosa literária acreana dos autores José Inácio Filho e Florentina Esteves, por uma perspectiva lexicocultural e discursiva, com o propósito de selecionar o léxico típico da região que delimita e incorpora suas características socioculturais. Desta feita, e dada a quantidade de lexias não lematizadas que encontramos, constatamos que, com a pesquisa, muitas lexias saíam da zona de silenciamento, o que pode constituir uma forma de revalidá-las.

Esse objetivo exigiu a busca de uma análise abrangente que envolvesse mais de uma obra dos autores, de modo a obtermos um número expressivo de lexias, a fim de identificarmos com mais precisão as regularidades que envolvem o léxico estudado. Por meio dessa busca, obtivemos resultados bastante proveitosos.

É fato relevante, ainda, a expressividade do *corpus* de análise e o número significativo de lexias que foram descritas e analisadas, 75 no total, que figuram enquanto portadoras de cultura e da expressão de um povo. Nesse caso, representam um interessante objeto de estudo, por perpassar as obras literárias e atuarem num plano da realidade que pode ser reconhecido pelos autóctones.

O objeto de estudo formado por quatro obras literárias de dois autores acreanos tornou-se um rico terreno, no qual foi possível verificar diversas particularidades que estão presentes da linguagem local, tendo em vista que são dois acreanos que escreveram no e sobre o Acre, demonstrando conhecimento da terra, enquanto nativos, e da cultura do povo por terem testemunhado muitos acontecimentos semelhantes aos que relatam em suas obras. José Inácio Filho, em seus escritos,

tem deixado transparecer sua afeição pelo trato e o registro do falar, da cultura e do povo acreanos. Já Florentina Esteves expõe fatos como se fossem reais, ao mesmo tempo que, de uma forma menos explícita, preocupa-se em mostrar a língua desse povo.

Consequentemente, atestamos que esta pesquisa oferece como contribuição o fortalecimento dos estudos em torno do léxico no Acre, onde ainda há muito a ser estudado, descoberto e validado. Além disso, propiciamos o levantamento e o registro de lexias que vieram à tona no momento em que a constituímos enquanto objeto de estudo e dele selecionamos diversas regularidades linguísticas. Ao fazer isso, contribuímos também para o reconhecimento da literatura acreana, que tanto tem buscado meios para se estabelecer e se fazer presente no cenário nacional, tendo em vista que, embora não desfrute do mesmo prestígio de outras literaturas regionais, não é uma literatura menor, dada a qualidade das produções que se apresentam.

Nesse contexto, esta pesquisa inova na medida em que propõe uma interface entre teorias que se completam, proporcionando uma visão mais abrangente de nosso objeto de estudo. Afirmamos, ao mesmo tempo, que ela avança quando tira do esquecimento 75 lexias não dicionarizadas ou que tenham acepções diferentes das reconhecidas pelas obras lexicográficas.

Por meio dessas análises, foi possível verificar que, no conjunto das evidências lexicais, os aspectos lexicoculturais e discursivos vêm à tona. Com isso, confirmamos nossas hipóteses, tendo em vista que a presença de unidades léxicas não dicionarizadas no *corpus* mostra que há lexias que são de uso específico, da mesma forma que podem representar a fala de um grupo em particular.

Diante dos dados apresentados, ressaltamos que este trabalho contribui para as pesquisas no âmbito do léxico, especialmente as que buscam um viés interdisciplinar, pois mostramos que há a possibilidade de reunir teorias de modo a oferecer uma maior quantidade possível de informações sobre as lexias analisadas. Contribuímos também para os estudos linguísticos na Amazônia, uma vez que, na região, os estudos dessa área são recentes e ainda carecem de divulgação.

Nos quatro capítulos em que esta tese foi dividida, apresentamos diferentes noções que possibilitam ao leitor a visualização dos objetivos da pesquisa, do objeto estudado, das teorias que embasam o estudo, contemplando a análise de cada lexia, o que se configurou em um amplo trabalho acerca do léxico. Com base nas

exposições realizadas, oferecemos discussões e reflexões abrangentes acerca do léxico selecionado.

No primeiro capítulo da tese, oferecemos informações e particularidades que envolvem o nosso espaço de pesquisa, o Acre, e, para isso, discorremos sobre algumas de suas características históricas, geográficas e alguns outros dados importantes sobre a região. Consideramos esse capítulo importante para a pesquisa, pelo fato de mostrar ao leitor algumas referências que dão ao estado características peculiares em relação às dos demais estados da federação. Nesse âmbito, expusemos o processo de formação dos espaços, pois, como vimos, a história do Acre foi sempre baseada na busca desenfreada pela borracha, o que o tornou um dos principais extratores do látex. Foi esse movimento que possibilitou o povoamento da região e marcou os modos de vida de seu povo.

Uma das principais marcas da região é a valorização de sua cultura, que faz com que o folclore seja forte tendência e seja bastante privilegiado em todas as manifestações populares. Isso se fortalece pela forte busca de uma identidade que sempre está presente nas produções escritas da região, o que é marcante desde os tempos mais remotos. Identidade e memória estão sempre presentes na história desse povo e suas diversas manifestações culturais representam o veículo para identidade, especialmente quando tratamos dos textos literários.

Nesse capítulo, além das questões históricas, apresentamos também alguns aspectos míticos que marcam a região, pois são bastante presentes na vida do acreano. Aproveitamos o ensejo e discorremos sobre os autores e sua importância no contexto histórico do Acre, sobre o qual escreveram de forma tão realista.

Apresentar os autores em seu contexto possibilitou compreender seus processos de escrita, pois eles apresentam e representam o homem local de uma determinada época, tendo em vista que vivenciaram grande parte do processo de formação dos espaços relatados. Esse fato se torna relevante porque, por meio do texto literário, é possível compreender a história de um povo por suas lutas, sua cultura, sua identidade e não somente pelas riquezas naturais do espaço onde vive.

Do segundo capítulo desta tese, fazem parte as reflexões acerca do arcabouço teórico, o que nos levou a um caminho interdisciplinar que se mostrou bastante produtivo, dado o fato de termos organizado um conjunto teórico que cria uma interface com perspectivas que se completam, dando à pesquisa um caráter particular.

Como vimos, pautamos nosso referencial em uma interface teórica, a qual se baseia nas proposições da Lexicologia, da Lexicultura e da Análise do Discurso. Julgamos que essa reunião teórica é uma inovação ao mesmo tempo que proporciona um avanço nos estudos do léxico, pois propõe uma visão baseada em três eixos que, mesmo com suas peculiaridades, se complementam pela forma como tratam a linguagem e pelo cuidado que têm com os elementos extralinguísticos que ocupam lugar privilegiado, além do fato de adotarem o texto como objeto de análise. De cada um desses posicionamentos teóricos, expusemos suas principais proposições, aquelas que nos foram úteis e que se mostraram mais relevantes ao nosso propósito.

Ante o exposto, apontamos as principais noções de Lexicologia, de léxico e dos conceitos, que denominamos como operacionais pelo fato de representarem noções que utilizamos na descrição e análise das lexias. São eles: lexias simples, composta e complexa (BIDERMAN, 2001a; POTTIER, 1972), campo lexical (COSERIU, 1977) e *hapax legomena* (BIDERMAN, 1998; GONÇALVES 2012).

Quanto à Lexicultura, interessaram-nos as concepções de palavra culturalmente marcada e carga cultural partilhada (CCP), que concebemos como uma das bases da análise. Como não poderíamos prescindir do conceito de cultura, posto que também foi fundamental para a compreensão da Lexicultura, apresentamos sobre ela algumas noções que julgamos pertinentes, as quais também foram úteis como complemento à análise, pois influenciam no entendimento das lexias e na forma como se manifestam na linguagem de um povo.

Da Análise do Discurso, priorizamos as noções de discurso, interdiscurso, formação discursiva, efeito de sentido e condições de produção, tendo em vista que essas categorias se complementam. Na análise, destacamos os sentidos que emergiram dos discursos apresentados nos excertos enunciativos em que as lexias ocorreram.

A análise com base nessas teorias levantou algumas questões que se mostraram relevantes, embora pareça um projeto ousado reunir teorias tão diversas. Primeiramente, proporcionou-nos visualizar de forma crítica nosso objeto de estudo e também possibilitou uma abordagem que apresenta um olhar que perpassa a lexia isolada e busca compreendê-la de uma forma mais abrangente, o que enriqueceu os posicionamentos apresentados.

No terceiro capítulo, traçamos todo o percurso metodológico para a realização desta tese, que foi fundamental para que cumpríssemos os objetivos propostos, bem



como chegássemos aos resultados que alcançamos. Ressaltamos, ainda, que a metodologia se baseou nos estudos do léxico e em algumas noções da Linguística de *Corpus*, que se tornaram fundamentais na preparação do material, pois nos possibilitaram, por meio de recursos computacionais, tais como o *software AntConc*, obter uma listagem e contagem exata das lexias das obras analisadas, permitindo-nos selecioná-las para análise. Salientamos, diante dessas afirmações, que foi mediante esses recursos da informática que conseguimos selecionar os excertos enunciativos, nos quais as lexias ocorrem, tarefa esta que seria mais trabalhosa sem esse auxílio.

Isto posto, podemos afirmar que utilizamos uma metodologia que é atual e que acompanha os avanços que a Linguística, especificamente os estudos acerca do léxico, tem apresentado nos últimos anos. Isso reforça a noção de que os recursos tecnológicos, por sua precisão, embora não devam prescindir aos recursos humanos, quando bem utilizados, podem trazer inúmeros benefícios para os estudos da linguagem.

O quarto capítulo é composto pela análise e pela apresentação dos resultados obtidos. Nele, todos os caminhos traçados ao longo da tese se encontraram e possibilitaram a concretização das propostas que estavam sendo construídas para a análise de lexias selecionadas do *corpus* de análise. Na análise, descortinamos as principais feições da lexia, no que concerne aos aspectos lexicais, lexicoculturais e discursivos, os quais correspondem aos objetivos propostos. Desse modo, conseguimos construir um panorama que possibilita visualizar como se organiza o léxico nos textos literários, que se constitui como escolhas dos autores ora estudados, mas, ao mesmo tempo, representa o modo de falar do acreano, tendo em vista que os autores, como tal, transmitem sua linguagem, sua cultura nos discursos que veiculam em suas obras.

Também foi possível verificar que a maioria das lexias é apresentada com formas e usos específicos, o que pode ser corroborado pelos contextos sócio-históricos que são relatados e nos quais figuram as personagens que são verdadeiros tipos humanos, que podem, de uma forma ou de outra, ter realmente povoado o Acre nas épocas e nos espaços que se constituem enquanto ambiente das cenas enunciativas representadas nas obras.

Nas lexias selecionadas, verificamos as regularidades que são inerentes ao nosso *corpus* de análise, o que nos rendeu algumas informações relevantes. No

campo lexical, o que mais se ressaltou foi o fato de grande parte das lexias terem frequência única, o que necessitou de mais atenção de nossa parte, principalmente na elaboração da definição e no levantamento da CCP, pois, algumas vezes, identificar esses dados se tornava uma difícil tarefa a ser realizada.

Para tentar amenizar essas dificuldades, recorreremos a alguns sites da Internet, por meio do buscador do Google, o qual, apesar de não fazer parte dos nossos procedimentos de análise, na maioria das vezes, trouxe resultados satisfatórios. Foi o caso, por exemplo, das lexias “cocal”, “burro topão” e “pilora”, sobre as quais encontramos muitas informações em sites, nos quais são apresentados diversos pontos da cultura nordestina, fato que nos levou a constatar a forte influência do processo migratório na linguagem. Além da influência nordestina, sublinhamos também a influência boliviana, que se destacou na lexia “massaco”, alimento típico do país vizinho.

É importante afirmar que algumas lexias se apresentam, de forma mais precisa, como efeito estilístico, mas esse uso não as exclui enquanto representação da linguagem local, dada a origem dos autores. É o caso, por exemplo, de “chuva macho”, “de pegar de galho”, “olhar de porco barrão”, “tempo coagulado” e vida encauchada” que aparecem na obra de Florentina Esteves, cujo sentido se apresenta como uma criação da autora, mas, ao mesmo tempo, representa uma visão de mundo que em muito se aproxima àquela que verificamos por meio das demais lexias e evidencia também um sujeito marcado pelo processo sócio-histórico do qual faz parte.

No que diz respeito à CCP, concordamos com Galisson (1987), que afirma que toda palavra é cultural, em maior ou menor grau, todavia esse aspecto não é mensurável dada a sua subjetividade. Além disso, nesse ponto, algumas lexias apresentam maior opacidade no conteúdo que expressam, o que dificulta, ou até mesmo impossibilita, a identificação da CCP.

No campo da Análise do Discurso, evidenciamos os sentidos que as lexias e os excertos enunciativos apresentam. Por essa acepção, foi possível investigar e compreender muitas relações que se estabelecem entre os sujeitos e entre estes e o seu espaço, que é, na maior parte das vezes, a própria floresta, tendo em vista que, nas narrativas, as relações se dão sempre em via de mão dupla, nas quais homem e natureza se relacionam harmoniosamente ou não.

Podemos afirmar que grande parte dessas relações e a forma como elas são apresentadas revela um discurso ainda marcado pelo período do povoamento, em

que o pensamento acerca da Amazônia pairava sobre as imagens de “eldorado” ou “inferno verde”, as quais, por muito tempo, povoaram o imaginário de muitos estrangeiros, mas que, com o tempo, passaram a compor as ideias dos elementos humanos que se estabeleciam na localidade.

Esses resultados são fruto da análise de diversos fatos verificados nas narrativas, pois não priorizamos analisar as lexias isoladas, mas os excertos em que elas ocorrem, tendo em vista que é no conjunto das evidências lexicais que os sentidos se manifestam. Ressaltamos, ainda, que esses sentidos são produzidos no interior das formações discursivas que se manifestam nas obras.

Pudemos verificar que, nas obras de José Inácio Filho, há de maneira mais contundente a herança da época dos seringais, ainda em pleno funcionamento, o que não significa que apresente uma período de prosperidade, pois a narrativa, embora tenha um narrador em terceira pessoa, que oferece uma visão de fora do texto do ponto de vista apresentado, muitas vezes emerge a voz do seringueiro que é sempre explorado, mas que, nesse caso, se sobressai. Esse fato faz com que haja um diferencial de outras formas discursivas, nas quais se sobressai a voz do dominador.

Dessa maneira, as dificuldades enfrentadas, os medos, as concepções de “eldorado” e “inferno verde” sobre a Amazônia se constroem sob essa ótica, que possibilita que aqueles que foram por muito tempo silenciados possam expor, de certa forma, seu posicionamento, como é o caso dos já mencionados seringueiros, aqueles que realmente desbravaram as terras inóspitas. Isso consiste ainda numa característica que se evidencia nos textos literários, que, muitas vezes, dão destaque aos menos favorecidos, que não são representados ou não têm voz nas diversas manifestações sociais.

Ante o exposto, explicitamos que a importância desta pesquisa reside no fato de ampliar o repertório de estudos acerca do léxico, abrindo portas para outros pesquisadores realizarem estudos nessa área, a qual tem muito a ser explorado. Assinalamos, também, que o estudo acerca das lexias selecionadas para este trabalho não foi esgotado, visto que propomos trabalhar futuramente com as fichas que elaboramos para a análise, acrescentando princípios que não foram contemplados, disponibilizando-as para pesquisadores que tenham interesse nessa área.

Sendo assim, afirmamos que nossa intenção foi desenvolver uma pesquisa que pudesse oferecer uma contribuição e um avanço aos estudos linguísticos, por meio

do estudo do léxico, mas que não tivesse um fim em si mesma, e que pudesse oferecer novos caminhos para os estudos do léxico, do texto literário e também do discurso. Consideramos que esta reflexão abre portas para novas pesquisas, que podem ampliar as informações aqui apresentadas, como questões linguísticas, culturais e discursivas.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, C. M. S; SOBRAL, G. N. T.; TEIXEIRA, M. C. R. *Entre a palavra, o discurso e o texto: caminho filológicos*. Curitiba: Appris, 2016.
- AGUIAR, M. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/166774/per166774\\_1937\\_00012.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/166774/per166774_1937_00012.pdf). Acesso em: 19 nov. 2018.
- ANTHONY, L. *AntConc* (versão 3.5.7), 2014. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software.html>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- ANTONACCI, M. A. Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de empate no Acre. *Espaço Plural, Revista Brasileira*, v. 14, n. 28, 1994. Disponível em: <[http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=15](http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=15)>. Acesso em: 25 maio 2016.
- ARANALDE, M. M. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. *Ci. Inf. Brasília*, c. 38, n. 1, p. 86-108, jan./abr., 2009.
- ARAÚJO, G. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 61-90, jan./jun. 2002. Disponível em : <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2332/2281>. Acesso em: 05 jun. 2018.
- AULETE, C. Aulete Digital. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, vs online*. Disponível em: [www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br).
- BARBOSA, L. M. A. *Opacité et transparence léxico-culturelle dans l'apprentissage du portugais langue étrangère au Brésil: Les paroles de chansons, instruments de médiation linguistique et culturelle*. Paris. Tese (Doutorado em Letras) – Université Paris VIII, 2005.
- BARBOSA, L. M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Filol. linguíst. P-DS9Xort.*, n. 10-11, p. 31-41, 2009
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- BERBER SARDINHA, T. *Pesquisa em Linguística de corpus com WordSmith tools*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.
- BHABHA, H. k. *O local da cultura*. Tradução Myrian Ávila, Eliana Moreira de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p.131-145.

BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.): 27-43, 1984. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da Lexicografia. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.): 1-26, 1984. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 4, p. 81-96, dezembro de 1987. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17049/11065>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, 40: 27-46, 1996. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>>. Acesso em: 21 de ago. de 2015.

BIDERMAN, M. T. C. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. *Alfa*, n. 42 (n. esp.). São Paulo, 1998. P. 161-181.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001b.

BIDERMAN, M. T. C. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/Pontes, 2002.

BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345.

BOSI, A. Formações ideológicas na cultura brasileira. *Estudos Avançados* 9, nº 25, 1995.

BOSI, A. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 2. ed. Campinas – SP: Editorada UNICAMP, 2004.

CÂMARA, M. *Cachaça: prazer brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

CARNEIRO, E. A. *A fundação do Acre: um estudo sobre comemorações cívicas e abusos da história*. São Paulo. 2014. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

COSERIU, E. *Principios de Semántica Estructural*. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1981.

*Dicionário Aulete on-line*. Disponível em: <[www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br)>.

CULLER, J. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA., 1999.

EAGLETON, T. *A ideia da cultura*. Tradução Sofia Rodrigues. Lisboa: Actividades Editoriais, 2003.

ESTEVES, F. *O empate*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1993.

ESTEVES, F. *Direito e avesso*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1998.

ESTEVES, B. M. G. *Do "manso" ao guardião da floresta*. Rio Branco: EDUFAC, 2010.

FACHIN, O. *Fundamentos de metodologia*. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Edição revista e ampliada. Disponível em: [http://www.sergiofreire.pro.br/ad/FERNANDES\\_ADRI.pdf](http://www.sergiofreire.pro.br/ad/FERNANDES_ADRI.pdf). Acesso em: 13 nov. 2018.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FRANK, I.; KANITZ, A. O ponto de vista cria o objeto: relacionando a máxima saussuriana e a perspectiva teórico-metodológica da análise da conversa etnometodológica. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 46, junho de 2013. p. 229-243.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (BRASIL). *Relatório final Projeto Conexão Local Complementação de Renda na Floresta – Poloprobio e Políticas Públicas*. Acre, s/d.

GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas, UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios).

GALISSON, R. Accéder à l'aculture partagée par l'entremise des mots à CCP. *Etudes de Linguistique Appliquée*. Paris, v. 67, p. 109-151, 1987.

GALISSON, R. Cultures et lexicultures. Pour une approche dictionnaire de la culture partagée. in: *Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale*. Volume 7, 1988. Hommage a Bernadr Pottier. P. 325-341.

GALISSON, R. La culture partagée: une monnaie d'échange interculturelle. *Le Français dans le Monde – Recherches et Application*, Paris, p. 113-117. Lexiques – Numéro spécial – s/n, 1989.

GALISSON, R. *De la langue à la culture par les mots*. Paris: CLE International, 1991.

GALISSON, R. D'hier à demain, l'interculturel à l'école. *Études de Linguistique Appliquée*, Paris, 94, p. 15-26. 1994.

GALISSON, R. Die el est question de lexiculture, de Cheval de Troie et d'impressionisme. *Étude de Linguistique Appliquée*, Paris, v. 97, p. 5-14, 1995a.

GALISSON, R. En matière de culture le ticket AC – DI a-t-il un avenir. *Études de Linguistique Appliquée*, 100, p. 79-97. 1995b

GALISSON, R. Um dicionário à geometria variável ao serviço de la lexicultura. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, 70, n. 1., p. 57-77, 1997.

GALISSON, R. La pragmatique lexiculturelle pour accéder autrement a une autre culture par um autre lexique. *Mélanges GRAPEL*, nº 25.

GAMA, V. O. S.; QUEIROZ, R. C. R. Léxico e literatura: o vocabulário regional na obra *Menino de engenho* de José Lins do Rego. *Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – Anais do XVI CNLF, p. 762. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_1/067.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/067.pdf). Acesso em: 14 abr. 2015.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *Signum: Estudos da linguagem*, n. 15/1. p. 169-199, Londrina, 2012.

GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. 2. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade: as culturas nacionais como comunidades imaginadas*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1992.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INÁCIO FILHO, J. *Capitango*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1968.

INÁCIO FILHO, J. *Fatos, Cultos e lendas do Acre*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1964.



INÁCIO FILHO, J. *Termos e tradições populares do Acre*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes gráficas, 1969.

ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara-SP. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1996.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira; Aparecida Negri isquerdo. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 01ed.Campo Grande: Editora da UFMS, 1998, v. 01, p. 89-88.

ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. vol. 2. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2004.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário regional na Amazônia acreana. *Alfa*, São Paulo, 42 (n.esp.): 93-107, 1998 93. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4045>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

ISQUERDO, A. N. Algumas observações sobre o léxico do seringueiro acreano. *Estudos Linguísticos Anais de Seminários do GEL*. V. 22, p. 834-831, Ribeirão Preto, 1993.

JERÔNIMO, I. C. *O léxico do preconceito no discurso jornalístico*. Assis, SP. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Ciências e Letras de Assis–UNESP–Universidade Estadual Paulista, 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta pereira Schere, Caroline rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAFACE, A. Fundamentos da Lexicologia: requisito para o estudo das linguagens literárias e técnico-científicas. In: ANTUNES, Letizia Zini (Org.) *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte & Ciencia; Assis, SP: Curso de Pós-graduação em Letras da FCL, UNESP, 1998.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEAL, Davi Avelino. *Direitos e Processos Diferenciados de Territorialização: Os conflitos pelo uso dos recursos naturais no Rio Madeira (1861-1932)*. Tese de doutorado. Manaus: Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMA, F. A. O. *Soldados da borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2013.

LYONS. J. *Semântica I*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

MAGALHÃES, C. (org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso. In: ORLANDI, E. P. (Org et al.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução: Bethani S.C. Mariani (et al). 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 15-28.

MATORÉ, G. *La Methode em Lexicologie*. Paris, Macel Didier, 1953.

MENDES, F. M. M. *Imaginário na Amazônia: os diálogos entre História e Literatura*. Rio Branco – Ac: EDUFAC, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/edufac/docs/imaginario\\_na\\_amazonia](https://issuu.com/edufac/docs/imaginario_na_amazonia). Acesso em: 18 dez. 2018.

NATAL. J. Encantado! Pescador atira em boto e fica perturbado. *Juruá Online*, Cruzeiro do Sul, AC. 25. maio 2013. Disponível em: <http://www.juruaoonline.net/acre/encantado-pescador-atira-em-bota-fica-perturbado/>. Acesso em: 26 dez. 2018.

NEVES, M. H. M. A teoria linguística em Aristóteles. *Alfa*. São Paulo, 25: 57-67, 1981.

ORLANDI, E. P. *Interpretação, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução: Bethani S.C. Mariani (et al). 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p.61- 62.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. A Análise de discurso: três épocas (1983). In. GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org et al.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução: Bethani S.C. Mariani (et al). 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Leitura e memória: Projeto de Pesquisa. Tradução Tânia C. Clemente de Souza. In: *Análise de Discurso: Michel Pêcheux: Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PENICHE, L. R. S. *O processo de trabalho na produção de farinha de mandioca no município de Rio Branco -AC: contribuições à vigilância em saúde do trabalhador*. Dissertação (Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2014.

PIRES DE OLIVERIA, A. M. P. Brasileirismos e regionalismos. *Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.): 109-120, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4046/3710>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

PONTES, C. J. F. O primeiro ciclo da borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso. *Colégio de Aplicação. Universidade Federal do Acre*. Vol. 1, n. 1, p. 107-123, 2014. Disponível em: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/SAJEBTT/article/view/100>. Acesso em: 23 nov. 2018.

PORTO-GONÇALVEZ, Carlos Walter 2009 “Chico Mendes, um ecossocialista” em OSAL (Buenos Aires: CLACSO) Ano X, Nº 25, abril.

POTTIER, B. *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

PROENÇA FILHO, D. *A linguagem literária*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

RIBEIRO, B. G. *Amazônia urgente: 5 séculos de história e ecologia*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1990.

RIO-TORTO, G. et.al. *Gramática Derivacional do Português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

RODRIGUEZ, E. M. *Correrias: índios, caucheiros e seringueiros (Acre 1942/1983)*. Manaus – AM. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5285>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SANROMÁN, Álvaro Iriarte. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. 441 p. 2000. Dissertação (Doutorado em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada). – Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2000. Disp. em: <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A\\_Unidade\\_Lexicografica.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf)>. Acesso em: 28 dez. 2018.

Sapir, E. Cultura: genuína e espúria. In: Pierson, Donald (org.). *Estudos de organização social*. São Paulo: Martins Editora, 1949.

Sapir, E. (1921) *A Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAPIR, E. *Language, Culture and Personality*. Mandelbaum, David G. (editor). University of California Press, 1986.

SAUSSURE, F. (1916). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SECRETO, M. V. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007a.

SECRETO, M. V. Fúria epistolar: as cartas das mulheres dossoldados da borracha: uma interpretação sobre o significado da assistência às famílias. Tradução Maty Gueye. *Revista Esboços* nº 14, UFSC, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/176/9941>. Acesso em: 11 mar. 2018.

SECRETO, M. V. A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 40, p. 115-135, julho-dezembro de 2007b. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1288/431>. Acesso em 11 mar. 2018.

SCHINELO, R. F.; SILVA, M.C.P. Entre a fala e a escrita o lugar dos vocábulos “triviais” da língua Portuguesa. In: SIMÕES, D.; OSÓRIO, P. (Orgs.). *Léxico: Investigação e Ensino*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

SILVA, J. O. (orgs.). *Construções discursivas de identidades culturais*. Londrina: EDUEL, 2015.

SILVA, L. *Acre: prosa e poesia (1900-1990)*. Rio Branco: Ufac, 1998.

SIMÕES, D.; OSÓRIO, P. (Orgs.). *Léxico: Investigação e Ensino*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

SOARES, Marisa Oliveira Santos. *Sistema de Produção em Casas de Farinha: Uma leitura descritiva na Comunidade de Campinhos – Vitória da Conquista (BA)*. Dissertação (mestrado em desenvolvimento regional e meio ambiente), Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus – BA, 2007. Disponível em: [www.uesc.br/cursos/pos.../mdrma/.../dissertacao\\_marisa\\_oliveira.pdf](http://www.uesc.br/cursos/pos.../mdrma/.../dissertacao_marisa_oliveira.pdf). Acesso em: 20 set 2018

SOUZA, C. A. A. *História do Acre*. Rio Branco: M.M Paim, 1992.

THOMPSON, J. B. (1995). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TOCANTINS, L. *Amazônia: natureza, homem, tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. 9. ed. Manaus: Valer, 2000

TOCANTINS, L. *Formação histórica do Acre*. Vol. I. Brasília: Senado Federal, 2009a.

TOCANTINS, L. *Formação histórica do Acre*. Vol. II. Brasília: Senado Federal, 2009b.

TURAZZA, J. S. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Annablume, 2005.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

## ANEXOS

## Anexo 1

Quadro 9 – Lexias: primeira seleção

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
1	abilolado	Bras. Pop	Regionalismo Brasil/ Nordeste	Sim
2	acaçu	Bras. Bot.		Bras. Bot.
3	aceiro	mesma acepção. Acepção	mesma acepção	X
4	achar tudo tão pau			
5	acoã			
6	acuado	Sim	Regionalismo Brasil	Bras.
7	acudir	Sim	Sim	Sim
8	afobado	Sim	Regionalismo	Sim
9	agoana			
10	alquimizavam	X	almimiar: transmudar. Ext. fig. Enganar fingir.	X
11	anambé	Bras. Amaz. Zool.	1	x AM zoo
12	arengueiro	X	X	X
13	arigó	Bras.	Regionalismo São Paulo/ Rio de Janeiro/ Minas Gerais/ Centro- Oeste	com outro sentido
14	arribou	X	X	sentido de chegar
15	arupemba			bras. Urupema
16	asunhar			
17	atocalhado			
18	atucanar	bras.	Regionalismo Norte do Brasil	X
19	avacalhação	bras.	Regionalismo Brasil	Bras. Pop.
20	babugem	X	X	X
21	bacaba	Bras. AM/MT	Regionalismo	X
22	baço	sem brilho, bacento	que falta brilho	X
23	bacuri	bras.	X	X
24	bacurim			
25	bacurim	X	B infrm. bebê do sexo masculino;	X
26	bacuris	mesma acepção	mesma acepção	X

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
27	banana baé	X	Regionalismo / outr acepção para baé	outra acepção
28	baforações			
29	baita	Bras.	Regionalismo	Bras.
30	baladeira	Bras. AC a PE.	Regionalismo Acre Pernambuco	X
31	baludo	Bras. N.E	Regionalismo Nordeste	X
32	banana baé			
33	bananas piruás			
34	bandoleiros	Bras.	Regionalismo Brasil / Norte	X
35	banzeiro	X	Regionalismo	X
36	baracafusada			
37	baracafusada			
38	barriguda	Bras. N.E	X	Bras.Bot.
39	batelão	Bras. Amaz.	Regionalismo Amazônia	Bras.Amnautic
40	batuta	Bras.	Regionalismo / Brasil	Bras. Pop.
41	beribéri	X	X	X
42	berimbá			
43	bicó	Bras. N.E	regionalismo Nordeste	Bras. Norte
44	birosca	Bras. MG. / RJ	Regionsalismo Centro-Oeste e Rio de Janeiro	X
45	bisaco	Bras.	regionalismo Nordeste	bras. Nordeste
46	bodega	Bras. Gír.	Regionalismo Brasil	bras.
47	bodó			
48	boi-cavalo	mesma acepção	mesma acepção	X
49	bom-és	Bras. CE Zoo. Mesma acepção	Jampim	X
50	bosoroca			
51	braba	Bras. Cabo Verd. Guin.	regionalismo Brasil	X
52	branco-sujo	mesma acepção	mesma acepção	X
53	brenhas	X	X	X
54	breu-da-noite			
55	briôco			
56	brocador	Bras. N.	regionalismo Nordeste	Bras.Norte
57	brocagem	Bras. N.E	regionalismo Brasil	Bras.

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
58	brocar	Bras.	regionalismo Norte do Brasil	Bras.
59	burro topão			
60	caba	Bras. Amaz. Zool.	Regionalismo Amazônia	X
61	caboré	Bras.		Bras.. Caburé
62	cacareco	Bras.	regionalismo Brasil	Bras..
63	cafundó	Bras.	regionalismo Brasil	X
64	caibro	X	X	X
65	caíco			Bras.
66	caçuma	Bras.	regionalismo Brasil	X
67	caieira	x Com outra acepção Bras.	regionalismo Brasil	Bras.
68	caipora	Bras. Folc.	X	X
69	cajá	Bras.	X	X
70	cajarana	Bras. Bot.	X	X
71	caldeio			
72	camapum			
73	cambica	Bras. N.	Regionalismo Norte do Brasil	Bras.Alimento
74	canarana	Bras. Bot.	X	X
75	cangambá	Bras. Zool.	X	X
76	cangapé	Bras.	regionalismo/ brasil/ Maranhão/ Alagoas	Bras.
77	caniço	X	X	X
78	cantarolejar			
79	canuaru			
80	capeba	Bras. L. Bot.	X	
81	capoeira	Bras.	X	Bras.
82	capote	X	X	Bras.
83	carapanã	Bras. AM. Zool.	Regionalismo Amazônia	X
84	carapanaúba			Bras.
85	carrapicho	Bras. Bot.	X	Bras.
86	casa-de-caba			
87	casa-de-farinha			
88	cascavilhar	Bras. N.E	Regionalismo Nordeste	X
89	catitoba			
90	catitoba			
91	catraia	X	X	X
92	caucho	Bras. BH/MT/PA	X	m.q. seringueira
93	caxingar	Bras. N.	Regionalismo Brasil	Bras.
94	caxixi	Bras. N.	Regionalismo Brasil / Bahia	Bras.. Música



Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
95	chicória	chicorium endívia	cichorium intybus	X
96	chuva macho			
97	cobalido	combalido	Rombalido	combalido
98	Cocal	Bras. N. NE. Coqueiral	N.E m.q. coqueiral	X
99	cocuruto	X	Regionalismo MG/ RS	X
100	Coisão			
101	coivara	Bras.	Regionalismo Brasil/ MA	X
102	colocação	Bras.	Regionalismo Amazônia	Bras.Casa
103	colonheiro			
104	comer até cair de costas			
105	corrimboque	Bras. Cornimboque	Regionalismo Brasil / cornimboque	Bras.Cornimboqu e
106	corrupião	Bras. Zool.	regionalismo Brasil	bras. Zool.
107	cortar seringa			
108	cumieira	cumeeira		
109	Curica	Bras. Zool.	Regionalismo Brasil	bras.
110	Curri	Curro		
111	dar no couro			
112	de meia	mesma acepção	mesma acepção	X
113	defuma			
114	derrubada	Bras.	X	X
115	desarreda			Verbo
116	desemborcar	X	Regionalismo Brasil	bras. M.q. desenxabido
117	desemxabido			
118	desjurar	X	X	X
119	deslebrado	X	X	X
120	desmazelado	X	X	X
121	desmesura	X	X	Bras.
122	desobriga	X	X	X
123	Dorida	Bras.	X	mesma acepção
124	Duru			
125	Embira	Bras. N.E.	X	Bras.Nordeste
126	emboléu	X	X	mesma acepção
127	embrenhar	Bras. N. Empambado	empambado Regionalismo Brasil	Empambado
128	empambar			
129	empate	Bras.	Regionalismo Brasil	Bras.
130	emplastrado	x emplastrar	x emplastrar	X
131	encauchado	X	X	X

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
132	enfincar	Bras. Pop. Enfincar	enfincar Regionalismo Brasil	enfincar
133	enrabichar	X	X	X
134	enregelar	Bras. S.	Regionalismo Sul do Brasil	X
135	enrodilhar	X	X	X
136	ensuarados			
137	entanguir	Bras. Embira	Embira	Embira
138	envira	X	X	X
139	escândelo			
140	escandeloza			
141	esparrela	mesma acepção	mesma acepção	mesma acepção
142	espatificou-se			
143	espeta caju			
144	espicaçar	Pop.	X	X
145	espinhaço	X	espinel	espinel
146	espinhel	X	X	X
147	espoucar	Bras. espocar	X	Bras. Espocar
148	esquelha	Bras. Amaz.	X	X
149	estirão	X	X	X
150	estrebuchar	X	X	X
151	estrepe			
152	estribaria	Bras. resmungar	Regionalismo Brasil	Bras.
153	esturgir			
154	esturrar	Bras.	Regionalismo Brasil	Bras.
155	esturro	X	X	
156	evolar-se	X	X	X
158	falaria			
159	farpela	Bras.	Regionalismo Brasil	Bras.
160	filhenta	finca-pé		finca-pé
161	finca-pé	Bras. Po.	Regionalismo Brasil	Bras.
162	fiofó	X	X	X
163	focinhar	X	X	outra acepção
164	friento	ant. pop.	Regionalismo Ceará / Alagoas	X
165	fruta	X	X	X
166	fumaçadas	mesma acepção	mesma acepção	X
167	gabar	Bras.	Regionalismo Nordeste	Bras. Piauí Ceará
168	garapu	X	Regionalismo Brasil	X
169	goela	X	X	X
170	gogó-de-sola	Bras. Bot.	Regionalismo Brasil	Bras.
171	grunia	Grunhir	Grunhir	X

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
172	guabiroba	Bras. N. NE	Regionalismo Norte do Brasil	Bras.
173	guabiru	x Fruto do Anduzeiro. Verificar	outra acepção Vegetal no livro animal	
174	guariba	Bras. Zool.	m.q.bugio	Bras.Ver bugio
175	imbu	Bras. Bot.	X	X
176	impoluta	mesma acepção: não poluído	mesma acepção	X
177	incomodação			
178	ingá			
179	ipiúna			
180	ir ao mato			
181	irriqueta			
182	itaúba	Bras. Bot.	Regionalismo Brasil	Bras.
183	jamachi			
184	janaum	Bras. PA. Janaú?		
185	japó	Bras.	Regionalismo Brasil	Bras.
186	jataí	Bras. CE. Zool.	Regionalismo Brasil	Bras.s.
187	jati	Bras. CE. Zool.	Regionalismo Brasil	Bras.
188	jenjibirra	Bras. Jinjibirra / gengibirra	Regionsalismo jinjibirra	Bras.Jinjibirra
189	jerimum	Bras. N. NE	Regionalismo Norte do Brasil	X
190	jinjibirra	X	X	X
191	jirau	Bras.	regionalismo Brasil	Bras.
192	ladrona	X		X
193	lambaio	Bras.	regionalismo Brasil	outra acepção
194	landuá	Bras. N.E		x ver acepção
195	lapinha	Bras. NE festa natalina	regionalismo Nordeste	ver acepção
196	lenga-lenga	X	X	sem hífen
197	lonjura	X	X	X
198	lundu	Bras.	regionalismo Brasil	Bras.
199	macaco janaum			
200	macucau	Bras. Amaz. Zool.	Regionalismo Amazônia	Bras.
201	magotes	outra acepção. Língua pré-romana da Espanha	mesma acepção	X
202	maldizências	mesma acepção	mesma acepção	X
203	mambira	Bras. RS. Caipira, rústico	Regionalismo RS / Amazônia	Bras.RS

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
204	mandim-mole	X	m.q. mandi	X
205	mangofava	Registro mangofa: [de mango]s.f. Bras. CE Pop. Zombaria	mangofa. : CE. Infrm. M.q. mangação	X
206	manguari	Bras. Outra acepção. O mesmo que galalau.	X	mesmo que galalau - homem muito alto
207	manjar	Bras.	Regionalismo Brasil na acepção usada	X
208	manjerioba	Bras. Bot.	Regionalismo Brasil	Bras.
209	manjuba	Bras. Zool.	Regionalismo Brasil/ Bahia/ São Paulo/ Minas Gerais	Bras.
210	mão-de-pilão	ter mão de pilão: Bras. Ser desajeitado, inábil, em trabalhos manuais.	X	X
211	marujada	Bras. N.E fandango.	Regionalismo Sul do Brasil m.q.fandango	Bras.Outra acepção
212	massaco			
213	mateiro	Bras. S.	Regionalismo Brasil / Amazônia	Bras.
214	matrinchá	matrinxã: Bras. Amaz. Zool.	matrinxã	X
215	mucumbu	Bras. CE. Zool.	Regionalismo	outra acepção
	mucuoca	Bras. Amaz.	Regionalismo Amazônia	bras. Amazônia
216	mucura	Bras. Zool.	Regionalismo Amazônia	Bras.
217	mulambava			
218	mulateiro	Bras. Zool.	X	Bras.Pracaxi
219	mulateiros	Braz. Amaz. Bot. Pau-mulato	m.q. pau-mulato	X
220	mungango	Bras. CE.	X	Bras.Ceará
221	mungunzá	Bras. N. Ne. Cult.	X	Bras.
222	murundu	Bras.	Regionalismo Brasil	X
223	mutã	Bras. Amaz. Espécie de escada. Acepção diferente.	Amaz. M.q. mutá (palanque)	X
224	mutamba	Bras. AM.	X	X
225	nambu	X	Regionalismo Brasil	X

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
226	noba			
227	oasque			
228	oco do mundo			
229	oiças	ouça: ouvido	m.q. ouça	X
230	onças-pe-de-boi			
231	pacoveira	Bras. Bot.	X	ver acepção
232	padiola	X	X	X
233	paiol	Bras. MG / SP	Regionalismo Brasil / Bahia Minas Gerais / São Paulo	Bras.
234	palreios			
235	pança ao papo			
236	paperi			
237	papiri	Bras. N.	Regionalismo Norte	Bras.Norte
238	patauá	Bras.Amz. Bot	X	Bras.
239	pateque-cebola			
240	paturi	Bras. Zool.	Regionalismo Brasil / Minas Gerais / Mato Grosso	Bras.. Zool.
241	paxiúba	Bras. Amaz. Bot.	X	Bras.Bot.
242	pegar de galho			
243	peia	outra acepção	outra acepção	X
244	péla de borracha			outra acepção
245	péles	mesma acepção	mesma acepção	X
246	penal	que comina penas	relativo a penas judiciais	X
247	pequiarana			
248	perna			
249	pernas das estradas			
250	peteca	X	LUD PA m.q. GUDE	X
251	petizada	x criança, garoto.	X	X
252	pilora	X	outra acepção: B. N.E. infrm. Aguardente de cana; cachaça	X
253	pinóia	bras.	Regionalismo Brasil	X
254	pintada	Bras. Zool.		outra acepção
255	pipira	Bras. Zool.	Regionalismo Amazônia / Mato Grosso	Bras.
256	piquiá			
257	pixilingueiro			
258	porco barrão			
259	poré			

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
260	pupuaçu			
261	pupuaçuzeiro			
262	quando			
263	que as coisas corram às tontas			
264	Quizila	X	Regionalismo Brasil	X
265	radiosa	X	X	X
266	ramachim			
267	ramada	Bras.	Regionalismo Brasil Nordeste	Bras.Ver acepção
268	Rebojo	Bras.	Regionalismo Brasil	X
269	recoçou			
270	respeitadamente	respeitante	respeitante	X
271	roimento			
272	sapo martelo	X	mesma acepção	X
273	sapopema	Bras. Bot.	X	outra acepção
274	sapupema			
275	saracoteante	saracoteador; saracotear.	X	X
276	seca como olho de jabuti			
277	sertão seringaleiro			
278	seringueiro	Bras. Zool. Vi-vió	mesma acepção	X
279	sernambi	não registra	outra acepção	outra acepção
280	serrar-a-porta			
281	Sezão	X	X	X
282	soldado-da-borracha			
283	sonado			
284	sonhim	Bras. N.E /MG pop. Zool.	X	Bras.Nordeste
285	Sote			
286	sumbilos			
287	Taboca	Bras. Bot.	Regionalismo Nordeste / Bahia	Bras.Bot.
288	tabocal	Bras.	X	X
289	Taioba	Bras. Bot.	Regionalismo Brasil / Norte	Bras.Bot.
290	tamboatá			
291	Tapiri	Bras. AM.	Regionalismo Amazônia	Amazonas
292	Tapium			
293	Tapuru	Bras. Zool.	Regionalismo Mato Grosso	Bras.
294	tempo coagulado			
295	terçadada			

Nº	Unidade lexical	DA	DH	DCA
296	tibe	Bras. N.E. Pop.	mesma acepção	X
297	tibungada	tinbugar (Bras.N.E)		
298	tira-côco			
299	toceiras			
300	tomado água em chocalho			
301	tomava chegada			
302	tope	Bras. Tamanho, altura	mesma acepção	X
303	torceiras			
304	uasca			
305	ubá	Bras. Amaz.	Regionalismo Mato Grosso / Mato Grosso do Sul	Bras.
306	ubim	Bras. Amaz. Bot.	X	Bras.
307	umbigo-de-boi			
308	urana			
309	uruçu	Bras. Zool.	Regionalismo Brasil	Bras.
310	urucuri	Bras. Bot.	X	m.q. urucari
311	urumutum	Bras. AM. Zool.	Regionalismo Amazonas	Bras.M.q. mutum
312	urupema	Bras. N. NE.	Regionalismo Nordeste	Bras.
313	vambora		Aglutinação	Aglutinação
314	vancê	Bras. Pop.	Regionalismo Brasil	X
315	varejar	X	Regionalismo Brasil	Bras.
316	veacos			
317	vida encauchada			
318	víspora	Bras.	Regionalismo Brasil	Bras.
319	vote	Bras.	Regionalismo Brasil	vote [ô]
320	xerém	Bras. Cabo- Verde. Cul.	Regionalismo Brasil	Bras.
321	zoada	X	Regionalismo Brasil	X
322	zorrado			

## **ANEXO 2**

### **Enredos das narrativas da obra *Fatos, cultos e lendas do Acre*, de José Inácio Filho**

#### **1) O Cipó Oasque**

Nesta narrativa, são apresentadas as características do cipó oasque do qual é produzida a bebida conhecida como daime. São apresentados os modos de colheita, e preparo da bebida. A personagem principal é Seu Chico Batuta encarregado da colheita e do preparo da bebida, o qual é conhecido por suas narrativas em torno de suas viagens à procura do cipó. No conto, em que as personagens são sempre seres que habitam a floresta amazônica, sejam reais ou folclóricos, narra-se, ainda, os passos seguidos para a produção da bebida e o culto no qual é servida.

#### **2) A Cobra Encantada**

É uma lenda bastante conhecida na região. Também chamada de Cobra Grande. Narra-se que havia um casal que não tinha filhos e muito desejando-os, a mulher suplicou por um filho ainda que este fosse uma cobra. Ao engravidar, a mulher deu à luz um casalzinho de sucturis chamados Honorato e Felizmirna, sendo ele bondoso e ela um “gênio do mal”. Arrependida do pedido, ela e o marido decidiram soltá-los. Os dois cresceram e Honorato não satisfeito com as maldades da irmã, trava com ela uma feroz luta. O resultado: Honorato mata a irmã e perde o olho esquerdo.

#### **3) O Caipora**

Neste conto, é narrada a história de Seu Timbó-Brabo e do Caipora, entidade mitológica conhecida por percorrer as florestas em busca de tabaco para mascar. Na narrativa, é relatado um dos episódios em que seu Timbó-Brabo durante uma caçada deixou num tronco de árvore uma porção de fumo para o Caipora. Após aceitar a



oferenda, tudo passou a correr bem para o homem, que atribui o sucesso ao auxílio do Caipora.

#### **4) O Quandu**

O quandu é um mamífero de pequeno porte, cuja presença nas casas significa aos olhos dos seringueiros e mesmo das pessoas da cidade um mau presságio. No conto, há um relato de um triste acontecimento ocorrido logo após a aparição de um quandu em uma casa. Conta-se que em casa de Seu João Piau, de Brasileia, um dia entrou um quandu. Mesmo depois de defumar a casa, sua esposa, Dona Pequiarana faleceu. Atribui-se sua morte à aparição do quandu, pois ela nunca adoecera antes.

#### **5) O Anum**

Neste conto, narram-se as histórias em torno do anum preto, que, segundo se relata, tem virtudes boas e más e é cheio de mistérios nas questões amorosas. Conta-se que se faz o pó do anum e o seu uso é muito eficaz na conquista da pessoa amada. Muitos exemplos são narrados por Seu Cairara. Dos sucessos, destaca-se a história de Seu Piau que conquistou Dona Guariba fazendo uso do pó de anum. Dos insucessos, relata-se a história de seu Bacuri que sem motivo começou a matar anuns com uma baladeira e logo foi acometido por grande azar. Tempos depois morreu picado por uma enorme caranguejeira.

#### **6) O Caboré**

Espécie de ave noturna, muito conhecida no Acre por seu canto triste, que nas noites de inverno parece estar pedindo sol. Segundo contam, quando ele canta à noite, no dia seguinte o sol amanhece iluminando a mata. O conto, relatado em tom de memória, descreve o cotidiano de um grupo de crianças cuja maior preocupação era caçar passarinhos, respeitando os anuns, os caborés e as mães-da-lua por serem considerados de azar.

## **7) O Papagaio de Sinhá Pupunha**

Sinhá Pupunha tinha um papagaio chamado Aroeira que aprendeu cedo a falar. Ela tinha poucos vizinhos, dentre eles o padre Tapindaré, que todas as noites rezava a Ave-Maria com os fiéis. Aroeira rapidamente aprendeu a oração. Um dia, quando Sinhá Pupunha saiu para uma visita, o papagaio fora levado por um corujão. O marido de Sinhá Pupunha ainda ouviu o pássaro rezar a Ave-Maria, mas não pôde fazer nada. No dia seguinte, ela saiu pela mata à sua procura e o encontrou preso em cipós ainda rezando a Ave-Maria. Sinhá Pupunha atribuiu ao fato de o louro saber rezar o milagre de ter sido salvo do corujão, ave que nunca solta sua presa depois de agarrá-la.

## **8) O Gogó-de-sola**

O gogó-de-sola é considerado um dos animais mais temidos das florestas acreanas por sua fama de valentia capaz de enfrentar até mesmo as onças mais ferozes. No conto, relata-se um episódio vivido por Seu Jabá, um corajoso seringueiro que uma vez se viu frente a frente com um deles e travou violenta luta contra o animal, conseguindo abatê-lo. O narrador afirma que essa foi a única vez que teve notícia de alguém que conseguiu vencer um gogó-de-sola.

## **9) A Alma do Bom Sucesso**

Esse conto relata a história de uma milagreira chamada Alma do Bom Sucesso, cuja capelinha é muito visitada por peregrinos em busca de milagres. Conta-se que a Alma do Bom Sucesso era uma mulher que deu à luz duas meninas sozinha na mata e que, sem os cuidados necessários, morreu com as duas crianças. Os corpos foram encontrados em cima de um grande formigueiro. Todavia, as formigas, em vez de picá-las, cortavam folhas e flores e depositavam sobre o corpo da mulher. Depois disso, um grande número de pessoas veio de todos os lados em busca de milagres que foram realizados aos montes. No conto, relata-se que até hoje as formigas cortam ramos de flores e depositam sobre o altar da capelinha da santa.

## **10) O Mapinguari**

O Mapinguari, que é um caboclo cabeludo de um olho só na testa, com mão e pés de pilão, é uma das lendas mais conhecidas do folclore acreano, conhecido como o terror das matas. No conto, relata-se um episódio em que um seringueiro conhecido como Seu Caninana ouviu um assobio na mata e, não vendo outra pessoa, desconfiou da presença do Mapinguari, saiu correndo do local e somente por muita sorte conseguiu escapar das garras do bicho.

## **11) Gatos e urubus não devem matar-se, seu moço!**

Essa é uma superstição muito antiga no Acre. Conta-se que não se deve matar gato ou urubus porque são catorze anos de azar, sete para cada animal. No conto, relata-se a história de Tico Piranambu, que era muito próspero, mas de repente uma mudança brusca lhe ocorre: seu roçado deixa de produzir, sua esposa morreu picada por uma cobra e ele envelheceu de um dia para o outro. Depois disso passou os dias no sofrimento. Contam que o motivo de suas desventuras era o fato de ter passado a odiar gatos que lhe invadiram a casa e comeram seus mandins. Sem hesitar, matou o animal com um tiro de espingarda. Depois matou também os urubus que comeram seus peixes que estavam secando. Depois disso, sua vida foi um penar só. Certa noite, uma voz lhe veio em sonho e lhe disse que somente seu arrependimento podia livrá-lo do azar e da panema. Depois disso, resolveu pescar para dar aos gatos e aos urubus. Só assim conseguiu voltar a ter a vida regalada de antes.

## **12) Seu Murucucu e a Porca-assassina**

Seu Murucucu era um seringueiro que, certa vez, indo fazer rancho na colônia de São Francisco parou, na volta, na casa de seu compadre Gameleira e lá permaneceu até a hora do jantar. Na volta para casa, já noite, confiando em sua coragem e estranho às credices do seringal, adentra na mata e se depara com a porca assassina, um vulto medonho, com dois grandes dentes que investiu contra ele, que, graças a sua astúcia, conseguiu ferir a porca na testa com uma terçadada. Esta desistiu de lutar e sumiu mata adentro. Ela se transformava em uma anciã. Chegando

à casa de seus companheiros, estes se dirigiram ao local e descobriram se tratar de Dona Manipueira, que tinha dentro de seu pilão um bilhete que ensinava como se transformar em uma porca.

### **13) O Papagaio de Felismino**

No conto, narra-se a história de dois amigos, Felismino e Zebelém, o primeiro, casado, tinha muita confiança nas mulheres, principalmente na sua, o segundo não acreditava em nenhuma, por isso não se casara. Os dois discordavam em muitos assuntos e discutiam toda hora, mas rapidamente estavam de braços dados, nada desfazia sua amizade. Todavia o ponto fraco das divergências era sempre a confiança e a desconfiança nas mulheres. Zebelém, então, convidou o amigo para uma aposta em que viajaria e deixaria sua mulher sozinha, o que foi prontamente aceito, embora Felismino a tenha considerado ofensiva. Embora ofendido, decide fazer uma boa ação: fazer o funeral de seu Carimã, com celebração de missas por sua alma, acreditando que, assim, Deus o faria sair vitorioso na aposta. Na volta para casa, Felismino escutou um som estranho e, ao adentrar a mata, numa encruzilhada, um papagaio pousa no seu ombro e o chama pelo nome. Chega o dia da viagem. Zebelém, para conquistar a esposa do amigo, decidiu fazer uma novena, mas o papagaio todos os dias inventa alguma coisa pra distrair Dona Aroana, esposa de Felismino, até a hora passar. Zebelém, diante do fracasso do plano, arma novo plano, dessa vez uma procissão, e se disfarça de santo para que Dona Aroana lhe beijasse os pés. O papagaio bicou-o nos pés e o fez fugir. Quando Felismino chega de viagem, a esposa conta o ocorrido e o papagaio volta-se para ele e diz se tratar do morto cujo funeral Felismino fez.

### **14) A Peneira de Dona Embaúba**

A peneira da Dona Embaúba era conhecida por seu poder de adivinhação. Vários seringueiros quando eram roubados ou precisavam descobrir qualquer coisa recorriam a ela. No conto, que é narrado em primeira pessoa por Seu Jondiá, conta-se o episódio em que a peneira adivinhou que havia roubado um pilão. A Dona Embaúba realiza todo o ritual e jura por vários santos que quem roubou foi o pilão de

Seu Jondiá foi seu Cuiu-cuiu. Mas, para o ritual ser completo, era necessário que alguém “desjurasse”, afirmando a inocência do infrator. Depois de investigar, o delegado descobriu que realmente a peneira estava certa.

### **15) A cumbuca de seu Jataí**

A cumbuca de Seu Jataí trata-se de um objeto mágico utilizado para localizar corpos de pessoas que morreram afogadas. O conto inicia-se por uma conversa na qual alguém diz que a cumbuca não localiza cadáveres de pessoas más. Eles discordam e relatam dois casos. O primeiro trata-se de Seu Imbu das Copaíbas que deixava a esposa e os filhos desamparados. Este morreu afogado e foi encontrado pela cumbuca. O outro caso foi o de Dona Beribéri dos Munguzás, que não respeitava ninguém, velho nem criança. Certa vez, cravou uma dentada na nuca de uma criança. O pai, por vingança, mandou dar-lhe uma surra e a jogou no rio. Ao colocarem a cumbuca no rio, esta foi boiando até o local onde foi encontrado o corpo da mulher, que, segundo contam, “fora a mais terrível das mulheres que o Acre já criou”.

### **16) A Rasga-mortalha**

A rasga-mortalha é uma ave considerada sobrenatural pelos acreanos, pois acredita-se que ela traz avisos do céu. Conta-se que seu canto imita o rasgar de grosso pano e dizem significar mal agouro quando passa e canta em cima de uma casa. No conto, narra-se um episódio em que a rasga-mortalha deu seu aviso. Conta-se que Dona Guabiroba, que antes vivia pedindo esmola e hoje tem uma pensão, certa vez contava uma história longa de arrepiar os cabelos. Segundo ela, tudo começou quando apareceu no seringal Seu Murucucu, vindo do Ceará à procura de trabalho. Depois de alojar-se e conseguir trabalho, certa vez indo por uma perna de estrada, escutou gritos de socorro e correu para ver do que se tratava. Era Guabiroba que estava quase se afogando. Ele a salvou e a levou para casa. O pai ficou muito grato e logo Guabiroba e Seu Murucucu estavam casados. Tudo corria muito bem até que, numa sexta-feira treze, a rasga-mortalha passou rente ao papiri dos dois e um dos filhos caiu de cama e morreu em vinte e quatro horas. Depois, o outro filho furou o pé num espinho e, desobedecendo as ordens dos pais, pisou em esterco de cavalo, o que causou tétano e o vitimou. Depois disso, nada mais deu certo para eles, a

mulher suplicava em oração, mas nada mudava. Certa vez, bateram em sua porta e lhe entregaram uma carta que falava de seu marido que fora um homem que antes lutava contra os falsos policiais e que, por ganância, passara a matar inocentes e violar mulheres. Por isso, era fugitivo e trocava de nome a cada estado que passava. Dona Guabiroba ao findar a carta, convenceu-se de que o mal que se instalara sobre sua casa era resultado disso. Quando Seu Murucucu chegou se lamentando como sempre, a rasga-mortalha passou novamente sobre seu papiri. No dia seguinte, ele morria assassinado.

### **17) Dia de São Bartolomeu**

Nesse conto narra-se a história de Zé Meirano, seringueiro e exímio caçador que, por não acreditar em coisas sobrenaturais decidiu, ir caçar no dia de São Bartolomeu, mesmo depois de seus amigos advertirem que ele não deveria fazer isso, porque a muitos que trabalharam ou caçaram no dia do santo coisas ruins aconteceram. Mesmo assim, incrédulo, Zé Meirano foi à caça. Na mata, primeiro ele encontrou um veado bem a sua frente, contra o qual atirou várias vezes sem sucesso. O animal continuava imóvel, sem se mexer. Diante de tal situação, o homem teve medo e o cabelo arrepiou-se. Mesmo assim ele tentou atingir o bicho com um terçado, em vão. Com medo, ele correu desesperadamente e, cansado da corrida, caiu desfalecido. Um de seus amigos, Zeferino, o encontrou caído. Deu-lhe água e escutou o que tinha acontecido, recomendando-lhe que dali em diante respeitasse os dias santos, principalmente o de São Bartolomeu. Chegando em casa, Zé Meirano atou a rede no quintal entre dois urucuzeiros, dormiu e não mais acordou. O susto tinha sido demais para ele.

### **18) A Jibóia**

O conto narra a história de Seu Jibiri das Arupembas, conhecido como Barba-de-Surubim, que gostava de narrar suas aventuras de jiboias, cobras muito grandes que habitam as matas acreanas. Conta Seu Barba-de-Surubim que, certa vez, no roçado de Seu Jacu do Jatobás, uma jiboia vermelha enroscou em uma jaqueira, atraída pelo barulho das galinhas. Ao vê-la, o homem contou que teve medo, mas reagira. Seu cachorro de estimação rapidamente farejou a cobra. Seu Barba-de-

Surubim, para a cobra não devorar o animal, correu até a cozinha, pegou um terçado e cortou a jiboia, que ficou se contorcendo por horas. Depois, ele contou de uma jiboia que devorou um cachorro do mato facilmente depois de quebrar-lhe os ossos.

### **19) O Sapo Encantado**

O conto, narrado em primeira pessoa, apresenta a história de Jupé e Dona Piquiá, viúva que morava sozinha na companhia do filho, suportando as agruras da vida. Jupe, já cansado da situação, decidiu sair em busca de condições melhores para ele e a mãe. A mãe fica contrariada, mas acaba autorizando a viagem. O rapaz caminha de colocação em colocação até chegar na mansão da família do Zé Augusto. Chama, mas ninguém atende. Ele espera um bom tempo, então decide se alimentar da comida que trazia em seu bernal e, ao se aproximar de um pote de barro para tomar água, vê um sapo canuaru mergulhado bem no fundo da vasilha. Sem dar muita atenção a isso, ele bebe água e continua à espera. Depois, voltou a comer e beber água, mas, dessa vez, o sapo estava na superfície, sentiu nojo, mesmo assim bebeu da água. Decidiu percorrer a casa e, chegando aos fundos, ficou abismado com tamanho pomar que lá havia. A noite caiu, e Jupé, já conhecedor da casa, decidiu deitar-se numa rede. Sonhou com um vulto saído de uma caieira que lhe disse tudo o que deveria fazer. Jupé acordou assustado, mas decidiu fazer conforme havia escutado. Após seguir todas as instruções, o sapo transformou-se numa linda princesa que há cem anos estava encantada por ter rido de sua mãe quando esta se engasgou. A moça em gratidão levou Jupé de volta ao pomar e ofereceu toda sua riqueza ao seu salvador. Jupé trouxe sua mãe para junto de si, casou com a princesa e tiveram dois filhos: um menino chamado Xapuri e uma menina chamada Tarauacá. Dizem que seus dois filhos deram nome a dois municípios do Acre.

### **20) Serrar-a-porta**

Neste conto, narra-se a história de Seu Bacurau, homem muito devoto, que de uma hora para outra deixou de frequentar as missas. Ao lhe perguntarem, ele respondeu que não ia mais a missas porque deixara de acreditar em Deus. Passaram-se os anos e o homem irresoluto não voltou atrás. Diante de sua teimosia, seus amigos, Seu Pupuaçu e Seu Sonhim, organizaram um grupo para serrar a porta de

Seu Bacurau. Essa prática consistia em fazer um grande barulho à porta de alguém que dizia não mais acreditar em Deus. E assim fizeram. Seu Bacurau, não suportando mais o grande barulho de instrumentos e algazarra falando de sua descrença, saiu correndo até não ouvir mais nada. No dia seguinte ao serra-a-porta, os companheiros puderam vê-lo ajoelhado na capelinha da cidade.

## **21) Acoã**

A acoã é uma pequena ave da Amazônia, cujo canto significa aos olhos dos seringueiros morte e agouro de muita chuva. Conta-se que imediatamente após se ouvir o canto da acoã alguma coisa ruim acontecia. Por isso, nenhum seringueiro no Acre queria construir seu barraco na picada dos Bom-és, onde mais se ouvia o canto da ave. Cada vez que ela cantava, algum seringueiro pensava se era a sua vez. No conto, relata-se que, certa vez, Seu Itaúba recebeu a visita de seu compadre, seu Mabira, vindo de um seringal distante. Os dois amigos conversaram muito, principalmente sobre a preocupação que o canto da acoã vinha trazendo. Depois de beberem, os dois decidiram ir para o quintal conversar, nisso, mais uma vez a acoã cantou, os dois ficaram pensativos, mas continuaram a conversa. Pouco tempo depois, uma cobra papagaia chegou próximo ao tronco onde os dois estavam sentados e picou Seu Mambira que, em poucos minutos, estava morto. Após esse acontecimento, Seu Itaúba nem esperou pela defumação da borracha, foi embora do lugar.

## **22) A Noba e Catitoba**

No conto, narra-se que por volta de 1940, no tempo em que o bairro Quinze começava em Rio Branco, ainda não havia luz elétrica em todos os postes. Acreditava-se que o bairro era povoado por fantasmas e um deles era “uma tal de Noba”. Ninguém lhe cortava a frente e quando isso acontecia ela enraivava-se fazendo mungangos e gritava espalhafatosamente, dizendo ser a Noba. O pavor dos moradores aumentava cada dia mais e eram poucos os que tinham coragem de sair de casa à noite. Até os soldados chegava a abandonar seus postos. Até que um dia apareceu um xapuriense, moço forte e corajoso, chamado Zé da Força, que propôs livrar o Quinze da Noba. Quando chegou a noite, vestiu-se de preto e ficou de tocaia atrás de uma



castanholeira. Depois de um tempo, ele avistou um vulto que vinha farejando, antes que Zé da Força reagisse, gritou bem alto dizendo ser a Noba. Todavia, Zé da Força não se intimidou, arrastou seu terçado amoladíssimo e gritou mais alto, dizendo que era a Catitoba. E, depois de uma violenta luta, a Noba não resistiu e rendeu-se à Catitoba. E, desde então, não apareceu mais.

### **23) Oferta de caça a mulheres grávidas**

Conta-se que os caçadores do Acre são muito supersticiosos e dentre as suas superstições está não ofertar caça a mulheres grávidas, pois isso faz com que deixem de fazer boas caças. Eles correm de um lado para o outro e as caças parecem fugir deles. No conto relata-se o dia em que Seu Guabiru se viu com grande “panema” que já durava meio ano, desde quando sua mulher, chamada Japana, deu uma banda de tatu a Jarina de Seu Timbaúba, que havia desejado um de tatu assado com molho de jerimum e tucupi. Desde então, ele teve má sorte para a caça. Um dia seu Guabiru recebeu a visita de Seu Camapum. Este, conhecedor dos mistérios da mata e sabendo da má sorte do amigo, ensinara-lhe o que fazer. Disse para retirar as raízes de uma paxiubinha e bater com toda força em uma árvore barriguda que a sorte haveria de voltar, mas advertiu-lhe que a Dona Jarina sofreria as dores e poderia até abortar. Seu Guabiru, sem se importar com as dores da mulher, bateu com toda força na árvore mais barriguda que encontrou e a sorte novamente sorriu para ele.

### **24) A Cruz Milagrosa**

O conto narra a história de seu Guabiru que tentava voltar para casa com uma carga de paxiúba nas costas, todavia, não conseguiu chegar em casa dado o cansaço e uma forte chuva, caiu, morrendo ali mesmo no caminho. Alguém passando por ali viu a cena, enterrou-o e fez uma cruz de paus roliços. Pouco tempo depois apareceram os primeiros milagres. Dona Manjerioba disse ter sido curada de forte dor de cabeça que a atormentava há anos, depois que passou por lá e respirou o vento circulante. Seu Mucuoca também relatou que uma vez, quando caçava nas proximidades da Cruz Milagrosa, recebeu uma tremenda picada de uma cobra venenosa, que fugiu. Valeu-se imediatamente da Cruz Milagrosa. Correndo até lá, beijou a cruz. Só um milagre, comentava, poderia tê-lo salvo. Depois desses

episódios, o povo começou a correr em romaria em busca da Cruz Milagrosa. Fizeram, então, um pequeno templo onde antes era a sepultura e o povo continuou ali pedindo favores.

## **25) O Boto**

O conto narra a história de Cajarana, filha de Seu Meire Bezoque e namorada de Betuca. Certa vez, a moça apareceu de barriga grande, mas o pai acreditava que o pai não se tratava de Betuca, pois só tinha quatorze anos. Ele interrogou a filha até que ela contou que, quando estava banhando-se no Igarapé dos Bodós, apareceu um moço bonito que lhe dirigiu palavras amorosas, despediu-se e prometeu voltar no dia seguinte. E assim o fez. Ela somente se lembra de ter acordado sobre os feijoados. O pai então, diante da dúvida, atribuiu a gravidez ao boto. Mesmo achando que a filha não estivesse contando as coisas bem, entregou o caso à decifração do Senhor e advertiu as outras filhas que não fossem tomar banho à noitinha nos rios e igarapés, pois nesta hora os botos saem das águas para suas aventuras amorosas.

## **26) O canto dos Urús**

O uru é uma pequena ave da região amazônica, pouco maior que um pinto, de cor parda e pintado de branco. Conta-se que seu canto é tão triste que é capaz de magoar aquele que o ouve. É belo e de estranha magia. Não se ouve outro canto a não ser o seu. É a primeira ave a dar bom dia aos seringueiros. A sua melodia tem o efeito tão surpreendente que aquele que o ouvir jamais poderá esquecê-lo.

## Anexo 3

### Enredos das narrativas da obra *Direito e Averso*, de Florentina Esteves

#### 1) Espelho meu

Esse conto narra a história de uma mulher que, viúva, vai morar com a filha e o genro, Demerval. Porém, doente, a filha também viera a falecer deixando-a sozinha com o genro. A mulher pensou que não suportaria a perda da filha, mas o genro, que exigia cuidados, acabou preenchendo o vazio. No começo era carinho como de filho, depois, os dois passaram a se relacionar. No começo ela recusou, mas ele a pegou à força. Com o tempo ela acabou cedendo. Com o tempo, a tristeza foi se dissipando e ela sempre esperava o genro, que cada dia ficava mais exigente e imperioso, querendo tudo a tempo e a hora. Com a chegada das festas de fim de ano, os netos vieram convidá-los para a festa. Ela criou algumas desculpas para não ir e sugeriu que Demerval fosse sozinho. E depois foi o batizado da bisneta, o carnaval. Até que, na Semana Santa, ela gostaria de ir, mas parece que, habituados com suas recusas, não a convidaram. Demerval demorava a chegar, passava dias fora de casa. E quando voltava fazia tudo às pressas para voltar ao forró. Já quase não a procurava. Até que, em um sábado, vestiu sua melhor roupa, pediu um pouco de perfume e assoviando tomou o varadouro. Quando voltou não veio sozinho. Trouxe uma moça para morar com eles. Ele parecia tão feliz que até cachaça recusava alegando que homem feliz não precisava. A mulher, entristecida, bebeu dois goles de Quinado, tonta olhou para o espelho e viu-se velha encurvada.

#### 2) A coragem de Pedro

O conto, de caráter intimista, relata os pensamentos de Pedro, seringueiro solitário que vivia na companhia de Piaba, sua cadela. Passava os dias e noites amargando sua solidão e pensando o que faria para dar cabo disso. Tinha vontade de chorar, mas dizia para si que homem não chora. Pensava em fazer como Seu Conrado, corajoso seringueiro que tomou à força a mulher de outro seringueiro e este

nunca tinha ido buscá-la. Pedro pensou, bebeu um pouco e decidiu visitar Seu Conrado resolvido a fazer o mesmo e já tinha em mente a mulher de Carlos, que era jovem e ainda não tinha filhos. Pensava em passar direto da colocação de Seu Conrado para a de Carlos, que não era longe. Chegando à casa de Seu Conrado, encontrou tudo em silêncio e teve um mau pressentimento. Sentiu cheiro de vela. Seu Conrado estava estirado na mesa da cozinha, morto, a mulher com as trouxas prontas nem chorava. O marido, tanto tempo depois, tinha ido buscá-la. Pedro tomou um gole de cachaça e apenas chorou.

### **3) De meia**

O conto narra a história de Maria, mulher que, casada com Pedro, tinha um relacionamento com Cosme, amigo que fazia os trabalhos de roçado “de meia” com Pedro. Pedro era um homem violento e quando bebia espancava a mulher. Cosme vendera tudo o que tinha em sua colocação e mudou-se para a casa de Pedro e Maria. A mulher cansada dos maus tratos e da solidão, desabafava com Cosme, depois que Pedro bebia e dormia profundamente. Cansados apenas da conversa, decidiram se encontrar no mato, apesar do perigo de Pedro ou outra pessoa descobrir. Depois disso, Pedro adoeceu e o médico o proibiu de beber. E ele ficou sóbrio.

### **4) O pensamento**

No conto, narra-se a história de Juvenal, um homem angustiado pela vida de necessidade e a quantidade de filhos que tinha, além de a mulher estar grávida novamente. Ele pensava constantemente que se a mulher abortasse não seria ruim. Porém, o filho mais velho, Joel, adoecera e ele precisava ir à cidade a procura de um médico para o menino. Pensava que isso era providencial, pois sem sua ajuda, a mulher, talvez, não conseguisse ter o filho e seria uma criança a menos. Ele contava os filhos, errava as contas e achava que aquilo era sinal de mau agouro. Pela manhã, ele saiu para Rio Branco com o filho doente. Chegou cansado a Rio Branco e dormir na mata, cheia de carapanãs e medo de onça e cobra, não dava. Dormiu no banco da praça e de madrugada foi ao posto médico. Seria o primeiro, certamente. Consultaria Joel e logo voltava, mas aquele pensamento de morte não o abandonava. Não queira que Joel morresse, pois era o que o acompanhava em tudo. Lembrava dos pais que

havia deixada há muito tempo, em busca de promessas de ganhar dinheiro no Acre. Esperaram o médico até as onze horas da manhã. Não era o médico que ele esperava, mas era um muito bonzinho que lhe oferecera até café e o remédio da receita. Voltou ao seu ramal, na mesma dificuldade, sem dormir, e, para piorar, uma chuva forte caía. Pensava sempre: “sete filhos e mais um chegando”, tinha certeza de que a mulher já havia parido. Com o pensamento constantemente ali, esforçava-se para pensar em outra coisa. Chegando ao barraco, ele sentiu cheiro de vela. A mulher veio ao seu encontro sem barriga, olhou, não viu a rede de Joel, virou-se e lá estava ele balançando a rede.

### **5) O aviso**

No conto, narram-se os pensamentos de Conceição e a sua angústia diante da doença grave da mãe e a gravidez escondida. A história se passa nos momentos em que a moça reza à Santa da qual lhe viera o nome e pede algum sinal da cura da mãe e da solução de seus problemas. Todos os dias ela reza e tenta lembrar se sonhou com alguma coisa que represente esse sinal. Ela pensa no que acontecerá com ela se a mãe morrer, como ela vai cuidar dos irmãos, do pai e da criança que vai nascer. Pensa o que será dela se perder o noivo. Uma noite, a mãe começa a gemer mais forte. Ao amanhecer ela vai ao oratório e vê a santa com olhar mais triste que de costume e os paninhos todos molhados de lágrimas. Ao anoitecer, a coruja piava sem parar. A mãe morria.

### **6) Mapinguari**

No conto, narra-se a história de Artêncio Pereira que, depois do desaparecimento de cinco índios Kampa próximo à sua colocação, passou a ter medo de estar sozinho. Cortava seringa e recolhia às pressas, atento a qualquer barulho que se fizesse ao seu redor. Um dia, ele escutou um barulho de árvores quebrando. Teve um susto tão grande que caiu e bateu a cabeça num toco espetado. Ficou imóvel no chão, quando de repente apareceu o Mapinguari que o segurou com as mãos e o aproximou da boca quente como um forno. E ele, imóvel, somente conseguia rezar. Como que por milagre o bicho o colocou de volta no chão e saiu, deixando-o sozinho. Quando ele conseguiu levantar-se, apenas correu até o seu barraco, abandonando

suas coisas. Passou a noite temeroso, sem uma espingarda para se defender. No outro dia, pegou uma faca e, ainda com medo, voltou ao lugar onde tudo ocorreu. Somente viu suas coisas jogadas no chão. Procurou pegadas do Mapinguari, mas não encontrou nada. A chuva da véspera apagara quaisquer vestígios de sua aparição.

## **7) A festa de domingo**

Neste conto, narra-se a história de Chico, seringueiro que estava ansioso para ir a uma festa no barracão para encontrar Idalina, moça por quem ele tinha interesse. Passou o dia temeroso de não poder ir à festa por causa da chuva, mas esta cessou no fim do dia. Chico foi à festa, chegando lá encontrou Idalina na Companhia de Xavier. Não gostou nada disso, pois tinha esperado muito por esse momento, não queria que ninguém o estragasse. Tentou beber com Idalina, mas ela recusara. Começou a beber sozinho, esperando pela mulher, mas nada de ela aparecer. Quando viu, ela estava dançando com Xavier. Ia separar os dois, mas de repente viu Ormindá sentada num canto, decidiu puxar conversa, mas nem escutava se Ormindá respondia, pois estava observando Idalina e Xavier. Quando o sanfoneiro parou a música, Chico largou Ormindá e foi beber. As pernas já bambeavam, a cabeça rodava, mas ele não perdia Idalina de vista. Nesse momento, Zé Praxedes puxou assunto e disse que estava observando-o. Aconselhou Chico a esquecer Idalina, pois mulher como ela não tem cabresto. Seu Zé Praxedes relatou que numa situação parecida matou um homem. Enquanto isso Chico lembrava da primeira vez que matou porco: ficou impressionado da primeira vez, mas depois se acostumou. Pensava que deveria ser assim com gente. De repente, os cachorros começaram a uivar, Chico teve um estremeção e benzeu-se. Procurou Idalina, mas não a encontrou. De repente, viu que ela vinha do Igarapé e decidiu chamá-la pra dançar um xote. Agarrou-a à força. Quando sentiu um puxão no braço. Era Xavier, já com uma faca na mão. Os dois duelaram, quando Xavier perdeu o equilíbrio, Chico aproveitou a situação e golpeou-o certo no coração. Chico fugiu. Dizem que casou com uma boliviana e teve uma dúzia de filhos.

## 8) A volta da chatinha

No conto, narra-se a história de Maria, menina do seringal, que passava os dias à espera da chatinha de um marujo que prometera vir buscá-la da próxima vez que passasse pelo seringal. Passam-se os dias e ela posta à janela na sua espera sem fim. Já não tinha ânimo para mais nada. Já não participava das festas e não se animava mais com o barulho dos motores dos batelões ou lanchas. Com a chegada do inverno, sua esperança se renovou. Chatinhas começaram a ir e vir. Até que um dia, de longe avistou a chatinha que ela tanto esperava. De longe avistou o seu marujo. Correu para buscar a trouxinha de roupa que, durante todo o verão, estivera arrumada. Correu para o barranco. A chatinha avançava lentamente, desviando-se dos bancos de areia, mas não havia água suficiente para a atracação. Por fim, lançou âncora quase no meio do rio. Ela esperava que o seu marujo lançasse um bote e fosse buscá-la, mas ele acenava para que ela fosse ao seu encontro. Ela o chamava, mas ele não escutava. Quando enfim o comandante deu o sinal de partida, a roda da chatinha começou a mover-se acelerada, misturando as águas barrentas do rio. O banzeiro já chegava na margem do rio quando Maria resolveu atirar-se às águas do rio e nadar até a chatinha, levando sua trouxinha de roupa e a esperança de conseguir chegar. Ela nadava e a roda da chatinha começou a mover-se a todo vapor. Maria foi surpreendida pelo grande banzeiro, tentou voltar à tona, mas outra onda a empurrou para o fundo. Nessas idas e vindas, avistou que o seu marujo se atirava nas águas para salvá-la, mas não conseguiu. Ela ficou presa nos galhos no fundo do rio. Ela ainda ouviu seu grito de amor.

## 9) Alagação

Nesse conto, narra-se a história de uma mulher que se via aflita por conta da cheia do rio que, provavelmente provocaria uma alagação. Ela morava às margens do rio e sua alegria era ver o por do sol na curva do rio. Sentia-se feliz, até que o inverno chegou e com ele as chuvas, trazendo preocupação de alagação. Ela já não trabalhava mais com a mesma atenção pensando nas coisas que comprara com tanto esforço após a separação de Josias, seu ex-marido. Um dia, quando retornou do trabalho, viu que o caminho por onde costumava passar estava embaixo da água. Quando chegou em casa, a água havia entrado e já molhava os seus móveis. Com a

ajuda dos vizinhos conseguiu retirar tudo e foi levada para um abrigo. Hoje ela mora longe do rio, pois a alagação levou seu antigo barraco, mas tem a esperança de um dia voltar.

## **10) Balseiro**

Neste conto, narra-se a história de Francisco e sua família, que, com o fim do seringal, vivia no sofrimento à espera de dias melhores. O novo patrão, arrogante, oferecia-lhe emprego de pião, mas isso ele se negava a ser. Dizia então que ele podia ir embora, que até ajudava. A mulher chamava-se Dora. Ela fazia panos de prato que ele vendia aos domingos no mercado. Um dia, ele não voltou. Gastou o dinheiro com bebidas e com uma morena que levou o pouco dinheiro que ele tinha. Voltou para casa e pensou que não dava para viver naquela penúria. Conversou com o patrão, pediu a ajuda que ele oferecera. O patrão mandou o caminhão levar a mudança, deu dinheiro e conseguiu um lugar para eles morarem enquanto não conseguiam lugar. Apesar da dificuldade de se acostumar na cidade, ele conseguiu um emprego de vigia. Ficar acordado para ele não era problema, o difícil era ficar acordado de dia devido ao barulho. Com salário e com o dinheiro dos bordados de Dora, mal dava para comprar os remédios da mulher que andava doente. Para piorar, um dia pediram o barraco. Seu Alceu precisava acomodar outra família. Conseguiu outro barraco, mas cada dia o dinheiro diminuía mais. Tentava de tudo para melhorar a renda, até que um dia o antigo patrão do supermercado precisou de alguém que vigiasse, pois alguns fregueses aproveitavam para surrupiar alguma coisa nos dias de maior movimento. Tudo ia bem, mas ele começou a roubar a mercadoria do supermercado. As coisas foram melhorando, o dinheiro quase dava. Até que a mulher piorou e o médico passou um remédio mais caro. Ele decidiu pegar mais coisas, mas foi surpreendido pelo patrão que, implacável, chamou a polícia. Foi preso. Quando saiu dias depois, mal sabia como explicar à mulher a ausência. Chegou, sentou-se ao seu lado sem falar nada. Ficou olhando para o rio, vendo os balseiros e lembrando dos tempos do seringal.



## 11) O cedro

O conto narra a triste história de Antônio que tentava derrubar um cedro, o qual venderia e poderia comprar o remédio da esposa doente e alimentar os oito filhos. O cedro era muito grande. Ele tinha até pena de derrubar, mas precisava. Deu várias machadadas. Sairia correndo por entre os mulateiros quando a árvore começasse a cair. De repente, ouviu uns estalos. A árvore caiu para o lado dos mulateiros, bem em cima de Antônio. A dor era grande. Não dava para respirar. O cedro o esmagara. Ele teve várias visões e morreu ali mesmo. A esposa, Juvita, esperava-o, em vão. Quando seu Mário chegou para buscar o cedro, ela avisou que não sabia. Ele, então, saiu a procura de Antônio e o encontrou esmagado sob o cedro. Juvita entrou em desespero, pois sem o marido o patrão não a deixaria ficar. Ficou ainda três semanas comendo o que Antônio havia deixado, até o dia em que o mateiro chegou com ordens do patrão de desocupar o seringal. Arrumou o que podia levar com as crianças e foi para a cidade. Chegando lá, entrou em uma igreja para pedir ajuda, mas o padre não estava, então ela contou tudo ao velho que lá estava e este a levou para sua casa com as crianças. Ela não sabia o que fazer para agradecer a hospitalidade e propôs-lhe preparar o jantar. Todos comeram a fartar naquele dia. O velho fazia de tudo para levar comida para eles, tratava bem as crianças e tentava lhe arrumar um emprego. Juvita conseguia lavagem de roupas, fazia doce, se virava como podia. Mas um dia o velho chegou com a notícia de que o proprietário pedira a casa. Os dois entraram em desespero. A esperança lhe veio quando um vizinho deu a notícia de que tinham invadido o seringal Tucumã. Os dois decidiram que também fariam um barraco lá. Conseguiram o terreno e ficaram muito felizes. Rezavam todas as noites em agradecimento. O velho parecia até mais jovem. Decidiu, então, pedir Juvita em casamento. Ela respondera-lhe que quando terminassem o barraco, casariam. Porém, um dia apareceu o pessoal da justiça e comunicou que todos seriam desalojados. O velho se abateu muito, adoeceu e em pouco tempo morreu. Sozinha, Juvita teve que dar um jeito de conseguir comida para os filhos. Conseguiu vaga na escola da LBA para as crianças menores. E foi vivendo na esperança de que demorassem a tirar-lhe a casa e desse tempo ela criar os filhos e colher as frutas que plantara.

## 12) A onça

O conto narra a história de Pedro, um menino filho de seringueiro, que, um dia, cansado das coisas do dia a dia, decidiu caminhar pela mata e acaba se perdendo. Passa a noite na mata fugindo de uma onça que o tocou numa árvore. Pela manhã o animal desistira e ele tenta se orientar pelo sol para voltar para casa. No caminho, escuta um miado e encontra um dos filhotes da onça e decide levá-lo para casa. Quando chegou em casa, foi aquele alvoroço, tanto por sua volta, quanto pela oncinha. Pedro não queria outra diversão. Porém, crescendo, a onça não se satisfazia mais com leite somente, ela já saía pelo terreiro para caçar e comia os bichos do quintal: galinhas, o gato, préa, o macaquinho de estimação da mãe. Até acertar o chiqueiro. Todo dia era um porquinho. Então o pai decretou o fim da onça. Soltá-la na mata não adiantaria. Teria de matá-la. Amarrou-a na ingazeira e foi buscar a espingarda. Pedro chorava implorando ao pai pela onça. O pai quis fraquejar, mas já estava decidido: ela morreria no dia seguinte. Pedro estava sem dormir. Então ele decidiu soltá-la na mata. Ainda ouviu seus esturros que cada vez ficavam mais longe.

## 13) Cheiro de mata

Este conto narra a história de Nauá que sofria de saudades de seu homem, Caxi, que havia saído em busca do perdão do cacique e ainda não tinha voltado. Eles queriam se reintegrar à tribo depois que o homem branco expulsou Caxi e a família do seringal, pois ele não se adaptara ao trabalho de corte da seringa. Muitos dias depois, sem que o marido voltasse, Nauá decide seguir seu conselho e foi caçar para alimentar os filhos. Embrenhou-se na mata e montou espera. De repente, escutou um barulho de passos. Era um homem branco que a laçou e tocou-a andar. Ele a levou para sua casa e a manteve amarrada por um tempo. Quando a soltou, ela tentou fugir. Ele a capturou e passou a mantê-la amarrada por mais tempo. Tempos depois, já acostumada com o cheiro do homem branco, tiveram filhos e constituíram nova família. Ela pensava em seus curumins que ficaram no seringal. Já deviam estar grandes. Um dia, o homem branco decidiu que iria se mudar para as crianças irem à escola. Tempos depois, um índio já com o peso dos anos chega a sua porta para pedir água. Ela reconhece Caxi, mas o homem branco o manda embora. Ela apenas o observa.

#### **14) Uma história**

No conto, narra-se a história de João, um nordestino que, cansado dos sofrimentos da seca, decidiu ir para o Acre para trabalhar no corte da seringa. Acreditava que voltaria para o Ceará rico, com presentes para os pais e os irmãos. Chegando no Acre, João foi encaminhado para sua colocação e, com a ajuda de Seu Leocádio, aprendeu a cortar seringa. Estava tudo indo bem, ele tinha consertado seu barraco, tinha feito roçado, mas começou a se sentir sozinho e precisava de uma companhia, pois as conversas com Seu Leocádio não eram mais suficientes. Começou a gostar de ir às festas. Numa delas, conheceu Ritinha, esposa de um seringueiro chamado Manuel, do seringal Mina D'água. Seu Manuel tinha fama de valente, mas João não parava de pensar em Ritinha. Ele não sabia o que fazer. Ouviu história de um seringueiro que tomou, à força, a mulher de um outro. E assim pensava em fazer. Ficou planejando durante meses. Iria quando seu Manuel estivesse no corte. Levaria a mulher querendo ela ou não. Achava que ela tinha gostado dele pelo modo que o olhou durante a festa. Decidiu que faria tudo no Dia de São Pedro. Levantou cedo e rumou para o seringal de Seu Manuel. Chegando lá, tentou forçar Ritinha a acompanhá-lo. Ela entrou, dizendo que iria buscar umas roupas, mas quando saiu estava armada de um terçado e disse que ele podia matá-la, que ela não iria. João estremeceu engatilhou a espingarda, mas desistiu. Disse que assim não queria. Os dias e as noites de João se tornaram mais escuros porque não havia mais a esperança de Ritinha. Continuou pensando em enricar e em Ritinha. Acreditava que um dia Seu Manuel morreria e ele iria buscá-la.

#### **15) Caçada**

Esse conto trata-se de um monólogo de um homem que, há tempos, tentava caçar uma macaca. Enquanto espera ela cair de uma árvore, pois acredita que ela está prenha e cairá de sono, ele pensa em sua vida, como quando decidiu correr na mata fechada à procura de um veado e acabou machucando a perna que ainda não havia sarado, mas consolava-se pensando em Jeremias, que era mais novo e não andava mais. Pensa no feijão com toucinho da mulher, que estará na mesa. Enquanto

isso, consegue capturar a macaquinha que tenta morder a sua mão. Ele diz que vai levá-la para casa e acenderá uma vela para as almas.

### **16) Sebastiana, de toda confiança**

Neste conto, narra-se a história de Sebastiana, uma mulher que trabalhava de empregada na casa de um proprietário de um supermercado. Ela o considerava bom patrão, pois sempre pagava o salário em dia, além de permitir que ela pegasse alguma coisa vencida ou que não estivesse muito estragada no supermercado. Ele até ajudou quando Julinho, o filho de Sebastiana, adoeceu. Comprou alguns remédios, mas não teve jeito. Os médicos perguntaram se ele havia comido alguma coisa estragada, porque vomitava e tinha febre e diarreia que não cessavam. Ela não soube responder. Quando o menino faleceu, o patrão ajudou no funeral. Sebastiana era considerada uma funcionária de toda confiança, mas sempre que tinha oportunidade pegava algo escondido, que coubesse dentro da bolsa ou embaixo da saia, como a mãe a tinha ensinado desde criança. Porém, ao tentar roubar uma frigideira no supermercado do patrão, foi surpreendida pelo fiscal que a abordou e a trancou numa sala enquanto chamava o gerente. Ela se desesperou, porque o patrão descobriria que ela não era honesta. Ficou aflita, arrependeu-se de não ter ido a outro supermercado mais longe. Ouvia vozes, chamando-a de “ladrona”. Pensava se ia ser presa. Quando o fiscal voltou, vinha na companhia do patrão. Sebastiana quis morrer de vergonha. O patrão a questionou, dizendo que não acreditava que ela estivesse roubando. E ela respondeu que não estava mesmo, pois iria passar no caixa para pagar. O patrão acreditou na mentira dela e a liberou, advertindo o fiscal que prestasse mais atenção quando fosse acusar alguém. Sebastiana não acreditava. Pensava se o patrão a estaria enganando, mas ele realmente tinha acreditado. Ela passou no caixa, pagou a frigideira com o último dinheiro que separara para comprar carne e ganhou a rua. Ela saiu feliz, distraída com as árvores, com o céu. De repente, ouve-se uma freada brusca. Sebastiana foi jogada do outro lado da rua. As pessoas correram para socorrê-la. Ela olhou as pessoas com olhar de espanto e morreu.

## 17) Na rede

No conto, narra-se a história de Rita, viúva de Aristeu, que vivia de favor no barraco destinado aos vigias. Após a morte do marido, ela e os filhos não tinham para onde ir, então, quando o patrão contratou outro vigia, ela pediu que ele considerasse que ela ajudasse, cuidando da roupa, fazendo café, qualquer trabalho. O patrão pensou e acabou concordando. O nome do novo vigia era Antunes. No começo, ele e Rita conversavam, ela fazia café, pão de milho e ele cuidava da horta. Com o tempo, Rita começou a olhar para Antunes de um modo diferente e, vendo que era correspondida, os dois passaram a se relacionar. Rita passava as noites esperando Antunes entrar para tomar café e ambos se entregavam ao desejo. Ela passou a não dar mais conta das atividades diárias, pois o cansaço das noites mal dormidas a dominava. Ela então passou a maioria das atividades para sua filha, Zefinha. Com o tempo, ela percebeu que Antunes começou a rerear as visitas, não tomava mais café. Um dia ela levantou, pois escutara alguns ruídos. Olhou na cozinha, a louça suja. Andou pela casa e descobriu Antunes com Zefinha. Na esperança de que ele ainda a procurasse, voltou para o quarto e dormiu.

## 18) Camaleão ovado

“Camaleão ovado” era como chamavam um homem cujo nome não é revelado no conto. Sabe-se apenas que ele já tinha sido soldado, antes de ser soldado-da-borracha e, no tempo presente, um bêbado que sofre com o desrespeito das crianças que lhe atiram pedras e gritam, chamando-o de “camaleão ovado”. Ele vivia falando que um dia viajaria para o Sul. Certa vez, o governo mandou chamá-lo e entregou-lhe uma roupa nova, com a orientação que estivesse às cinco da manhã no aeroporto, pois viajaria para o Rio de Janeiro. O homem de tanta felicidade não cabia em si e imaginava como seria a cidade. Foi ao seu barraco para pegar seus pertences. No dia seguinte, ele acordou às duas da madrugada para não se atrasar. No caminho encontrou, num despacho, uma cheinha de cachaça, chamou catraia, mas não tinha. Deitou à margem do rio. Acordou sol claro, avião passando e as vozes de sempre a chamá-lo de “camaleão ovado”.

## 19) Querosene

Neste conto, narra-se a história de Argemiro, apelidado de “Querosene”, porque pedia, todos os dias, querosene para acender sua lamparina. Desde que a mulher falecera e ele viu a alma de uma conhecida já falecida do lado da sua rede, não dormia no escuro, com medo de passar outro susto novamente. Ele vivia sozinho, amargando as saudades da esposa. Depois de um tempo, não conseguindo mais ficar na colocação, principalmente depois que o cobreiro se alastrou em sua perna, decidiu abandonar o corte e ir para a cidade. Não queria passar outros sustos. Sentiu falta da esposa, de tudo. Na cidade, tentou aposentadoria como soldado-da-borracha, mas nada conseguiu. Com o pouco dinheiro que levou para a cidade comprou, uma casa, mas sem condições de trabalhar, começou a pedir esmolas na frente do açougue. Foi lá que conheceu a Maria Remendo. Ela começou a pedir esmolas ao lado dele, e como não possuía casa, ela a convidou para morar com ele. E ele não mais teve medo à noite e não deixava a lamparina acesa. Por isso, não se importava quando os meninos o chamavam de “Querosene”

## 20) No tempo da Tentamen

Neste conto, narra-se a história de Dalva, uma menina que dançaria pela primeira vez na Tentamen, um conhecido local de festas do Acre, depois que fez seus quinze anos. Seria o dia das flores. Dalva, como sempre, comprou o tecido, arrumou unhas, cabelo, engomou anágua, para não deixar nada para última hora. Cedo Dalva estava no salão da Tentamen e sentou-se no banco em que as moças sentavam para esperar que os cavalheiros as convidassem para dançar. Comparava seu vestido de “laise”, de luxo e bom gosto, ao das colegas. Sentia-se confiante. Quando a orquestra do maestro Belarmino começou a tocar, a moça se fez de distraída, começou a conversar com as colegas e ficou esperando para saber quantos rapazes viriam convidá-la para dançar. Logo algumas colegas saíram para dançar. Dalva ainda procurava Geraldo que, àquela hora, certamente não iria. Quando começou a segunda música, somente Dalva ficou no banco. Mas acreditava que aqueles rapazes não eram do seu nível. Pensava que não tinha se enfeitado tanto para dançar com qualquer um. Os jovens de alto nível em breve iriam tirá-la para dançar, assim pensava. Não tiraram. Até que, por volta da meia noite, um rapaz veio tirá-la para

dançar. Era um simples caixeirinho. Ela aceitou de má vontade. Ele dançava fora do ritmo e errava o tempo todo. Dali em diante, Dalva ficou sentada, com vontade de chorar de humilhação e vergonha das colegas que não perdiam uma música. Mas ela permaneceu sentada naquele banco até o final da festa. Ela não entendeu porque foi rejeitada, pensava que talvez fosse sortilégio do vestido, pois alguém lhe dissera que vestido de “laise” não dava sorte.

## **21) O sorvete**

Narra-se a história de uma menina que gostava muito de brincar nos dias de chuva. Só parava na hora da lição de piano, que, costumeiramente, fazia de má vontade. Ela, porém, gostava muito de ir à casa da professora de piano, Helena Leal. Lá ela se divertia e encontrava três moças “namoradeiras”, com as quais conversava. Elas lhe faziam agrados, ensinando-lhe a contar em francês, inglês, uma verdadeira festa. Mas ela queria mesmo era crescer, ser adulta, pensava que quando fizesse oito anos acordaria grande. Numa terça-feira em que estava na casa da professora Helena, Eduardo, o namorado da professora, convidou a todas para tomarem sorvete na “Cristal”. Foi uma alegria só. Mal via a hora de chegar o domingo. Ela mal podia esperar que chegasse o dia. Desde esse dia fazia planos, escolhia a roupa, o sorvete que pediria, mas tinha medo de que mudassem de ideia. No domingo, cedo se posicionou na janela, à espera do grupo. Nada de eles aparecerem. Ela entrava, olhava no espelho para ver se havia diminuído, voltava para a janela. Esperou muito, até que o grupo apareceu no final da rua e foi se aproximando. Quanto mais eles se aproximavam, menor ela se sentia. Quando já dava para avistá-la na janela de casa, ela se abaixou e eles foram passando sem chamá-la. Entrou para o quarto e viu que o espelho mostrava apenas uma menina.

## **22) História à antiga**

Noel é o personagem dessa história. Ele era um rapaz dedicado aos ofícios da igreja. O sonho de sua tia, Hortência, era vê-lo padre. Ele se dedicava exclusivamente aos trabalhos da igreja e ao aprendizado com o padre Damião. Contudo, uma enchente levou o padre na enxurrada e ainda destruiu a igreja. O tempo passa e a igreja permanece sem padre e sem reforma. Um dia, Hortência recebe uma carta de

sua cunhada, Amanda, que anunciava a criação de um curso preparatório para o Seminário. Sob muito sofrimento, Hortência enviou o sobrinho. Ele não lembrava muito de Amanda, via-a somente quando criança. Sua chegada foi uma alegria. Ela o esperava com farto jantar. Depois, ele foi acolhido no quarto que era do filho de Amanda, morto prematuramente. Noel passou a frequentar as aulas. Os domingos eram dedicados à igreja. Tudo estava conforme planejado, mas um dia ele passou a ter outros sentimentos pela tia. Rezou, flagelou-se, mas nada mudava. Certa vez, quando a tia percebera que ele estava abatido, foi ao quarto do rapaz para ver como ele estava. Sem perceber, os dois se viram abraçados. No dia seguinte, a tia anuncia o casamento com um capitão que voltaria de viagem naquela noite. A Noel, não se sabe o que ocorreu.

### **23) O batizado**

Essa é a história de Marta, uma menina cujo maior desejo era um irmão, “uma boneca de verdade”, viva para brincar, tanto que o nascimento e o batizado da prima, Maria da Conceição, foram os acontecimentos mais importantes de sua infância. Ela ficou tão feliz que mal dormia. Um dia ouviu uma conversa dos adultos sobre o batizado da criança. Seria em dezembro, mês dedicado à Nossa Senhora da Conceição. A menina fora convidada para ser madrinha e o primo mais velho, o padrinho. Não que alguém a tivesse comunicado, mas ela ouvira no decorrer da conversa o seu nome nitidamente pronunciado. Desse dia em diante, guardava cada centavo da merenda, pois acreditava que até dezembro teria o suficiente para comprar um lindo vestido azul que vira na vitrine da loja. Esse seria o presente de sua afilhada, ou uma pulseirinha como a sua, ou uma boneca. Sonhava com aquele dia em que todos olhariam e perguntariam como ela conseguira dinheiro para um presente tão lindo, e ela somente lembraria dos dias que sentira fome para guardar o dinheiro. A sua dedicação à priminha só aumentava a cada dia. Conceição já a conhecia. Mal a via, estendia-lhe os braços. A tia permitia que a menina desse a mamadeira da priminha, segurasse-a no colo e trocasse as fraldas. Só uma coisa a intrigava: ninguém mais falar em batizado, ou convidá-la formalmente. Os meses se passaram e ela quase tinha o dinheiro do presente, que seria mesmo o vestido azul. Todavia, o silêncio a respeito da festa continuava. Até que a mãe a convidara para comprar o vestido que usaria na festa de batizado, pois queria Marta bem bonita. Sonhava com



o convite, que a tia a chamaria para falar, mas parava no “pois”. Até que um dia conforme o sonho, a tia a chamou e parou no “pois”, mas enfim anunciou que ela seria madrinha. A menina sorriu, depois riu, começou a gargalhar e até a hora do batizado não conseguia parar de rir.

#### **24) A professora de piano**

Nesse conto, narra-se a história de Jacira, uma professora de piano já com uma certa idade, que sempre tocava seu piano à espera de Julinho, um conhecido que sempre passava e parava para ouvir uma das músicas que ela tocava: *O despertar da montanha*. Ele sempre parava e conversava com ela por um bom tempo, mas sempre parava na ida e nunca na volta, pois já vinha cambaleando e desviando das raízes das mangueiras. Um dia na volta ele parou e lhe propôs casamento. Disse que pediria sua mão no Natal. Ela mal cabia em si de tanta alegria. Chegada a data, ela arrumou a casa, pôs vestido novo, arrumou-se impecavelmente e colocou-se à janela para esperar Julinho que pediria sua mão aos pais. Ele demorou muito, até que apareceu no fim da rua, cambaleando, desviando as poças de lama. Quando chegou em frente à casa de Jacira, ele caiu numa poça de lama e só saiu de lá com a ajuda dos vizinhos que o levaram para casa. Jacira entrou e fechou o piano à chave.

#### **25) Poema de amor**

Nesse conto, narra-se a história de uma mulher que nutria sentimentos por um homem chamado Orfeu, o qual gostava muito de poesia. Ela já com cinquenta anos esperava que um dia pudessem partir para algo mais sério. Ele sempre a visitava e recitava poemas para ela, que ficava sentada no banquinho do jardim. Um dia, em um de seus encontros, ele lhe entregou um acróstico e pediu que ela lesse apenas quando estivesse sozinha. Ela, muito emocionada, guardou-o junto com as antigas cartas do noivo que viajara e não mais retornara. A última correspondência era um cartão que ele enviara no dia do aniversário dela. Decidiu que leria somente no dia seguinte. No outro dia, Orfeu telefonou, informando que viajaria, pois o irmão estava agonizando. Quando voltou, trazia os sobrinhos e a cunhada. Precisou mudar pra uma casa maior e deixou de visitá-la. Ele telefonou algumas vezes. A última vez, no dia de seu aniversário.

## 26) Salomão

Neste conto, narra-se a história de Salomão, cujo nome fora escolhido pela mãe após ela ouvir a história do rei que pretendia dividir uma criança ao meio para descobrir sua verdadeira mãe. Cresceu ouvindo a história da escolha de seu nome. Gostava da história e concordava com a justiça da decisão do rei. Também pautava seus atos pela justiça. Não estudou, somente aprendeu a ler, contar e escrever o nome. Trabalhava como ajudante de pedreiro para ajudar a criar os oito irmãos. Trabalhava na obra do Dr. Fernando e Seu Jurandir era o pedreiro. Também trabalhava na obra um molecote chamado Neco, que, ao contrário dele, sempre dava um jeitinho de carregar pouco material e trabalhar menos. Além disso, Neco ganhava mais do que ele sob justificativa de ter mais tempo de serviço. Quando seu Jurandir adoeceu e voltou magro e abatido, a filha, Elenice, levava comida fresca todos os dias para ele. Foi “um raio de sol que baixou na vida de Salomão”. Olhava-a deslumbrado, mas ela só tinha olhos para Neco. Com isso, Salomão passou a vigiá-los, tentando ficar entre os dois. Ele queria Elenice a qualquer custo. À noite, passou a rondar a casa de Seu Jurandir para vê-la. Viu Neco entrar na casa. Ficou lá esperando-o sair. Não aguentou esperar, foi para casa. Passou a odiar Neco e quis se vingar dele. Pensou num jeito. Neco estava ajudando o pintor e precisava subir numa escada. Imediatamente, Salomão teve a ideia de despregar o penúltimo degrau da escada e deixou-a parecendo firme. Quando Neco subiu apressado como de costume, despencou e caiu em cima de um apilha de tijolos. Foi levado ao hospital, mas não teve jeito, ficou paralítico. Elenice não se casou com Salomão.

## 27) Cícero

Cícero era um nordestino que era insultado pelas crianças da rua, que o chamavam de “cara de cavalo”. Ele trabalhava na marcenaria de Seu Ramiro e, a cada prego que martelava, pensava nos meninos que o insultavam. Lembrava do tempo em que o pai agredia a mãe. Seu Ramiro tinha uma filha chamada Valquíria que cuidava de tudo em casa e de seus seis irmãos. O pai não permitia que nenhum homem se aproximasse. Somente Cícero frequentava a casa, mas sem que o homem lhe deixasse a sós com a filha. Um dia pensou em pedi-la em casamento, de surpresa. Depois de tomar algumas doses de uísque tomou coragem de falar. Seu Ramiro se

enfureceu e chamou Cícero e Valquíria de traidores. Como a filha o enfrentara, ele a golpeou com uma garrafa e depois a agrediu. Cícero o golpeou com o martelo. Na delegacia, lembrava apenas do sangue.

## **28) Lindolpho**

Lindolpho era um rapaz vindo do seringal. Ele mudara para a cidade depois que o avô morreu. Sempre pensava nos ensinamentos do avô. Na cidade, comprou um terreno e construiu uma pequena casa com o dinheiro que conseguira de saldo. Rapidamente, os vizinhos perceberam seu talento para a carpintaria e o chamavam para realizar vários serviços. Foi assim que conheceu Tereza, moça de família que vivia a ajudar a mãe no cuidado com os irmãos. Ele então decidiu pedi-la em casamento. Conversou com o padrasto da moça e o casamento foi marcado para dali a três meses, para dar tempo de Tereza arrumar o enxoval. O padrasto não os deixava a sós. Tereza queria contar-lhe o abuso que sofrera do padrasto, mas tinha medo que Lindolpho não a quisesse mais. Decidiu, por isso, tentar a sorte e espera que ele descobrisse sozinho. Três meses passaram rápido e às vésperas do casamento Lindolpho sonhou com Tereza vestida de preto e chorando. Pensou em mau presságio. Os dois casaram, depois dirigiram-se a casa de Lindolpho, que pensava que a virgindade era a maior virtude de uma mulher. Quando ele percebeu que havia sido enganado, se encheu de furor, pegou um martelo e um prego bem grande e o cravou no coração de Tereza. Os vizinhos estranharam o desaparecimento dos recém-casados e, quando começaram a sentir o mau cheiro, decidiram bater à porta e se depararam com o corpo de Tereza. Ninguém acreditava, pois Lindolpho parecia ser incapaz de fazer mal a alguém.

## **29) Romário**

Nesse conto, narra-se a história de um menino chamado Rosalvo, que gostava de jogar futebol, porém também praticava pequenos furtos para conseguir o que queria. Por ser bom jogador, decidiu que seu nome seria Romário. A mãe, que vivia muito doente, advertiu-o de que era pecado pegar o que era dos outros, mas ele não a ouvia. Um dia foi preso e passou muito tempo na Pousada do Menor, já que era menor de idade. Quando saiu, procurou emprego, mas não conseguiu, a não ser numa

olaria, onde só aguentou ficar por um mês. Decidiu voltar para o time de futebol da rua e praticar furtos novamente, mas dizia para si que dessa vez não o pegariam. Decidiu ir para a porta do banco, onde tentou furto de uma pasta de dinheiro de um idoso. Novamente foi preso e, por ser reincidente, teve que fazer trabalhos mais pesados. Decidiu fugir, mas, ao pular o muro, caiu e fraturou a perna. Fratura exposta. Quando acordou, viu a mãe ao seu lado chamando-o de Rosalvo, ia corrigi-la, mas passou a mão na perna e viu que a tinha perdido.

### **30) Simplício**

Essa história se passa nos chamados anos dourados. Simplício era um rapaz que ainda nos seus vinte anos nutria sua macheza da conquista de mocinhas que frequentavam a pracinha perto da pensão, ou as debutantes da “Tentamen” ou do “Rio Branco”. Ele trabalhava no armarinho, onde era contador. Tinha muitas namoradinhas, mas nada passava de namoricos, por isso, todos os domingos passava com Tia-Madrinha, que não lhe cobrava nada, mas toda segunda-feira ia ao armarinho buscar linhas, tecidos e aviamentos, alegando que faria um vestido para esperá-lo no próximo domingo. Simplício, quando saiu de Alagoas e veio para o Acre, pensava em estudar e fazer fortuna para buscar a mãe, o pai e uma irmã que ficou para titia. Como os pais morreram antes que ele conseguisse, trouxera somente a irmã, para quem pagava uma pensão. Com o passar dos anos, as namoradas de Simplício foram rareando e ele já não saía tanto. Até que um dia decidiu assistir a um filme com a proprietária da pensão onde morava, Dona Candinha. Ela fez café, bolinhos de milho. Simplício estava concentrado no filme, quando de repente apagaram-se as luzes. Ele lembrou de sua namorada das Alagoas, a Degmar. Com isso, reparou que Dona Candinha parecia com ela. Os dois ficaram como que sob um encanto. Ela lembrou de seu sonho de um príncipe banhado em luar. Quando estavam quase tomados pelo momento, a TV voltou a falar, pondo fim à cena romântica dos dois.

### **31) Naquela noite**

Esse conto apresenta os pensamentos de uma mulher que, diante das desventuras da vida, parece ter tomado a decisão de mudar a sua vida, que outrora

fora de desventuras e tristezas. Na verdade, ela está vivendo seus últimos momentos e, por isso, decide ir à procura de seu amor, em vez de se aliar ao noivo que a “conveniência da insensibilidade” lhe trouxera. Pensa nos filhos que se foram e nas desventuras. Esses pensamentos surgem numa noite escura, sem luar, na qual ecoa o canto triste da coruja, que a arrepiava e parece trazer um mal presságio. Naquela noite, ela lembrava de todo sofrimento e pedia aos céus que não mais o tivesse, mas sim a dádiva de um amanhecer ensolarado. Não mais as ilusões, mas uma estrada adornada de flores, naquela que seria sua última noite escura, eternamente escura.

### **32) Com o suor do meu rosto**

Nesse conto, narra-se a história de Camélia, uma viúva que vivia da pensão da previdência e de programas que fazia. O marido lhe deixara a casa e os três terrenos que ele dizia ser um para cada filho. Ela se relacionava com Roberto, um gigolô que dizia que não tinha conseguido ainda ser galã de novela ou modelo de revista por falta de dinheiro. Ele nunca dormia na casa de Camélia e inventava uma desculpa nada convincente. Sempre chorava seus insucessos para Camélia e atribuía isso à falta de dinheiro, mas sempre dizia que um dia venceria com o “suor do seu rosto”. Camélia então decidiu vender um de seus terrenos e dar o dinheiro a Roberto, que até dormiu na casa dela de tanta emoção. O amor durou enquanto durou o dinheiro. Depois voltou à mesma lamentação. Camélia, então, vendeu mais um terreno e lhe deu o dinheiro. O amor durou pouco, assim como o dinheiro. Sumiu de vez. Chegando o Carnaval, Camélia foi ao clube com Doroty, sua amiga. Lá teve a maior decepção: descobriu que Roberto era gigolô e se relacionava também com homens. Foi para casa e decidiu que trabalharia para sustentar seus filhos. Juranci, o mais velho, foi matriculado na escola da esquina, mas logo começou a apresentar um comportamento que parecia estranho para a mãe, que começou a percebê-lo com o mesmo comportamento de Roberto. Ela não se importou, pois pelo menos ele estudava. No fim do ano, veio a reprovação. Chamado pela mãe, Juraci prometeu-lhe que estudaria, entraria para a faculdade no ano seguinte e ganharia dinheiro até para sustentá-la, “com o suor do seu rosto”.